

CÉLIA XAVIER  
CAMARGO

PELO  
ESPÍRITO

JÉBUS  
GONÇALVES



*Em busca  
da ilusão*



CASA EDITORA  
**O CLARIM**

# **Em busca da ilusão**

**Célia Xavier Camargo, pelo Espírito Jésus Gonçalves**

# **Em busca da ilusão**

**Matão, SP**  
**7ª edição**  
**2019**  
CASA EDITORA  
**O CLARIM**

*Copyright* © 1994 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

7ª edição: março/2019

Impresso no formato 16x23 cm

1ª edição: 1994

ISBN 978-85-7357-187-5

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

[www.oclarim.com.br](http://www.oclarim.com.br) | [oclarim@oclarim.com.br](mailto:oclarim@oclarim.com.br)

[www.facebook.com/casaeditoraoclarim](http://www.facebook.com/casaeditoraoclarim)

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Enéas Rodrigues Marques

#### Catálogo na Publicação (CIP)

C172e Camargo, Célia Xavier

Em busca da ilusão / Jésus Gonçalves, [psicografado por] Célia Xavier Camargo. – 7.ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2019.

368p.; 23 cm

ISBN 978-85-7357-187-5

1. Espiritismo. 2. Romance. 3. Romance mediúnico. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

## Agradecimentos da editora

O lançamento desta obra somente foi possível graças à valiosa colaboração recebida da equipe de nossos funcionários, mais a gentil participação das seguintes pessoas:

Alberto de Souza Rocha

Carlos Alberto Varela

Célia Xavier Camargo

Gregório Perche de Meneses

Ivan Costa

Joaquim Norberto de Camargo

Paulo César de Camargo Lara

## Palavras do autor

*Queridos Irmãos,*

*Muita Paz!*

*É com imensa alegria que entregamos ao público mais esta obra.*

*Mercê da infinita misericórdia do Mestre, e após ingentes esforços, muitas dificuldades, mas com o coração sempre cheio de esperança e confiança no Pai, aqui estamos, concluída mais uma tarefa.*

*Por muitos meses, resgatamos imagens de um passado distante, esquecido no tempo, renovando as emoções.*

*Durante esse período, pudemos fazer uma análise meticulosa dos fatos, retirando lições que ficarão indelevelmente marcadas em nosso íntimo.*

*Embora carregue sofrimentos, por vivenciarmos novamente as situações conflitantes e os acontecimentos mais dramáticos, o retorno ao passado também nos traz íntima satisfação por ver o quanto já progredimos.*

*Ao planejar-se o renascimento, existe toda uma programação de vida, em que se aliam as necessidades do espírito reencarnante às condições que irá enfrentar durante a vida terrena, que serão sempre proporcionais às suas possibilidades, uma vez que Deus não dará um fardo maior do que se possa suportar.*

*Bastas vezes, contudo, já mergulhados na carne, olvidamos os compromissos estabelecidos e deveres assumidos, para correremos atrás de quimeras, fogos-fátuos, que nada representam para o espírito eterno.*

*Tentando ser feliz, iludidos e amesquinados perante nós mesmos, afundamos no erro e na degradação, no vício e, muitas vezes, no crime.*

*Como filhos pródigos, retornamos um dia ao regaço do Pai, que nos recebe sempre de braços abertos e com muito amor.*

*Esta história representa o caminho que percorremos “Em Busca da Ilusão”, os obstáculos que encontramos, os sofrimentos e as dores que experimentamos. Contudo, representa também a volta à razão e a busca do entendimento e da paz, conscientes dos próprios erros e da responsabilidade que pesa sobre nossos ombros pelo mal praticado contra o próximo e contra nós mesmos.*

*Muitos nomes de personagens e até de lugares foram substituídos para evitar que os componentes do grupo, que vivenciaram o drama aqui narrado – atualmente reencarnados –, possam prejudicar-se com lembranças funestas.*

*Todo o grupo de espíritos envolvidos nesta história se encontra a caminho da regeneração, lutando e trabalhando para o próprio aprimoramento, salvo raras exceções. Sob o estandarte do Consolador Prometido, em terras brasileiras, fugindo ao ambiente saturado de lembranças deletérias da Europa, onde habitaram por tanto tempo, reconquistam a paz da consciência no doce labor evangélico do exercício da caridade em sentido amplo, seja dedicando-se à beneficência, seja auxiliando ao próximo necessitado através da mediunidade gloriosa, com Jesus.*

*Aos antigos companheiros, ainda apegados às ideias de vingança, amargando a revolta e a inconformação, teremos que destinar nossas melhores energias com vistas à sua regeneração, porque, tendo sido nossas vítimas no passado, jamais seremos felizes sabendo-os desventurados.*

*Aos que porventura vierem a folhear estas páginas, gostaríamos que as experiências aqui descritas lhes possam ser de alguma utilidade, mostrando-lhes a necessidade de resignação perante as determinações divinas, da responsabilidade diante dos deveres assumidos e da renovação interior, como meios para a evolução do espírito imortal.*

*Unidos em prece, elevemos os corações ao querido Mestre Jesus, envolvendo a todos os companheiros de jornada evolutiva num grande amplexo, agradecidos ao Criador pelas dádivas que nos foram concedidas e rogando-Lhe possa sustentar-nos na luta redentora do aprimoramento íntimo e fortalecer-nos o ideal de servir, para que sejamos, realmente, aquele trabalhador digno do seu salário.*

*Jésus Gonçalves*

*Rolândia (PR), 19 de abril de 1994.*

## Capítulo I. Anos serenos

O campo estendia-se a perder de vista. Era primavera e, tangidas pelo vento que soprava suave, as pequenas flores silvestres balouçavam docemente como se acariciadas por mãos divinas.

O céu muito azul e sem nuvens desdobrava-se qual manto celeste sobre a Terra e o sol cálido aquecia ternamente todas as coisas.

Hoje eu sei que foram anos felizes aqueles, quando nada parecia empanar o brilho do sol, a beleza do dia nascente, o afeto que nutríamos um pelo outro e a convivência fraterna e amiga.

Não obstante passarmos a maior parte do tempo sozinhos, porque nossos pais geralmente não estavam presentes; isso não nos incomodava.

Na verdade, não éramos irmãos consanguíneos. Caroline veio para nossa casa ainda bebê, quando sua mãe, minha tia, faleceu repentinamente. Seu pai, desesperado pela morte da esposa, a quem muito amava, um dia montou seu cavalo e foi para os campos de batalha, de lá não mais retornando, tudo fazendo crer que perecera em combate.

A infeliz criança ficara então completamente órfã com poucos meses de vida. Uma vez que os avós, por problemas de saúde, estavam impedidos de fazê-lo, meus pais assumiram a responsabilidade da tutela, como parentes mais próximos, dedicando-se à sobrinha com amor, conquanto a seu modo.

Muito envolvidos com a vida da Corte, raramente os víamos, entregues invariavelmente à ama, Annette, por quem nutríamos acendrado carinho e

por quem nos sentíamos amados.

Quando o tempo permitia, passávamos muitas horas a brincar no parque, sob a copa de uma grande árvore centenária, em cujas raízes grossas e possantes Annette acomodava-se com um bordado, uma costura ou um conserto qualquer que tivesse para fazer.

Era para ela que Caroline corria quando se machucava ou quando brigávamos por qualquer razão.

– Annette, Gaston aborrece-me. Não gosto dele! – reclamava em sua vozinha infantil, a chorar desconsolada.

E a ama, acolhendo-a em seu colo farto, afagava-lhe os louros e encaracolados cabelos com ternura, enquanto me recriminava com o doce olhar:

– Gaston, o que houve? Já és um rapazinho de sete anos e não é bonito de tua parte ficar brigando com uma pequena dama!

Sério, eu me aproximava contrito:

– Nada fiz, Annette. Caroline queria brincar com meu cavaleiro de madeira e disse-lhe que o emprestaria logo que terminasse de ajeitá-lo, pois tem uma perna bamba, porém ela começou a chorar e correu para ti.

Annette então, embalando a pequena chorosa, aconselhava-a meigamente:

– Precisas ter mais paciência, *chérie*. Gaston estima-te muito e quer o teu bem. Não te agastes com ele sem motivo. Vai brincar! Logo teremos que voltar para o almoço. Faz-se necessário um banho, pois a mamãe chegou de viagem e deseja ver os filhinhos mais tarde.

E voltávamos às brincadeiras, felizes e despreocupados, já amigos novamente. Corríamos pelo campo em meio às flores que, como um tapete, alegravam com seu colorido a paisagem, em busca de belas borboletas que entrevíamos aqui e ali sem conseguir apanhá-las.

Voltávamos ao castelo cansados, esfomeados e alegres.

Caroline contava então quatro anos de idade e estava no auge da sua graça ingênua. Seus olhos eram dois pedaços do céu encravados num rosto de linhas suaves e perfeitas; a tez era clara, algo dourada pelos raios do sol, e seus cabelos encaracolados da cor do mel eram a minha paixão.

Ao longe, avistava-se o castelo de linhas sóbrias e majestosas, com um grande gramado em torno, e o jardim entremeado de ruas simetricamente delineadas, sendo que por uma delas, mais larga, transitavam as carruagens, após transporem o grande portão que dava acesso à propriedade.

No centro do jardim, via-se uma fonte recoberta de ladrilhos azuis, onde peixes ornamentais, belos e raros, nadavam tranquilamente.

Nos fundos do castelo, do lado sul, existia um pomar que ia terminar, mais a oeste, num pequeno lago, onde cisnes deslizavam suavemente e onde permanecia sempre um pequeno barco ancorado.

Às vezes ficávamos brincando nesse parque, localizado mais à esquerda da entrada, ou no pomar a colher maçãs, uvas, pêssegos, dependendo da estação.

Mas a nossa maior alegria era correr pelo campo colhendo morangos silvestres. Levávamos uma pequena cesta, que Caroline fazia absoluta

questão de carregar e que eu, condescendentemente, permitia, e ali íamos depositando as frutinhas colhidas. Depois, Annette, para evitar desentendimentos, passou a levar duas cestas que orgulhosamente portávamos, para contentar um e outro. Fazíamos então, nessas ocasiões, torneios para ver quem colhia mais morangos. Naturalmente, eu sempre saía vencedor por ser mais velho e mais ágil do que ela.

Caroline punha-se a chorar, descontente. E eu, generosamente, transferia para sua cesta parte da colheita que fizera, com ar infinitamente protetor, entre orgulhoso e satisfeito por ver, enfim, um sorriso a iluminar-lhe o lindo rosto.

Meu coração nesses momentos enchia-se de carinho por ela. Reconheço até que muitas vezes a fiz chorar para depois, bancando o protetor generoso, vê-la sorrir feliz e agradecida.

Ah! Nada poderia pagar esses momentos de terna felicidade que sentia então. Nem a alegria que me inundava por dentro ao perceber a confiança que depositava em mim e a segurança que sentia com minha presença.

Não raro, quando o tempo estava chuvoso e não podíamos brincar ao ar livre, fazíamos passeios pelo próprio castelo, imenso e cheio de salas, corredores e quartos que desconhecíamos, que eram verdadeiras expedições de reconhecimento e pesquisa.

Ao chegar no limiar de um quarto escuro perguntava-lhe, já saboreando o prazer de ouvir-lhe a resposta, que conhecia de antemão:

– Tens coragem de penetrar aí neste aposento?

E ela, agarrando-me a mão fortemente, respondia, confiante:

– Se estiveres comigo não terei medo de nada.

Ou então, quando a noite escura prenunciava tempestade, e o vento assobiava forte retorcendo as árvores do parque, quando os trovões e relâmpagos inundavam o céu, provocando pânico em Caroline, era suficiente minha presença para acalmá-la. Ao ouvir os primeiros estertores da tormenta que se avizinhava, preocupado, não obstante a tenra idade e considerando-me forte e corajoso, corria para junto dela. Penetrava em seus aposentos e a encontrava, via de regra, encolhida no enorme leito a tremer de medo, os olhos arregalados de inaudito terror.

Ao ver-me, imenso alívio estampava-se em sua fisionomia; estendia os bracinhos e abraçava-me com ímpeto, e adormecíamos juntos. No dia seguinte Annette nos encontrava dormindo placidamente.

Sim! Eram tempos felizes. Foram anos de convivência perfeita, em que o entendimento e o carinho eram nossos companheiros constantes.

Quando me recordo daquela época perdida no tempo, é sempre com profundo amor que agradeço a Deus pela bênção que me proporcionou. Porque, em meio a minhas desditas de espírito rebelde e orgulhoso, de crimes hediondos, ações terríveis quão funestas e amargas atozes, esse período foi como um hiato benéfico para meu espírito endividado e sofredor. Como um bálsamo refrescante a aliviar minhas tensões e remorsos acerbos. Como uma brisa suave a refrigerar minha fronte escaldante, ou como um oásis de paz em meio ao deserto inclemente.

Nada me faltava. Eu tinha tudo o de que necessitava para viver e ser feliz. Sem ela, sem sua presença, faltar-me-ia tudo, pois era-me tão importante como o ar que respirava, o alimento de que me nutria ou a água que me aplacava a sede.

\*\*\*

Após a refeição, Annette vestiu-nos com apuro. A senhora minha mãe não gostava de ver-nos mal arrumados. Portanto, era sempre com muito cuidado que a ama nos aprontava para essas entrevistas com mamãe, observando todos os detalhes e vendo se nada fora esquecido.

Quando terminou a arrumação, que executara circunspecta e grave, deu um passo atrás e fitou-nos com ar crítico.

Eu vestira uns calções largos de veludo azul e uma camisa de cassa branca; sobre a camisa, um gibão em tecido brocado, de cor púrpura. Completando a indumentária, meias justas revestindo-me as pernas finas e um lustroso sapato novo.

Caroline vestia um traje amplo, com saias superpostas, de cambraia rosa; as mangas eram longas e bufantes, e larga faixa de cetim marcava-lhe a cintura, praticamente inexistente, terminando num grande laço nas costas. Na cintura, um ramo de *muguets* completava a elegância da vestimenta. Os cabelos encaracolados estavam presos por uma fita no mesmo tom do vestido.

Annette colocou as mãos sobre o rosto com ar de aprovação, falando com carinho:

– Ambos estais lindos! A Senhora Condessa ficará orgulhosa dos filhos que tem.

E, ajeitando ainda uma vez o laço dos cabelos de Caroline, bateu palmas, apressando-nos:

– Vamos, vamos. A Condessa não gosta de esperar. Faltam cinco minutos para as quinze horas. Estamos no horário. Aviai-vos, crianças!

Atravessamos corredores e salas, parando defronte à porta dos aposentos de *ma mère*. Annette estacou para uma última vistória em nossas toaletes e bateu levemente na porta.

Uma criada veio abrir. Entramos.

Sempre que penetrava nos aposentos de minha mãe, prendia a respiração, com assombro. Tudo ali dentro era luxuoso e de muito bom gosto. O enorme leito com dossel, as amplas cortinas esvoaçantes sob as outras de tecido pesado, os tapetes, os estofados em cetim adamascado e os objetos de decoração me fascinavam. Mas o que mais atraía a atenção eram os objetos de toucador sobre uma grande penteadeira, encimada por imenso espelho de cristal. Eram potes de cremes, loções para o corpo, essências raras, ânforas com óleos aromáticos e joias, muitas joias.

Mais discreto, continha meus arroubos examinando tudo com os olhos arregalados, porém Caroline corria para o toucador, obrigando Annette a acompanhá-la para que não tocasse em nada.

Mamãe era uma bela dama; ainda jovem, tinha pele perfeita e muito bem cuidada. Quando não estava dormindo, a maior parte do tempo era gasto com massagens, máscaras de beleza, tratamentos para manter a juventude, os cuidados com os bastos cabelos escuros, longos e sedosos, as mãos e os pés.

Cá por mim, não via necessidade de todas aquelas coisas, pois minha mãe era belíssima. Mas, como as mulheres são diferentes mesmo, aceitava tudo com ar divertido.

Acordara havia pouco e tomara sua primeira refeição do dia. Na verdade, o dia para *ma mère* era curto, pois, cansada de festas e noitadas, chegando sempre alta madrugada, dormia até às duas ou três horas da tarde.

Quando nos viu chegar, recebeu-nos com um largo sorriso, estendendo os nítidos braços que assomaram da roupa de dormir.

– Meus queridos! Como estão formosos! Não parecem dois anjos caídos do céu, Gérard? – perguntou, dirigindo-se para papai que deixara o vão de uma janela.

– Sim, naturalmente. São as crianças mais belas do mundo!

Corremos para abraçá-lo.

– Estais com ótimo aspecto. O que tendes feito o dia todo?

– Passeado, *mon père*, brincado no parque, colhido frutas silvestres e muitas coisas mais – respondi.

Caroline pôs-se a tagarelar, querendo em pouco tempo contar tudo o que acontecera.

Mamãe acompanhava a cena com sorriso complacente.

– Gérard, farão um belo casal, não achas? Parecem feitos um para o outro!

– O que é isso, mamãe? – quis saber Caroline, curiosa.

– Quero dizer, minha querida, que quando cresceres casar-te-ás com Gaston e serás Condessa de Vernon.

– É verdade, papai? – inquiri, surpreso.

– Sim, meu filho. Já está decidido que tu e Caroline tendes um compromisso de matrimônio.

– E isso é bom? – perguntou a pequena, na sua inocência.

– Claro, querida. Não amas a Gaston? – perguntou a mãe.

– Gosto muito de Gaston...

– Então, serás sua noiva e vivereis sempre juntos.

– Como a senhora e o papai?

– Isso mesmo.

– Ah! E quando será isso? Amanhã?

– Não. Vai demorar alguns anos ainda. Sois ambos muito crianças e precisais crescer.

Sem entender muito bem o que significava aquele compromisso, fiquei feliz porque compreendi que Caroline seria minha e que ninguém iria separá-la de mim.

Logo mamãe apresentou sinais de cansaço e despedimo-nos. Risos e tagarelices infantis davam-lhe dor de cabeça, por isso não ficávamos muito tempo em sua companhia.

Além do mais, ela precisava preparar-se para a recepção da noite e gastava muitas horas fazendo a sua toailete.

## Capítulo II. Tentativa frustrada

O tempo passou em morna tranquilidade. A mão misericordiosa do Cristo espalmou-se sobre nós concedendo-nos o tempo, esse celeste amigo, e as condições necessárias para que, no cadinho da vida, pudéssemos quebrar as arestas dos desentendimentos passados, reformulando as ideias e plasmando diretrizes novas para o porvir.

Tudo isso sob a assistência amorável de uma criatura que nos era muito cara ao coração pelas ligações afetivas do pretérito e que aceitara a incumbência de ser-nos o anjo tutelar na existência presente. Debaixo da generosa solicitude de Annette e seu amparo constante, os anos se passaram como minutos para a eternidade.

Caroline e eu estávamos a maior parte do tempo juntos, salvo quando me dedicava aos estudos, com a assistência de um preceptor especialmente contratado para educar-me.

Agastava-se Caroline porque impedida de também participar das aulas, que a atraíam muito. Porém jamais lhe foi permitido o ingresso nesse mundo privativo, pela mentalidade tacanha e retrógrada que vigorava então, afastando a mulher da cultura, por julgá-la incapaz e ser absolutamente desnecessário às suas futuras obrigações de esposa e mãe. A mulher deveria ser educada para o lar.

Não obstante isso, às escondidas e com a cumplicidade de Annette, nosso anjo bom, ensinara à minha gentil companheira o que achava mais

importante, abrindo-lhe o mundo encantado dos livros. Como não era possível ensinar-lhe tudo o que aprendia com o mestre, repassava os conhecimentos de forma mais simples, contando-lhe as histórias que lera, relatando-lhe passagens interessantes da História Universal, lendo-lhe as poesias dos grandes mestres que mais me haviam impressionado.

O resto do tempo, passávamos a correr pelos campos, colhendo frutos silvestres ou cavalgando pelas campinas banhadas pelo sol.

Agora, Annette já não precisava mais nos acompanhar nos folguedos e entregava-me Caroline, a prima-irmã, confiante e despreocupada. Aos poucos, como consequência dessa íntima convivência, tornei-me possessivo e egoísta.

Não admitia que alguém se aproximasse de Caroline, mesmo que por pouco tempo. Quando recebíamos hóspedes no castelo, e meus pais, muito envolvidos com a sociedade brilhante de então, sempre realizavam saraus e tertúlias muito concorridos pela aristocracia, sentia-me enlouquecer de ciúme quando algum jovem se aproximava dela. Quando possível, chamava-a alegando algo urgente e afastando-a do objeto dos meus receios. Ou então, quando era inevitável e não podia impedir que alguém se aproximasse dela, ficava amuado num canto, solitário e sofrido, remoendo minha amargura.

Na verdade, de temperamento arredo e introspectivo, agradava-me a solidão, compartilhada apenas com minha prima e Annette. Não era dado a muita conversa, e as festas, de modo geral, aborreciam-me.

Caroline era meu oposto. De temperamento alegre, gostava de brincar, conversar e divertir-se. Contando onze primaveras, desabrochava para a vida em graça e beleza, estuante de felicidade.

E, para meu desespero, começaram a surgir os primeiros pretendentes, atraídos pelo encanto e espontaneidade da adolescente. Realmente, Caroline tornava-se a cada dia mais bela; a cada novo alvorecer descobria-lhe novos encantos. A menina magra e esguia transformava-se lentamente num lindo cisne real, como aqueles que nadavam tranquilamente no lago. As formas se arredondavam, os seios desabrochavam, as feições se acentuavam e o andar tornou-se mais leve e elegante.

E Caroline, consciente do fascínio que começava a exercer sobre os elementos do sexo oposto, sentia-se orgulhosa e altaneira.

Começaram a surgir as primeiras rugas entre nós. Interessada em prazeres novos, já não encontrava tanta satisfação em minha companhia, preferindo o burburinho das festas permitidas para a sua idade, o que eu francamente detestava.

Aos quatorze anos preparava-se sua apresentação na Corte, que seria o ponto de partida da sua vida social.

Com minucioso cuidado, em que mamãe era perita, fizeram-se os preparativos para a grande noitada. A indumentária foi confeccionada por costureiras famosas, que se esmeraram nos bordados e nas fitas. As joias foram escolhidas especialmente para a ocasião, combinando com o traje

festivo e luxuoso. Os sapatos de cetim, o leque e mil detalhes não foram esquecidos, pois Caroline estaria sob o olhar crítico de toda a Corte.

Acompanhava os preparativos em rancoroso estado de espírito. Não entendia porque meus genitores não tornavam, ao mesmo tempo, público o nosso compromisso de noivado, evitando-me preocupações e desassossegos.

Certo dia inquiri minha mãe, resoluto:

– Senhora minha mãe, não te parece que seria oportuno dar conhecimento a toda a Corte do nosso compromisso matrimonial, considerando a apresentação de Caroline à aristocracia como uma participação e oficialização de noivado?

Minha mãe balançou a cabeça fazendo com que suas madeixas, habilmente penteadas, se agitassem também:

– Ora, meu Gaston. Por quê? Ambos tão jovens! Ainda nada aproveitaste da vida e é justo que te divirtas como qualquer jovem da sociedade, com a nossa posição e fortuna. Quanto à oficialização do noivado, pretendo oferecer uma outra festa para comemorar condignamente. Não desejo obscurecer o brilho da apresentação de Caroline a Sua Majestade.

– Mas, mamãe... – tentei ainda objetar.

– Não discutas com tua mãe, meu filho – interceptou-me ela, concluindo, enquanto se examinava no grande espelho do toucador. – Além do mais, ainda sou muito jovem para ser avó, não te parece?

Com um suspiro, respondi balbuciando:

– Compreendo!...

E compreendera mesmo. No seu egoísmo, mamãe não desejava que me casasse para não se sentir velha. Tinha pavor da velhice, e o tempo passando, inexorável, tirava-lhe o sono. Já não gostava tanto de abrir as cortinas do quarto deixando entrar a claridade do sol, para fugir de si mesma e não perceber os vestígios implacáveis com que os anos marcam as criaturas. Era ainda suficientemente bela, mas os sinais dos anos deixavam-na angustiada.

Como permanecesse em silêncio, ela virou-se para mim:

– Noto-te muito preocupado, Gaston. Na tua idade, teu pai já era um homem vivido. És um belo rapaz capaz de enlouquecer as donzelas da Corte. Tens o porte de um príncipe, andar elegante e és muito mais culto que quaisquer outros jovens aristocratas da nossa sociedade, que, diga-se de passagem, primam pela ignorância. Tenho muito orgulho de ti, meu filho.

Sorri ao ouvir-lhe as palavras amorosas, conquanto raras em sua boca. De relance mirei-me no espelho, postado do meu lado esquerdo. Minha mãe tinha razão; era um belo tipo de homem que atraía a atenção das mulheres, e não apenas das moçoilas, mas das senhoras casadas também.

Contando dezessete primaveras, possuía estatura elegante, vestia-me com apuro e bom gosto, não obstante fosse *ma mère* quem escolhesse e mandasse confeccionar os trajés, já que pouco ou nada me preocupasse com essas coisas. Os cabelos louros eram curtos e anelados, e as sobrancelhas, algo cerradas, emprestavam-me um ar severo à fisionomia; os olhos castanho-claros eram expressivos, e o nariz elegante, nem grande, nem pequeno. A

boca era bem feita, um tanto irônica e o queixo resoluto acrescentava firmeza à personalidade.

– Ah! Falei-te a respeito de *Monsieur* Le Barron? Não? Pois é divertidíssimo! Encontramo-nos em casa da marquesa de Vertin e achei-o notável. *Mon Dieu*, como minha pele está horrível. Marie! Marie! – gritou chamando a camareira. – Passe-me aqueles cremes que vieram da Suécia ultimamente. São milagrosos! Cuidado! Estás a machucar-me!...

Complacente sorri. Esta era a minha mãe, pensei. Fútil e vaidosa, passava de um assunto para o outro com facilidade. Esquecera-se já da minha presença, preocupada com sua beleza.

Aproveitei para esgueirar-me para fora dos seus aposentos, entediado.

– Pobre mamãe! O que será dela quando envelhecer? – murmurei.

Deixando as perfumadas dependências de minha mãe, atravessei corredores e descí escadarias indo em busca de meu pai. Encontrei-o na biblioteca a colocar em ordem alguns documentos.

– Incomodo? – perguntei, após bater levemente à porta, colocando a cabeça dentro da sala.

– Ah! És tu, meu filho. Entra, Gaston. O que te faz procurar teu pai a estas horas do dia, quando deverias estar se divertindo?

Fisionomia grave e soturna, aproximei-me da grande mesa ricamente lavrada que fazia as vezes de secretária. Estaquei, continuando de pé, à frente dele.

Seu olhar perscrutador analisou-me os traços fisionômicos e falou, também sério:

– Pelo que vejo o assunto que te traz aqui é grave. Senta-te, meu filho, e dize-me a que vieste.

Tomei assento numa poltrona defronte da mesa e aguardei. A autoridade paterna daquela época exigia total respeito e só poderia sentar-me em sua presença com permissão.

– Vejamos, Gaston. Como estás passando?

Afinal lhe dirigi a palavra, respondendo à pergunta que me fizera:

– Estou muito bem, Senhor meu pai. Não é a minha saúde que me inspira cuidados.

– Ah! Então algo te preocupa e inspira cuidados...

– Sim, *Monsieur*. Como foi estabelecido há muitos anos, encontro-me comprometido com Caroline para futuro matrimônio, não é assim?

– É verdade, o que muito nos felicita, a mim e à tua mãe.

– Estou consciente disso, meu pai. Desejaria tornar público o nosso compromisso oficializando o noivado.

– Tua pressa é compreensível, meu Gaston, pois Caroline tornou-se uma bela jovem – falou com ar cúmplice de quem entende o que se passa.

Inclinei-me, continuando:

– Alegro-me que compreendas meu justo desejo, pai. Gostaria que isso se fizesse o mais rápido possível, pois temo que Caroline, após sua apresentação à Corte, mude o comportamento.

– Entendo. Temes o assédio dos jovens aristocratas frívolos dos nossos salões. Concordo contigo, meu filho, até certo ponto. Quanto a Caroline, porém, creio que te preocupas demasiado, pois tua prima sempre te dispensou especial carinho desde a mais tenra idade. Mas, dize-me, o que pensas fazer?

Sentindo o momento favorável e suas boas disposições a meu respeito, aproveitei a oportunidade, esclarecendo:

– Bem, *Monsieur*, pensei que uma boa data seria a da própria apresentação de Caroline, pois já tornaríamos público o compromisso aproveitando o evento.

Meu pai ficou pensativo por instantes e respondeu conciliador:

– Não deixas de ter razão. Contudo, teríamos que consultar tua mãe para saber sua opinião sobre o assunto. Sabes como a condessa Claire é ciosa dessas coisas de etiqueta.

– A opinião de mamãe eu já sei, meu pai. É absolutamente contra minha proposição.

Tamborilando os dedos sobre a mesa num gesto muito característico quando nervoso, meu genitor inquiriu:

– Expôs seus motivos?

– Sim. Afirmou-me que não deseja empanar o brilho da apresentação de Caroline. Assegurou-me que fará outra festa para oficializar o noivado.

Mais tranquilo, meu pai tornou, com inflexão carinhosa:

– Então, meu filho, por que te preocupas? Saber esperar é uma virtude e o fruto sazonado é sempre mais saboroso.

– Concordo contigo, *mon père*, mas algo me diz que não posso perder essa oportunidade. Sinto-me aflito e descontente. Meu peito arde de impaciência febril e uma singular angústia me constringe o coração. Julgo-me ameaçado por perigo desconhecido e temo o futuro, que se me afigura incerto... – desabafei sob intensa emoção.

– Acalma-te, meu filho. Entendo o que sentes. Trata-se da tua natureza jovem e ardente que explode em desejos. Por outro lado, és arredio e introspectivo. Precisas sair mais, aproveitar a vida, e divertimentos não faltam na Corte.

Fez uma pausa e, com ar de entendido, continuou:

– Eu mesmo conheço uma certa casa onde os prazeres da carne nos são oferecidos a mancheias e as delícias do paraíso são acessíveis a nós, pobres mortais.

Corando violentamente às sugestões que ele fazia, com impaciência retruquei, perplexo:

– Não necessito de uma meretriz, meu pai.

– Ah! Compreendo, Gaston. És tímido e não desejas ver tua vida devassada. Tens razão. Poderemos arranjar-te uma bela rapariga do povo e montaremos um ninho de amor para ti, discreto e acolhedor, onde poderás repousar das agruras da vida. Que te parece?

Satisfeito com a própria solução para o problema, fitava-me sorridente, aguardando minha resposta.

Desgostoso e mais surpreso ainda, compreendi que seria inútil continuar com aquele diálogo. Meu pai não compreendera uma palavra de tudo o que eu dissera. Levantei-me, circunspecto, e falei delicadamente:

– Agradeço-te, meu pai, a boa vontade que demonstras em ajudar-me, mas não era exatamente isso o que eu pretendia. Passar bem, *Monsieur*.

Sem lhe dar tempo para retorquir fiz uma reverência e afastei-me daquele local, mais aflito e desesperançado do que quando ali entrara.

Não tinha outra saída. Esgotara os recursos de que dispunha. Somente um milagre poderia salvar-me.

Aliás, tinha ainda um trunfo. Decidi então procurar a própria interessada, já que, mais do que ninguém, poderia dar a última palavra sobre o assunto.

Encontrei-a alimentando os pavões que, como de hábito, passeavam livremente pelo parque. Sentada num gracioso banco de mármore, à sombra de uma árvore, divertia-se a provocá-los, jogando migalhas de pão, ora a um ora a outro, em diferentes lugares e divertindo-se ao vê-los rodopiarem em busca do alimento.

À distância parei, contemplando-a. Não poderia ter escolhido momento melhor. Longe da influência de *ma mère* e aparentando tranquilidade, poderíamos conversar calmamente e sem interrupções.

Recebeu-me sorridente.

– Arre! Com que então abandonaste teus livros enebados e malcheirosos, Senhor Conde de Vernon?

Sorri, acomodando-me a seu lado no banco e respondendo, galante:

– Naturalmente! Como poderia continuar enfurnado nos estudos quando uma bela dama necessitava tanto de companhia, Condessinha de Drumond?!...

Fitou-me com uma expressão toda sua quando queria fingir-se amuada:

– Lisonjeiro! No entanto, este elegante cavalheiro não tem sido muito gentil comigo, abandonando-me à própria sorte...

– Não é verdade, minha querida.

– Não me fazendo companhia...

– Tenta ser justa, Caroline!

– ... nem me acompanhando às festas e passeios.

Ouvindo suas reclamações, não de todo isentas de verdade, justifiquei-me:

– Sabes que não aprecio festas, Caroline.

– Não apreciar não é bem o termo, Gaston. Confessa, tu as abominas!

– É verdade – concordei. – Eu as abomino.

Deu-se por satisfeita com minha concordância, concluindo:

– Estás vendo como tenho razão? E com isso te afastas de mim e permites que vá desacompanhada aos passeios.

Percebendo que, sem cálculo de minha parte, o assunto estava bem encaminhado, aproveitei a oportunidade. Não desconhecia que um dos traços

marcantes do caráter dela era a teimosia e que melhor seria concordar com tudo o que dissesse, para conseguir meu objetivo.

– Não deixas de ter razão, minha querida. Também almejo estar mais tempo contigo, poderemos nos dedicar um ao outro como fazíamos outrora.

– Concordas, então, que estavas sendo mau comigo?

– Um pouco.

– Aborrecido?

– Às vezes...

– Indiferente?

– Isso nunca – repliquei, acariciando-lhe os bastos cabelos.

– Não?!...

– Nunca! Mau e aborrecido, talvez. Indiferente, nunca. Sabes que te amo muito, Caroline. Não compreendo a vida sem tua presença.

– Eu também te amo muito, Gaston. Tu és a coisa mais importante na minha vida.

Com sorriso carinhoso supliquei-lhe, deliciado:

– Repete.

– O quê?

– Que sou a coisa mais importante da tua vida.

Ela balançou a cabeça e os cachos ondularam ao vento.

– Ora, tu sabes disso! – afirmou, entediada.

– Mas nunca me afirmaste como agora. Vamos, repete, peço-te.

– Está bem. És a coisa mais importante da minha vida! – falou, fitando-me com ternura e um acento inesquecível na voz.

Abracei-a docemente, mantendo-a em meus braços, feliz e mais sereno. Suspirei aliviado e murmurei ternamente a seu ouvido:

– Obrigado, Caroline.

– Por quê?

– Por me dares segurança e paz. Agora sinto-me mais confiante para te fazer um pedido.

– Um pedido? – indagou, curiosa, levantando a cabeça que repousava sobre meu ombro e afastando-se um pouco de mim.

Percebendo a importância do momento disse-lhe delicadamente:

– Mais do que um pedido. É uma súplica.

Fiz uma pausa e, tomando as suas mãos nas minhas, continuei:

– Não ignoras que somos comprometidos há muitos anos.

– Sim, meu Gaston. Considero-te meu noivo.

– Pois bem. Em nome da afeição que nos une, deixa que torne público nosso noivado, peço-te.

Como ela me fitasse calada, prossegui, otimista:

– Por que não aproveitar a tua apresentação à Corte e oficializarmos nosso compromisso?

Como continuasse em silêncio, interpelei-a:

– Nada dizes? O que achas?

Seus olhos estavam esquivos, estranhos e ela evitava fitar-me de frente. Afinal, balbuciou, vendo que eu aguardava ansioso uma resposta:

– Mas... já?!...

– Por que não? – retruquei, entusiasmado.

– Mas Gaston, somos muito jovens ainda. “Sou” muito jovem ainda – retificou, frisando a primeira pessoa do singular.

– Contudo, afirmaste que me amas!

– Sim, é verdade. Amo-te. No entanto, Gaston, sempre pensei em nosso enlace como um fato longínquo, a perder-se no tempo. Agora, queres ficar noivo e, com certeza, que nos casemos logo. Perdoa, meu querido, mas não me sinto preparada para isso. Ainda há pouco tempo brincava com bonecas, agora que começo a interessar-me pela vida, pelos prazeres...

– Ah! É isso! – repliquei, magoado. – Tens medo de ficar sem teus divertimentos.

– De certa forma, sim, Gaston – respondeu com sinceridade. – Temo que me deixes reclusa dentro destas paredes e não me acompanhes aos banquetes e reuniões sociais tão concorridos e que nos são permitidos pela nossa posição dentro da nobreza.

– Não me amas. Esta é que é a verdade. Entre os prazeres, as distrações e a minha pessoa, preferes os divertimentos – retruquei com azedume.

– Não coloques dessa forma, meu querido. Contudo, conhecendo-te como te conheço, temo que me segregues da sociedade. Eu quero viver, Gaston. Minha vida social vai iniciar-se agora. Dá-me um pouco mais de tempo.

Inclinei a fronte, triste e abatido. Meu mundo estava ruindo e nada poderia fazer para evitá-lo. Sem saber por que, um sentimento enorme de perda dominou-me o íntimo, como se já tivesse perdido Caroline. Estava desesperado e ninguém parecia compreender a tempestade que me avassalava a alma.

Percebendo minha tristeza e amargura, Caroline tentou consolar-me:

– Desculpa se te magoei, Gaston. Procura entender como me sinto. Quero-te muito bem e não desejo perder-te. Contudo, também almejo minha liberdade. Por que não conciliar as duas coisas? Vê, se cada um de nós ceder um pouco e tentar compreender o outro nos entenderemos melhor.

Fez uma pausa e, tentando animar-me, completou:

– Olha, façamos o seguinte. Far-te-ei companhia naquilo que desejares e, por tua vez, quando eu quiser, levar-me-ás aos passeios que tanto me agradam. O que te parece?

– Parece razoável.

– Então, façamos assim. Tenho certeza de que dará certo. Prometo-te, também, que logo marcaremos a data para o nosso noivado. Estás de acordo?

Concordei. Afinal, que remédio? Não poderia impedi-la de fazer o que quisesse, de qualquer forma. Sim, procuraria estar a seu lado, participando dos seus entretenimentos, para ampará-la e protegê-la, mesmo porque seria a única maneira de mantê-la longe do elemento masculino. Perto de mim estaria segura. Por outro lado, iria tentando desenvolver-lhe o lado

intelectual, ensinando-lhe muitas coisas para que se interessasse por problemas e assuntos até então ignorados, e não apenas pelas futilidades da vida.

Mais tranquilo, sorri para ela, que me fitava apreensiva.

Estava firmado o acordo. Iniciamos, a partir de então, uma nova fase.

Não obstante a contragosto, levava-a a todos os passeios e festas para jovens que ocorressem durante o período. Caroline, ardente e fútil, era incansável; e, para mim, eram um tormento essas romarias pelos salões da nobreza.

## Capítulo III. No paço real

De natureza naturalmente introspectiva, fechada, fugia normalmente de reuniões e solenidades em que houvesse ajuntamento de pessoas.

Estranho mal-estar acometia-me e sentia desejos de me evadir do local, desaparecer, como um animal assustado.

Não sabia a que atribuir tal sensação íntima, pois nossa casa sempre fora bem frequentada e meus pais gostavam de receber os amigos em saraus concorridíssimos. Isso quando estavam presentes, naturalmente, pois se ausentavam muito amiúde.

A verdade é que, conquanto não soubesse na ocasião, fora sacerdote no século XII e a vida monástica deixara-me profundas marcas<sup>1</sup>.

Durante aquela existência, levei vida solitária e amarga, sempre preso aos compromissos assumidos com a Igreja. A vivência em ambiente fechado, em solidão, mesmo quando em sociedade; a meditação, o hábito de isolar-me de outras pessoas, tudo isso ficou plasmado em meu corpo espiritual, modificando-me o comportamento e a maneira de ser.

Por outro lado, sem que o soubesse, entidades revoltadas do invisível se me associavam ao campo íntimo, em virtude das ligações do pretérito. Criaturas a quem prejudiquei profundamente no passado, espoliando, torturando, destruindo e tantos outros crimes, hoje me perseguem tenazmente, aguardando uma oportunidade para se vingarem.

Caroline, companheira de tantas e tantas etapas reencarnatórias, em que nos ferimos mutuamente, criando por isso mesmo, elos indissolúveis, também padecia os traumas que o passado delineara nas matrizes profundas do seu perispírito.

Não obstante gozar de saúde invejável e excelente disposição física, era assaltada muitas vezes por terríveis pesadelos, ocasiões em que despertava aos gritos, apavorada e sob intensa angústia.

Outras vezes, também, sem que soubéssemos precisar como nem por que, entrava num estado análogo ao transe sonambúlico, em que sentimentos e impressões longínquas lhe assomavam à mente. Terrível agonia se lhe estampava no semblante, sofrimento atroz a torturava, enquanto os olhos permaneciam vítreos, como se perdidos na distância do tempo. Aflição indescritível se assenhoreava do íntimo, enquanto a respiração se lhe tornava difícil, estertorosa, até atingir o clímax. Em seguida, Caroline perdia os sentidos e ficava como morta, a pulsação tão débil que mal se conseguia perceber, e temíamos por sua vida, julgando que pudesse, numa dessas ocasiões, realmente morrer.

Seus membros ficavam lassos, acusando extrema palidez no semblante, enquanto um círculo arroxeadado se fazia em torno dos lábios; as mãos e pés gelados tomavam uma tonalidade marmórea que muito nos afligia.

A primeira vez que esse estranho fato ocorreu, Annette chamou incontinenti o médico da família, que prontamente atendeu.

Caroline permaneceu quase três horas naquele estado, que se diria comatoso. A instâncias do facultativo, que lhe deu algumas gotas para beber e friccionou-lhe as têmporas e as mãos gélidas, com uma substância contida num pequeno frasco de cristal que trouxera, pareceu voltar a si. O seu estado de fraqueza era tal que por vários dias manteve-se recolhida ao leito. Muito sensível, chorava com frequência, sem que pudéssemos saber o motivo. Talvez nem ela mesma o soubesse.

Esse fato ocorreu pela primeira vez quando Caroline contava seis anos de idade.

Repetiu-se muitas vezes o fenômeno, só que já não chamávamos o médico. Fazíamos as prescrições que o doutor estabelecera para essas crises e aguardávamos ansiosamente que se recuperasse.

Annette percebeu, com o tempo, que Caroline retornava mais rapidamente à normalidade quando se orava em seu benefício. Foi o que passamos a fazer e, com o transcorrer dos meses, já não nos apavorava tanto o acontecimento.

Por volta dos onze anos, as crises se espaçaram e, havia alguns anos que não ocorriam mais. Ficamos todos felizes pois a julgamos curada do seu estranho mal.

Quanto aos pesadelos, estes também se espaçaram, proporcionando uma trégua benéfica a seu espírito, uma vez que ela se mantinha sempre temerosa e angustiada.

Via-se, nesses sonhos que se repetiam amiúde, numa gruta ou caverna sem saída, que seria uma prisão, conforme me relatara um dia. Apenas uma abertura ao rés do chão representava a possibilidade de salvação. Sentia-se compelida a entrar por aquele buraco escavado na rocha e que mal daria para passar uma pessoa magra, na horizontal. Ao chegar ao outro lado, esperando ver-se em liberdade, percebe que estava numa gruta semelhante a primeira, sem saída e cuja claridade vem de uma pequena fresta no alto. É obrigada a voltar pelo mesmo buraco e o desespero toma conta dela. Entra em pânico, se apavora e não consegue atravessar. Acorda, então, aos gritos, com a nítida sensação de que está morrendo asfixiada.

Com a repetição dos sonhos, torna-se insegura e aflita. Teme as noites e as trevas a apavoram. Nessas ocasiões Annette faz-lhe companhia, acariciando-lhe os bastos cabelos até que adormeça novamente.

E, por estranho que pareça, também sinto o seu sofrimento. Parece que nas telas da memória vejo o local, conheço o cubículo em que Caroline se debate em ânsias.

A misericórdia de Deus é infinita e nos proporciona sempre novas oportunidades para resgatarmos nossos erros do passado – as marcas que permanecem indelevelmente gravadas no corpo espiritual e que só o tempo, esse celeste benfeitor, poderá amenizar, através da vivência digna, do sofrimento depurador.

Caroline, em anterior existência, perecera dessa forma horrível, por asfixia, aprisionada que fora nos calabouços de um convento. Tivera vida

difícil, em que se ligara à Igreja, tomando o hábito. Por cometer muitos deslizes e atos criminosos, fora trancafiada pelos próprios comparsas, vindo a abandonar o corpo em terrível agonia<sup>2</sup>.

Sente, portanto, na presente encarnação, os traumas que ficaram impressos em sua memória, tal o desespero de que se viu possuída.

Concedeu-nos o Criador, porém, uma nova oportunidade, para, juntos, tentarmos reparar os desacertos do passado, construindo uma nova vida mais útil e dignificante.

Seria necessário, contudo, que nos despojássemos de nossas imperfeições e de tudo aquilo que fora motivo de queda moral no pretérito, principalmente o orgulho, o egoísmo, a vaidade e a ambição, para construirmos um futuro mais tranquilo e mais feliz.

Em vista de todas estas circunstâncias, isto é, dos problemas de Caroline e do meu repúdio a toda e qualquer aglomeração, e o conhecimento das razões que propiciavam este comportamento no presente e que levaram às quedas no passado, eu, intimamente, sabia como agir e o que deveria ser feito. Quando renascemos, as lembranças apagam-se da memória, mas inconscientemente o espírito imortal não ignora as finalidades para as quais retornou e a necessidade de sanar os débitos contraídos perante a justiça divina.

Temia também que a agitação da vida na Corte poderia desencadear novas crises, que por alguns anos já não se repetiam.

A instâncias de Caroline, porém, fiz-me seu acompanhante solícito e constante, conquanto a contragosto, mas tentando demonstrar um bom ânimo e satisfação que estava longe de sentir.

Contudo, como as crises não retornaram, aos poucos fui-me despreocupando da sua saúde, não obstante o doutor tivesse alertado para que Caroline levasse vida calma e sem sobressaltos.

O dia da apresentação amanheceu excepcionalmente belo. Estávamos na primavera e a natureza explodia em cores e perfumes. A temperatura era amena e a atmosfera límpida e clara, com um sol radiante num céu sem nuvens.

Caroline estava esfuziante e seu bom humor chegou a contagiar-me. Os preparativos se ultimaram e, às dezessete horas menos um quarto, já nos encontrávamos prontos.

Minha prometida não permitira que a víssemos, pois desejava fazer uma surpresa. Quando assomou no alto da escadaria parecia uma visão celeste, o que compensou a espera.

O longo traje em tonalidade azul-pálido, rebordado a fios de prata e entremeado de pequeninas pérolas, era soberbo. Uma larga faixa contornava-lhe o talhe esbelto marcando-lhe a cintura e um ramo de flores miúdas prendia-se no lado esquerdo. O decote do corpete deixava ver o colo, que arfava de ansiedade incontida, e um delicado fio de pérolas, que pertencera à minha bisavó, enfeitava-lhe o pescoço esguio.

Os pés mimosos, calçados de pequenos sapatos prateados, desciam lentamente os degraus. O rosto, colorido suavemente pela animação que a envolvia toda, demonstrava sua satisfação. Os cabelos, presos na nuca e deixando as madeixas soltas caindo pelas espáduas, estavam trançados com pequenas flores, e o sorriso leve conferia-lhe um ar de fada saída do bosque. Um leque precioso, que era relíquia de família, mantinha suas mãos ocupadas.

Meu pai aproximou-se para abraçá-la, enternecido, e minha mãe falou, orgulhosa do seu trabalho:

– Estás soberba, minha querida. Soberba! – enquanto lhe ajeitava as pregas do vestido. – Tem muito cuidado para não amassares teu traje ao entrar na carruagem.

Fiquei parado, estático, enquanto Caroline descia a ampla escadaria. Uma angústia muito grande dominou-me o íntimo e uma tempestade rugiu no meu peito. Sentimento misto de medo e dor apertou-me o coração.

Não era medo o que eu sentia. Era pânico. Como se um perigo iminente me ameaçasse. De relance, vi-me num outro local, um salão grande e majestoso, feericamente iluminado, e vi Caroline à minha frente, tão bela quanto agora, com uma taça nas mãos. O seu olhar, porém, destilava ódio e senti que naquele momento minha vida fora destruída<sup>3</sup>.

Cambaleei sobre meus pés e teria caído, se meu pai não me amparasse.

– Que se passa contigo, Gaston? Estás mortalmente pálido!

Voltando a mim, procurei tranquilizá-lo:

– Não é nada, meu pai. Um mal-estar passageiro acometeu-me, mas já estou bem.

E, dirigindo-me a Caroline que aguardava, tensa:

– Estás realmente fascinante, minha querida. Toda a Corte estará a teus pés nesta noite. Não devemos nos demorar, porém; o tempo é suficiente para nos deslocarmos até o paço real.

A carruagem que deveria conduzir a jovem encontrava-se à porta. Fora especialmente preparada para a ocasião e totalmente remodelada. Recebera nova pintura em tons dourados e prateados e, interiormente, fora estofada em cetim rosa com pequenos corações bordados em prata. Uma belíssima parelha de fogosos cavalos brancos completava o luxo da equipagem.

Caroline acomodou-se convenientemente e, tomando outra carruagem, rumamos para o palácio real.

Adentrando o Paço, aguardamos. Os salões estavam repletos.

Não tardou para que anunciassem a entrada de Sua Majestade Carlos VIII, acompanhado de sua irmã-regente, Anne de Beaujeu, enquanto os nobres e dignitários postavam-se em fileiras, abrindo passagem.

Fez-se um silêncio respeitoso e todos se curvaram à passagem do rei de França.

Ao ser anunciada, Caroline encaminhou-se lentamente para os tronos. Percebiam-se os comentários e os olhares de admiração que lhe eram dirigidos.

A uma distância conveniente do trono, Caroline curvou-se numa elegante reverência perante Sua Majestade e a Regente.

O rei era um adolescente quase da sua idade e jamais o vira de perto. Sua aparência, contudo, estava aquém do que imaginara. Ele era feio, tímido e míope. Já Anne de França, sua irmã, possuía personalidade marcante e resoluto, não obstante ser apenas dez anos mais velha que seu real irmão.

Foram trocadas algumas palavras, que a jovem pronunciou maquinalmente, respondendo às perguntas do soberano. No seu nervosismo, porém, nem percebeu do que estavam falando.

Em seguida apresentou-se uma comitiva da Suécia e Caroline pôde afastar-se, respirando aliviada. Logo após, foi a vez da embaixada do governo espanhol.

Após as apresentações, o soberano e sua irmã deram início ao baile e, algum tempo depois, deixaram o salão.

Com a saída de Sua Majestade, o ambiente tornou-se mais alegre e menos formal. Caroline recebia os cumprimentos de todos pela brilhante apresentação à Corte.

Tomei-a nos braços e dançamos ao som de bela peça musical.

Mais serena, Caroline passou a aproveitar a recepção, conversando e distraíndo-se à vontade.

O ambiente era de descontração e até eu me despreocupeí das negras nuvens que obscureceram por momentos minha mente.

Os salões apresentavam-se bem iluminados e havia luxo e requinte; os grandes lustres, as esculturas espalhadas aqui e ali, os móveis entalhados primorosamente, tudo era digno de admiração.

Uma multidão de pessoas da mais elevada nobreza ali se aglomerava. Damas ricamente trajadas, ostentando joias de valor incalculável, transitavam pelos salões acompanhadas por elegantes e gentis cavalheiros.

O ruído das vozes, o brilho das joias, o farfalhar das roupas e o odor dos perfumes que invadiam o ambiente causavam em Caroline uma euforia sem paralelo.

Não obstante conviver com aristocratas das mais nobres famílias do reino e estar habituada às recepções, essa era diferente pela importância que teria em sua vida.

Corada pelo ardor das danças, muito cortejada pelos jovens presentes, Caroline sentou-se por momentos para repousar um pouco.

As pequeninas mãos agitavam o leque precioso com impaciência. O peito arfava e um belo sorriso se lhe estampava na face rosada. Nos olhos um brilho de agradável satisfação e admiração incontida.

Sentado a seu lado, observava-a discretamente. Olhou-me repentinamente notando minha presença.

– Não danças, Gaston?

Sorri complacente:

– Não, minha querida. Ao esforço da dança, prefiro observar-te. Acho muito mais agradável. Além do mais, somente me daria prazer o bailado se

fosses meu par constante. Uma vez que não posso monopolizar-te, mantenho-me a palestrar com algumas pessoas do nosso círculo de amizades que de resto – completei com enfado – são sumamente aborrecidas.

Caroline dispunha-se a retrucar quando, perpassando os olhos no salão, viu um cavalheiro que caminhava em sua direção. De porte elegante e esbelto, o traje caía-lhe perfeitamente. Seu andar era firme e o olhar grave, conquanto suave; os cabelos pretos emolduravam um rosto de tez clara, de uma beleza clássica. A testa larga e aristocrática denunciava inteligência; o nariz aquilino e a boca de lábios perfeitos, sendo o inferior ligeiramente maior que o superior, e o queixo decidido, eram sinal de personalidade forte, conquanto sensível. Aparentava uns vinte e cinco ou vinte e seis anos.

Aproximou-se e, inclinando-se numa reverência elegante, solicitou de Caroline o prazer da próxima contradança.

Sua voz, de tonalidade suave e agradável, expressava-se num francês correto, embora um ligeiro sotaque estrangeiro.

Caroline fitava-o, deslumbrada. Ao vê-los, tive vontade de me interpor entre eles e, levantando-me, aleguei:

– Impossível, *Monsieur*. A próxima dança estava-me reservada.

O cavalheiro inclinou-se, desculpando-se gentilmente. Mas minha prima, sem prestar atenção à minha reação, já se erguera e encaminhava-se ao encontro do desconhecido, aos primeiros acordes da música.

Oferecendo-lhe o braço, ele a conduziu ao meio do salão, e saíram dançando.

Profundamente irritado, mordeu os lábios. O local, porém, não permitia que desse livre curso ao seu nervosismo. A educação e a etiqueta exigiam que se conduzisse da forma mais natural possível.

Deixei-me cair na cadeira, acompanhando-os com os olhos. Quem seria aquele homem? Nunca o vira antes, conquanto se me afigurasse estranhamente conhecido. Deveria ser algum alto personagem de potência estrangeira ou não estaria ali participando de uma recepção no palácio real.

Procurei analisá-lo e isso só me causou maior desconforto. Era uma figura soberba e notava agora que todos os olhares estavam fixos no elegante par que volteava pelo salão.

Nos braços de seu acompanhante, Caroline sentia-se flutuar nas nuvens. Era um estranho aquele homem e o protocolo e o costume vedavam esse tipo de relacionamento. Somente deveria conversar com pessoas que lhe fossem formalmente apresentadas. Não obstante isso, sentia-se segura em seus braços, mais segura e feliz do que jamais o fora.

Enquanto bailavam, seus olhos se fitavam, esquecidos do mundo. Parecia que somente eles existiam e nada mais tinha importância ou valor. Estavam embriagados com a descoberta mútua e felizes pela proximidade que a dança lhes proporcionava.

Quando os músicos pararam de tocar, ele a conduziu para uma das amplas portas abertas; a temperatura estava quente e o ar do salão, abafado.

Oferecendo-lhe o braço, levou-a até um terraço onde, em meio a folhagens e arbustos, sentaram-se em gracioso banco de mármore.

– Agradeço-te o prazer infinito dessa dança. Não sabes como me fizeste feliz, Condessa Caroline de Drumond.

– O prazer foi mútuo, *Monsieur* – respondeu.

Em seguida perguntou, curiosa:

– Sabes quem sou?

– Sim, naturalmente. Como poderia deixar de notar a dama mais bela do reino? Além disso, estava presente no momento de tua apresentação ao rei.

Ela sorriu, divertida:

– Oh! sim, compreendo. Que tola sou! Contudo, não tive a honra de ser-te apresentada, *Monsieur*...

Levantando-se incontinenti, ele curvou-se profundamente defronte à sua acompanhante, desculpando-se:

– Queira perdoar-me, Condessa. O prazer de conhecer-te tornou-me cego para as regras da etiqueta. Apresento-me, portanto: Rodrigo Hernández, Duque de Alcalá, e estou acompanhando a comitiva espanhola, em missão diplomática junto à corte francesa.

Surpresa, ela inquiriu:

– És espanhol, então? Contudo, falas a nossa língua como um parisiense!

Sorrindo, ele retrucou:

– Nem tanto, Condessa. Não desconheço que um sotaque me denuncia como estrangeiro, mas há muitos anos dedico-me ao estudo de teu idioma, que se me afigura muito familiar, a ponto de não ter tido problemas para aprendê-lo.

Criando coragem, Caroline ousou afirmar:

– Também me parece reconhecer-te. Sinto que não é a primeira vez que nos encontramos. Na verdade, não sei explicar o que se passa comigo. Já estiveste em Paris anteriormente, Duque?

Emocionado, o rapaz fixou-a, enquanto tomava-lhe a mão levando-a aos lábios delicadamente. Deixando de lado as formalidades, perguntou ansioso:

– Também tu, Caroline, sentiste a mesma coisa? Desde que te vi entrar no salão, uma estranha sensação tomou conta de mim. Tentei dominar-me, pensando ser um absurdo, mas não descansei até aproximar-me de ti. Uma força maior impelia-me em tua direção e eu precisava certificar-me de que não estava sofrendo uma alucinação, que era tudo real.

– E agora? – ela perguntou num sussurro.

– Agora, mais do que nunca, estou convencido de que estamos ligados de alguma maneira, que algo mais forte nos une.

Insólita emoção acometeu Caroline de repente e seu coração encheu-se de um profundo hausto de amor. Os olhos azuis umedeceram-se e ia responder, quando entrei no terraço abruptamente.

Dirigindo-me a Caroline, com voz que tentava parecer normal, mas que deixava entrever a cólera surda que me dominava, falei-lhe com autoridade:

– Caroline, devemos retirar-nos. Aguardam-nos no saguão para deixarmos o palácio.

Embora tivesse ignorado sua presença, cortesmente o cavalheiro levantou-se, desculpando-se:

– Queira perdoar-me, *Monsieur*. Não pretendia monopolizar a Condessa Caroline e também não percebi que já era tão tarde.

– Deverias saber manter melhor as conveniências, Senhor, para proteger a reputação e a honra de uma jovem dama – respondi com desprezo glacial.

– Asseguro-te, *Monsieur*, que não tive a intenção...

Sem lhe dar tempo para prosseguir, inclinei-me ligeiramente:

– Passar bem, *Monsieur*.

Tomei Caroline pelo braço e, sem permitir que se despedisse do acompanhante, arrastei-a comigo.

O retorno ao lar fez-se em silêncio. Ao chegarmos, Caroline apressou-se em subir as escadarias, após um boa-noite murmurado às pressas. Chamei-a:

– Caroline! Precisamos conversar.

Ela virou-se e percebi um profundo desgosto em sua fisionomia.

– Agora não, Gaston. Amanhã. Estou exausta.

---

1 Referência à encarnação anterior descrita no livro “Aves Sem Ninho”, do mesmo autor espiritual.

2 Descrição constante da obra “Aves Sem Ninho”, do mesmo autor espiritual.

3 Reminiscências de fato ocorrido no século VI e descrito no livro “Perdoa!...”, do mesmo autor espiritual.

## Capítulo IV. Informações perturbadoras

Recolhido em meu leito, tentei em vão conciliar o sono. As cenas se desenrolavam em minha mente como sequências de um filme. Revia o ambiente suntuoso e festivo, as risadas, o som das melodias e o talhe gracioso de minha prima revolteando pelo salão brilhantemente iluminado.

Lembrei-me do instante em que o estrangeiro surgira e uma angústia muito grande invadiu-me o coração. Sensação de perda, de destruição das mais caras ilusões, dos sonhos mais intimamente acalentados. Fora um segundo só, mas sentira como se tudo ruísse à minha volta.

Na carruagem, durante o retorno, Caroline mantivera um silêncio hostil. Ao tentar um entendimento, antes de nos recolhermos, interpôs entre nós uma barreira invisível, mas não menos sensível. O olhar que ela me dirigira ao me negar uma entrevista fora incisivo. “Amanhã”, dissera. “Estou exausta.” Palavras que foram acompanhadas por um olhar frio e indiferente, que exprimia também desgosto e rancor.

Assustei-me. Jamais vira tal expressão em seu rosto, de ordinário plácido e afável.

Minhas têmporas latejavam. A cabeça estalava de dor e adveio um desejo imenso de chorar.

Porém, não pensassem que desistiria assim, facilmente. Caroline era minha prometida e ninguém a tiraria de mim.

Aos poucos, um sono atormentado e aflito dominou-me. Via-me cercado por seres infernais que riam às gargalhadas do meu sofrimento, assegurando-me que jamais seria feliz.

– Sofre, desgraçado, tudo o que nos fizeste sofrer! Todos os suplícios do inferno ainda são pequenos diante dos teus débitos para conosco. Nunca serás ditoso, entendeste? Nunca... nunca... nunca...

As carantonhas aproximaram-se de mim, ameaçadoras; debatendo-me em meio ao pesadelo, despertei aos gritos. O coração acelerado batia forte e parecia querer saltar do peito. Suor álgido cobria-me o corpo, grudando-se nas roupas molhadas.

Branda claridade coava-se pelas janelas e, até involuntariamente, supliquei socorro ao Criador.

– Deus, ajudai-me! Afogo-me em ânsias inenarráveis. Seres monstruosos cercam-me o leito e, por estranho que pareça, sinto que sou criminoso, culpado de atos nefandos. Ajudai-me, Senhor dos desgraçados e dos sofredores!

Aos poucos fui me acalmando até que brando sono me envolveu o espírito atormentado e pude repousar enfim.

Novamente me vi em um lugar estranho e sombrio. Paredes escuras e despojadas de uma cela monacal; sentei-me em um leito tosco. Conquanto o ambiente fosse totalmente diverso daquele a que estava acostumado, reconhecia-me em casa, tranquilo.

Pela porta entrou um homem que usava o burel do religioso, tal qual eu mesmo. Aproximou-se sorrindo, como velho amigo.

Para meu espanto, reconheci naquele sacerdote o estrangeiro que conhecera no palácio real e que me despertara tanto ódio ao dançar com Caroline. E o mais estranho é que notei que, longe das amarras do corpo físico, reconhecia que havíamos sido amigos e que profunda afeição nos unia.

Conversamos bastante, como se não nos víssemos há longo tempo. Ele exortava-me a confiar em Deus, que na Sua infinita sabedoria daria o melhor a seus filhos.

As últimas palavras me ficaram indelevelmente gravadas na mente:

“Tem paciência, meu amigo. Procura vencer os obstáculos que se interpõem em tua caminhada, pois são imprescindíveis à tua felicidade futura. Somos quais aves sem ninho em busca do conforto e da paz que o Cristo pode nos oferecer. Somente Jesus nos proporcionará a ventura que almejamos, através da vivência dos seus ensinamentos. Confia... confia...”

Despertei na manhã seguinte com o sol alto. Abri a janela para aspirar o ar puro da manhã. Espantei-me por perceber que branda serenidade me envolvia o coração. Relembrei as cenas da véspera, mas já não me causaram qualquer desassossego.

Reconfortado intimamente, chamei o valete para auxiliar-me na toailete matinal. Após ligeira refeição, deixei meus aposentos.

Não obstante a manhã estivesse adiantada, todos ainda dormiam, cansados das fadigas da véspera.

Meus genitores, eu sabia que só despertariam lá pelas quatorze horas.

Dirigi-me aos aposentos de minha prima e interroguei sua criada. Assegurou-me que a condessinha ainda não se levantara.

Desci, então, para o parque. Andando sem destino, logo vislumbrei Annette que colhia algumas flores do jardim. Aproximei-me, abraçando-a.

– Oh! Meu querido Gaston, pois és tu!

Um sorriso prazenteiro inundou-lhe o rosto corado pelo esforço. Curiosa, perguntou:

– Dize-me lá, como foi a apresentação? Muito bem a julgar pelo teu aspecto. Estás menos grave e sorumbático que de costume.

Ri com vontade, respondendo:

– A recepção foi um sucesso, Annette. Lamento apenas que não estivesses lá para ver a impressão que a nossa pequena Caroline causou em toda a aristocracia presente. O soberano ficou deveras encantado com sua graça e elegância.

Os olhos da mulher umedeceram-se de pranto e falou com carinho:

– A nossa menina merece ser feliz, Gaston. É uma florzinha muito delicada e frágil – disse, fitando os ramos que tinha entre os braços. – Como essas aqui; qualquer brisa pode desfolhá-las.

Sentei-me num banco de pedra e fiquei absorto a meditar em suas palavras.

– Em que pensas, menino Gaston? Pareces preocupado.

– Senta-te aqui comigo, Annette, pois quero relatar-te o que se passou comigo esta noite.

Principiei falando sobre a recepção e o encontro com o desconhecido. Falei-lhe do meu ciúme e da raiva que experimentei então. Conte-lhe depois o pesadelo que tivera e que me causara tanta perturbação. Em seguida relatei o outro sonho, ocasião em que me senti bem melhor.

– Vê que estranho, Annette. A verdade é que acordei hoje num estado de espírito completamente diferente daquele que me agitava ontem ao deitar. Estou ótimo, bem-disposto e confiante.

Fiz uma pausa, analisando o efeito de minhas palavras, e perguntei:

– O que te parece? Como explicas esses fatos?

Ajeitando as flores que colhera havia pouco e que descansavam em seu regaço, Annette respirou profundamente e pareceu meditar por alguns instantes. Em seguida, respondeu com voz pausada:

– Penso, meu Gaston, que Deus, nosso Pai e Criador, nos ampara sempre e que foste muito auxiliado na noite passada. Provavelmente algum bom gênio tutelar obteve de Jesus a permissão de te esclarecer e consolar.

– Acreditas mesmo nisso? – indaguei, perplexo.

– Sim, acredito. Tenho, por experiência própria, tido ocasiões em que me sinto amparada e sustentada por anjos celestes, seres invisíveis e amigos, durante as horas consagradas ao repouso físico.

– Bem, a nossa Igreja reconhece a existência desses seres alados a que te referes. Mas, por que um mosteiro, Annette?

– Não afirmaste que, conquanto estranho o ambiente, ele te parecia familiar? – retrucou a serva.

– Sim, era como se tivesse vivido lá! – concordei.

– Pois isso confirma minhas suspeitas. Acredito que já foste um monge. Tuas atitudes, tua maneira de ser, sempre me deram essa impressão, que agora confirmas.

– E o religioso que entrou na cela e com quem conversei demoradamente?

– Companheiro de experiência, por certo, e que agora reencontras na pessoa desse nobre estrangeiro.

Sob mudo espanto, pus-me a meditar. Annette fez uma pausa e prosseguiu:

– Já ouviste falar sobre a teoria das vidas sucessivas?

Arregalando os olhos, fitei-a admirado:

– Tu me surpreendes cada vez mais, Annette. Nunca pensei que te interessasses por esses assuntos! Sim, já li sobre essa teoria, também chamada de palingenesia ou metempsicose, cultuada por certos povos orientais. Contudo, jamais me interessei por essas ideias, que se me afiguram absurdas.

Não se deixando intimidar pela minha opinião, expressa tão taxativamente, a ama continuou:

– Pois eu acredito, Gaston, que só essa teoria poderia justificar a razão das diferenças individuais que existem na sociedade e explicar a justiça infinita de Deus. Parece-me lógica e coerente essa teoria e justificaria teu sonho desta noite.

– Não sei, Annette, preciso pesquisar melhor sobre o assunto. A verdade é que fiquei muito impressionado. Quanto à tua ideia de que já fui um religioso, sabes que tens razão? Pensando bem, minhas atitudes, o isolamento espontâneo, o horror a reuniões festivas, o apego aos livros e ao estudo, tudo faz sentido...

Dando por terminada a conversa, levantei-me do banco onde estivera sentado e afastei-me do local, já alheio a tudo e entregue a íntimos solilóquios.

Tinha necessidade urgente de ficar só para pensar. As palavras de Annette causaram funda impressão em meu espírito. Se fosse verdade o que me dissera, qual seria a razão de nos encontrarmos todos juntos novamente? Sim, porque intimamente eu sentia que já havíamos estado juntos. Aquele monge era conhecido de outra época, que agora reencontrava com outra “roupa” na pessoa daquele nobre estrangeiro surgido durante a apresentação de Caroline à Corte. Poderia ser em qualquer outra ocasião, mas tinha sido naquela oportunidade e não deixara de notar o interesse que surgira entre ambos.

A própria Caroline, sentia que já a encontrara outras vezes e que ela sempre me fugira. Agora era minha noiva e nada nos separaria. Nada

mesmo?

Encaminhei-me para a biblioteca, entregando-me aos estudos. Contudo, pela primeira vez, não conseguia concentrar-me na leitura. O pensamento estava longe, divagando.

Nesse momento, ouvi o rodar de uma carruagem no pátio e logo a aldrava da porta soou. Era um mensageiro do duque de Alcalá que trazia um ramallete de flores, acompanhado de elegante cartão, para Caroline.

O criado recebeu a encomenda e explicou que a Condessinha de Drumond ainda não se levantara, agradecendo a gentileza.

Picado pelo ciúme, tive desejos de abrir a correspondência que não me era dirigida. A etiqueta e a boa educação, porém, me impediam. O jeito era aguardar.

Retornei aos meus estudos procurando acalmar a mente inquieta. Duas horas depois, a criada veio me avisar que meu pai já acordara.

Dirigi-me a seus aposentos imediatamente. Entrei. Meu genitor, ainda em roupas noturnas, tomava a primeira refeição.

– Ah! És tu, Gaston? Entra... entra, meu filho. Faze-me companhia. Estes pasteizinhos açucarados estão excelentes.

Estava sentado perto da janela, defronte a uma pequena mesa redonda, onde se entretinha a saborear seu chá. Algumas frutas em preciosa bandeja de prata lavrada, leite, torradas e nata completavam o seu desjejum.

Acomodei-me numa cadeira à sua frente, agradecendo:

– Obrigado, *mon père*. Há horas estou de pé e já me alimentei convenientemente.

– Ótimo! Ótimo! O que achaste da recepção de Sua Majestade?

– Muito concorrida.

– Só isso? – perguntou, parando a mão que levava uma torrada à boca.

– O que desejas saber, senhor meu pai? Foi uma bela apresentação, Caroline estava encantadora. Enfim, tudo perfeito.

Olhou-me intrigado, arqueando a sobrancelha:

– Ah!... parece-me que não estás muito feliz hoje. Caroline já despertou?

– Não, *mon père*.

– Tua mãe?

– Também não, meu pai. Sabes que ela só acorda pelo meio da tarde e ainda não passa das doze horas e um quarto.

– É verdade. Notaste como Caroline divertiu-se ontem?

– Poderia deixar de notar? – respondi um tanto irritado. – A propósito, meu pai, chegou um portador trazendo um *bouquet* para minha prima.

– Ah!... e em nome de quem?

– Do duque de Alcalá.

– Pareces preocupado, Gaston.

– Tenho razões para isso, senhor. Se tivesses aceitado minha sugestão, Caroline seria oficialmente minha noiva e não estaria angustiado como estou.

Deixando de lado o ar alegre e tornando-se subitamente sério, ele chamou o criado de quarto, ordenando-lhe que tirasse a mesa e nos deixasse

a sós.

Estranhei a mudança brusca que se operara em meu pai. Mantinha-se calado, meditativo e pareceu-me até que suas mãos, brancas e aristocráticas, tremiam levemente.

– O que temes, Gaston? Tens motivos para acreditar que exista algo mais que um envolvimento fortuito entre eles?

– Sim, *mon père*. O interesse que percebi entre ambos não deixa margem a dúvidas.

O homem, aflito, levantou-se amarfanhando um lençinho nas mãos e pôs-se a andar de um lado para o outro.

– Precisamos fazer alguma coisa, se tuas suposições forem verdadeiras – falou afinal.

– Como assim? – balbuciei, perplexo.

– Não podemos deixar que se aproximem um do outro, meu filho.

– Mas, como, senhor? Como impedir que duas pessoas se amem?

– É imprescindível que não se encontrem mais. Ele ou qualquer outro.

– Por que meu pai?

– Ela não é tua prometida?

– Sim, é verdade. No entanto, não quero que seja coagida a pertencer-me. Amo-a demais para isso.

Fiz uma pausa analisando meu genitor, que parecia fitar-me de maneira estranha. Afinal, falei com calma:

– Meu pai, não creio que este seja o único motivo que te leva a pensar assim. O que se passa que não sei? O que está acontecendo que desconheço?

Deixando-se cair numa poltrona e cobrindo o rosto com as mãos, o nobre senhor ficou por momentos em silêncio. Depois, ergueu a fronte e pude notar-lhe os olhos úmidos de pranto. Meu coração se confrangeu.

– É justo, meu filho. É tempo de saberes o que se passa conosco. Já és um homem e deves estar a par de tudo. Bem, a verdade é que estamos arruinados.

– Como assim? E nossos haveres, propriedades?!...

– Nada mais nos pertence de fato, querido Gaston. Esses anos todos de excessos, de gastos exagerados e de dissipações minaram nosso patrimônio.

– Não posso crer! – balbuciei preso de profundo espanto. – Mas, e como vivemos nesse luxo todo? Dize-me, *mon père*.

Suspirando profundamente, ele informou:

– Essa é a parte pior da história. Quando teu tio, o pai de Caroline, desapareceu, deixando-nos a pequena, entregou-me a tutela de toda a herança, que pertencia à única filha. O meu irmão, conde de Drumond, era extraordinariamente rico e o nosso patrimônio foi acrescido do de Caroline. Com o passar dos anos, as perdas nos jogos e a nossa vida desregrada, passei a utilizar os bens da pequena Caroline para saldar nossas contas. Tu sabes, tudo seria nosso um dia mesmo! Ela era tua prometida e o casamento só iria regularizar a situação.

Lívido, a incredulidade pintava-se em meu semblante.

– Não posso crer! É impossível, meu pai.

– Bem, agora já sabes de tudo. É por isso que tua prima “precisa” casar-se contigo, entendes? A herança dos condes de Drumond precisa unir-se à dos condes de Vernon. Não deixarei que esse duque ou qualquer outro homem se aproxime de minha sobrinha e tua noiva, Caroline.

\*\*\*

Profundamente consternado, deixei meu genitor. Queria ficar só. Ansiava por silêncio e solidão. Precisava digerir aquelas informações que recebera e que me causavam enorme desassossego.

É certo que eu amava Caroline acima de tudo e que, por ela, faria qualquer coisa.

Estirado no leito, olhos cerrados, recordei-me da noite passada. O sonho me impressionara mais do que eu gostaria de admitir, mas agora a lembrança se me apagava aos poucos.

Ao levantar-me pela manhã e mesmo algum tempo depois, ainda sentia nitidamente as sensações que me envolveram naqueles instantes. O bem-estar inefável, a emoção de encontrar alguém conhecido anteriormente e que laços afetivos muito fortes nos ligavam, tudo isso passou pela minha mente naqueles momentos.

Depois, porém, a sensibilidade foi diminuindo e o diálogo que mantivera com meu pai afastara de todo os efeitos benéficos que havia sentido, jogando-me bruscamente na triste realidade.

A ruína me apavorava. O orgulho e a ambição falavam mais alto em meu espírito, acrescentando-se a isso o fato de que eu desejava realmente minha prima para mim.

Agora, mais do que nunca, Caroline teria de ser minha e de ninguém mais.

## Capítulo V. Montmorency

O quarto estava na penumbra e percebiam-se ligeiramente as roupas que usara na noite anterior numa cadeira; os sapatos espalhados pelo tapete, os objetos sobre o toucador.

Suavemente Caroline abriu os olhos e espreguiçou-se languidamente. Reconhecia-se estranhamente satisfeita. Um sorriso aflorou-lhe aos lábios ao lembrar-se da festa, dos galanteios e de Rodrigo Hernández.

Jamais se sentira assim antes. Uma vontade de viver, uma euforia interior a dominavam por inteiro. O coração parecia dilatar-se dentro do peito.

A criada, ao perceber que acordara, aproximou-se, abrindo as cortinas e deixando entrar a claridade do dia.

– Ora, ora... pareces muito feliz, *Mademoiselle*.

– É verdade! Ah! Lisa, creio que jamais fui tão feliz em minha vida.

– Está a ver-se. Trouxe o desjejum, *Mademoiselle*.

Acomodada entre macios travesseiros na tepidez do leito, Caroline tomou sua primeira refeição, trazida numa bandeja de prata.

– A propósito, *Mademoiselle*, acaba de chegar esta encomenda – disse a criada com ar brejeiro.

Lisa apanhou o ramalhete entregando-o à jovem, que aguardava sob intensa expectativa.

– De quem são? Vamos, dá-me logo!

– Não sei, *Mademoiselle*. Tem um cartão.

– Ah! Deixa-me ver!

Caroline abraçou as flores perfumadas aspirando com prazer. Abriu o cartão, curiosa. Reparou que o papel era de excelente qualidade e a letra muito elegante. Leu:

À Condessa Caroline de Drumond.

Prezada *Mademoiselle*

Tenho a honra de apresentar meus cumprimentos, rogando a permissão de uma entrevista, em dia e horário que forem mais convenientes, ocasião em que devolverei algo que te pertence.

Se não for do teu agrado, queira, por obséquio, avisar o portador, que aguardará uma resposta.

Confessando-me um humilde admirador, subscrevo-me.

Rodrigo Hernández, Duque de Alcalá

Prendeu a respiração, sob intensa emotividade.

– Lembrou-se de mim, Lisa. Deseja ver-me, apesar da grosseria de Gaston! – falou, eufórica.

Empurrou as cobertas, levantando-se de um pulo.

– Ah! Tenho de aprontar-me. Preciso estar muito bela para recebê-lo. Antes, porém, é preciso dar-lhe uma resposta. Onde está o portador?

A aia abanou a cabeça:

– Ignoro, *Mademoiselle*, mas creio que estará aguardando lá fora. Como estavas dormindo...

Caroline correu até a secretária, apanhou um elegante papel rosa com bordas douradas e, tomando da pena escreveu:

Ao Duque de Alcalá.

Prezado Senhor

Muito prazer dar-me-á tua visita. Espero-te para o chá em nossa companhia hoje, às dezessete horas.

Aproveito para agradecer o ramalhete. É lindo.

Caroline de Drumond

Dobrou o bilhete e entregou-o à criada, recomendando-lhe:

– Lisa, entrega essa correspondência ao portador de Sua Alteza, o duque de Alcalá.

A aia, com um largo sorriso, aprestou-se a cumprir as determinações da senhora, voltando em seguida:

– Pronto, *Mademoiselle*. Está entregue. O criado do duque aguardava a resposta e já partiu.

– Ótimo, Lisa. Agora, apressa-te. Pega o meu traje novo, aquele que veio de Bruxelas na semana passada.

Em febril agitação, Caroline preparou-se, esmerando-se nos atavios próprios das damas da aristocracia daquela época.

Foi uma jovem radiante de felicidade e de formosura que desceu as escadarias, para surpresa minha e de meus pais que a aguardavam.

Caroline mandara um aviso, pela criada de quarto, de que receberíamos visita nessa tarde, razão por que já esperávamos.

Ao receber a comunicação de minha prima, procurei meu pai, inquieto.

– O que faremos, *mon père*?

– Receberemos o visitante com toda a cortesia. Não convém sermos indelicados com um importante nobre de Castela, que, além do mais, veio em missão diplomática à França. Não. Precisamos agir com toda cautela, meu filho.

Meu pai tinha razão, e, não obstante a minha insatisfação, tive que concordar com ele.

Sentamo-nos na sala, aguardando. Caroline continha com dificuldade seu nervosismo. Pouco antes da hora marcada, ouvimos o rodar de uma carruagem que chegava. Pontualmente às dezessete horas, ele deu entrada no salão, anunciado por Joseph.

Foram feitas as apresentações. Senti uma pontada de ciúme e inveja. O cavalheiro que adentrara o ambiente estava elegantemente trajado, sem os exageros da moda; antes, vestia-se de maneira clássica e discreta, conquanto luxuosa. De toda a sua figura extravasava um ar de simpatia e confiança. Os olhos negros e aveludados eram meigos e contrastavam com a pele alva. A destra fina, de dedos longos e aristocráticos, se estendeu para cumprimentar minha mãe. Curvou-se numa mesura, depositando com delicadeza um ósculo na mão da condessa Claire.

Anfitriã acostumada a receber, minha mãe deu-lhe as boas-vindas, externando a satisfação que sua presença nos causava.

Cumprimentou meu pai reverentemente e, quando chegou minha vez, demonstrei um certo descontentamento, tratando-o cortês, mas friamente.

Ao vê-lo aproximar-se de Caroline, senti-me profundamente irritado. Ela recebeu-o com um sorriso e olharam-se. Percebi, com apreensão, um vínculo secreto, como um entendimento tácito, que os envolveu.

Foi um momento só. Logo passamos a conversar sobre trivialidades. Meu pai fazia-lhe perguntas sobre sua terra natal, a Espanha. A certa altura da conversa, Gérard comentou:

– Não pude deixar de notar, Senhor Duque, que falas fluentemente nossa língua, sem qualquer sotaque.

Ele sorriu e seu rosto jovem se iluminou:

– De fato. Conquanto seja espanhol pelo nascimento, considero-me francês pelo coração. Uma grande atração pela França e por tudo que a ela diga respeito, sempre me dominou. Por isso, desde cedo interessei-me pelo estudo do vosso idioma, e, confesso, não tive qualquer dificuldade em aprendê-lo. Era como se recordasse, apenas.

– O que o trouxe ao nosso país neste momento? – inquiri um tanto descortês.

Educadamente respondeu, ignorando minhas maneiras:

– Razões de Estado. O reino de Castela tenta um acordo com Sua Majestade, Carlos VIII, que será levado a público no tempo devido.

– Ah! É segredo, então? – prossegui.

– Não propriamente segredo, *Monsieur* Gaston – explicou ele –, mas digamos que seja um assunto delicado e que mereça um trato mais sigiloso.

Mordi os lábios despeitado. Não arrancaria dele o que quer que fosse.

Meu pai atalhou, repreendendo-me com um sorriso:

– Não sejas tão curioso, Gaston.

E, dirigindo-se para o visitante:

– Desculpa meu filho, Alteza. Gaston nada entende de diplomacia, não obstante tenha muito interesse pelo assunto.

Aquilo irritou-me ainda mais. Tratavam-me como uma criança mal-educada.

– É justo. Assuntos políticos sempre causam uma certa apreensão – respondeu o duque, conciliador.

Virando-se para mim, perguntou:

– Tens interesse por política, Senhor Conde?

– Não especialmente – respondi. – A não ser que afete minha vida, naturalmente. Como uma guerra, por exemplo.

O duque sorriu, tranquilizando-me:

– Se é esse o teu receio, asseguro-te que não foi um conflito armado que me trouxe a este país.

– Dou-me por satisfeito, Alteza.

Os criados serviram chá, refrescos e frutas açucaradas.

Logo depois o duque despediu-se. Mandava a etiqueta que não estendesse a visita além do tempo necessário.

Antes, porém, retirou da algibeira uma caixinha encantadora. Toda de madrepérola, trabalhada em ouro; em formato retangular, era estreita e não teria mais que um palmo e meio de comprimento.

Aproximou-se de Caroline, que aguardava curiosa, e depositou em suas mãos o mimo.

– Isto te pertence, *Mademoiselle*.

Caroline abriu o escrínio e suspirou:

– Meu leque! Oh! *Monsieur*, agradeço a gentileza. Ainda não dera pela falta deste objeto e que é de muito valor para mim. Onde estava?

– Encontrei-o no terraço. Caíra do banco, por certo.

Fitavam-se e novamente notei que nos excluía.

Agradeceu, afirmando gentil:

– É com pesar que apresento minhas despedidas. Gostaria de gozar de companhias tão agradáveis por mais tempo, mas meus compromissos não me permitem.

O conde Gérard inclinou-se, sugerindo:

– Obrigado, Alteza. Vem quando quiseres. Serás sempre bem recebido nesta casa.

Aproveitando a deixa, o visitante assentiu:

– Se permitires, Senhor Conde, teria muito prazer em retornar.

Percebendo o perigo que se delineava, interrompi suas palavras acrescentando com ligeiro sorriso, enquanto me aproximava de Caroline enlaçando sua cintura num gesto muito claro de posse:

– Naturalmente, *Monsieur*. Todos ficaremos muito satisfeitos, inclusive eu e Caroline.

Fiz uma pausa fitando-a, amoroso:

– Não é verdade, querida?

Notei que atingira o alvo. O duque empalideceu ligeiramente, mas foi um momento só; em seguida inclinou-se novamente e se retirou.

Intimamente satisfeito, olhei minha prometida disfarçadamente. Caroline continha a custo sua contrariedade.

Também não estava contente comigo mesmo. Maldito compromisso feito à revelia do rei. Agora nos obrigávamos a manter silêncio sobre o noivado enquanto não obtivéssemos a aprovação real. A verdade é que, na época em que foi firmado o acordo, o rei Luís XI fora contra, considerando nossa tenra idade. Contudo, decididos a firmá-lo, tudo fora feito discretamente para que o soberano não tomasse conhecimento. Agora, dependíamos da aprovação real para concretizar o compromisso, segundo meu pai me informara.

No dia seguinte, meu pai comunicou que iríamos fazer uma viagem:

– Meus genitores estão idosos e creio ser dever nosso fazer-lhes uma visita – alegou, à guisa de explicação.

– Mas, justo agora?!... – reclamou Caroline no auge da aflição.

– Sim, minha querida. Soube por um amigo, que reside por aqueles lados, que meu pai está com problemas de saúde e não vejo ocasião melhor para irmos até lá. Além disso, sabes que a viagem é muito agradável e a região extremamente bonita.

Sem poder contestar a decisão paterna, que era irrevogável naquela época, minha prima calou-se, baixando a frente.

Continuamos conversando e trocando ideias, pois a notícia agradara a mim especialmente, uma vez que via nisso uma oportunidade de afastar os dois.

A certa altura, notando que Caroline estava absorta e alheia ao diálogo, meu pai perguntou-lhe:

– Tens algum problema, minha querida? Não desejas viajar?

Torcendo as mãos, nervosamente, Caroline respondeu:

– Não é isso, *mon père*. Amo muito meus avós e tenho imensa vontade de revê-los. Mas...

– Mas... prossiga.

– Mas a temporada mal se inicia e agora que posso participar das festas e bailes...

Jogando a cabeça para trás, meu pai riu divertido.

– Então é essa a tua preocupação? Acalma-te, *ma chérie*, pois terás muito tempo para gozar a vida. Além disso, como tu mesma afirmaste, a temporada mal se inicia e retornaremos a tempo de aproveitares os divertimentos que tanto te atraem.

Caroline, porém, continuou amuada. Afinal, completou:

– Além disso, o duque ficou de visitar-nos outras vezes, a convite nosso. Foi tão gentil que não acho delicado agora partirmos em viagem. Temo...

– Ah! É isso? Não te preocupes. Mandarei um portador à casa do duque, notificando-o da nossa partida. E, como não é distante o castelo de teus avós, com o endereço e um convite para visitar-nos lá, se for do seu agrado.

O ar de preocupação da jovem sumiu por completo ao ouvir as palavras do tutor. Um sorriso de alívio e tranquilidade espalhou-se pelo seu semblante.

– Se é assim, não tenho mais objeções, *mon père*, e participarei do passeio com muita satisfação.

Os dias que se seguiram foram de febril agitação; havia as bagagens, os presentes e tudo o mais que levaríamos conosco para arrumar.

Três dias depois, deixávamos nosso castelo com destino ao lar vetusto e senhorial de meus avós paternos, em Montmorency.

É preciso que se diga que, entretanto, o jovem duque espanhol esteve em casa, mas conforme fora ordenado a Joseph, não avistou Caroline. O criado informou que toda a família estava ausente, apenas permanecendo a criadagem na propriedade.

A viagem foi feita em clima de alegria e descontração, sem pressa. Tudo era motivo de risos e de brincadeiras.

Durante algumas horas atravessamos campos e florestas, vilas e propriedades. Paramos para repousar e fazer uma refeição por volta do meio-dia. Era preciso, também, fazer a muda dos cavalos, que já demonstravam muito cansaço.

Mais tarde paramos novamente junto a um riacho, a pedido de Caroline, que desejava molhar os pés, para desgosto de minha mãe.

– Caroline, estes não são modos de uma jovem dama da Corte – ralhou ela. – Tirar as meias e sapatos para mergulhar os pés num riacho qualquer!

Ela, porém, foi irreduzível:

– Ora, *ma mère*, não sabes como é bom. Por que não fazes o mesmo? Está quente, mas sob estas árvores a temperatura é muito agradável!

A dama não aceitou a sugestão e manteve-se dentro da carruagem, aguardando mal-humorada.

Também eu participei do capricho de Caroline e nos divertimos muito. Era preciso, contudo, reencetar a viagem, se quiséssemos chegar ao destino ainda com a claridade do dia.

Mais algumas horas e eis-nos próximos do castelo de Montmorency.

O regresso ao lar paterno é sempre agradável para o filho que dele se afastou. Foi, pois, sob intensa alegria, especialmente por parte de meu pai, que chegamos ao solar de meus avós, que nos aguardavam em transportes de euforia.

Vivendo isolados da Corte, sem se preocuparem com o que acontecia na sociedade, os dois velhos levavam a existência entregues às suas tarefas, dentro dos limites da propriedade.

Veza por outra, amigos vinham visitá-los e aí, então, se inteiravam das novidades da Corte, dos últimos mexericos, das bisbilhotices, das histórias

picantes e escabrosas envolvendo membros da nobreza, e que faziam a delícia dos palradores.

Meu avô, conde de Montmorency, era uma figura de aristocrata da velha estirpe; de têmpera e caráter inatacáveis, gozando de muito prestígio junto ao Trono, que o respeitava e admirava por tudo o que fizera por seu país, embora vivesse recluso em seus domínios, atualmente. Era uma figura imponente, que resumava nobreza de gestos e de atitudes; os olhos eram dominadores e o queixo firme. Para ele, a honra estava acima de qualquer outra coisa.

Minha avó Adèle era uma senhora de estatura mediana cujos cabelos brancos e ligeiramente puxados para trás, presos na nuca, envolviam-lhe o rosto agradável como uma moldura prateada. Naturalmente afável, fazia sempre a vontade do marido, autoritário como convinha a um grão-senhor daquela época.

A alegria de rever os netos, que havia muito tempo não encontravam, dominou-os por completo.

Minha avó satisfazia a todos os nossos caprichos, por menores que fossem. E meu avô, conquanto severo e pouco dado a transportes de afetividade, deixou-se dominar completamente por Caroline, que mudou o comportamento do ancião de forma impressionante.

Para que não sentíssemos tédio e saudades da Corte, o conde de Montmorency programava passeios pelos arredores, visitas a outros castelos nas proximidades, reuniões festivas em que, depois de um longo tempo,

abria os salões do seu castelo, oferecendo a todos excelente hospitalidade, para satisfação geral. Apresentou-nos parentes que não conhecíamos, ou que víamos apenas na infância, amigos e familiares simpáticos e divertidos, criando ao nosso redor um ambiente alegre e descontraído.

Só minha mãe se mantinha algo afastada do convívio fraterno e amigável. Instada por minha avó a participar da alegria geral, ela respondeu, categórica:

– Não me agrada a convivência com rudes aldeões.

Chocada, a velha dama retrucou com delicadeza:

– Claire, minha querida, não se trata de aldeões. Teu sogro não iria impor a presença de criaturas desclassificadas à tua família, que também é a nossa. São de descendência ilustre, como nós, e pertencem às melhores famílias do Reino.

Com gesto de desprezo, a senhora minha mãe completou, com voz displicente, raiando pela ironia:

– Não deixam de ser por isso pobres criaturas incultas e rudes. Esses aristocratas provincianos, com seus modos grosseiros, jamais seriam aceitos na Corte, senhora Condessa de Montmorency.

Para não gerar polêmica, que criaria mal-estar entre todos, a velha dama calou-se e, a partir desse dia, nunca mais insistiu para que a esposa de seu filho participasse das reuniões programadas.

Tratava-a com cordialidade, como hóspede em sua casa e mãe dos seus netos, mas, percebendo que uma distância muito grande se interpunha entre

elas, não fez esforço para ultrapassar o abismo criado pela maneira diferente de ver a vida e as pessoas. Não desejava estragar o alegre convívio que se estabelecera entre os familiares e seus amigos.

Veza por outra, encontrava a neta, Caroline, entregue a si mesma, meditando afastada dos demais. Aproximava-se, carinhosa, procurando saber o que a afligia. Um dia a neta lhe perguntou:

– Vovó, tens certeza de que não chegou mensageiro nenhum por estes dias?

– Tenho certeza, *ma chérie*. Se isso houvesse acontecido, eu seria informada imediatamente. Mas, o que se passa contigo? Esperas notícias de alguém?

Com um suspiro desconsolado a jovem respondeu:

– Não, vovó. Era apenas uma esperança...

Colocou a cabeça no colo da avozinha enquanto a bondosa senhora lhe acariciava os cabelos sedosos:

– Não te preocupes, minha neta. Há poucos dias chegaste e talvez não tenha dado tempo.

– É possível que tenhas razão, vovó. Creio estar muito ansiosa.

Algo preocupada, a senhora indagou:

– Dize-me, Caroline, de quem são as notícias que aguardas tão apreensiva?

O rosto da jovem se iluminou com um sorriso radioso e seus olhos adquiriram uma expressão apaixonada.

– Ah! Vovó, para a senhora posso contar. Há pouco tempo, mais precisamente no dia da minha apresentação à Corte, conheci uma criatura maravilhosa. Penso que estou amando, vovó, com todas as forças do meu coração.

Medindo as palavras, a digna senhora ponderou:

– Mas, querida neta, és comprometida com Gaston. Sabes disso.

– Sei, vovó, por isso suplico-te encarecidamente que nada digas a ninguém, e muito menos ao meu avô Étienne. Ele nunca entenderia! Este é um segredo que deveremos partilhar só entre nós duas. Ninguém mais deve saber.

A boa dama concordou, tranquilizando a neta, enquanto intimamente pensava na necessidade de conversar com o filho para sondar o que realmente estava acontecendo.

Aproveitando uma oportunidade em que os jovens haviam saído para um passeio pelos arredores e estavam apenas os adultos a palestrar, a velha dama tocou no assunto que a preocupava. Antes, porém, mandou sair os criados com ordem de não serem interrompidos. Assim, sob o espanto geral, com serenidade, ela principiou:

– Desejava esclarecer um assunto que me preocupa sobremaneira.

O velho conde, seu esposo, que, com uma taça de vinho nas mãos, mantinha-se de pé, apoiado na lareira que permanecia apagada naquela época do ano, interrompeu-a, surpreso por ter ela alguma preocupação que não fosse do seu conhecimento.

– O que se passa, Adèle?

Ela virou-se para o marido com dignidade e firmeza, endereçando-lhe um olhar tranquilizador:

– Logo saberás, Étienne.

– Então dize logo, *ma mère*, estás fazendo um mistério que nos deixa a todos inquietos – pediu o filho, impaciente.

– Direi, se tiveres paciência para ouvir-me. Antes, Gérard, dize-me como está o compromisso entre Gaston e Caroline?

– Como assim, minha mãe? O compromisso existe há muitos anos e esperamos apenas que Caroline esteja na idade certa para oficializar os esponsais.

Irritado, o velho conde admoestou:

– Não te compreendo, Adèle. Sabes que este é um compromisso de honra e que unirá ainda mais nossos interesses e patrimônios!

Fitando a esposa, o ancião não percebeu que seu filho empalidecera perigosamente. Claire tomara-lhe a mão discretamente, dando-lhe apoio, e, percebendo que o marido poderia dizer algo que não devia, antecipou-se:

– Naturalmente, Senhor. Não entendo as indagações da condessa Adèle.

Assim acuada, a senhora considerou:

– Bem, fico contente em saber que nada existe de errado com o enlace de meus netos. Não obstante, noto Caroline desinteressada, distante e sinto que não é feliz.

E, dirigindo-se particularmente ao filho, indagou:

– Sabes o que está acontecendo com ela? Se Caroline tem outros projetos?

– Como assim?!... – interrogou o anfitrião com os olhos incendiados.

O filho interveio, antes que sua mãe acrescentasse mais alguma coisa:

– Bobagens, *mon père*. Coisas de menina e que não devem ser levadas em consideração. Encontrou-se com um jovem aristocrata, estrangeiro por sinal, uma única vez no Paço Real. Afirmo-te, porém, que isso é passageiro. E, mesmo que não fosse, o acordo anteriormente firmado permanece de pé.

O velho conde sentou-se, mais calmo:

– Antes assim. Não gostaria de causar sofrimentos inúteis à minha querida neta.

Fez uma pausa e, recordando-se de algo importante que ficara por fazer, pediu licença, retirando-se.

Após sua saída, o filho interpelou a mãe:

– Mamãe! Foste muito imprudente tocando nesse assunto na presença de meu pai.

– Nunca tive segredos para teu pai, Gérard, e não será agora, no final da existência, que vou tê-los. E depois, se bem me recordo, foste tu que revelaste tudo a ele. Eu nada disse, não é verdade? – falou, lembrando-se da promessa que fizera a Caroline.

– De fato. Asseguro-te, contudo, minha mãe, que queria evitar que ele soubesse apenas no intuito de não lhe causar maiores preocupações.

– Muito justo. Teu pai não está bem de saúde e tenho suplicado a ele repetidas vezes que se deixe examinar por um médico, mas Étienne é categórico. Diz que não tem nada e que me aflijo inutilmente.

Lembrando-se do assunto em pauta, a senhora tornou:

– Agora, então, exijo que me contes a verdade.

E o filho relatou à sua mãe o encontro de Caroline com o duque, a visita deste a seu palácio e que faria tudo para impedir qualquer tipo de relacionamento. E concluiu:

– Não foi por outra razão que fizemos esta viagem, mas tão somente para afastar um do outro.

A condessa Adèle estava preocupada:

– Mas, pelo que a própria Caroline me contou, ela aguarda notícias do cavalheiro em questão.

– Sim, naturalmente. Tive que lhe dizer, para convencê-la a vir, que daria este endereço para que o duque pudesse nos visitar, se assim o desejasse. Evidentemente isso não aconteceu, pois, os criados têm ordens de dizer que não sabem nosso paradeiro.

– Compreendo... e acreditas que com isso resolverás o problema?

– Tenho certeza que sim, *ma mère*. Além disso, Caroline é muito jovem e esse é um entusiasmo passageiro. Coisa de criança.

A velha senhora suspirou e nada disse. No fundo, ela não tinha a mesma certeza do filho. Caroline fora muito clara quanto a seus sentimentos e temia que a neta sofresse.

Ela ficara órfã tão cedo, quando era apenas um bebê rosado e risonho. Na época, ela, Adèle, estava gravemente enferma e então a pequena, que gostaria tivesse ficado a seu lado, foi para o lar de Gérard, seu outro filho.

Distante da neta, porque sua nora fazia questão absoluta de residir na Corte, Adèle sentira falta de vê-la crescer. Lembrava-lhe muito seu infeliz filho e era tudo o que lhe restara dele.

Não queria vê-la sofrer mais. Além disso, não tinha certeza se seria feliz com Gaston. Eram tão diferentes! Nestes poucos dias de convivência mais direta, já dera para perceber como eram dessemelhantes.

Lembrando-se do neto, Adèle não pôde deixar de sentir uma certa repulsa. Engraçado! Por que será que Gaston lhe causava sensações tão descontraídas? Amava-o, estava certa disso. Era seu neto, o primogênito e continuador da sua estirpe, pois o outro filho não tivera varão, apenas a menina, Caroline. Não obstante isso, sentia um misto de atração e repulsão ao mesmo tempo, como se dentro dela existissem duas vontades se digladiando.

A presença do rapaz a desconcertava, deixando-a irritada e descontente. Lutando contra esses sentimentos, Adèle rezava aos céus suplicando a Deus a amparasse, pois não entendia o que lhe ia na alma.

Muitas vezes chorava, culpando-se por não conseguir amar o único neto como seria do seu desejo; e um grande sentimento de culpa instalava-se no íntimo.

## Capítulo VI. O antigo mosteiro

A manhã clara e ensolarada era um convite ao passeio. Cheios de júbilo, os jovens saíram pelos arredores para visitar determinado local cuja beleza natural era muito apreciada.

Acomodaram-se na carruagem e munidos de apetitoso farnel que lhes preparara a cozinheira do castelo, partiram sob intensa animação.

A estrada era aprazível, sombreada por grandes árvores que formavam como que um cortejo à passagem deles.

O rio surgiu, tranquilo em seu curso. O Oise possuía locais agradáveis em suas margens. Os jovens pararam, abandonando o conforto da carruagem, para caminhar, aproveitando a bela paisagem que se descortinava a seus olhos.

Ali mesmo fizeram a refeição, que constava de galinha fria, queijo, pão, um delicioso bolo e um odre de excelente vinho, além de frutas silvestres que colheram pelas imediações.

Após o almoço resolveram repousar um pouco, vencidos pela modorra. Caroline, porém, irrequieta, não quis descansar.

Sem ter o que fazer, saiu a caminhar pelos arredores e, a certa altura do passeio, viu um caminho, meio tomado pelo mato.

Cheia de curiosidade, resolveu seguir por ele. Estava quase completamente escondido pela vegetação e, pelo aspecto, não estava sendo usado havia muito tempo.

Não se deu conta de que se afastara muito dos outros membros do grupo, que, acordados e não a encontrando, ficariam certamente preocupados.

Caminhando sem parar, após uma curva e em certa elevação do terreno, vislumbrou ao longe umas ruínas, quase que totalmente encobertas pelas árvores, conquanto no alto da colina.

De repente, foi como se algo se rompesse dentro dela. Sentiu-se poderosamente atraída para aquele local.

Intimamente, percebeu que já conhecia o lugar, que lhe era familiar. Sem se dar conta do que fazia, começou a correr em direção às ruínas. A ansiedade era tanta que não notou que, como o caminho não era utilizado havia muito tempo, o mato tomara conta dele, invadindo-o com suas ramagens, e que ela, a correr, feria-se na pressa de chegar.

Ao aproximar-se das ruínas, que lhe pareceram muito antigas, notou que deveriam ter sido outrora um monastério. Uma parte das muralhas ainda existia, tomada pela vegetação. Ao ver as sombrias paredes, sentiu-se fraquejar.

O coração batia descompassado e ligeiro; as mãos ficaram gélidas e úmidas e as pernas lhe tremeram.

Andando ao redor do edifício, encontrou o que seriam os restos de um grande portão, que já não existia.

Enferrujada e suja, encontrou uma velha sineta que, com certeza, fora muito utilizada.

Puxou a pequena corda desgastada pelo tempo e a sineta, não obstante o tempo decorrido, soou lugubrememente naquele local deserto.

Ao som do metal, que repercutiu pelos escombros de forma aterradora e macabra, Caroline sentiu que esse som era como que uma profanação no silêncio sepulcral que dominava tudo.

Nesse instante, um medo atroz a envolveu, como se outras criaturas ali estivessem, atendendo ao chamado da sineta que soara.

Viu sombras que deslizavam e pareceu-lhe que já não estava sozinha. Cheia de terror, tentou correr, mas as pernas fraquejaram. Soltou um grito estridente e tombou por terra, desfalecida.

Quanto tempo ali ficara entregue a si mesma? Não saberia precisar.

Em dado momento, sentiu que despertava. Olhou em torno e não mais viu as ruínas, mas um monastério em que a vida estuava.

Viu monjas que, entregues a seus labores, transitavam por todo o convento. Os lajedos limpos e asseados; os jardins e a horta bem cuidados; a capela, onde as imagens iluminadas pela luz de velas pareciam vivas.

Andando pelos corredores, sentiu-se oprimida por forte angústia. As monjas que passavam a reverenciavam e Caroline sentia que realmente vivia ali, e que tinha um cargo importante.

De súbito, viu criaturas horrendas que a ameaçavam, acusando-a de muitos malefícios. Fugiu, sob terrível pavor, tentando esconder-se da malta que a perseguia.

Não sabendo o que fazia, cada vez mais internava-se por lugares sombrios e desertos. Até que, chegando a determinado corredor, parou defronte a uma porta. Empurrou-a, como se soubesse onde estava, escondendo-se de seus perseguidores.

Ao examinar, porém, o local onde penetrara, sentiu-se enlouquecer de desespero, pois se recordou de que já estivera presa naquele calabouço e que tivera morte horrível entre aquelas paredes.

Ouviu gargalhadas do grupo satânico que a perseguia e compreendeu tardiamente que estava exatamente onde eles queriam que estivesse.

A terrível sensação de asfixia que a acometia quando de suas crises, dominou-a novamente e, sob dolorosa crise convulsiva, seu corpo contorceu-se sem que pudesse receber socorro.

\*\*\*

Ao despertar, aflitos, os outros componentes do grupo percebemos que Caroline desaparecera.

Inquietos, procuramos nas imediações acreditando que se afastara para breve caminhada. O tempo passava, contudo, e nada de Caroline regressar.

Dividimo-nos em grupos de dois, e cada qual tomou uma direção diferente, combinando retornar após uma hora.

Apesar das buscas cuidadosas, não encontramos minha prima. Sentados, exaustos e cheios de apreensão, nos perguntávamos o que teria acontecido. As jovens choravam de medo e os rapazes acusavam profundo nervosismo.

Cheio de preocupação falei, dirigindo-me aos companheiros:

– Não adianta perdermos a cabeça. Precisamos comunicar o fato à nossa família. Proponho que dois de nós fiquem aqui, para o caso de Caroline aparecer, e o resto irá comigo de retorno, para notificarmos nossas famílias e levarmos as damas, que estão extremamente nervosas. Voltaremos com um grupo maior para prosseguirmos nas buscas. Que achais?

Todos concordaram com o alvitre e, imediatamente, iniciamos o percurso de volta. Agora não mais passeando e nos divertindo, mas exigindo o máximo dos cavalos que galopavam a toda brida.

Notificados do desaparecimento de Caroline, imediatamente meu avô, senhor do castelo, convocou um grupo de homens de sua inteira confiança para as buscas. Muniram-se de archotes, pois a tarde se adiantava, e partiram a galope. A carruagem iria mais devagar, conduzida por um servo da casa, para transportar Caroline.

Angustiado, mantive-me calado durante todo o percurso. Intimamente, temia que minha amada, andando pelas margens do Oise, tivesse escorregado, perdendo o equilíbrio e houvesse sido tragada pelas águas. Caroline não sabia nadar e, se tivesse caído no rio, morreria na certa.

Chegando ao local do encontro, fomos informados de que Caroline não retornara. Reiniciamos as buscas, agora com mais possibilidades de encontrá-la, pois o grupo era bem maior.

Espalhamo-nos novamente pela mata. Alguns percorreram as margens do rio, temendo exatamente que tivesse acontecido o que eu não queria admitir:

que tivesse caído nas águas e se afogado.

Durante toda a noite, percorremos palmo a palmo a região, numa procura contínua e frenética. Tudo em vão, porém.

Quando as primeiras claridades da manhã surgiram anunciando um novo dia, reunimo-nos no local marcado como referência.

Exaustos, sujos e com as vestes em frangalhos, chegamos à conclusão de que tudo fora inútil. Ela não teria ido muito longe e já havíamos palmilhado todo o terreno das imediações.

Contudo, um dos rapazes, Renan, inconformado, resolveu dar uma última busca, agora que a claridade do dia surgia facilitando a visão.

Encontrou, por acaso, escondido entre as densas ramagens da vegetação, um caminho. Resolveu seguir por ele e, ao longe, avistou as ruínas. Algo lhe dizia que encontraria a prima.

Agora, com o trabalho facilitado cada vez mais pelas claridades do dia, aproximou-se das antigas paredes, curioso e intrigado. Contornando o que fora um antigo convento, encontrou, caída entre as pedras, a jovem tão procurada.

Abaixou-se e respirou aliviado, percebendo que ela estava apenas adormecida. Chamou-a repetidas vezes até que ela pareceu voltar a si.

– Caroline!...

– Ah! És tu Renan? O que se passa? Que lugar é este?

– Calma, Caroline. Fica tranquila, tudo está bem. Depois conversaremos. Agora, é preciso comunicar aos outros que te encontrei. Podes caminhar?

Auxiliada por Renan, Caroline pôs-se de pé, mas as pernas dobraram-se.

O rapaz, que era robusto e forte, acalmou-a:

– Não te preocupes. Levar-te-ei nos braços.

E, assim dizendo, tomou-a no colo, retornando por onde tinha vindo.

Foi com profundo espanto e inenarrável alívio que o grupo reunido e já sem esperanças viu os dois chegarem. Eu, especialmente, entregue ao desespero, não conseguia conter o pranto.

Renan estava exausto, mas sua fisionomia demonstrava a satisfação que sentia por ter conseguido encontrar Caroline.

Sob intensa emoção, foram recebidos por todos, que os abraçaram, cumprimentando o rapaz pela façanha.

Todos queriam falar ao mesmo tempo, indagações explodiam de todos os lados, queriam saber onde ela estava e como fora encontrada.

– Antes de mais nada – ponderou meu avô – acomodemos minha neta na carruagem, pois está muito fraca, e depois conversaremos sobre os detalhes. Lá em casa teremos tempo para saber de tudo.

Assim, satisfeitos e aliviados, retornamos ao castelo. Enquanto Caroline recebia as atenções de um facultativo especialmente chamado, comemoramos o desfecho feliz que o acontecimento tivera, enquanto meu primo Renan relatava a todos como a encontrara caída entre as pedras do convento.

– Nas ruínas?!... Como ela chegou até lá? E por quê? – questionou o avô, perplexo.

– Não sei, senhor. Saberemos quando Caroline puder prestar outras informações.

– É verdade. Não deixa, contudo, de ser muito estranho... muito estranho...

\*\*\*

Na penumbra do quarto o silêncio era total, quase palpável.

Entre as cobertas do leito, Caroline repousava entregue a si mesma.

Causava infinita preocupação aos familiares dedicados e amorosos, que, com inquietação, acompanhavam a sua convalescença.

Desde que fora encontrada e trazida para o castelo de Montmorency, mantinha silêncio e ninguém sabia o que ocorrera naquele dia. Parecia fora de si mesma, ausente, como se em estado de choque.

O médico chamado às pressas afirmara que o estado dela era muito delicado, recomendando repouso e tranquilidade.

Apreensivo, e confiando mais no médico que a assistia desde criança, meu pai mandou buscá-lo em Paris, explicando numa carta o que acontecera e suplicando sua presença com urgência.

Ao chegar, o facultativo foi imediatamente conduzido aos aposentos da enferma. Conhecendo-a de longa data, sabendo dos seus problemas e das crises a que estava sujeita, o doutor teria condições de melhor poder ajudar.

Examinou-a com expressão grave. Após, indagou do tutor:

– O que aconteceu realmente, Senhor Conde?

– Não sabemos, a não ser o que relatei ao Senhor por carta. Caroline nada diz, mantendo um mutismo permanente.

– Deixa-nos a sós por alguns minutos.

A seu pedido, os familiares saíram do quarto, fechando a porta.

O médico observou o ambiente a seu redor. Viu as janelas e as cortinas cerradas. Levantou-se, puxou as cortinas e abriu as janelas. Uma lufada de ar fresco entrou no aposento. No mesmo instante, um perfume de flores inundou o ambiente, vindo do jardim. O sol da manhã iluminou todas as coisas.

O cavalheiro aspirou o ar fresco com satisfação. Voltou-se e olhou Caroline, que continuava alheia a tudo.

– Como estás te sentindo? Agora está bem melhor, não te parece? A escuridão é opressiva e não faz bem.

Caroline continuou calada. O médico sentou-se, puxando uma cadeira para perto do leito.

– Queres conversar comigo? É preciso que saias desse estado de prostração, minha filha.

A jovem continuou muda. O médico continuou:

– Não estás doente do corpo; gozas de excelente saúde física. Estás doente da alma. Algo aconteceu que te impressionou muito. Queres contar-me o que houve?

A jovem pestanejou e não disse nada.

– Bem – disse o médico –, muitas vezes só obtemos a cura de um certo problema repetindo a experiência. Creio que não nos resta alternativa senão

reconduzir-te àquele local...

Uma expressão de medo estampou-se no semblante de Caroline e de seus lábios saiu um grito:

– Não!... – desatando em choro convulsivo.

Atingindo seu objetivo, o facultativo suspirou aliviado e sorriu tranquilizando-a.

– Não temas, minha menina. Nada de mal te acontecerá. Queres contar-me agora o que tanto te impressionou?

Penalizado, o doutor avaliou a grave crise emocional com que sua paciente se debatia. Examinou-a novamente. O coração disparara, um suor gelado escorria da fronte. Caroline esfregou as mãos nervosamente, afinal, com dificuldade, meneou a cabeça:

– Não.

O médico considerou que já tinha conseguido muito para uma primeira abordagem e que não deveria pressioná-la mais. O importante é que reagira.

– Está bem, Caroline. Calma. Não tem importância. Quando estiveres pronta para falar sobre o assunto, comunica-me. Sabes que sou teu amigo e que estou aqui para ajudar-te. Agora, repousa, procurando não pensar naquilo que te preocupa. Voltarei para ver-te.

Fez uma pausa, abriu a maleta e, tomando nas mãos um frasquinho com um líquido cor de âmbar, ordenou:

– Bebe algumas gotas deste calmante e te sentirás bem melhor.

Em seguida, saindo do aposento, o médico reuniu a família na biblioteca notificando:

– O estado da paciente é muito delicado. Algo ocorreu que não sabemos e que a impressionou profundamente. É necessário o maior cuidado para não lhe agravar as condições.

– O que pode acontecer, doutor? – perguntou nossa mãe.

– Pode perder a razão para sempre. Já vi muitos casos assim. Caroline encontra-se num estado intermediário entre a razão e a loucura e qualquer descuido poderá ser de consequências imprevisíveis. As crises que a acometem são o atestado do que afirmo.

A família, consternada, não sabia o que dizer. Sumamente aflito, perguntei:

– O que podemos fazer, senhor?

– Bem, deveis tratá-la com muito carinho, envolvendo-a em paz, de forma que, sentindo-se segura, vá se tranquilizando aos poucos. Conversai sobre assuntos triviais, alegres e otimistas. Evitai chocá-la com descrições e assuntos tristes e depressivos. Deve sair para passear, tomar sol e andar ao ar livre, assim que tiver condições. E, sobretudo, não faleis naquele dia quando tudo aconteceu. Consegui romper a barreira que nos separava dela. Falou comigo.

– Falou? – perguntou a avó, surpresa.

– Sim, Condessa.

– E o que disse? – indaguei.

– Nada. Ou melhor, quase nada. Não quer falar sobre o assunto. É só. Portanto, não deveis insistir. Quando Caroline estiver pronta e com menos medo, falará espontaneamente. Entendeis?

Assentimos com um gesto de cabeça.

Após uma pausa, o médico concluiu:

– Então, vamos lutar e torcer para que tudo se normalize o mais rapidamente possível. E, se souberdes rezar, rezai. Só Deus pode nos ajudar.

## Capítulo VII. Retorno a Paris

Com o passar dos dias, o estado de Caroline apresentou sensíveis melhoras.

No início, recusava-se a sair e passear nas imediações do castelo. Depois, aceitava os passeios, com relutância, sem interesse ou disposição. Em poucos dias, porém, suas condições eram outras, como resultado dos exercícios diários. Suas belas cores voltaram, mostrou mais apetite e disposição de ânimo. Continuava, contudo, a manter-se esquiva e calada.

Quando nossos pais, por motivos de negócios, tiveram que retornar a Paris, o médico, consultado, desaconselhou levarem a menina, cuja convalescença transcorria tão bem.

Os avós, apegados à neta, fizeram suas as palavras do facultativo e Caroline permaneceu junto deles mais uma temporada, acompanhada por mim, que não quisera afastar-me da prometida.

A verdade é que Caroline gostaria de regressar ao lar também, mas recomendações médicas obstavam seu desejo e resignou-se à vontade da maioria.

Renan ia vê-la todos os dias e passavam horas agradáveis conversando, não obstante minha antipatia pelo primo da província.

No castelo de Montmorency os dias transcorriam amenos e calmos, sob os cuidados da avó prestimosa e do avô Étienne, que nutria especial carinho pela única neta.

As funestas consequências daquele desaparecimento de Caroline já estavam quase esquecidas quando, certo dia, estando a repousar reclinada numa poltrona, ao lado da avó Adèle, a jovem suspirou profundamente.

A velha dama sorriu e indagou, serena:

– Garanto que este suspiro se deve a problemas de amor...

– Enganas-te, vovó. Lembrava-me daquele dia em que me perdi no bosque.

Surpresa, pois a neta nunca se referira ao fato, a senhora aduziu:

– Ah!... se te faz mal falar sobre isso, minha querida, não o faças.

– Não, vovó. Estou bem agora e muito mais forte. Creio que poderia até relatar o que aconteceu. Estarias disposta a ouvir-me?

– Certamente, querida Caroline. Não te excedas, porém. Em qualquer ponto da narrativa, se não te sentires bem, podes interrompê-la.

A jovem agradeceu com um sorriso carinhoso.

– Obrigada, vovó Adèle. Antes, porém, dize-me: a senhora crê em fantasmas?

A dama pensou um pouco e respondeu, pausadamente:

– Bem, Caroline. Desde a minha infância, ouço histórias de fantasmas e de seres do outro mundo, mas nunca vi nenhum; por isso não posso assegurar-te que eles existam, conquanto muitas pessoas idôneas jurem já tê-los visto. Mas, por que perguntas?

– Sabê-lo-ás logo. Deixa-me, porém, começar do princípio. Fez uma pausa como se estivesse procurando lembrar-se com nitidez dos fatos e

iniciou:

– Os companheiros de excursão repousavam após o almoço e o cansaço os fez adormecer. Como não tivesse sono...

Caroline relatou à avó tudo o que acontecera naquele dia. O caminho encontrado entre a ramaria, as ruínas do monastério e o que se seguiu depois: as visões dos fantasmas que deslizavam entre as pedras e o susto que levou. Fez uma pausa e concluiu:

– Devo ter desmaiado de medo e só despertei no outro dia ao chamado de Renan.

A velha senhora estava impressionada com o acontecido e remexia-se na cadeira, incomodada.

– Pobre da minha netinha! Passaste por maus momentos e não admira que tivesses ficado em estado de choque.

– É verdade, vovó. Foram momentos muito difíceis para mim. E o mais interessante é que sinto que já vivi naquele lugar; reconheci pessoas e andei pelos corredores como se me fossem extremamente familiares.

A senhora remexeu-se ainda mais, inquieta.

– Com certeza estás enganada. Isso é impossível! Ninguém volta à Terra. Temos uma só vida, sabes disso.

– Não sei, vovó. As impressões foram tão fortes e tão nítidas! Não posso estar enganada. “Sinto” que já vivi ali, entre aquelas paredes; e só de pensar nisso arrepios percorrem-me o corpo.

A velha fez o sinal-da-cruz.

– Cruz credo! Isso é coisa do demônio. Não penses mais nisso. Vamos rezar.

Demonstrando profundo receio, com as mãos trêmulas, a boa senhora apanhou o rosário que sempre mantinha nas algibeiras, ao alcance da mão, ajoelhou-se, obrigando Caroline a fazer o mesmo e puseram-se a rezar.

O que Caroline não relatara à avozinha, respeitando o medo que a senhora demonstrara, era que muitas vezes ela via aqueles mesmos seres que tanto a apavoravam ali mesmo, no castelo. Andando pelos corredores, ouvindo conversas, ou simplesmente deslizando como sombras. Alguns a acusavam de crimes hediondos, ameaçando-a; outros a reverenciavam, submissos; e outros, ainda, pediam ajuda.

Nesses momentos, um profundo pavor instalava-se no íntimo e não tinha a quem recorrer, sofrendo calada, pois percebera que somente ela possuía a condição de vê-los.

Certa vez perguntou a outras pessoas presentes a uma reunião quem era o eclesiástico que chegara ao castelo. Como ninguém o tivesse visto, ela descreveu as feições do religioso, suas vestes, o enorme anel que trazia no dedo anular da mão direita.

Riram-se dela e alguém acrescentou, divertindo-se:

– Tu deliras, por certo. Evita de relatar isso a outras pessoas, pois poderás ser considerada como herege!

Depois desse episódio, nunca mais disse nada.

A partir desse dia, porém, todas as tardes, à mesma hora, entregavam-se às devoções religiosas, para desespero de Caroline.

O hábito foi benéfico para a jovem, conquanto não nutrisse especial interesse pela religião e ser pouco dada às orações, pois obrigou-a a pensar em Deus, embora contra a sua vontade.

E as rezas vespertinas, “para conjurar e afastar os demônios”, como afirmava minha avó, tiveram por efeito tranquilizar e dar mais paz a Caroline.

Além disso, minha avó providenciara que o padre, capelão de Montmorency, rezasse missas em benefício de sua neta.

Caroline sentia-se, porém, entediada na solidão do castelo, recebendo apenas as visitas de Renan, jovem atraente e simpático, mas profundamente provinciano, por cuja conversa ela não tinha interesse algum. Desconhecendo a vida da Corte, o jovem Renan só sabia falar de caças, armadilhas, cavalos e do campo.

Um dia, em que Caroline demonstrava estar mais entediada do que costume, sua criada de quarto, que a observava de longe, aproximou-se indecisa.

Caroline, debruçada no parapeito do terraço, em seus aposentos, tamborilava os dedos, impaciente. Os olhos exprimiam uma tristeza e um enfado nunca vistos. Suspirou, profundamente desalentada, enquanto duas lágrimas correram-lhe pela face.

A criada, incosequente e palradora, falou penalizada:

– Ah! *Mademoiselle*, como gostaria de poder ajudar. Vejo tanta tristeza em teus olhos e não sei o que posso fazer.

– Agradeço-te, minha boa Lisa, mas ninguém pode me ajudar. Sinto-me enlouquecer aqui nestes ermos. Meu coração sangra e vou definhar de preocupação.

– Será por causa daquele cavalheiro elegante e belo que foi visitar-te no palácio de Paris?

– Sim, Lisa. Meu coração não pode estar enganado. Sinto que ele também me ama; não obstante, não sei como interpretar seu silêncio. Reconheço que sou comprometida com Gaston, mas tenho esperanças de modificar meu futuro. Se ao menos eu tivesse notícias dele...

A jovem aia baixou os olhos, perturbada, enquanto torcia as mãos nervosamente. Ao ver a agitação da criada, Caroline indagou:

– O que se passa contigo, Lisa? Dar-se-á que saibas algo que não me contaste?

– Perdão, *Mademoiselle*, não imaginava que fosse tão importante assim.

Com voz autoritária Caroline ordenou:

– Fala!

– Recebemos ordens de não tocar no nome do referido senhor.

– Ah!... Ele voltou a procurar-me? – interrogou, surpresa.

– Onde? – perguntou a criada, em dúvida.

– Em Paris.

– Sim, senhorita. Várias vezes. As ordens foram para não dizer onde estavas. Acho mesmo que esta viagem imprevista foi feita com a finalidade de afastar-te dele – arriscou-se a comentar a criada.

– Ah! Pensas isso?

– Tudo leva a crer, senhorita.

– Bem, quem deu as ordens?

– O Conde de Vernon, teu pai. E *Monsieur* Gaston, naturalmente.

– Ah!...

Sob violenta emoção, Caroline controlava-se com dificuldade.

– E tem mais, senhorita... – continuou a aia, resolvendo que era melhor dizer tudo, já que havia começado.

– Dize.

– O referido senhor foi visto aqui, rondando pelas imediações. Provavelmente procurava ver a minha senhora. Depois, desapareceu e ninguém mais o viu por estas bandas.

No coração de Caroline um ódio muito grande pelo pai adotivo e por mim foi se desenvolvendo. Calada, parecia meditar. Olhos enxutos, vermelhos, boca cerrada, denunciando concentração interior. Ela pensava, repassando todos os fatos.

Ingênua que fora. Confiara neles e a traíram. O pobre duque deveria ter buscado em vão as razões do seu desaparecimento e o destino que tivera. Amava-a, por certo; caso contrário, não buscaria avistar-se com ela com tanta insistência. Isso, porém, não ficaria assim. Não poderiam manipular

sua vida e decidir seu futuro. Não permitiria. Sempre fora dócil, submissa, acatando todas as vontades. Agora, porém, era diferente. Não dependia de ninguém, tinha sua própria fortuna, um título, e seria independente.

Sua pouca idade iria dificultar, disso não tinha a menor dúvida, uma vez que tinha quinze anos somente. Contudo, não se deixaria dominar. Tomaria uma atitude.

Despediu a criada e passou o resto do dia e da noite a decidir o que fazer.

Na manhã seguinte já tinha tudo programado.

Levantou-se e, impassível, comunicou aos avós que pretendia retornar a Paris nesse mesmo dia.

– Minha querida, mas tão de repente? Ainda estás em convalescença! – ponderou a avó Adèle.

Com ligeiro sorriso, Caroline afirmou:

– Estou ótima, vovó. Sinto-me completamente curada e há tempo demasiado estou longe de casa. Pretendo viajar ainda hoje.

Assim dizendo, virou-se para o dono da casa, decidida:

– Com sua permissão, vovô, já mandei preparar a carruagem e a criada está arrumando minhas bagagens.

Entrando na sala, eu acompanhava o diálogo sem emitir palavra. Afinal, interrompi, demonstrando minha estranheza:

– Caroline, decidiste retornar sem me consultar. Já pensaste que talvez eu tenha outros planos e queira ficar?

Com trejeito muito seu, ela retrucou friamente:

– Compreendo teu desagrado, meu querido Gaston, e creio que tens razão em ficar agastado comigo. Deves, contudo, fazer o que mais te convier. Se pretendes ficar, fica. Nada te impede. Eu, porém, quero voltar a Paris e minha decisão é inabalável. Não te preocupes comigo. Os criados irão junto e Renan, por certo, não terá dificuldades em fazer-me companhia.

Sem outra saída, concordei, mordendo os lábios. E, após os preparativos de praxe, pusemo-nos a caminho.

O casal de velhos ficou a acenar, vendo a carruagem sumir na estrada envolta numa nuvem de poeira. Prometeram, contudo, que, quando fosse possível, iriam visitar-nos na Corte.

A nossa chegada causou enorme surpresa, uma vez que não éramos esperados. Fomos recebidos com muita alegria, pois nossos pais já estavam saudosos. Annette abraçou-nos, seus filhos pelo coração, com os olhos úmidos de pranto. Soubera da enfermidade de Caroline e fitou-a com ar crítico:

– Estás mais magra, *ma chérie*.

– Sim, Annette. Estive enferma e tenho muitas coisas para te contar.

– Teremos tempo, minha menina – falou com carinho.

– É verdade. Procura-me depois em meus aposentos. Preciso muito conversar contigo.

Dentro de Caroline rugia uma tempestade. Ao rever o pai adotivo lembrou-se do que ele fizera, e toda a revolta que sentira retornou com força.

Adentrou seus aposentos, fechando a porta. Queria ficar só. Ali, mergulhou em pensamentos doentios e malfazejos; revoltada, sentia-se tolhida em seus mais caros ideais de mulher.

Pouco a pouco, deixava-se enredar por companheiros vingativos de antanho que apenas desejavam sua perda.

Ao entrar, Annette encontrou-a entregue a si mesma e ficou apreensiva, sentindo o ambiente deletério.

Ao vê-la, a jovem pulou do leito agarrando-lhe as mãos com impaciência, denotando profunda ansiedade na voz alterada:

– Ah! querida Annette, que falta me tens feito.

Colocando a mão sobre a cabeça da jovem, a ama acariciou-lhe os cabelos, dizendo com serenidade:

– Acalma-te, minha menina. Estás em casa e tudo ficará bem. Não te inquietes. Sabes que não é bom para tua saúde.

Com agitação febril, porém, Caroline inquiriu:

– Sim, sim, minha boa Annette, tens razão. Dize-me, contudo, o que tenho urgência de saber. Conta-me tudo o que aconteceu aqui na minha ausência.

– Tudo o quê?

– É verdade que “ele” esteve aqui?

Fitando-a demoradamente, Annette intimamente não sabia o que fazer. Deveria contar toda a verdade? Logo ao adentrar o aposento, percebera as condições da sua menina. Por outro lado, repugnava-lhe utilizar-se da

mentira, e talvez o conhecimento dos fatos pudesse fazê-la retornar à realidade.

Ouviu a voz de Caroline que lhe dizia:

– Não queres responder à minha pergunta?

– Ao contrário, *ma chérie*. Acho que deves saber de tudo. Respondo à tua pergunta. Sim, o duque de Alcalá esteve aqui várias vezes. Tínhamos ordens de dizer que não estavas, o que não era destituído de verdade.

– Conversaste com ele?

– A princípio, não. Contudo, diversas vezes o vi pela janela enquanto se afastava, desanimado. Depois, desapareceu, retornando após alguns dias.

– Com certeza foi quando o viram lá pelas imediações do castelo de Montmorency – murmurou mais para si mesma.

– O que disseste?

– Nada de importante. Prossegue.

A ama fez uma pausa como se estivesse procurando se lembrar dos fatos e continuou:

– Certa feita, estava no jardim a colher algumas flores, quando percebi o duque se aproximar. Gentilmente falou comigo solicitando informações. Ao vê-lo, profunda simpatia envolveu-me; seu porte elegante, a delicadeza do trato, cativaram-me. Mas, sobretudo, o olhar sereno e a voz agradável convenceram-me de que era uma pessoa boa. Após algum tempo, conversávamos sentados num banco à sombra de uma árvore como velhos amigos. Apesar de ser aristocrata da mais nobre estirpe, dispensou o

protocolo, tratando a mim, uma serva, como sua igual. Falou-me que tinha urgência de retornar a seu país e solicitou-me, encarecidamente, que lhe prestasse um favor, que não pude recusar.

Caroline, que com os olhos úmidos de emoção ouvia a narrativa da velha ama, perguntou com ansiedade:

– Dize, que favor?

Procurando na algibeira, a serva retirou das dobras da roupa um envelope e, suspirando, deu-o à jovem.

– Suplicou-me entregar isto apenas em tuas mãos.

Com o coração aos saltos, Caroline tomou a correspondência das mãos de Annette abrindo-a, aflita.

Reconheceu o papel elegante, encimado com o brasão dos duques de Alcalá, a letra longa e fina. Leu:

*Cara Mademoiselle Caroline.*

É com profundo pesar que devo retornar à Espanha, finda a missão em território francês.

Malgrado todos os esforços empreendidos, não logrei a honra e o prazer de rever-te.

Foi melhor assim. O sentimento que nutro pela senhorita poderia aumentar muito e a separação seria infinitamente mais dolorosa.

Percebendo uma barreira a nos separar, que só um cego não notaria, utilizei os recursos à minha disposição para obter informações.

Minhas esperanças terminaram ao ser informado de que já és comprometida com o conde Gaston, teu primo.

Nestas circunstâncias, só me resta afastar-me, pois a honra a isso me obriga, conquanto sofra.

Desejo-te toda a felicidade e perdoa se almejei algo mais do que tua amizade.

Colocando-me à tua disposição em qualquer circunstância, despeço-me.

Rodrigo Hernández, Duque de Alcalá.

Terminando de ler, Caroline soltou um grito angustiado e atirou-se no leito em choro convulsivo.

Annette apanhou a carta que caíra ao chão, abandonada, e, após informar-se das palavras que causaram tanta dor à sua menina, procurou consolá-la.

– Chora, *ma chérie*. Sei que será difícil suportares esta dor; ela, porém, te é necessária. Tens um destino a cumprir. Teu compromisso com o nosso Gaston, que também amo como a um filho, é a prova disso. Resigna-te ao que não podes evitar. Aceita os desígnios de Deus e agradece teres encontrado alguém como o duque Rodrigo Hernández, em quem o sentimento do dever e da honra falam mais alto que os caprichos do momento. Com essa atitude, ele te mostra como também deves agir.

Fez uma pausa e, analisando o efeito de suas palavras sobre o temperamento vibrátil de Caroline, prosseguiu:

– Vamos, acalma-te. A vida é bela e tens todo um futuro à tua frente, futuro que promete ser radioso pois nada te falta. Tens beleza, saúde,

riqueza, uma família amorosa e um noivo dedicado. Esquece essas quimeras e reajusta-te à tua realidade.

Annette permaneceu ao lado de Caroline até perceber que os soluços cessaram e que ela, exausta, adormecera. Correu as cortinas e o quarto mergulhou na penumbra.

## Capítulo VIII. O enlace

A partir desse dia, Caroline passou a demonstrar inquietante desalento. Desinteressara-se por tudo. Nem mesmo com a vida social agitada, os convites para bailes e passeios se importava mais.

A par desse desinteresse, um depauperamento físico paulatino e constante começou a ocorrer.

Preocupados, não atinávamos com o motivo dessa atitude de Caroline perante a vida. Nem de longe suspeitávamos que tivesse relação com o entusiasmo que demonstrara pelo duque de Alcalá, que considerávamos passageiro e extinto, uma vez que ela nunca mais tocou no assunto.

Com o coração apertado, via Caroline definhando sem poder algo fazer em seu benefício.

Veza por outra a surpreendia chorando e, ao inquirir a razão dessas lágrimas, ela me respondia invariavelmente:

– Não é nada, Gaston. Estou um pouco melancólica hoje. É só.

– Mas, minha querida, percebo que sofres e angustio-me sem conhecer o motivo da tua tristeza. Não confias mais em mim?

Com sorriso algo constrangido, ela retrucava:

– Não se trata disso, Gaston. Sabes que sempre fui uma pessoa difícil. Sou sujeita a crises e depressões que não ignoras. A verdade é que nem eu mesma sei a razão da minha tristeza. Porém, não te inquietes. Isso passará logo.

E, procurando mudar o rumo da conversa, perguntava-me como iam meus estudos, demonstrando algum interesse.

Satisfeito, punha-me a discorrer sobre as últimas obras recebidas e as novidades que lera. Contudo, ao fitá-la, notava que já estava distante novamente, entregue a seu mundo íntimo, e tinha certeza, então, de que minha noiva não tinha ouvido uma única palavra do que eu dissera.

Desanimado, afastava-me, convencido de que ela nem sequer notaria minha ausência. Nessas ocasiões, gastava horas buscando lembrar tudo o que acontecera nas últimas semanas, no intuito de descobrir a razão das desditas dela, certo de que algo de muito grave havia ocorrido que justificasse tal comportamento da minha prometida.

No entanto, notava apreensivo, observando-a à distância, que seu estado geral piorava a cada dia. Alimentava-se insuficientemente e não saía mais para os longos e agradáveis passeios em minha companhia, como outrora. Vivia pelos cantos suspirando, o olhar perdido ao longe.

O que eu não sabia é que Caroline sofria por amar. Afastando o estrangeiro, que representava perigo para mim, julguei ter solucionado o problema, sem sequer suspeitar fosse esse o motivo da sua tristeza.

A verdade é que Caroline, ralada de angústia, sofria inconformação e revolta. E, deixando-se cada vez mais envolver por esses sentimentos, mantinha o pensamento em faixas inferiores de vibração, credenciando-se com isso ao assédio mais intenso dos companheiros vingativos do passado.

Desse conúbio psíquico prenunciava-se uma perturbação de grande porte, com difícil solução para seu espírito rebelde e indisciplinado.

Conquanto possuísse qualidades morais, pois era boa e afável, seu espírito era fraco e orgulhoso; voluntariosa, não admitia ser contrariada, uma vez que sempre lhe fizéramos todas as vontades.

Se tivesse sido mais ponderada e racional, as palavras de Annette teriam calado fundo em seu coração, desviando a tempestade que se aproximava.

Dando, porém, livre curso às suas más inclinações, Caroline cada vez mais aceitava as sugestões daqueles que só desejavam a sua queda.

Reunimos a família para dialogar e decidir qual a melhor atitude a ser tomada. Meus avós, informados do estado de Caroline, deixaram sua propriedade no campo para dar-nos o apoio de que tanto necessitávamos.

A chegada deles foi coroada de muita alegria. Raramente deixavam sua querida Montmorency e, quando o faziam, a ocasião era realmente muito especial.

A saúde de meu avô piorara sensivelmente, confidenciou-nos minha avó Adèle. Também por isso resolveram vir a Paris, pois meu avô Étienne, aristocrata de velha têmpera, sentia-se já no final da existência e queria rever os familiares tão queridos.

O estado de Caroline, entretanto, causou-lhes infinita preocupação. Aproveitávamos a ausência de minha prima para conversar sobre o assunto, buscando uma solução, sem, todavia, encontrá-la.

Muitos dias assim se passaram desde a chegada dos visitantes, sem que a situação sofresse qualquer alteração.

Certa tarde meu avô sentiu-se mal. Uma dor aguda no peito, seguida de dificuldades respiratórias, deixou-nos ainda mais apreensivos. O médico, chamado às pressas, examinou-o cuidadosamente, em silêncio. Em seguida prescreveu alguns medicamentos.

Meu avô, sorrindo algo contrafeito, interrogou-o:

– Estou realmente mal, meu amigo?

Fechando a maleta, o facultativo respondeu, tranquilizador:

– Nada que um pouco de repouso, algumas gotas e muita serenidade não possam resolver. Sê razoável, Étienne, e não deixes este leito até segunda ordem.

Deixando o aposento do enfermo, contudo, alertou-nos para a seriedade do problema de meu avô, que, segundo ele, sofria de grave lesão cardíaca.

– Infelizmente não está em minhas mãos fazer grande coisa. Nosso amigo poderá partir de um momento para o outro. Não o deixeis sozinho, procurando mantê-lo calmo e fazendo-lhe as vontades.

O diagnóstico do velho médico, que era amigo da família, teve o efeito de uma bomba no espírito frágil de minha avó. Muito ligada ao companheiro de tantos anos, sentiu como se o mundo desabasse sobre sua cabeça.

Reunidos, passamos a meditar sobre o que deveria ser feito.

Adèle, mais refeita do choque, procurando manter as aparências, considerou:

– Creio que o médico tem razão quando diz que deveremos satisfazer todas as vontades do nosso enfermo. Por isso, desejo fazer um pedido ao meu filho Gérard que, tenho certeza, o fará muito feliz.

– Dize, *ma mère*. Tudo o que estiver ao nosso alcance será feito.

A velha condessa pareceu pensar por alguns instantes, pigarreou e disse:

– Meu filho, o sonho do teu pai sempre foi ver os netos casados. Por que não adiantarmos o enlace de Caroline e Gaston, que de qualquer modo se fará um dia, para proporcionar-lhe esta alegria?

Fitando a esposa, surpreso, meu pai considerou:

– Excelente ideia, *ma mère*. Não achas, Claire?

Sem esperar a resposta dela, minha avó continuou:

– Além disso, essa mudança poderá ser benéfica para Caroline. Novos interesses, novas responsabilidades, poderão fazê-la despertar do alheamento em que ora se encontra.

Virando-se para mim e fazendo uma pausa, a velha dama questionou:

– O que pensas disso, Gaston?

Acompanhando o diálogo sob intensa emoção, naturalmente concordei. Afinal, era tudo o que eu mais queria e agora propunham-me antecipar nosso consórcio. Continha a custo minha felicidade.

Resolvido este ponto, pediram-me que fosse buscar Caroline para informá-la da decisão de família.

Encontrei-a caminhando pelo jardim, distante e fria, com uma rosa entre os dedos.

Não adiantei do que se tratava. Pedi apenas que me acompanhasse, pois nossa família estava reunida e tinha uma importante comunicação a fazer.

Seguiu-me silenciosa, sem opor resistência e sem demonstrar curiosidade.

Adentrando a sala onde se realizava o conselho de família, estacou, indecisa. Viu os rostos familiares que externavam expressões fisionômicas diferentes. Intuitivamente percebeu a importância do momento. Algo de muito grave estava ocorrendo e dizia respeito à sua pessoa.

Sentiu leve pressão no braço e virou-se para mim, interrogativamente. Tomando sua mão, depositei um beijo com ardor, enquanto serenava seu espírito:

– Entra, minha querida, e não te preocupes. Tudo vai bem.

Sem dizer uma palavra ela aguardou, de pé, no meio do recinto.

Meu pai ajeitou-se melhor na cadeira, pigarreou e, em seguida, deu-lhe a notícia da decisão que fora tomada:

– Caroline, não ignoras que a saúde de teu avô Étienne é precária e que seu estado geral é delicado.

Ao ouvir referência ao avô, ela demonstrou algum interesse e, interrompendo-o, indagou:

– Meu avô Étienne piorou?

– Não, minha querida, acalma-te. Seu estado de saúde continua inalterado. Não obstante, sabes o quanto ele te estima e como gostaria de ver-te casada com Gaston.

Gérard fez uma pausa, avaliando o efeito de suas palavras sobre a sobrinha. Como ela continuasse a fitá-lo atentamente sem demonstrar reação, prosseguiu:

– Comunico-te que teu casamento com Gaston será realizado o mais rápido possível. Considerando-se as circunstâncias, Sua Majestade não oporá resistência. Além disso, completaste quinze anos e Gaston, dezoito. Achamos que já é hora de realizar-se o enlace.

Meu pai levantou-se e, aproximando-nos um do outro, disse, emocionado:

– A partir desta data, fica oficializado o noivado. O enlace realizar-se-á de hoje a trinta dias, tempo que considero suficiente para os preparativos.

Com o coração tímido de emoção, levei a destra de Caroline aos lábios. A felicidade que me envolvia naquele instante era algo intraduzível em linguagem comum.

Tão ditoso me considerava que não percebi que minha noiva empalidecera e suas mãos amarfanhavam um pequeno lenço de seda.

– Tuas mãos estão frias, minha querida – comentei com suavidade. – E agora noto como estás pálida. O que houve?

Com dificuldade murmurou:

– É a emoção do momento, Gaston. Não esperava essa decisão que nossos familiares tomaram e fui pega de surpresa.

– Perdoa, Caroline. Realmente deverias ter sido consultada com antecedência – estudando bem as palavras, continuei tentando justificar. –

Mas, como nosso compromisso é antigo e nossos esponsais seriam realizados de qualquer forma, acharam que não haveria necessidade de pedir tua opinião. Mas, dize-me, estás feliz?

Caroline levantou os olhos e fitou-me intensamente. Senti uma certa tristeza, mesclada de conformação e melancolia. Minha noiva, porém, não teve tempo de responder. Nossos pais e avó envolveram-nos em cumprimentos e congratulações, e não pudemos mais ficar a sós para conversar.

Os dias que se seguiram foram de muita agitação. Apressaram-se no envio dos convites e na confecção do enxoval da noiva e dos trajes para a cerimônia. A par disso tudo, os cuidados na arrumação do palácio: lavavam-se as escadarias, salas, corredores, portas e janelas; abanavam-se os tapetes; espanavam-se os lustres e os móveis.

Tudo ganhou nova vida. Para mim, foi um período de felicidade. Aquele olhar tristonho de Caroline modificou-se com o tempo, substituído por resignada aceitação. Seu sorriso se fez mais fácil e espontâneo e, conquanto não tivesse a alegria de antes, satisfazia meu coração carente de afeto.

Certas atitudes de minha noiva, como o ar melancólico e as súbitas ausências, eu debitava à conta do seu temperamento e da enfermidade que a acompanhava durante toda a sua ainda curta existência. E pensava comigo mesmo que tudo passaria. Quando estivéssemos casados eu a envolveria com tanto amor que ela não teria tempo para mais nada. Procuraria cercá-la de cuidados e carinhos, satisfazendo seus menores desejos. Seria tudo para

Caroline: protetor, pai, marido, amante, amigo, para que nunca pudesse arrepende-se de estar ao meu lado.

A saúde de meu avô continuava a nos dar preocupações. Entretanto, ao saber do próximo enlace dos netos, encheu-se de animação e otimismo, a ponto de acreditarmos que o médico se enganara e que poderia ficar curado.

O dia dos esponsais amanheceu nublado e prenunciando chuva. Aquilo desgostou-me pois desejava que tudo naquele dia fosse perfeito.

Os convidados começaram a chegar e a propriedade encheu-se de movimento, de luzes e de animação.

O cortejo que levaria a noiva até a igreja estava a postos.

Inquieto, eu a aguardava no altar. Íntima angústia assenhoreava-se de meu ser, como prenúncio de desgraças. Era como se já tivesse passado pela mesma experiência e senti medo. Controlava-me com dificuldade para não demonstrar a tempestade que me assolava por dentro.

A nave da Catedral de Notre-Dame já se encontrava repleta. O brilho das joias, o farfalhar das sedas, o odor dos perfumes misturado ao cheiro das velas que ardiam, o luxo, a suntuosidade do ambiente, tudo isso produzia em mim uma sensação estranha e inquietante.

Quando, porém, os clarins soaram e a noiva entrou na igreja, nada mais percebi.

Caroline estava bela e arrancava murmúrios de admiração à sua passagem. O longo vestido branco, de corte singelo, era realçado pela riqueza das rendas e dos bordados. O colo descoberto deixava ver,

pendurada no níveo pescoço, uma corrente de ouro tendo como pingente uma bela cruz de diamantes que fora de sua bisav. Um longo e tnue véu cobria-lhe o semblante e entre os dedos segurava um ramo de *muguets* e o rosário.

Ao som de cânticos sacros, caminhou lentamente pela nave até o altar, onde eu a aguardava.

Ajoelhamo-nos e o arcebispo de Paris deu-nos a sua bênção.

A festa foi um grande acontecimento. Distribuíram-se fartamente pão e vinho ao povo que se aglomerava nos portões do palácio aos gritos de: Vivam os noivos! Vivam os noivos!

Era tarde quando nos recolhemos, mas a festa continuava ainda.

Fechando a porta de nossos aposentos, o silêncio se fez. Não mais o ruído ensurdecedor de risadas e de vozes, o tinir dos cristais e a música que tocava invadindo todos os ambientes.

Caroline dirigiu-se para os aposentos nupciais, onde a criada a aguardava para ajudá-la a se despir. Em meus aposentos, igualmente, o criado de quarto esperava para ajudar-me nos preparativos.

Deixei passar um quarto de hora e depois bati, delicadamente, na porta do quarto onde Caroline me aguardava.

Respirei aliviado. Enfim, a sós. Nada mais nos separaria.

Entrei e fitei Caroline que, um tanto pálida, sentara-se no grande leito já em trajes noturnos.

O calor estava opressivo. As nuvens que se acumularam durante todo o dia e ameaçavam cair faziam a atmosfera pesada e asfixiante.

Notando a palidez de minha esposa, julguei fosse um mal-estar causado pelo calor. Abri a porta envidraçada que dava para um terraço.

O ribombo de um trovão fez-se ouvir ao longe; em seguida a uma faísca, novas trovoadas estrugiram.

Uma lufada de ar penetrou no aposento, refrescando-o. Olhei para Caroline. Encolhida, parecia uma criança indefesa. Sempre teve pavor de tempestades e eu sabia disso.

Aproximei-me dela. Percebi que tremia. Tomei-a nos braços e notei que, apesar do calor, estava gelada.

Apertei-a de encontro ao peito, procurando tranquilizá-la.

– Acalma-te, minha querida. Estamos juntos e nada te sucederá. A partir de hoje, serei teu protetor e jamais nos separaremos.

– Tenho medo... – balbuciou, escondendo o rosto no meu peito ao som de um trovão mais próximo.

– Nada temas. Estou contigo – repeti.

Nisso, um relâmpago de clarão intenso iluminou todo o aposento, seguido de um trovão ensurdecador. Levei um susto. Ao mesmo tempo, um vento fortíssimo começou a soprar, abrindo com estrondo a porta que eu tentava fechar.

Um grande vaso de alabastro caiu, partindo-se ruidosamente; objetos voaram espatifando-se contra a parede; as cortinas agitavam-se freneticamente; as velas se apagaram e ficamos no escuro.

Caroline deu um grito de pavor. Tudo acontecera no espaço de poucos segundos. Não tive tempo de socorrê-la, tentando cerrar a porta que o vento escancarara.

Grossos pingos de chuva começaram a cair, encharcando o tapete. Lutando contra o vento, a chuva respingava-me todo, molhando e refrescando-me o rosto esfogueado, as mãos, a roupa.

Utilizando toda a minha força, consegui fechar a porta. O barulho diminuiu e o silêncio se fez no aposento. Ouvia-se apenas o ruído da chuva caindo torrencialmente.

Tudo estava às escuras. Sentindo o corpo todo molhado, pensei que não poderia aproximar-me de Caroline naquelas condições. Às apalpadelas, tropeçando nos objetos, cadeiras, flores e cacos que forravam o chão, dirigi-me ao meu quarto de vestir. Troquei rapidamente de roupa e voltei, preocupado.

Caroline estava quieta.

Acerquei-me, afirmando tranquilo:

– Agora poderemos dormir em paz. Tudo está sob controle. Que chuva!

Como não me respondesse, toquei-a:

– Caroline!

Não me respondeu. Perdera os sentidos.

\*\*\*

O dia seguinte amanheceu limpo e claro. O sol brilhava quando despertei. Caroline ainda dormia.

Deixei os aposentos. Queria inteirar-me dos estragos que a tormenta fizera. Assim, fiquei sabendo que muitas casas foram destruídas completamente, árvores foram arrancadas e até animais pereceram.

Em nosso palácio, construção sólida, poucos estragos ocorreram. Uma parte da ala dos criados foi destelhada e a chuva invadiu tudo; uma árvore muito antiga e, provavelmente algo enfraquecida, foi arrancada com raiz e tudo.

Todos estavam ainda muito assustados e não se falava de outra coisa. Soube também que, logo depois que nos recolhêramos, a festa terminou, pois cada qual estava preocupado com sua casa e seus haveres. Em poucos minutos o palácio ficou silencioso. De vez em quando ouviam-se gritos de pavor, mas grande parte das pessoas permaneceram em silêncio, ajoelhadas e rezando para que Deus tivesse piedade delas e as poupasse.

Nessa manhã, muitos daqueles que ficaram hospedados no palácio retornaram para suas terras, ansiosos para saber o estrago que a tempestade fizera por lá.

E assim, quando Caroline despertou, o palácio já estava tranquilo.

Entrei no quarto de mansinho. A penumbra do ambiente não deixou que percebesse se ela ainda dormia.

– És tu, Gaston?

– Acordaste, enfim, minha bela. Estava preocupado contigo! Como passaste a noite?

– Dormi muito bem.

Repentinamente, lembrando-se da tempestade, inquiriu:

– A chuva! O que aconteceu, Gaston? Não me recordo de nada. Tive tanto medo! Pensei que o mundo fosse acabar...

– Perdeste os sentidos, não te lembras?

– Não. Perdoa-me, Gaston. Logo no dia do nosso casamento.

Abracei-a com amor.

– Não tem importância. Temos a vida inteira para ficarmos juntos. Vamos, levanta-te, preguiçosa. Vamos passear. Está um dia belíssimo.

A sorrir, ela soergueu-se dos travesseiros e só então viu os estragos que a tormenta fizera no aposento nupcial tão cuidadosamente preparado para os noivos, não compreendendo como pudera ficar ausente a todo esse caos. Mais calma, respondeu a mim, seu marido, o qual instava para que saísse do leito.

– Está bem. Está bem. Antes, quero arrumar-me convenientemente. Chama a criada e acompanha-me no desjejum.

Enquanto mordiscava um biscoito, Caroline permanecia pensativa.

– Gaston, dizem que tempestade no dia do casamento traz infelicidade aos noivos. É de mau agouro.

Ri das suas preocupações, serenando-a:

– São apenas superstições, querida, fruto da ignorância do nosso povo. Não penses mais nisso. Vamos sair e espairecer, está bem?

– Sim, tens razão. Tenho que pensar apenas que iniciamos uma nova vida e que seremos muito felizes. Não é?

Abracei-a com muito amor. Tudo parecia perfeito e desejava eternizar esses momentos. Todavia, senti uma agulhada no coração. Súbita apreensão dominou-me a mente. Lutando, porém, para expulsar tais pensamentos, sorri interiormente enquanto monologava:

– Tenho tudo o que desejo da vida. Que posso temer?

## Capítulo IX. Volta ao passado

No dia seguinte saímos em viagem. Possuíamos pequena propriedade, mas muito confortável e mobiliada com extremo bom gosto, um pouco mais a noroeste do país, acima de Évreux, rumo ao porto de Le Havre.

Em Vernon ficaríamos a sós, longe de parentes e amigos, longe de compromissos sociais e de tantas outras coisas.

Foram dias de uma felicidade completa, intraduzível em palavras. Somente em minha companhia, Caroline pareceu finalmente liberta. Tranquila, seu riso era fácil, divertia-se com qualquer coisa e tratava-me com muito amor.

Saíamos para longos passeios nas imediações do castelo, de vegetação farta e bosques aprazíveis. Andávamos às margens do rio Sena ou contornávamos um pequeno lago de águas polidas, apreciando os patos que nadavam despreocupados.

Quando o sol se punha por detrás dos montes, nos recolhíamos e eu me entretinha a ler para Caroline algum poema ou página mais interessante. Ou cantávamos ao som de um cravo velhas melodias da nossa infância; ou, simplesmente abraçados ternamente, permanecíamos a contemplar o fogo aceso na lareira, uma vez que as noites já estavam mais frias, prenunciando o inverno que se aproximava.

Após três meses nessa vida, que me parecia perfeita, Caroline demonstrou desejo de retornar. Deixamos, então, não sem tristeza, aquele

local em que fôramos tão felizes.

De retorno, faríamos uma parada em Montmorency para repousarmos no castelo de nossos avós, pois era parte do trajeto.

Chegamos numa tarde em que ameaçava chuva. Fomos recebidos com alegria pelos velhos, que já haviam retornado para casa, após o nosso casamento e que se esmeravam em nos agradar.

Passamos dias excelentes ao lado deles.

Certo dia, contudo, amanheceu chovendo. O céu plúmbeo não permitia passeios e entretenimentos ao ar livre. Passamos o tempo jogando gamão, lendo e conversando.

Lá pelo meio da tarde, não tínhamos mais o que fazer, uma vez que acordáramos cedo e estávamos cansados de ficar parados. Para vencer o tédio, propus à Caroline:

– Lembras-te de que, quando crianças, percorríamos nossa casa fazendo o reconhecimento do terreno? Por que não fazermos o mesmo aqui?

Minha esposa concordou, eufórica:

– Bem lembrado. Na verdade, não conheço o castelo, a não ser a parte que foi remodelada. Deve ter lugares muito interessantes.

Embora fosse ainda cedo, escurecera por completo. Peguei um archote, demo-nos as mãos e saímos a correr como duas crianças.

Andamos bastante, percorremos corredores infindáveis, salas e galerias, subimos e descemos escadarias, até que chegamos a uma galeria onde se encontravam enfileirados os retratos de nossos antepassados.

Curiosos, fomos observando um por um. Alguns exibiam carantonhas terríveis; outros, ar indiferente e orgulhoso; outros, risonhos, demonstravam bom humor; outros eram graves e sisudos. As damas, gordas ou magras, bonitas ou feias, simpáticas umas, altivas e arrogantes outras; algumas com trajes estranhos, que deveriam estar rigorosamente na moda naquela época, mas que agora nos causavam riso. Todas, porém, vestidas luxuosamente e portando joias valiosas.

Cada quadro, pintado a óleo, era motivo de comentários e de risos. Até que estacamos defronte de um quadro onde se via uma dama muito jovem e bela, de longos cabelos castanhos entremeados de flores; suas mãos delicadas seguravam um ramo das mesmas flores do campo que lhe ornavam os cabelos.

Intrigado, considerei:

– Vê, Caroline, que interessante, como sois parecidas, tu e a dama do quadro!

Notei que Caroline, conquanto não quisesse demonstrar, também se impressionara.

– Quem era ela? – sussurrou, como se alguém pudesse ouvir-nos.

Inclinei-me para ler a placa que, logo abaixo do quadro, informava os dados da personalidade nele retratada.

– Chamava-se Marianne, condessa de Montmorency; foi esposa de Charles de Montmorency. Ah! aqui está seu esposo, ao lado.

Ao fitar o rosto do homem, ainda jovem, vestido com roupas antigas, conquanto luxuosas, estremeci. Uma repulsa instintiva dominou-me e senti pavor invencível crescer dentro de mim.

Olhei para Caroline e percebi que empalidecera repentinamente. Cambaleou e eu a amparei.

– Saíamos daqui, Caroline. Este ar parado deve estar te fazendo mal.

Com alívio, levei-a para fora daquele lugar. Não podia deixar de me lembrar daqueles quadros, especialmente o do meu ancestral Charles de Montmorency.

O resto do dia Caroline permaneceu calada, estranha.

No dia seguinte, quis voltar ao local que tanto nos impressionara. Relutei, temendo por sua sensibilidade. Respondeu-me risonha:

– Bobagem, Gaston. Talvez o dia sombrio e chuvoso, a penumbra do ambiente, tenham-nos impressionado. Hoje é diferente, o dia está claro e o sol brilha. Nada temos a temer.

Concordei, apesar de receoso.

Fomos direto aos quadros que tanto nos chamaram a atenção. Abrimos algumas janelas e o ar, por tanto tempo impedido de entrar, renovou a atmosfera pesada e asfixiante e os raios de sol iluminaram toda a galeria.

Ficamos sabendo que Charles de Montmorency foi filho de Henri de Montmorency, herói da Terceira Cruzada e que morreu assassinado. Que o filho, Charles, participou da guerra contra os ingleses ao lado de Filipe Augusto, onde veio a falecer.

– Por que será, Gaston, que não consta a morte da condessa Marianne? Há apenas a data do nascimento. Não é estranho? O que terá acontecido com ela?

– Não sei. Provavelmente teve morte misteriosa, como tantas outras pessoas, e ninguém ficou sabendo – sugeri, sem saber o quanto estava perto da verdade.

Caroline olhava o quadro fixamente como se quisesse devassar o passado. Aquilo, não sei por que, inquietou-me.

– Ora, ora, vamos sair daqui. Este ambiente acabará por mexer com nossos nervos. Tudo isso já passou e está sepultado para sempre. Não adianta fazer conjecturas. Talvez os registros do castelo, se ainda existirem, possam conter essas informações.

– Achas mesmo? – perguntou, interessada.

– Sim. Era costume anotar o que acontecia de importante; segundo me consta, esses registros existiam. Não sei se foram consumidos pelo incêndio que ocorreu em certa época e que destruiu parte do prédio.

Com essa esperança, Caroline assentiu em deixar a galeria.

Notei, contudo, que a partir de então seu estado de espírito se modificou. Já não era mais aquela jovem alegre e de riso fácil que se divertia por qualquer motivo. Tornou-se pensativa, distante, sentindo prazer em ficar quieta e sozinha em qualquer lugar. Não queria mais sair para passear e visitar os arredores. E, por estranho que isso pudesse parecer, muitas vezes a surpreendi fitando-me com estranheza e até com certo rancor.

Seus olhos agora evitavam os meus, e não apenas isso, evitava a minha presença. Nossos momentos de terna intimidade rarearam.

Inquieto, não sabia a que atribuir tal mudança, não obstante eu também experimentasse uma certa angústia.

Febrilmente rebuscamos, nos arquivos da biblioteca, qualquer anotação que pudesse esclarecer os fatos ocorridos havia mais de trezentos anos.

Afinal, encontramos os registros de família, que vieram a elucidar os acontecimentos passados, já que nossos avós pouco sabiam sobre os fatos transcorridos no século XII.

Ficamos então sabendo que o conde Henri de Montmorency, herói da Terceira Cruzada e que prestara relevantes serviços à Coroa, foi morto em circunstâncias misteriosas e que seu assassino jamais foi encontrado. Que seu filho único, Charles de Montmorency, consorciara-se com Marianne, jovem camponesa, e tiveram um filho, Augusto. Que, por ocasião da invasão inglesa perpetrada por Ricardo I, o Coração de Leão, o castelo caiu em mãos inimigas e os senhores de Montmorency tiveram que fugir. Charles uniu-se ao exército do rei Filipe Augusto e morreu em combate. Quanto à esposa, Marianne, nada se sabia de seu paradeiro<sup>4</sup>.

O conde Augusto de Montmorency, exilado em Montpellier para fugir à guerra quando ainda criança, levou vida reclusa e discreta. De educação esmerada, culto, tornou-se médico e, coração generoso, dedicou a sua vida ao socorro dos necessitados e ao estudo da ciência. Apesar da fortuna e do

nome ilustre, nunca participou da vida na Corte e jamais deixou Montpellier, onde faleceu aos cinquenta e nove anos de idade.

Casado por amor com a jovem e bela Valéry, prendada e de bom coração, teve dois filhos. Henri Joseph, o primogênito, e por direito herdeiro do título, recebeu como herança o castelo de Montmorency, de Drumond, além de propriedades menores e outros haveres. André, o segundo, recebeu o título de conde de Montpellier e os bens que o pai herdara de Louise de Montpellier, que morreu sem deixar descendentes.

Após a morte do pai, Henri Joseph decidiu tomar posse do seu patrimônio, que permanecia abandonado. Foi residir em Montmorency, remodelou o castelo, bastante danificado pela guerra, modernizando-o e tornando-o novamente habitável. Casou-se e teve prole numerosa: cinco filhos, três varões e duas mulheres.

Os registros continuavam, mas Caroline já havia perdido o interesse; referiam-se a personagens pelos quais ela não tinha qualquer tipo de curiosidade. Emocionou-se muito ao ler sobre a vida do filantropo Augusto de Montmorency. Enterneceu-se até as lágrimas com a vida desse antepassado, de total dedicação ao próximo.

Resolvi que já era tempo de retornarmos ao lar. Acreditava que o ambiente de Montmorency atingia desfavoravelmente a sensibilidade de minha esposa, a exemplo do que ocorria comigo mesmo. Especialmente a ala antiga da propriedade – que fora conservada tanto quanto possível como era na época – impressionava muito Caroline, deixando-a angustiada e nervosa.

Muitas vezes eu acordava durante a noite e, surpreso, via seu vulto a andar de um lado para o outro no quarto. Outras vezes, a encontrava, insone, passando a noite numa poltrona com os olhos perdidos no vazio. Certa feita a encontrei sentada defronte do retrato da dama que tanto a impressionara, com a cabeça entre as mãos, a chorar desconsolada.

O que mais me preocupava, porém, é que visivelmente afastava-se de mim, evitando minha presença e buscando a solidão.

Deixamos Montmorency num dia frio e cheio de bruma. O trajeto foi feito em silêncio.

Chegamos a Paris algumas horas depois para regozijo de meus pais e alívio meu. Acreditava sinceramente que, longe da atmosfera sombria do castelo de nossos ancestrais, Caroline voltaria a ser como antes.

Essa expectativa não se confirmou, porém. Minha esposa, conquanto procurasse manter as aparências na presença de familiares e amigos (afinal, éramos jovens e recém-casados) a sós comigo retornava a seu mutismo e a seu alheamento.

Meus genitores notaram o estado de espírito de Caroline e me indagaram qual a razão desse comportamento. Procurei tranquilizá-los alegando que a viagem, ainda que encantadora, fora cansativa em excesso para minha esposa, que possuía constituição física delicada; que não se preocupassem, pois ela logo estaria bem novamente.

O estado de Caroline, contudo, só piorava a cada dia.

O que eu não sabia na ocasião era que, ao ver a galeria de nossos antepassados, Caroline se identificara com a condessa Marianne, de quem era a reencarnação.

Vinculando-se psiquicamente ao pretérito, passou a viver naquela faixa vibratória, atraindo outros companheiros da mesma época. O episódio da visita ao antigo monastério já havia colocado Caroline em contato com o passado e, conseqüentemente, com aqueles que se lhe vinculavam psiquicamente; agora, no entanto, a situação se agravava.

O resultado disso é que o terno relacionamento que nos unia nessa existência, criando laços de amor mais profundos, foi perdendo em importância, voltando Caroline a ver em mim o inimigo de antanho.

Inconscientemente, lembrando-se dos afetos e dos desafetos de outrora, buscava em pensamento, como consequência natural dessa catarse, aquele a quem amara sempre e que eu tanto detestara, conquanto somente me tivesse feito o bem: o Agar do século VI e o frei Víctor do século XII<sup>4</sup>. Assim, a figura do nobre espanhol Rodrigo Hernández, duque de Alcalá, em quem ela detectava seu amor de outros tempos, readquiria toda a sua plenitude e ela deixava-se embalar em sonhos impossíveis na atual existência.

Pobre Caroline! Que recebendo oportunidade de reparação junto daqueles a quem magoara e por quem fora magoada, voluntariamente colocava-se contrária à lei divina; mais uma vez candidatava-se à derrocada moral e espiritual.

---

<sup>4</sup> Fatos descritos na obra “Aves sem Ninho”, do mesmo autor espiritual.

5 *Personagens dos livros “Perdoa!...” e “Aves sem Ninho” do mesmo autor espiritual.*

## Capítulo X. Em busca da ilusão

Sozinha em seus aposentos, Caroline andava impaciente de um lado para o outro. Torcia as mãos nervosamente, mas o olhar firme e resoluto indicava que tomara uma decisão.

Nesse momento entra uma serva. Ao ver a dama, inquieta, andando pelo quarto, aguarda em silêncio que esta lhe dirija a palavra.

– Ah! és tu, Lisa?

A jovem criada fez uma reverência:

– Sim, minha senhora. Mandaste chamar-me?

– Sim. Desejo conversar contigo.

Caroline fez uma pausa e, fitando discretamente a outra, inquiriu:

– Não eras tu que estavas apaixonada por um dos criados da casa?

Corando, a pequena concordou:

– Sim, senhora Condessa. Amo há algum tempo a Isaac, o cocheiro.

– Ah! É verdade! E Isaac também te ama?

– Não sei, Senhora. Às vezes penso que sim. Trata-me com delicadeza e percebo que me olha de forma diferente.

Acomodando-se numa poltrona, Caroline sorriu:

– És uma bela rapariga, Lisa, e Isaac também é um rapaz forte e simpático. Faríeis um belo par. Não gostarias de casar-te com ele?

Com os olhos brilhando de satisfação, a serva acentuou:

– Ah! Senhora, é o que mais desejo. Contudo, não possuo dote e Isaac é um rapaz pobre. Se tivéssemos recursos, não hesitaria um segundo sequer.

– Bem, se te apraz essa união, fala com ele. Eu te prometo um belo dote e condições para comprares uma pequena propriedade, que, bem administrada, vos dará meios para não terdes mais preocupações pelo resto da vida.

Cheia de alegria a criada perguntou:

– É verdade, senhora Condessa? Farias isso por mim?

– Sem dúvida. No entanto, preciso que ambos me façais um favor. Posso confiar em ti?

– Serei tua fiel serva até a morte, senhora.

Fez uma pausa e continuou, repentinamente apreensiva.

– Contudo, o que a senhora deseja de nós...

Percebendo a preocupação da serva, Caroline apressou-se a acalmá-la e disse:

– Não temas. Ninguém será prejudicado ou ferido.

– Ah! Estou mais tranquila agora. Podes contar comigo, senhora.

– Ótimo. Conversa com Isaac e depois vem me informar a decisão tomada.

A criada beijou a destra da ama e saiu eufórica. Algumas horas depois, Lisa retornou trazendo Isaac, que aceitou o acordo. Servil, o rapaz perguntou:

– O que devemos fazer, senhora Condessa?

– Por ora, Isaac, é suficiente que adquiras discretamente uma sólida carruagem para viagens e bons animais.

Caroline dirigiu-se até um móvel e retirou um pequeno saco de couro, onde as moedas tilintaram, entregando-o ao cocheiro.

– Isto é para as primeiras despesas. No momento certo saberás o que fazer.

Após a saída dos criados, Caroline recostou-se numa poltrona. Não demoraria muito e teria sua liberdade. Ansiava por tornar-se livre dos vínculos que a prendiam a esta casa, ao seu casamento.

Acolitada por entidades sombrias e malfazejas, deixava-se envolver em pensamentos nocivos e deprimentes.

Sim, libertar-se-ia de todos. Decidiram sobre sua vida e seu futuro sem nem sequer perguntar sua opinião. Não, ninguém se lembrara de consultá-la. Nem mesmo seu marido, Gaston, que afirmava amá-la tanto. Dentro de pouco tempo deixaria de vez o palácio, indo em busca da felicidade.

Em sua mente a imagem do estrangeiro surgia aureolada pelas cores da ilusão.

Contar-lhe-ia o que acontecera. Tinha certeza de que ele também a amava e não hesitaria em ficar com ela, uma vez que teria abandonado o esposo por amor a ele, Rodrigo Hernández.

Via-se chegando ao palácio do seu amado e sendo recebida com beijos e abraços. Seria a suprema alegria!

No silêncio do seu quarto, acalentava sonhos de ventura, esquecida de que a verdadeira felicidade reside na consciência reta e no cumprimento dos deveres. Somos todos responsáveis pelas nossas ações, pensamentos e palavras, e colheremos sempre de acordo com o que tivermos semeado.

A fuga às responsabilidades coloca a criatura ao arrepio da lei e tira-lhe a possibilidade de ser feliz, uma vez que não possui a paz da consciência.

Pobre Caroline!... pobre infeliz que se acreditava realmente dona do seu destino.

Seria suficiente que aceitasse com resignação o futuro que Deus lhe reservara ao lado do marido, companheiro e cúmplice em tantas existências, para que se liberasse de uma parte dos débitos transatos. Não obstante, além de não saldar contas antigas, ainda pretendia afundar-se em novos gravames, credenciando-se a um futuro incerto e cheio de lutas e sofrimentos que alguns séculos não seriam suficientes para sanar.

Nada disso, contudo, passava por sua cabeça. Frágil e inconsequente, sem possuir ainda valores morais intrínsecos que lhe dessem o suporte necessário para vencer os obstáculos da vida, deixava-se cada vez mais sucumbir ao assédio de entidades vingativas e malfazejas que só desejavam a sua e a minha destruição.

\*\*\*

Uma semana depois, percebi minha esposa mais inquieta do que de costume. Acabáramos de cear e, aproveitando a suavidade da noite,

conversávamos num terraço.

O céu, recamado de estrelas, convidava à meditação. Uma brisa suave agitava brandamente as folhas dos arvoredos trazendo o odor das flores. O inverno passara e a natureza agora ganhava nova vida.

Observando-a discretamente, não pude deixar de notar como estava encantadora. Os trajes pesados da estação invernal haviam sido guardados, e um vestido de cetim adamascado azul contornava-lhe o talhe esbelto, marcando a cintura delicada. Sob as rendas o colo surgia níveo, e as mangas curtas deixavam a descoberto os braços roliços. Os cabelos, levantados na nuca e presos por grampos de brilhantes, mostravam a beleza do pescoço.

Ligeiramente pálida na sombra do terraço, podiam-se ver-lhe os lábios róseos. Tomei-lhe as mãos, murmurando com voz terna:

– Estás calada, minha querida. Algo te aborrece?

Com um gesto, tranquilizou-me.

– Não, Gaston. Apenas apreciava a beleza da noite e aspirava este aroma tão delicioso. Gostaria de manter este instante gravado indelevelmente na memória.

Sorri algo inquieto e respondi contrafeito:

– Sinto algo de definitivo em tuas palavras. Dir-se-ia que é a última vez que verás este sítio!

Caroline pareceu-me um tanto constrangida ao responder:

– Que ideia, meu Gaston. Apenas desejei eternizar um belo momento. É só.

Assim dizendo, ergueu a fronte, e os olhos, sombreados por longas pestanas, me fitaram envolventes. Bastou aquele olhar para que me sentisse abraçado. Aproximei-me mais enlaçando-a em meus braços.

– Ah! Caroline, gostaria que fosses tão feliz quanto eu o sou. E, no entanto, existem momentos em que noto como estás desgostosa, irritada e descontente com tudo. Temo pelo nosso futuro. Anseio dar-te toda a felicidade do mundo... mesmo que isso significasse perder-te.

– O que estás a dizer, Gaston? – inquiriu com voz trêmula, afastando-se um pouco de mim.

– Sim, minha querida. Por vezes, acho que não és feliz a meu lado. Abre teu coração e dize-me. És feliz?

Naquele momento, recebendo a influência de dedicados companheiros da espiritualidade, colocaram-me na boca palavras para despertá-la da sua loucura, recambiando-a para o caminho das responsabilidades assumidas.

Ah! Se tivesse ela aproveitado aquele momento que lhe era oferecido, se tivesse conversado expondo seus problemas, talvez outro tivesse sido o desfecho desta história. Contudo, incapaz de reagir contra as emanções deletérias dos seus comparsas, Caroline não se deixou comover pelas palavras de conciliação que eram sugeridas por amigos do bem.

Suspirou profundamente. Em seguida sorriu, dizendo:

– Por que estás a dizer tais coisas, Gaston? Não és nada romântico!

Assim dizendo, aproximou seus lábios dos meus e foi o suficiente para que eu esquecesse minhas preocupações, receios e dúvidas.

Deixei-me arrebatado pelo seu fascínio, pela noite encantadora que convidava ao amor, e beijamo-nos com ardor.

Raras vezes ela demonstrara-se tão acessível e isso encantou-me. Enlacei-a pela cintura e dirigimo-nos para nossos aposentos.

Foi uma noite inesquecível. Pela primeira vez, senti que Caroline me recebia com generosa espontaneidade, participando do meu amor. Em transportes de ventura, mergulhei fundo, deixando que as emoções me dominassem o coração e a mente.

Desejei que aquela noite nunca terminasse, que se prolongasse no tempo, indefinidamente.

Adormeci, afinal, com Caroline em meus braços. A manhã seguinte nos encontrou assim, enlaçados, como dois amantes.

O dia transcorreu em bênçãos de paz e harmonia. Solícita, Caroline dedicou a mim todas as suas horas, levando-me a crer que os dias sombrios haviam terminado. A partir de então, seríamos felizes como nos primeiros dias da nossa união.

Passeamos juntos, beijamo-nos à sombra de latadas de rosas, divertimo-nos a alimentar os pavões como antigamente. E, quando o dia terminou e as sombras da noite envolveram o palácio, eu a conduzi para nossos aposentos. Queria tê-la só para mim.

Ordenei ao criado trouxesse vinho, atendendo à sugestão de Caroline.

– Ótima ideia, minha querida. Brindaremos à nossa felicidade! – exclamei em transportes de júbilo por vê-la tão mudada.

Os criados trouxeram o vinho e uma bandeja com frutas e doces. Ordenei-lhes que os colocassem numa pequena mesa e se retirassem.

Minha esposa sentou-se num divã entre as folhagens do terraço. A noite estava esplêndida com céu azul-cobalto; as estrelas salpicavam o firmamento.

Aspirei com satisfação o ar balsâmico que se evolava das flores.

Caroline levantou-se com um sorriso, dirigindo-se para a pequena mesa onde fora colocada a ânfora de vinho, enchendo duas taças.

De repente, ouvi um gemido abafado e, entre surpreso e apreensivo, percebi que Caroline perdera os sentidos e estava caída no chão. Empalidecera terrivelmente; os lábios apresentavam um tom arroxeado e um círculo branco contornava-lhe a boca cerrada.

Conhecia muito bem estes sintomas para enganar-me. Estava tendo uma daquelas crises que se repetiram durante toda a sua vida. Tomei as providências costumeiras e aguardei, sabendo que dentro de pouco tempo retornaria ao normal.

Um quarto de hora, depois notei que se agitava no leito, para onde a transportara. Tudo estava em silêncio. Não pedira ajuda aos criados por julgar desnecessário. Aproximei-me.

Abriu os olhos lentamente fitando a seu redor com olhar esgazeado. Afinal, pareceu voltar à realidade. Repentinamente prorrompeu em soluços

convulsivos.

Era uma atitude estranha essa, já que geralmente Caroline não se lembrava do que ocorria. Agora eu tinha a impressão de que algo acontecera enquanto estava sem sentidos, pois se assim não fora, nada justificaria suas lágrimas.

Apreensivo, abracei-a tentando acalmá-la, enquanto repetia palavras ternas e doces. Chorou muito tempo em silêncio. Afinal, as lágrimas secaram e ela me pareceu mais serena.

– Então, estás melhor? Não há razão para essa tristeza quando estamos tão bem!

Parecendo ter tomado uma decisão, ela ergueu-se, enxugando o rosto ainda úmido e comendo as vestes amarrotadas.

– Tens razão, Gaston. Não há motivo para tristezas e confesso que não sei o porquê dessas repentinas lágrimas. Tu me conheces o suficiente para saber que possuo uma sensibilidade exagerada. São de felicidade talvez.

Acercou-se das taças; tomou uma e estendeu-me a outra dizendo:

– Brindemos, então.

– À nossa ventura! – exclamei, envolvendo-a em terno olhar.

Levantou a destra dizendo de forma ambígua:

– Ao futuro!

\*\*\*

Despertei na manhã seguinte quando o sol já tinha iniciado sua trajetória pelo céu havia muitas horas. Tentei levantar-me, contudo uma violenta dor de cabeça prostrou-me no leito.

A boca estava seca e amarga como nunca a sentira. Aos poucos, readquirindo a consciência, tentei recordar o que acontecera na noite anterior.

Um sorriso aflorou-me aos lábios ressequidos ao lembrar-me de Caroline. Com os olhos cerrados, levei o braço buscando senti-la ao meu lado, mas minha mão tateou o travesseiro vazio. Sorri suavemente. Com certeza já se levantara. Aquilo não me preocupou.

Tentei concatenar as ideias, recordar a noite anterior, porém minha mente estava confusa e estranha sonolência me dominava.

Adormeci novamente para despertar muitas horas depois. Levantei-me com dificuldade pois as forças me faltavam. Busquei uma jarra com água que permanecia sempre sobre uma pequena mesa a um canto do aposento; bebi com sofreguidão o líquido fresco e cristalino dessedentando-me. Molhei o rosto e me senti melhor. As ideias aos poucos iam clareando.

O que estava acontecendo comigo? Sempre tivera boa saúde e dificilmente adoecia, mesmo quando em criança. Agora, notava meus passos débeis e vacilantes, sem a costumeira firmeza. Minhas pernas dobravam-se sob o peso do corpo. Recostei-me para não cair.

Chamei o criado e deixei que me vestisse, em silêncio. Notando algo estranho em meu comportamento, perguntou:

– Não estás bem, senhor Conde?

– Apenas um pouco indisposto. Creio que o vinho ingerido ontem à noite me fez mal.

Ele sorriu com ar de cumplicidade. Aquilo me irritou.

– Viste a condessa Caroline hoje?

– Não, senhor. Pensei que ainda estivesse dormindo.

– Está desperta há horas – respondi mal-humorado.

Parecendo não prestar atenção a minha acidez, tentou justificar:

– Bem, então deve ter saído a passeio.

– É possível. Meus pais já se levantaram?

Respondeu-me com inflexão de quem considera a pergunta um absurdo:

– Não, senhor! Sabes que não se levantam antes das quatorze horas...

– É verdade – concordei. – Vamos, avia-te! Tenho pressa!

Terminei a toalete e desci ao encontro de minha esposa. Algumas horas apenas que não a via e, no entanto, sentia sua falta.

Ninguém soube me dar notícias de Caroline. Mandeï chamar a criada de quarto, mas Lisa não foi encontrada em lugar algum.

Procurando-me tranquilizar, pensei que, com certeza, teriam saído a passeio pelas redondezas. Intrigou-me apenas o fato de que não me tivesse esperado para acompanhá-la. Isaac, o cocheiro, também estava ausente, o que reforçou minha suposição.

As horas custavam a passar e eu tentava conter a impaciência. Conversávamos, meus pais e eu, quando Joseph, pálido, entrou na sala.

– O que houve, Joseph? – indagou meu pai.

Algo constrangido, ele respondeu, respeitosamente, após fazer uma reverência:

– Senhor Conde, um dos criados veio avisar-me que as carruagens estão guardadas e os cavalos nas cocheiras.

Levantei-me lívido:

– O que dizes? – inquiri, sob terrível espanto.

– É o que ouviste, *Monsieur* Gaston.

– Nada está faltando?

– Nada, senhor.

– Tens certeza? – insisti.

– Absoluta, senhor. Antes de vir trazer-vos a notícia, verifiquei pessoalmente.

– Então, onde se meteu Isaac?

– Ignoro, senhor.

Deixei-me cair numa cadeira, fulminado. Mas, então, onde estaria minha esposa? Se saíra a caminhar com a criada, isso significava que não teriam ido muito longe. E por que não retornara ainda? E Isaac? Onde estaria? Teria ido junto? Mas, sem pedir permissão?

Meu pai aproximou-se tentando acalmar-me.

– Não te aflijas, meu filho. Logo estarão de volta, verás.

Em seguida, chamou Joseph de lado e ouvi que deu uma ordem em tom grave:

– Joseph, dá uma busca pelos arredores. Coloca todos os homens que puder nessa tarefa. Não quero que retornem sem notícias. Entendeste?

– Sim, meu senhor.

\*\*\*

As horas transcorriam silenciosas e monótonas sem que qualquer notícia viesse amenizar a minha angústia.

Sob terrível apreensão, calado, aguardava a chegada das turmas de busca. Nada, porém. A cada gesto negativo, a cada olhar desanimado dos que retornavam, aumentavam meus receios.

O que teria acontecido? Que mistério esconderiam esses desaparecimentos? Imóvel, buscava nos escaninhos da memória reviver os últimos dias, as últimas horas, tentando entender o que ocorrera.

Algo rompeu em minha mente e, como um raio, subi as escadarias rumo aos aposentos de minha esposa. Abri seus armários e confirmei minhas suspeitas. Suas roupas lá não estavam.

Caí desalentado numa cadeira.

Então, era verdade. Ela fugira...

Não fora raptada, como temi a princípio. Ou morta por salteadores de estradas, o que era comum naquela época. Não sofrera algum acidente, como imaginávamos. Não. Espontaneamente deixara o lar e abandonara o marido, que a idolatrava.

Mas, como? Por quê?

Relembrei as últimas horas que passamos juntos, com lágrimas nos olhos. O brinde que fizemos...

O vinho! Como fui tolo! Caroline por certo colocara algum sonífero em minha taça para poder desaparecer sem ser incomodada. Agora eu tinha certeza disso. O gosto amargo na boca, a sonolência incomum e a confusão mental com que acordei pela manhã, eram indícios seguros.

Coloquei a cabeça entre as mãos e chorei como nunca chorara na vida. Durante horas permaneci alheio a tudo, entregue à minha dor.

De repente, ouvi passos que se aproximavam abafados pelo tapete. Alguém parou ao meu lado e falou brandamente:

– Meu filho, os homens estão exaustos e precisam repousar. Vou mandar suspender as buscas. Amanhã, logo cedo, voltarão a procurá-las.

Suspirando, enxuguei as lágrimas que ainda me umedeciam o rosto e respondi num sopro:

– Não é preciso, *mon père*. Pode mandar suspender as investigações.

– Não desanimes, Gaston. Ela será encontrada.

Abanei a cabeça com firmeza:

– Não, *mon père*. Caroline não voltará jamais.

Ele tentou ainda dar-me esperanças, mas, como eu tivesse voltado ao meu alheamento, deixou o quarto para dar ordens aos criados.

Joguei-me no leito de olhos fixos no vazio.

Ela planejara tudo. Levara consigo a criada e Isaac, o cocheiro. Para onde teria ido? Não possuía relacionamentos com outras pessoas, além

daquelas que faziam parte do nosso círculo de amizades.

E por quê? Éramos tão felizes! – sorri com sarcasmo. – Ou melhor, “eu” era feliz. Ela, agora eu já não saberia dizer...

Bem lá no fundo, porém, eu sabia que Caroline não era feliz. Seu comportamento, suas lágrimas, a tristeza que via sempre estampada em seu rosto, a melancolia que trazia impregnada no olhar...

Na verdade, eu tentara me enganar esse tempo todo, evitando enfrentar a realidade. Mas, para onde teria ido? Não conseguia parar de pensar.

Subitamente, lembrei-me daquele estrangeiro que ela conhecera no palácio real, o duque Rodrigo Hernández de Alcalá.

Uma violenta onda de ciúme envolveu-me e o sangue ferveu em minhas veias. Deixei-me dominar pelo ódio e um desejo desesperado de encontrá-los e de fazer justiça com as próprias mãos agitou-me o íntimo.

Se era verdade o que eu temia, eles não teriam paz. Não desanimaria enquanto não os encontrasse e pudesse despejar sobre os traidores o meu ódio, meu desprezo e minha dor.

Olhos vítreos, a partir daquele instante, passei a pensar e a viver apenas para vingar-me dela, a ingrata e maldita que enxovalhara meu nome, meu lar e meu amor, e dele, o desgraçado infame que me roubara a mulher amada.

Faria dessa vingança a finalidade da minha vida. Colocaria meus recursos e minhas forças na consecução desse objetivo. Nada, nem ninguém, poderia demover-me desses propósitos.

Ao meu lado, seres angélicos, amigos espirituais de longa data, tentavam modificar meus pensamentos, minhas disposições íntimas, aconselhando-me calma e ponderação, tranquilidade e resignação. Entretanto, na minha insânia, não dei ouvidos a eles, internando-me novamente em quedas morais de difícil solução para o futuro.

Ainda uma vez, dei livre curso às tendências inferiores que até àquela data jaziam adormecidas, mas que ainda faziam parte do meu caráter, e candidatei-me a séculos de sofrimento e martírio moral.

## Capítulo XI. Toledo

No silêncio da noite, ouviam-se apenas o tropel dos cavalos, o rodar da carruagem, muitas vezes seguidos do estalido do chicote e do resfolegar dos animais.

Ao lado de Caroline, Lisa adormeceu. A jovem condessa ouvia seu ressonar compassado e incapaz de também dormir, tal o estado de ansiedade que a dominava, pôs-se a recordar o que acontecera até aquele momento.

Com extrema dificuldade, Caroline ocultara seus reais sentimentos a respeito do marido, procurando demonstrar carinho e atenção. Não desconfiei de nada, tão bem representava seu papel.

Deixou que eu a abraçasse e beijasse, entregando-se aos meus afagos. Um momento em que conseguira desvencilhar-se de meus braços, encheu duas taças de vinho, colocando numa delas o sonífero que representava a sua libertação.

Algo aconteceu, porém, de muito estranho. Tivera quase que a mesma sensação de quando entrava em crise; algo diferente, contudo.

Sob mudo assombro, Caroline percebeu seu corpo caído no tapete, e ela, como se fosse outra pessoa, ao lado do corpo<sup>6</sup>. Estava assim sem saber o que fazer, apavorada com o fato inusitado, quando divisou tênue fumaça à sua frente, que aos poucos se condensou. Surgiu, então, a figura de uma bela mulher, aureolada de luz e em vestes resplandecentes, que lhe falou com infinito carinho:

– Não te preocupes. Somos formados de corpo e espírito e, no momento, tua alma abandonou momentaneamente o corpo perecível para que pudéssemos dialogar.

Identificando naquela criatura um ser celestial, exclamou caindo de joelhos:

– Mãe Santíssima! Não mereço a tua presença!

Com sereno sorriso no belo semblante, ela afirmou, exteriorizando imensa humildade perante Caroline:

– Não sou a Mãe de Nosso Senhor, como supões. Sou apenas alguém como tu mesma, e que agora se encontra em condições de poder ajudar.

Colocou a destra suavemente sobre os cabelos da jovem e a esse contato ela não sopitou as lágrimas.

– Chora, minha querida, mas que as lágrimas que vertes partam de um coração arrependido, para teu próprio benefício. Detém-te, Caroline. Detém-te enquanto é tempo. Não subvertas a divina oportunidade que o Senhor da Vida te concedeu de refazeres teus passos, caminhando para o bem. Não magoes alguém que, se muito já te feriu, também muito sofreu por amar-te, e a quem agora vinculaste teu destino nesta existência. Não te recordas de mim no momento, mas somos espíritos muito amigos e que por várias etapas terrenas temo-nos encontrado e estimado. Pois é em nome dessa amizade que te suplico, Caroline; medita melhor sobre as decisões que tomaste; usa o bom senso e a razão e perceberás o absurdo da atitude que planejas. Acima

de tudo, minha amiga, entrega-te à oração, para te libertares daqueles companheiros do passado que desejam o teu mal.

Com a cabeça entre as mãos ela soluçava, inconformada:

– Mensageira do Bem, não posso viver sem “ele”. Sinto que minha vida não tem sentido sem a presença daquele a quem amo com todas as forças da minha alma.

Meneando a cabeça com acento de melancólica tristeza, a entidade ponderou:

– É verdade, tu o amas de longa data. Vossas vidas estão profundamente vinculadas uma à outra. Contudo, aprouve ao Criador, por necessidades cármicas, que ficásseis separados na atual encarnação, para que possas saldar teus débitos para com a Justiça Divina. Por isso, busca o equilíbrio e a ponderação. Aceita o que a vida te oferta no momento e resigna-te ao que não podes evitar. Se assim o fizeres, candidatar-te-ás a um futuro de bênçãos ao lado dele. Caso contrário, só terás o sofrimento e a dor.

Calou-se por um momento; em seguida falou-lhe à guisa de despedida:

– Confia em Deus, Caroline. Mantém o coração puro e a mente em prece, para que não te falte o amparo necessário. Adeus, minha amiga. Estou sempre contigo. Que o Senhor te abençoe.

Tentou impedi-la de se afastar, porém a entidade esfumou-se, desaparecendo no ar como tinha vindo.

Caroline despertou desse transe com o coração oprimido e angustiado, explodindo em lágrimas amargas.

Como? Então teria que abrir mão da sua felicidade? Queria bem a Gaston, que, de resto, era seu companheiro de toda a vida. Mas, só isso. Era o irmão mais velho que a amparava, orientava e lhe fazia todas as vontades. Só isso. Amor... amor ela sentia por aquele homem que, surgindo em sua vida, fora como um facho de luz iluminando tudo e modificando-a por completo. No fundo, sabia que aquele ser celestial tinha razão. Seu dever estava ao lado de Gaston; porém, entre o dever e o amor, seu coração oscilava.

Não obstante o esforço que os mensageiros de Jesus envidavam para reconduzi-la ao caminho da responsabilidade, companheiros vingativos e odientos a quem se vinculara no passado e cujas sugestões aceitava mentalmente, segredavam-lhe:

– Não sejas tola! Decide-te, afinal. Não desejas a felicidade? Somente junto “dele” fruirás a ventura que mereces. Falam-te de deveres e responsabilidades, mas não foste tu que escolheste tua vida. Lembra-te? O casamento te foi imposto como decisão familiar e nem sequer foste consultada a esse respeito. Além do mais, não são teus pais e não precisas obedecer-lhes. Tens o direito de ser livre e feliz. Gaston sofrerá no início, mas se conformará dentro de pouco tempo. Quer o melhor para ti e não deseja tua infelicidade. Compreenderá... compreenderá...

E assim, lutando entre o chamamento dos benfeitores espirituais e o assédio dos comparsas de antanho, que tudo tentavam para destruí-la, decidiu-se afinal.

Levantou-se e apanhou as taças, entregando uma delas a mim, olhando-me fixamente.

Caroline suspirou em meio aos pensamentos que a tomavam de assalto. Vislumbrara tanto amor nos olhos do esposo, a ternura no sorriso cativante e nem assim se apiedara. Naquele momento tão grave para nossas vidas, para sua vida, não pensou em nada. Não pensou que apunhalava barbaramente pelas costas alguém que só lhe fizera o bem e que a amava imensamente. Não lembrou que aquele companheiro de infância tão querido, protetor tão dedicado e noivo tão apaixonado sentir-se-ia profundamente lesado com sua atitude. Não pensou que o entregaria à solidão mais atroz e que criaria entre eles um abismo de difícil transposição no futuro.

Não. Nada lhe passara pela mente a não ser que logo estaria livre para entregar-se ao amor da sua vida.

Pobre louca! Infeliz criatura que, uma vez mais, se candidatava a séculos de sofrimento e dor, resvalando perigosamente para o precipício moral, por sua livre e espontânea vontade!

No momento, contudo, ela não sabia disso e talvez nem se importasse. A paixão a cegava a tudo o que não fosse “ele” ou que não dissesse respeito a “ele”.

Hoje Caroline sabe e, se pudesse voltar atrás como tantas vezes desejou, ralada de arrependimento, teria agido de forma diferente e evitado grandes amarguras e dores superlativas.

A um solavanco maior da carruagem, colocou a cabeça para fora pelo postigo.

Isaac estalava o chicote, com gritos e exclamações, incentivando os animais a uma corrida desenfreada.

A jovem senhora olhou para o alto, onde as estrelas luziam indiferentes ao drama que se desenrolava cá embaixo. Uma suave claridade começava a tingir o firmamento, anunciando os primeiros albores de um novo dia. Não sabia quantas horas estavam viajando e nem a distância percorrida, mas logo amanheceria.

Respirou fundo sentindo o ar fresco da madrugada. Atravessavam um terreno descampado e vislumbrou as torres de um campanário ao longe.

Quando descobrissem a fuga estariam bem distantes. Era preciso colocar o maior espaço possível entre eles e seus perseguidores, porque tinha certeza de que não deixariam de segui-los.

Recostou a cabeça novamente cerrando as pálpebras, mas as imagens teimavam em desfilar diante de seus olhos.

Não demorou muito e Gaston caiu em sono profundo. Caroline levantou-se rapidamente, sussurrando:

– Lisa!

Um vulto esguio surgiu das sombras respondendo a seu chamado.

– Sim, minha Senhora?

– Tudo está pronto?

– Tudo providenciado conforme o combinado, senhora Condessa.

Caroline vestiu o traje de uma mulher do povo, que Lisa lhe trouxera. Suas bagagens já se encontravam na carruagem. Não levava muita coisa para não ser incômodo. Contava adquirir o que precisasse depois.

Apanhou um saco de moedas, um baú repleto de joias e, antes de deixar o quarto, aproximou-se do leito onde o marido ressonava.

Inclinou-se tirando uma mecha de cabelos que se lhe colara na testa e beijou seus lábios, murmurando:

– Adeus, meu Gaston. Perdoa-me, se puderes.

Nem assim, vendo-o tão desprotegido, seu coração endurecido se comoveu.

Saiu por uma pequena porta lateral, caminhando até onde a carruagem, acobertada pela vegetação, aguardava. A escuridão era completa. Deveria ser meia-noite aproximadamente.

Amarrou um lenço na cabeça à moda do povo e estugou o passo. Isaac esperava impaciente ao lado do veículo.

– Vamos, minha Senhora, o tempo urge. Estamos atrasados e precisamos correr.

– Tive alguns contratempos. Nada foi esquecido?

– Nada, Senhora. Tudo arranjado conforme tuas ordens. O carro é sólido e confortável; nada de brasões ou atavios de qualquer natureza, segundo tuas recomendações.

Caroline acomodou-se na carruagem. Pareceu-lhe cômoda e conveniente para uma viagem de longo curso. Lisa sentou-se à sua frente.

Colocando a cabeça pelo postigo a senhora ordenou:

– Muito bem, Isaac. A toda brida!

Daquele momento em diante viajaram num galope desenfreado. Os cavalos cavalgavam como se perseguidos por mil demônios. Teriam um longo trajeto a percorrer, sempre rumo ao sul.

Caroline passou por um cochilo, despertando assustada com o silêncio que se fizera. A carruagem parara.

Abriu o postigo e colocou a cabeça para fora. Isaac informou:

– Faremos uma parada agora, Senhora, para repousarmos um pouco e para a muda dos cavalos.

Lisa, que dormira a noite toda, despertou também. Desceram. O dia estava claro e limpo. O sol ainda não despontara no horizonte e o ar da manhã era fresco e reconfortante.

À sua frente viram uma estalagem. Entraram. O estalajadeiro, obsequioso, aproximou-se.

– O que tens para nos servir, bom homem? – perguntou Caroline.

Fazendo uma reverência que ele pretendia fosse séria e digna, mas que à dama pareceu ridícula, ele informou:

– Temos leite fresco e pão que acabou de sair do forno, Senhora. E também um pedaço de excelente queijo. Acomodai-vos.

A refeição era simples, mas saborosa. Partiram logo após o repasto. Era imprescindível que se distanciassem o mais possível de Paris.

O percurso foi longo e exaustivo. Paravam apenas para trocar os cavalos, comer alguma coisa e repousar um pouco. O resto do tempo viajavam, obrigando os animais a darem o máximo de suas forças.

Passaram por Orléans, Bourges, Toulouse e assim, após muitos dias de viagem, aproximaram-se dos Pirineus. A travessia das montanhas seria difícil pois, segundo o cocheiro lhes contara, as estradas eram sombrias por causa da vegetação espessa, infestada de lobos e bandidos.

Fizeram uma parada para se abastecerem de víveres no sopé da montanha e prepararam-se para enfrentar os perigos da empreitada. Não parariam de forma alguma.

Após muitos problemas, em que o medo foi companheiro constante, os fugitivos conseguiram atravessar a cadeia de montanhas ásperas e rudes.

Estavam agora em território espanhol, deixando o solo francês sem tristezas e sem saudades.

Sentindo-se mais perto do seu amado Rodrigo Hernández, duque de Alcalá, adquirira novo ânimo, apreciando tudo e interessando-se pelos lugares por onde passavam. Viu um povo diferente, trajando roupas estranhas e falando idioma diverso do seu.

Não causavam estranheza porque viajavam com simplicidade, como pessoas do povo.

Caroline deixara a cargo de Isaac uma bolsa com moedas. Era ele quem pagava as despesas e quem falava com as pessoas.

Na primeira vez que isso aconteceu, Caroline notou que, quando Isaac retirava a bolsa para saldar o débito, o estalajadeiro olhara com assombro estranhando que pessoas tão simples e humildes estivessem portando tanto dinheiro. Depois disso, prudentemente, Caroline pediu que ele separasse sempre algumas moedas deixando-as reservadas na algibeira, e mantendo o resto da riqueza bem escondido para não despertar suspeitas.

Sempre rumo ao sul, passaram por Saragoça e próximo a Madrid. Certo dia, ao entardecer, chegaram à grande cidade. Estavam exaustos pela longa e cansativa viagem. Era preciso repousar convenientemente.

À entrada de Toledo, alugaram quartos e, àquela noite, depois de muito tempo, dormiram tranquilos e realizados. Haviãam chegado a seu destino.

No dia seguinte, acordaram tarde após uma noite de sono reconfortante. Caroline despertara sob terrível ansiedade, porém.

Passaram o resto do dia a fazer planos. A condessa ordenou que Isaac, em primeiro lugar, se informasse na cidade sobre a localização da moradia do duque de Alcalá.

Desejava repousar o suficiente para que não se apresentasse à frente do seu amado com fisionomia cansada e abatida. Só então, quando se sentisse refeita, far-lhe-ia uma surpresa, indo visitá-lo.

– Depois disso, meus fiéis servos, estareis livres para demandar vosso destino – disse, risonha e prazenteira.

Também satisfeitos com o desenrolar dos acontecimentos, os cúmplices entreolharam-se cheios de júbilo.

– Então, Senhora – afirmou o cocheiro – dar-me-ei pressa em cumprir tuas ordens. Não deverá ser difícil tarefa descobrir a residência do cavaleiro em questão, porque é muito importante e conhecido. O próprio estalajadeiro poderá prestar-me essa informação, segundo presumo.

E assim dizendo, Isaac deixou os aposentos de Caroline demandando a via pública. Foi fácil descobrir o endereço desejado, conforme supunha. De posse dele, encaminhou-se até o local para poder informar com segurança à sua senhora.

Retornou impressionado com a magnificência do palácio, construído no estilo mourisco.

Durante muito tempo, a Espanha foi dominada pelos mouros, que introduziram no país uma acentuada influência árabe.

Relatou à senhora tudo o que vira, deixando Caroline ainda mais ansiosa.

– Pois muito bem, meu bom Isaac. Amanhã, logo às primeiras horas da tarde, conduzir-me-ás até o palácio do duque.

Um pouco indeciso, o servo ponderou se não seria melhor marcar uma audiência.

– Creio que Isaac tem razão, senhora – concordou Lisa.

Com gesto de impaciência, Caroline retrucou:

– A rigor, sim, meu bom Isaac e minha boa Lisa. Contudo, tendo em vista a circunstância, não vejo necessidade de tal cuidado. Sua Alteza não deixará de me receber quando souber que sou eu. Vereis!

O criado afastou-se meneando a cabeça. Não tinha tanta certeza de que seriam recebidos, mas não teve outra alternativa senão concordar com a condessa.

No dia seguinte logo cedo, Caroline iniciou os preparativos para a visita que decidiria sua vida e seu futuro. Escolheu o melhor traje, algumas joias de valor, porém discretas, e fez com que a criada lhe escovasse bem os cabelos e os trançasse, entremeando com fios de pérolas.

Ao final, mirou-se num pequeno espelho que trouxera consigo. Viu um rosto de pele veludosa, ligeiramente enrubescido pela excitação; os lábios rosados e de contornos perfeitos abrindo-se em ligeiro sorriso e os olhos claros e expressivos sombreados pelas longas pestanas.

Virou-se para Lisa, que aguardava sorridente:

– Então, como estou?

– Estás bela, senhora. Muito bela. Sua Alteza não deixará de ficar encantado contigo.

Caroline suspirou, murmurando:

– Espero que tenhas razão, Lisa.

Desceu as escadas e tomou a carruagem, onde Isaac já a aguardava.

Agora que chegara o momento tão esperado, o momento supremo de sua vida, sentia-se insegura. Lembrar-se-ia dela? Ficaria contente em vê-la?

Enquanto percorriam as ruas da cidade, Caroline meditava.

Quando o veículo parou, seu coração batia precipite e as mãos tremiam, enquanto suor álgido banhava-lhe a fronte.

Colocou a cabeça pelo postigo e ficou deslumbrada. À sua frente surgiu um palácio de grandes proporções, imponente e luxuoso, de beleza singular. Além dos grandes portões de ferro, existia um jardim encantador com repuxos d'água e belas flores ornamentais, entremeados de tufos de folhagens e arbustos floridos. Ao fundo erguia-se o palácio construído com acentuado gosto oriental.

Prendeu a respiração, ofegante.

Isaac desceu e, aproximando-se da guarda que permanecia nos portões, anunciou sua ama, naturalmente. Não conseguia entender o que diziam, visto estar um pouco distante, mas percebeu que alguma coisa estava acontecendo. O criado voltou aborrecido e ela o interrogou aflita:

– E então?

– O duque não se encontra na cidade, senhora.

– Como assim? Não te informaste ainda ontem?

– Sim, condessa. Ontem ele estava na cidade. Viajou hoje logo cedo e não sabem quando retorna.

– Viajou para onde?

– Para a Alemanha.

Contrariada, Caroline ficou por instantes pensativa; afinal, decidiu-se:

– Bem, retornemos. Nada mais temos a fazer aqui. O duque não poderá, contudo, ficar fora muito tempo. Terá que retornar ao lar e estaremos aguardando. Virás todos os dias saber notícias. Entendeste?

– Perfeitamente, senhora.

Conquanto não quisesse dar a perceber, Caroline ficou extremamente decepcionada; procurara, porém, não se deixar envolver pelo desânimo.

Retornando aos aposentos que ocupava, informou aos criados:

– Já que estamos aqui, temos que ocupar nosso tempo. A partir de amanhã, iremos conhecer a cidade.

E assim, todos os dias, às primeiras horas da tarde, saíam a passeio. Dessa forma, ficaram conhecendo praças, antigos monumentos, ruas movimentadas, o mercado, vilas principescas, o palácio real e a catedral. Não raro, Caroline dispensava o cocheiro e saía a caminhar, acompanhada de sua fiel Lisa.

Como o duque tardasse em retornar a Toledo e, por essa razão, tivessem de permanecer por tempo indeterminado nessa espera, Caroline deu a incumbência ao criado de alugar uma casa, de forma a ficarem melhor instalados.

Em poucos dias Isaac informou à senhora que encontrara alguns cômodos mobiliados por preço conveniente e bem localizados. No dia seguinte deixaram a estalagem, mudando-se para um apartamento, que ficava no segundo andar de um prédio de quatro andares, no centro da cidade.

Caroline gostou das novas instalações assim que as viu; eram simples o suficiente para não precisar despender grandes somas e confortável o bastante para que se sentisse em casa, sem despertar suspeitas.

Naturalmente não tinha o luxo a que estava habituada, entretanto era bem melhor do que a estalagem. Constava de uma sala ampla, local de refeições,

cozinha, dois quartos, sendo um deles com *boudoir*, e instalações para empregados. Pequeno, mas aconchegante e mobiliado com bom gosto.

Os dias se foram sucedendo, uns após outros, sempre monótonos e cansativos. Não havia muito o que fazer e ela entediava-se nessa espera interminável. Aos poucos aprendia o idioma local.

Religiosamente, todos os dias, Isaac procurava informar-se sobre o duque de Alcalá e, invariavelmente, a resposta era sempre a mesma: ainda não retornara e não sabiam quando isso ocorreria.

Com o passar do tempo, a vida foi tomando seu curso. Como a condessa quase não saísse, Isaac tinha grande parte do tempo livre. Era ele que fazia as compras, que ia ao mercado, que pagava as contas, por isso estava sempre nas ruas. Contudo, essas tarefas tomavam-lhe apenas algumas horas do dia, ficando com muito tempo livre à sua disposição.

Lisa, amuada, muitas vezes reclamava desse comportamento do noivo, mas com palavras meigas e persuasivas ele a convencia de que estava a serviço da senhora.

A verdade é que Isaac ligara-se a alguns frequentadores de uma taberna não muito distante da moradia e gastava parte do tempo disponível bebendo e jogando.

No princípio ainda procurou controlar suas inclinações, mas à custa de tanto passar defronte da taberna e de tanto ser solicitado, aos poucos foi perdendo os escrúpulos e cada vez mais se afundando nos vícios.

Agora, raramente saía a passeio com Lisa, que vivia pelos cantos lacrimosa.

Às vezes Caroline e ela saíam juntas a caminhar pelas alamedas, quando então esquecia suas tristezas, interessada em tudo o que via.

Não muito distante do lugar onde residiam, existia uma praça onde, invariavelmente, encontravam ciganos sentados no chão vendendo suas quinquilharias, objetos de cobre e joias vistosas.

– Permite-me ler a sorte em tuas mãos, senhora!

Virou-se e deparou com uma mulher que nunca percebera antes. Chamou-lhe a atenção o aspecto da cigana. Os longos cabelos pretos e crespos soltos ao vento, o rosto moreno de pele perfeita, a boca rubra e sensual. Especialmente os olhos, porém, a impressionaram mais; sentia sobre si o olhar magnético e profundo da outra.

Desviou os olhos. Viu o colo farto e os braços repletos de colares e pulseiras; suas roupas eram coloridas e amplas, e não muito limpas.

Sentiu que seguravam sua mão, enquanto uma voz macia e suave repetia:

– Deixa-me ler a *buena dicha*, senhora. Dolores conhece o passado, o presente e o futuro. Não te arrependerás.

Caroline notou a contradição que existia entre aquela voz untuosa e humilde e o todo da cigana, onde transparecia orgulho e altivez. Sem saber por que, não gostou. Enojada, afastou-se retirando a mão com rudeza, sem ao menos dirigir-lhe a palavra.

Depois disso, muitas vezes a encontravam e a cigana repetia a mesma cantilena, não se dignando a jovem dama ao menos a olhar para ela.

Por essa época, Isaac já não se dava mais ao trabalho de dirigir-se até o palácio de Alcalá para obter notícias. Ficava horas na taberna e depois retornava afirmando que *Monsieur* continuava ausente.

Aos poucos a paciência e o ânimo de Caroline foram se esvaindo. Isaac estava cada vez mais audacioso e irresponsável, arrogante e libertino.

Certo dia, Caroline chamou-o para uma conversa séria. Com ar irônico ele se aproximou, insolente, fazendo uma mesura que se lhe afigurou uma ameaça.

– Tens-te comportado muito mal ultimamente, Isaac. Não tem passado despercebido o fato de que chegas cheirando bebida e, não raro, pela madrugada. Exijo que modifiques teu comportamento imediatamente.

Com sorriso melífluo o criado respondeu, atrevido:

– Não creio que estás em condições de exigir coisa alguma, senhora condessa. Mesmo porque já estou farto dessa vida. Quando nos propuseste tomar parte nessa fuga, o combinado era que Lisa e eu nos casássemos e fôssemos cuidar da nossa vida. Estamos há três meses vegetando neste lugar e estou cansado disso.

Fez uma pausa, aproximou-se de Lisa e afirmou categórico:

– Amanhã Lisa e eu iremos embora.

A noiva olhou-o surpresa, conquanto satisfeita, e ponderou:

– Isaac, não podemos abandonar a condessa de Vernon sozinha nesta cidade hostil!

Caroline fitou-os incrédula, exclamando assustada:

– Não podem fazer isso comigo. São meus servos!

Com fisionomia carrancuda, Isaac confirmou:

– Amanhã partiremos. Tenta impedir-nos, se puderes.

Caroline compreendeu que nada mais poderia fazer. Não queria que percebessem o quanto essa decisão a afetara. Levantou a cabeça altiva e com voz firme concordou:

– Pois muito bem. Se é o que desejais, podeis ir. Não me fareis falta.

Deu-lhes as costas entrando em seus aposentos e trancando a porta. Sozinha, deu livre curso a seu desespero. Jogou-se no leito a chorar convulsivamente.

No dia seguinte, começaria uma nova vida para ela. Fez um balanço da situação e percebeu que sua fortuna estava muito reduzida; quase não sobrara mais nada. Tinha o suficiente para alguns meses, semanas talvez; depois, ficaria na miséria.

Tentou conseguir um cocheiro, mas ninguém se dispôs a trabalhar para ela. Achou que o melhor seria vender a carruagem e os cavalos visto que não lhe serviriam para nada sem o cocheiro, e, com o valor apurado na venda, aumentaria seus recursos.

Encarregou o senhorio de efetuar a transação. Homem desonesto e sem escrúpulos, alegou que conseguira muito pouco pela carruagem e os animais.

– Mas, só isso?!... – perguntou surpresa Caroline, contando as moedas.

– Sim, minha senhora. Os tempos estão difíceis e foi o melhor que pude conseguir.

Suspirando, Caroline agradeceu ao homem, que na realidade ficara com dois terços do valor, entregando-lhe apenas um terço do que apurara na venda.

Arrumou uma jovem criada para os serviços domésticos, que nem de longe era o que Lisa fora. Não sabia cozinhar direito, era pouco limpa e falava demais.

O dia em que Caroline chamou sua atenção sobre o serviço malfeito, respondeu balançando os ombros, arrogante:

– Pois deverias estar feliz de ter alguém para fazer o serviço. Ninguém aceitaria trabalhar aqui nesta casa.

Sem entender o que a criada dissera, Caroline ordenou:

– Explica-te melhor. Não entendi o que disseste.

– É simples! Todos têm medo de trabalhar aqui porque temem o Santo Ofício.

– Medo? Santo Ofício? Mas, a que te referes? – inquiriu Caroline sob terrível espanto.

– Bem, sabes como os judeus são malquistos e teu criado era judeu...

– Isaac?!...

– Sim, ele mesmo.

– Mas, nem mesmo está aqui agora e, ainda que estivesse, era apenas um servo! – exclamou com supremo desprezo, completando – E abandonou-me, o infame!

– Não importa. Têm medo – confirmou a moça com indiferença.

Caroline calou-se, perplexa. Sim, percebera. Agora entendia o porquê do isolamento em que sempre viveram desde que ali chegaram. Os olhares furtivos, as expressões de receio; contudo, sempre pensou que era um povo estranho do qual nada sabia e julgou que fosse o temperamento dos espanhóis serem esquivos.

Naquele momento, a jovem condessa de Vernon teve o seu primeiro contato com a realidade.

---

6 Fenômeno de desprendimento, tão bem estudado pela Doutrina Espírita – emancipação da alma.

## Capítulo XII. A cigana

Grassava o pânico por toda parte. A Espanha via-se assolada por uma onda de insegurança; a desconfiança convivia em todos os lares e as pessoas tinham medo de falar e expor suas ideias. Ninguém estava seguro, nem mesmo dentro de sua própria casa, porque até as paredes tinham ouvidos.

A rainha de Castela, Isabel, governava com mãos firmes, assessorada por Fernando, seu esposo e rei de Aragão.

Isabel era meiga e gentil, bela e elegante, sendo considerada a mais encantadora testa coroada da Europa. De temperamento agradável, era amada por seu povo que lhe admirava a brandura.

Não obstante razoável e ponderada em todos os assuntos, era extremamente zelosa na defesa da religião católica, mantendo estreitas ligações com a Igreja.

Fernando, com quem ela dividia o trono, era detestado pelo povo de Castela visto ser estrangeiro, um aragonês no trono da Espanha. Hábil estrategista, de vistas largas e palavra fluente, dominava com o carisma da sua personalidade.

Também fiel católico, mantinha relacionamento com a Igreja e o clero por razões diferentes das da rainha. Via nessa união meios de tirar proveito da situação em benefício da Espanha.

Preocupada com a salvação das almas de seus súditos, no seu fanatismo religioso, Isabel solicitou à Igreja que instalasse um tribunal para coibir as

heresias e os abusos existentes.

Havia muitos milhares de judeus na Espanha e eles eram acusados injustamente de uma série de barbaridades, inclusive de matarem crianças para beber-lhes o sangue em suas cerimônias religiosas.

Desencadeou-se, então, uma onda de repressão contra os judeus e muçulmanos que residiam em território espanhol.

Aqueles que se retratassem, abjurando da sua fé e adotando a religião católica, eram perdoados desde que denunciasses outra pessoa que se julgasse suspeita de heresia.

Com isso, muitos abusos foram perpetrados, servindo inúmeras vezes de pano de fundo para ajustes e vinganças de cunho pessoal, visto que o denunciante não teria seu nome revelado, para proteger sua integridade. E, dessa forma, o acusado não tinha condições de provar sua inocência, pois bastava uma denúncia para que fosse levado à prisão.

Lá, eram torturados até que admitissem o seu crime, quando então eram conduzidos à morte na fogueira.

Os que concordassem em abandonar a fé dos seus ancestrais para adotarem a religião católica não tinham, porém, paz de espírito. Eram vigiados dia e noite.

Por estranho que possa parecer, até uma certa época, estavam mais seguros os judeus e muçulmanos do que os “cristãos-novos”, como eles eram chamados. A esses, se voltassem à fé antiga, não havia perdão.

De temperamento alegre e comunicativo, amando as festas e brincadeiras, tornou-se o povo espanhol arredio e calado. As casas viviam fechadas e, mesmo dentro delas, falava-se baixo e com receio.

Aos poucos Caroline foi-se inteirando da situação pela boca palradora de sua ajudante. Assim, decidiu que deveria voltar a frequentar a igreja, assistindo às missas.

Arranjou um menino de recados para informar-se da chegada daquele a quem amava e que tardava tanto.

Sua situação, no entanto, era muito difícil; estava quase sem recursos e, logo, na mais negra miséria.

Certa de que a fortuna que trouxera não terminaria tão cedo, dava sempre o que Isaac lhe pedia – lembrava-se agora –, sem nunca duvidar das contas que ele lhe apresentava e sem procurar saber para que desejava sempre mais e mais dinheiro.

Quando Isaac e Lisa partiram foi que, necessitando inteirar-se da sua situação financeira, percebeu o desfalque em suas reservas. Inclusive boa parte das joias havia desaparecido, só lhe restando as que estava usando.

Suspirou desalentada, pensando que logo teria de dispensar até a incompetente e vulgar criada que agora a servia.

Buscando, porém, levantar o ânimo murmurou para si mesma: – “Tudo isso passa. Logo o querido Rodrigo retornará e seremos muito felizes”.

\*\*\*

Algum tempo depois, como previra, teve de dispensar a criada. Cheia de rancor por ter sido mandada embora, a rapariga jurou vingar-se.

Caroline explicou a ela a situação, entregando-lhe um broche de valor:

– Minha boa Maria, como não posso mais remunerar teus serviços, aqui está essa joia que espero seja suficiente para reembolsar o que te devo. Agradeço-te por tudo e, creia, se não fosse absolutamente necessário, não tomaria tal atitude pois me farás muita falta.

A jovem tomou do broche avaliando mentalmente o seu valor, fez uma reverência e, trincando os dentes de raiva, despediu-se.

Ao se ver sozinha, Caroline deixou-se cair numa cadeira em prantos. Agora estava realmente só. Não tinha ninguém a seu lado.

Na tela da memória reviu a infância descuidada, os momentos felizes que passara ao lado de Annette e Gaston; rememorou a segurança e o aconchego que gozava no lar, as primeiras festas, os passeios em companhia de Gaston... a sua apresentação na Corte. Reviu seu casamento...

– Gaston... Gaston... que falta me fazes agora!

Pela primeira vez, lágrimas amargas de arrependimento inundaram-lhe o rosto. A saudade oprimiu-lhe o peito angustiado.

Durante horas chorou sem que alguém viesse amenizar seu sofrimento, balsamizar suas dores com um carinho, um afago nos cabelos como Annette costumava fazer.

Adormeceu muitas horas depois, cansada de sofrer e de chorar. Acordou na manhã seguinte ainda ouvindo uma voz cariciosa que lhe sussurrava aos

ouvidos:

– “Ainda é tempo. Retorna sobre teus passos. Não sigas adiante. Gaston te perdoará...”

Entregue, porém, a melancolia profunda, não tinha ânimo para tomar qualquer atitude.

Nesse instante ouviu que batiam à porta. Como demorasse um pouco para se levantar, ouviu novas pancadas agora com mais força.

Girou a chave na fechadura e abriu a porta. O senhorio entrou. Vinha cobrar-lhe o aluguel atrasado de quatro meses.

– Mas, como? Isaac, meu criado, pagava regularmente! Eu mesma fornecia a importância para isso!

Ao ver a carranca do homem, percebeu o que acontecera. Isaac ficava com o dinheiro para si. Até isso o miserável lhe fizera.

Como não adiantasse discutir, dispensou o senhorio afirmando que estava aguardando recursos para aqueles dias e que logo saldaria a dívida.

Foi a gota d’água para jogá-la ainda mais fundo. Como pagar os aluguéis atrasados? O que tinha não dava nem para pagar um mês!

Não sabia o que fazer. Mais alguns dias se passaram. O senhorio não lhe dava tréguas; evitava deixar os aposentos para não ter o desprazer de se encontrar com ele, mas não tinha jeito.

Certo dia escutou batidas rudes na porta. Tampou os ouvidos para não ouvir. Não atendeu.

Uma voz colérica gritou de fora:

– Não adianta se esconder. Sei que estás aí dentro. Se não receber o que me deves até amanhã, colocar-te-ei no olho da rua.

Em pânico, Caroline esfregava as mãos em extremo nervosismo. O que fazer? – pensou. – Não tinha a quem recorrer e a única pessoa que poderia ajudá-la estava distante.

Desabou sobre uma cadeira e por algum tempo não conseguiu resolver nada, entregue a terrível desalento. Uma coisa era certa, precisava tomar uma atitude.

Depois de muito pensar decidiu-se, afinal. Procurou mudar as íntimas disposições espantando o desânimo que a dominava. Deixaria aquele apartamento. Não sabia o que seria dela, mas estava certa de que encontraria uma maneira de sobreviver.

Arrumou rapidamente alguns poucos pertences e ficou aguardando. Esperou que o senhorio saísse, o que fez vigiando pela janela que dava para a rua e, em seguida, abandonou o apartamento seguindo em direção contrária ao do seu credor.

Estava na rua. Agora realmente entregue a si mesma, sem teto e sem recursos. O que seria dela dali para frente?

Com o coração oprimido por infinita angústia, integrou-se no movimento da via pública. Os pensamentos turbilhonavam em sua cabeça; a mente não conseguia raciocinar com presteza e ela sentia urgência em definir o rumo que deveria tomar. Como um autômato, às tontas, caminhou sem destino.

Ao dar acordo de si, estava defronte da igreja que, não muito distante da sua residência, frequentara algumas vezes. Necessitada de repouso e de paz, adentrou o seu interior.

Reconhecia-se exausta, carente de descanso.

Logo aos primeiros passos, foi envolvida pelo ambiente do templo religioso, imerso em delicada penumbra; a claridade existente escoava-se através dos vitrais coloridos produzindo interessante efeito. Tudo era silêncio. Uma paz muito grande parecia pairar sobre aquele local de orações.

Sentou-se. Perpassou o olhar pelas imagens dos santos que ornamentavam as paredes, fixando sua atenção no Cristo, preso a uma enorme cruz, ainda sob as torturas que o afligiram naquele dia fatídico.

Respirou profundamente, enquanto as pernas se dobraram, caindo genuflexa. Lágrimas ardentes rolaram-lhe pelas faces; desejou suplicar ajuda para aquele Jesus que diziam ser tão bom e misericordioso, mas não conseguia concatenar as ideias. Depois de tantos erros não se considerava com direito a obter amparo.

O Mestre, apesar do seu martírio, parecia fitá-la com o olhar compassivo. Intimamente suplicava a Ele que lhe indicasse um caminho, o que fazer, como agir.

Na acústica da alma, naquele momento de tão graves consequências, parecia ouvir novamente aquela voz a sussurrar-lhe com acento inesquecível: – “Volta... retorna sobre teus passos. Volta... não prossigas...”

Entregue a si mesma, não percebeu que alguém se aproximara. Assustou-se quando uma mão tocou-lhe delicadamente o ombro. Levantou a fronte deparando com um sacerdote. Homem ainda novo, de fisionomia ascética e traços fortes, os olhos a fitavam com curiosidade, enquanto lhe dizia:

– Perdoa-me, senhora. Não quis incomodar-te. Necessitas de alguma coisa?

Caroline manteve-se calada, esquadrinhando o religioso à sua frente. Ele prosseguiu com voz suave:

– Percebo que sofres, minha filha. Desejas abrir teu coração, confessar teus pecados? Estou pronto para ouvir-te e dar-te absolvição.

Confissão... aquela palavra soou estranhamente aos ouvidos de Caroline. Lembrou-se de tudo o que soubera a respeito das atividades e arbitrariedades da Igreja e de seus sequazes.

Olhou novamente o altar iluminado por suave claridade, mas aquela paz e o aconchego que sentira havia pouco desapareceu. Um grande terror começou a crescer-lhe no íntimo e, sentindo desconhecida ameaça no ar, balbuciou com voz trêmula, dirigindo-se ao sacerdote que aguardava:

– Não, padre. Nada necessito. Entrei para orar, mas já estava de saída. Adeus.

E, assim dizendo, levantou-se apressadamente deixando o templo cristão quase a correr, acompanhada pelo olhar perscrutador do religioso.

Vendo-se na via pública, respirou aliviada. Queria afastar-se o mais rapidamente possível daquele local.

Novamente entregue a si mesma, perambulou sem rumo. Chegando a uma praça deixou-se cair num banco. Desacostumada de andar, seus pés lhe doíam terrivelmente; o sol estava a pino e o calor, sufocante. Sentiu fome e lembrou-se de que já havia dois dias que nada ingerira; os gêneros alimentícios haviam-se esgotado e ela não tivera coragem de sair para comprá-los. Percebia-se fraca e incapaz de continuar.

Colocou o braço no encosto do banco de pedra e apoiou a cabeça cansada.

Ouviu passos leves que se aproximavam e sentiu um odor diferente. Estava, contudo, exausta demais para levantar a cabeça.

Uma voz conhecida soou em seus ouvidos:

– Senhora, permite-me ler a sorte em tuas mãos? Dolores conhece o segredo do presente, passado e futuro.

Ergueu a fronte deparando com a cigana que já vira algumas vezes. Notando que algo estava acontecendo com a dama, a cigana inquiriu:

– Estás enferma, senhora?

Em outras circunstâncias, a orgulhosa aristocrata francesa teria respondido com altivez, expulsando a mulher. O tempo, no entanto, se incumbira de domar o caráter arrogante e voluntarioso de Caroline. A vida ensinara-lhe muito e já não se sentia acima das outras pessoas; o sofrimento tornou-a mais humana e a necessidade fê-la mais dócil.

Sorriu melancolicamente para a desconhecida, afirmando:

– Não, boa mulher. Não estou doente do corpo, mas da alma...

Fez uma pausa e, notando a indecisão da cigana, com um gesto amigável convidou:

– Senta-te.

Surpresa pela mudança que se operara naquela dama que ela tanto admirava, vendo-a passar elegante e ativa, Dolores tomou da mão de Caroline perguntando:

– Permite-me?

Com um movimento de ombros em que demonstrava indiferença e incredulidade, a francesa concordou:

– Por que não? O que podes me dizer que eu já não saiba ou que seja pior do que aquilo que estou passando agora?

Em silêncio, a cigana tomou as mãos de Caroline, virou-as primeiro olhando as costas e, em seguida, concentrou sua atenção nas palmas.

Profundamente mergulhada em sua análise, a espanhola permaneceu alguns minutos entregue a si mesma, acompanhada pelo sorriso céptico da outra.

– Muito bem. O que leste em minhas mãos? – perguntou afinal a dama, já impaciente.

O semblante da cigana sombreou-se e seus olhos desviaram-se dos da outra.

– Nada de importante, senhora.

Fez uma pausa e, como se tomasse uma decisão, aconselhou:

– Por que não voltas, senhora?

Estupefata, Caroline indagou:

– Voltar? Para onde?

– Para teu marido. Ele te ama e sofre muito. És muito jovem e bela; sozinha estarás sujeita a muitas tentações. Acredita, senhora, nada de bom acontecerá se persistires nesse caminho. Tudo é ilusão, senhora.

A cigana falava rápido, aos borbotões, como se estivesse se desincumbindo de uma tarefa.

Sob profundo espanto por ver-se desnudada intimamente perante aquela mulher desconhecida, Caroline sentiu em suas veias o velho orgulho e reagiu com arrogância:

– Como ousas falar-me assim? Quem és tu para dar-me conselhos? E como soubeste da minha vida?

Colérica, levantou-se desejando afastar-se daquele local e daquela estranha mulher. Seu estado de fraqueza era tal, porém, que a cabeça rodopiou e teria caído se a espanhola não a tivesse amparado a tempo.

Dolores colocou-a no banco, friccionando-lhe as mãos e as têmporas. Logo em seguida Caroline abriu as pálpebras relanceando o olhar em torno.

– Senhora, como estás?

– O que aconteceu? – a dama perguntou.

– Perdeste os sentidos e terias caído se eu não percebesse a tempo.

Caroline levou a mão à cabeça, que lhe doía terrivelmente.

– Senhora, deixa que chame uma carruagem de aluguel para conduzir-te à casa.

Imediatamente Caroline reagiu:

– Não! Não te incomodes comigo. Estou bem.

– Precisas de cuidados, senhora. Deixa-me levar-te até tua casa – insistiu a cigana, preocupada.

A jovem dama permaneceu calada. A espanhola indagou:

– Onde moras?

– Não tenho mais casa – respondeu a outra num fio de voz.

– Não?!...

– Deixei os cômodos que ocupava por não poder pagar o aluguel.

– Para onde irás, então, senhora? – insistiu a cigana.

Balançando a cabeça, Caroline respondeu simplesmente:

– Não sei.

A espanhola percebeu que a fraqueza da dama deveria ser de fome.

Tomando uma resolução inquiriu:

– Podes andar?

– Sim, já estou melhor. Mas, não tenho para onde ir.

– Irás comigo. No acampamento cigano, embora humilde, não te faltará abrigo e comida. Depois, quando estiveres melhor, decidirás o que fazer.

Caroline fitou-a com gratidão.

– Como poderei pagar tua ajuda? Nada mais possuo!

A cigana deu uma risada, jogando os cabelos para trás, enquanto pegava o saco contendo os pertences da nova conhecida:

– Não te preocupes. Encontrarei uma maneira. Vamos?

## Capítulo XIII. O acampamento cigano

Após muita dificuldade, chegaram ao acampamento cigano.

Haviam andado muito e devagar, em virtude das condições precárias de Caroline. Deixaram para trás o movimento das vias públicas, encaminhando-se para o campo.

O ar estava mais fresco e puro, distante do mau cheiro da cidade. As árvores sombreavam a estrada e as flores balsamizavam a atmosfera com aroma delicioso.

Caroline observava tudo isso, mas já um pouco arrependida de ter aceito o oferecimento da espanhola.

– Ainda falta muito? – indagou.

– Não, já estamos chegando. Depois daquela curva do caminho poderemos avistar o acampamento.

A condessa suspirou. Estava exausta.

Ao fazerem a curva, como a cigana afirmara, um novo panorama descortinou-se aos olhos de Caroline.

Em meio às árvores, em local onde havia uma grande clareira, avistavam-se as carroças, a distâncias mais ou menos regulares umas das outras, formando um grande círculo. Crianças brincavam correndo entre os arvoredos; algumas mulheres mexiam grandes caldeirões colocados em tripés sobre as fogueiras. Outros, homens e mulheres, trabalhavam na confecção de utensílios; outros ainda, mais ao fundo, cuidavam dos cavalos.

Todos, porém, demonstraram muita curiosidade quando viram Dolores aproximar-se com uma mulher estranha.

A cigana levou a nova protegida diretamente para sua carroça. Deixaria as apresentações para depois. Teriam muito tempo. Acomodou a hóspede no único leito existente no carroção, ordenando-lhe:

– Repousa. Esta será tua casa doravante. Providenciarei algo para comeres pois deves estar faminta.

Assim que a mulher saiu, Caroline pôs-se a observar o ambiente onde se encontrava. Algumas arcas, à guisa de móveis, uma mesa, duas cadeiras velhas, roupas atiradas de qualquer jeito, atestando que a proprietária saíra apressadamente.

Inconscientemente, Caroline comparou esse lugar com os que convivera até então. O luxo e a beleza do palácio de Paris, a nobreza da decoração e o aprumo das roupas.

Não pôde deixar de sentir uma certa amargura ao verificar o quanto descera. Algumas lágrimas rolaram pelas faces pálidas.

Dolores retornou com um bom guisado de coelho, pão e uma caneca de vinho.

Comeu com satisfação sob o olhar admirado da nova companheira. Terminando de comer Caroline fitou-a enternecida:

- Como poderei agradecer-te? És muito boa para com uma desconhecida.
- Não te preocupes. O importante agora é que te sintas segura. Descansa.

Puxando o pano que funcionava como separador de ambientes, Dolores deixou-a sozinha.

A penumbra a envolveu. Relaxou o corpo exausto e dolorido; com a fome satisfeita, mergulhou numa doce sonolência. O leito era macio e tépido; dentro em pouco estava profundamente adormecida.

\*\*\*

No dia seguinte iniciou-se uma nova vida para Caroline. Diferente de tudo o que já conhecera até então, o contato com o agrupamento cigano lhe proporcionaria uma experiência única em sua existência.

Não eram completamente desconhecidos para ela. Na sua infância e adolescência, bastas vezes caravanas desse povo indômito e nômade passaram pelas imediações do palácio, em Paris. Armavam o acampamento fora dos limites da cidade e transitavam pelas ruas oferecendo seus utensílios e joias; quando não, oferecendo-se para tirar a sorte nas cartas ou ler o destino na palma das mãos.

A exemplo do que acontecia com todas as pessoas, não se aproximava. Tinha receio. Afirmavam-lhe que eles roubavam crianças e que eram sujos e maus.

Naquela manhã Caroline despertou tarde. Sua primeira impressão foi de estranheza por não se encontrar em seus aposentos. Perpassando o olhar ao redor lembrou-se do que ocorrera na véspera.

Levantou-se, ajeitou as roupas um tanto amassadas e, abrindo a porta, saiu do carroção.

Imediatamente foi envolvida pelo ambiente do acampamento. Todos já labutavam, cada um entregue às suas tarefas específicas, enquanto algumas crianças brincavam despreocupadas.

Houve um momento de silêncio; todos pararam o que estavam fazendo para observar a desconhecida.

Sem saber o que fazer ou que atitude tomar, ela permaneceu de pé, estática, ao lado da carroça. Os olhares estranhos e indagadores a incomodavam.

Nisso, percebeu Dolores que se aproximava, sorridente.

– Vem, não temas. São todos amigos.

E, virando-se para seus irmãos de raça disse, à guisa de apresentação:

– Esta é Caroline. Ficará conosco durante algum tempo.

Alguns sorriram, cumprimentando; outros desviaram os olhos com indiferença; as mulheres a avaliavam examinando seus trajes, o cabelo bem tratado, as mãos delicadas, a pele rosada.

Alguém comentou com ironia:

– É uma dama! O que fará uma dama num acampamento cigano?

Explodiram risadas. Dolores retrucou, com raiva:

– Não sejas indelicado, Ígor. Ela será “minha hóspede” pelo tempo que for necessário.

Um outro cigano que, com uma faca nas mãos, entretinha-se a apontar um pedaço de madeira, perguntou, como porta-voz do grupo:

– O chefe já sabe?

– Ítalo será informado assim que retornar ao acampamento.

Dando de ombros, o cigano murmurou, fitando a desconhecida com ar de dúvida:

– Por mim está bem. Desde que não nos traga problemas...

Como ninguém mais se atrevesse a fazer qualquer comentário, Dolores virou-se para Caroline, tranquilizando-a:

– Não te preocupes. No fundo, são boas pessoas.

E fazendo uma pausa, perguntou:

– Estás com fome? Logo estará pronta a refeição.

Como a francesinha afirmasse não estar com fome, Dolores levou-a pela mão a percorrer o acampamento, parando para conversar com as pessoas, explicando-lhe o que faziam, dando-lhe informações sobre a vida do bando.

Aos poucos Caroline foi ficando mais à vontade. Com o passar das horas, sentiu-se mais calma e segura.

À noite, quando se reuniram em círculo para cantar e dançar à luz da fogueira que crepitava ao centro e colocava tons avermelhados no rosto das pessoas, sentiu-se fascinada.

Ao som de um violino, uma guitarra, e acompanhada pelo ritmo do pandeiro, uma jovem de rara beleza, que Caroline não vira ainda, dançou. Seus movimentos, lentos a princípio e coleantes como os de uma cobra, se

transformaram; aos poucos o ritmo foi aumentando, seus gestos se tornando mais sensuais; rodava em círculos, movimentando as saias rodadas com as mãos, enquanto batia os pés de forma sincopada. A dança atingiu um ritmo frenético sob as palmas dos assistentes, até que a jovem cigana caiu ao solo, exausta e ofegante, mas tendo sempre um sorriso nos lábios vermelhos, enquanto soavam os últimos acordes da melodia.

Caroline ficou perturbadoramente empolgada pela música e pela dança. O coração pulsava rápido sob a emoção inusitada e os olhos umedeceram-se, enquanto uma desconhecida sensação de bem-estar a envolveu.

Outras danças movimentaram o grupo e outras ciganas foram para o centro da roda. Nesse momento, uma mulher, que ainda não notara, estava de pé no centro do círculo. As tranças negras caíam pelas costas e seu riso era estranho e amedrontador. O olhar penetrante e mau cruzara com o de Caroline causando-lhe inquietação.

Pretextando cansaço, ela recolheu-se. Aos poucos o acampamento mergulhou no silêncio. Só se ouvia o som plangente da guitarra e os acordes eram melancólicos, enchendo-a de tristeza e saudade.

Com o passar dos dias, cada vez mais se integrou na vida dos ciganos. Ao ficar sabendo que o chefe chegara, Dolores procurou-o na sua tenda, informando da presença de uma estranha no grupo e relatando o que ocorrera.

Com ar severo, o chefe, a quem todos respeitavam e temiam, inquiriu:

– Não desconheces nossas leis. Sabes que aqui todos trabalham. Ninguém é peso morto.

A cigana concordou com um gesto de cabeça:

– Sei disso. Não te preocupes, Ítalo. Ela também dará sua parcela de colaboração. Cuidarei disso pessoalmente.

– Bem, então aceito. Sabes que temos que ter muito cuidado com estranhos. Somos sempre perseguidos...

– Concordo contigo que é preciso cuidado. Ela, todavia, não representa perigo para nossa raça.

– Se te responsabilizas por ela...

– Sim, eu me responsabilizo.

Assim, Ítalo deu por terminada a conversação. Queria conhecer pessoalmente a hóspede de Dolores e nova componente do bando.

Ao vê-la, ficou encantado com sua beleza e maneiras aristocráticas. Não deixou de notar como atraía os olhares dos homens do grupo. Sentiu-se um tanto inquieto e apreensivo, mas resolveu dar tempo ao tempo.

Com o passar dos dias, já se ouvia o riso fácil de Caroline pelo acampamento. Com Dolores aprendia a arte de ler nas cartas o destino das pessoas.

Desejou aprender a dançar. A nova amiga a incentivou, ensinando-lhe os primeiros passos. Dentro em pouco já dançava como se nunca tivesse feito outra coisa na vida. Afirmava para Dolores a sorrir, os olhos brilhando de satisfação:

– Tenho a dança no sangue! Tudo me é muito familiar. É como se já tivesse vivido num acampamento cigano<sup>7</sup>.

A primeira vez que dançou em público deixou estáticos os componentes do bando.

Sempre dançava durante o dia, brincando com as crianças ou fazendo parte de uma roda de mulheres mais idosas. Geralmente o acampamento ficava vazio durante as horas do dia; os homens válidos saíam para negociar e as mulheres para mendigar na cidade, ou ler a mão dos transeuntes em troca de uma moeda.

Caroline até então permanecera no acampamento, não se afastando muito do local. Nunca mais fora à cidade. Temia ser reconhecida.

Àquela noite, Dolores pediu-lhe que dançasse. Recusou sentindo-se constrangida perante o público que ali estava. A amiga empurrou-a para o centro da roda e, quando percebeu, todos a aplaudiam pedindo que bailasse.

Engoliu em seco. O coração começou a bater forte e a respiração se acelerou. Olhou em torno. Serguei, com a guitarra nas mãos, incentivou-a com um sorriso cálido.

Fez-se silêncio. Ouvia-se apenas o crepitar do fogo ao soar os primeiros acordes da música.

Deu os primeiros passos, a medo. Logo, porém, deixou-se envolver pela melodia e esqueceu que todos a observavam. Ao som das palmas cadenciadas entregou-se ao prazer da dança.

Tinha uma maneira muito própria de externar seus sentimentos; os gestos eram sensuais, mas delicados; os volteios e requebros acompanhados do sapateado, encantavam. Movia-se com graça, de um lado para o outro, rodopiando sem parar. A melodia tornou-se mais frenética, atingindo um ritmo alucinante, terminando com um volteio mais rápido e caindo ao solo.

Surpresos, os ciganos permaneceram em suspenso durante alguns segundos; depois, prorromperam em aplausos.

A partir daquele dia, Caroline não parou mais de dançar.

Com o passar dos meses, ninguém reconheceria mais naquela pequena cigana a aristocrática condessa Caroline de Drumond. Seus cabelos escureceram, tratados com o óleo da noqueira, que as mulheres ciganas apreciavam usar. O rosto perdera o aspecto pálido e a brancura natural. Com a vida ao ar livre, sol em abundância, sua tez se colorira, tornando-se de um belo tom bronzeado.

Saía a andar por Toledo em companhia dos ciganos e uma estranha sensação de liberdade a dominava. Não ter que prestar contas a ninguém, fazer apenas o que fosse da sua vontade, a enchiam de euforia.

E assim, na alegre companhia dos ciganos, percorria as ruas da cidade, não obstante ainda sem coragem de pedir, coisa que eles faziam com a maior naturalidade.

Muitas vezes lembrava-se de Rodrigo com saudade. Não tivera mais coragem de se aproximar do palácio de Alcalá.

Uma única vez o fizera. A primeira vez que viera à cidade desde que estava em companhia da tribo nômade.

Cheia de expectativa, aproximou-se do portão onde dois guardas conversavam. Educadamente, pediu licença e inquiriu:

– Podeis informar-me se Sua Alteza, o duque de Alcalá, já retornou de viagem?

Parando de falar, os homens viraram-se para ela, surpresos:

– Quem?

– Dom Rodrigo Hernández, o Duque...

Fitaram-na sem responder à pergunta que lhes fora feita:

– Viste que ousadia? Uma reles e imunda cigana se atreve a perguntar por sua Alteza! – comentou um deles, ao que o outro retrucou:

– O que pode querer uma cigana com nosso Senhor? Avia-te, mulher, aqui não é teu lugar.

Caroline quis explicar, mas não conseguiu. O primeiro a agarrou pelo braço empurrando-a com força e atirando-a no meio da rua.

– E não te atrevas a voltar aqui e aborrecer-nos com tua presença! – gritou o outro, caindo ambos numa gargalhada.

Profundamente humilhada, Caroline levantou-se, ajeitando as roupas e, contendo as lágrimas amargas que teimavam em cair, afastou-se daquele local.

Perdera o encanto pelo passeio. Retornou automaticamente para o acampamento, sem perceber o que fazia. Desejava sentir-se em casa, segura

e protegida. Lá, caminhou até a margem de um riacho que corria em meio às árvores e sentou-se na grama.

Sentia-se invadir por uma dor profunda, misto de decepção e raiva. O orgulho ferido, o amor-próprio espezinhado levavam-na a desejar vingança contra aqueles homens grosseiros que a trataram com tanta brutalidade.

Monologava intimamente remoendo o que acontecera. O que esperava? Na verdade, esquecer-se que não era mais a elegante dama que poderia apresentar-se e ser bem recebida em qualquer salão, por mais aristocrático que fosse, mesmo no palácio real de Castela. Agora, era uma cigana, mulher do povo e pertencente a uma raça desprezada.

Fitou suas roupas, coloridas e extravagantes; com as mãos, acariciou os colares que pendiam de seu pescoço; analisou os braços tilintantes de braceletes e as mãos morenas, agora morenas, cobertas de anéis. Não... não era mais a francesa de descendência nobre e de maneiras refinadas. Era uma pobre cigana, acolhida por generosidade de alguém e que nada mais tinha de seu.

Inclinou a cabeça, apoiando-a nos joelhos, cheia de amargura, e deixou que as lágrimas afinal corressem livremente em suas faces.

Serguei, um pouco distante, cuidava dos cavalos; viu quando Caroline chegou e percebeu seu desespero. Ficou em dúvida se deveria interromper aquela crise íntima. Afinal, se resolveu.

Aproximou-se com passos leves. Ouvindo o ruído de folhas secas sob os pés, ela levantou a fronte. Penalizado, o rapaz indagou:

– Posso fazer-te companhia?

Ela fez um gesto que traduzia a sua indiferença. Ele sentou-se e perguntou, fitando-a atentamente:

– Por que chora uma rapariga tão encantadora? Esta é a primeira vez que te vejo realmente triste. Estás sempre risonha, cheia de energia e és a alegria do acampamento.

Caroline olhou-o, tentando enxugar as lágrimas que teimavam em deslizar pelo seu rosto.

– Não te iludas, Serguei, e nem te fies nas aparências.

– Todavia, sinto que aconteceu alguma coisa? Alguém te magoou? Não queres me contar o que houve? – o rapaz aduziu, sério.

– Agradeço-te o interesse – ela falou – mas talvez algum dia possa abrir-te meu coração. Não hoje e nem agora.

O cigano fitava-a com evidente admiração. Meditou um pouco e continuou:

– Mas, o que pode ter acontecido de tão grave na tua vida para que estejas tão amarga? És muito jovem ainda; terás, quando muito, dezoito anos de idade. Percebe-se que és uma dama, pela qualidade das roupas que vestias quando aqui chegaste. O que pode ter ocorrido de tão sério para que tivesses abandonado família, bens, posição, que te obrigasse a vagar junto a uma tribo de ciganos? – falou ele mais para si mesmo.

– Ah! Serguei, se conhecesses minha vida, se soubesses tudo o que já passei... Mas, não importa, tudo é passado. Hoje, tive a certeza disso. Não

existe mais retorno possível. Escolhi o meu destino e estou presa a ele.

– Deixa-me ajudar-te. Quero ser teu amigo. Sinto-te muito só e desamparada.

Pegando a mão de Caroline, levou-a aos lábios com ternura.

– És bom, Serguei. Dizes bem, estou muito só e preciso de um amigo.

Ela acompanhou estas palavras com um longo suspiro. O rapaz insistiu:

– Certamente existirá alguém que te ame e a quem dediques afeto.

– Não quero falar sobre isso, Serguei. Não agora. Talvez um dia.

Suspirando, ele concordou:

– Muito bem. Seja como tu queres. A partir de hoje, podes contar comigo. E quem sabe algum dia me contes o teu passado e me permitas ajudar-te melhor?

Caroline assentiu com um sorriso e, finalizando o diálogo, agradeceu:

– Estou muito melhor agora, Serguei. Obrigada.

Levantou-se e, ajeitando as roupas, retornou ao acampamento.

---

⌈ Sem que soubesse, Caroline recordava-se de uma outra existência em que pertencera a um grupo tribal afim. (nota do autor espiritual)

## Capítulo XIV. A taberna

A partir daquele dia Caroline como que se integrou mais ainda no espírito cigano.

Como se tivesse decidido cortar de uma vez as amarras que ainda a prendiam ao seu mundo, àquele mundo que deixara voluntariamente, começou a demonstrar mais entusiasmo e alegria do que estava longe de sentir. Tal como se quisesse se aturdir para não pensar, suas atitudes passaram a refletir o estado de ânimo que a dominava.

Estava sempre rodeada de rapazes, brincando e rindo à toa. Febrilmente mergulhava em atividades, nos pequenos prazeres que o acampamento lhe proporcionava, procurando tirar o máximo proveito da situação.

Ítalo, responsável pelo bando, observava o que estava acontecendo com alguma preocupação, não isenta de razão.

Dolores, também amante da vida alegre, compartilhava desse modo de ser, satisfeita por ter encontrado uma companheira à altura de seus anseios.

Serguei, que se tornara muito amigo de Caroline, observava, muitas vezes à distância e um tanto despeitado, as atenções de que sua nova amiga era objeto.

A interessada, no entanto, ignorava o que se passava a seu redor: o despeito de uns, que se julgavam preteridos; a inveja das mulheres, que não lhe perdoavam a beleza e o fascínio que exercia sobre seus homens; os olhares reprovadores dos anciãos do grupo.

Nada disso a interessava. Na verdade, pela primeira vez usufruindo o gosto da liberdade, embriagava-se com o prazer das atenções gerais, o brilho nos olhos dos homens quando dançava, a admiração das mulheres. Sentir-se o centro dos interesses lhe proporcionava uma satisfação íntima indizível e entregava-se à dança com volúpia.

Já agora não passavam sem sua presença à noite, na roda. Com o tempo deram-lhe o apelido de “Flor” – porque estava sempre com uma flor nos cabelos, no seio, na boca.

Certo dia Serguei convidou-a para irem até a taberna se divertirem um pouco. Caroline aceitou com satisfação. Nunca saíra após o anoitecer do acampamento e a novidade a atraía muito.

Aproximando-se da taberna, já puderam ouvir o som da melodia que tocava. Entraram. Caroline olhou com curiosidade, perpassando a vista pelo ambiente.

Era um local não muito grande, iluminado fracamente por algumas tochas presas às vigas. O cheiro de resina da madeira chegou-lhe ao olfato, misturado ao odor do vinho e dos corpos suados que ali se acotovelavam. Grandes mesas de madeira tosca, rodeadas de bancos igualmente rústicos, espalhavam-se pelo recinto, apenas deixando um espaço vazio, onde alguns músicos tocavam.

O vozerio a aturdiu. As risadas, a conversa variada entre os diversos grupos acomodados ao redor das mesas, os vapores do vinho e o ar abafado, a atordoaram a princípio. Serguei, sentado a seu lado, notou.

– Estás sentindo alguma coisa, Flor?

– Estou bem, Serguei. Tive um mal-estar súbito, mas já passou. O ar está abafado...

O cigano riu, tranquilizando-a:

– Sossega. Logo te acostumarás. Observa, alguém vai dançar.

Os olhares se dirigiram para o espaço livre entre as mesas, onde uma mulher ensaiava os primeiros passos em meio à gritaria do público.

O taberneiro trouxe vinho para todos. Estavam em cinco: Dolores, Ígor, Rosário, Caroline e Serguei.

Quando a melodia acabou e a mulher voltou para o seu lugar, Rosário foi para o centro do palco improvisado e começou a dançar, sob os aplausos da assistência que, pelo jeito, já a conhecia e admirava.

Ao finalizar os acordes da música, Dolores pediu a Caroline que dançasse.

– Não aqui, para esse público – retrucou a outra, horrorizada.

– Por que não? Não te pejas de bailar no acampamento! – aduziu Rosário, ainda ofegante.

– É diferente. Lá, sinto-me em casa.

Serguei tomou-a pela mão, dizendo:

– Vem, eu te acompanharei. Não tenhas receio.

Assim instada, a jovem levantou-se, temerosa.

Vendo uma rapariga diferente que se dirigia ao palco improvisado, todos se calaram. Serguei tomou da guitarra e sentou-se. Olhou para Caroline e

sorriu, incentivando-a.

Trêmula, ela se posicionou, em meio ao silêncio que se fizera. As conversas terminaram; os que levavam a caneca de vinho à boca pararam a meio. A graça de Caroline se impunha naquele ambiente estranho.

Os acordes da melodia soaram e, logo nos primeiros passos, encantou a todos. Flor movia-se, acompanhando a exótica melodia de sabor mourisco, ora melancólica, ora vibrante, com gestos sensuais e ardentes, volteando entre as mesas e fitando cada pessoa como se dançasse só para ela. A música foi aumentando de intensidade até atingir um ritmo frenético e alucinante, quando, então, parou abruptamente.

Com a respiração suspensa, o público acompanhava enlouquecido. Ao término, os aplausos estrugiram, enquanto Caroline retornava para a mesa, exausta.

Serguei abraçou-a, murmurando-lhe ao ouvido:

– Hoje te superaste. Estavas magnífica!

Dolores recebeu-a com um sorriso aberto:

– Não te disse que conseguirias? Viste os aplausos?

Ígor concordou, comentando:

– Conseguiste uma vitória sem precedentes hoje. Congratulações.

Em meio à algazarra que se fez, os frequentadores tinham curiosidade em saber quem era aquela bela mulher que acompanhava o grupo de ciganos, e ao mesmo tempo era tão diferente deles. Os mais afoitos aproximavam-se para travar conhecimento com a dama, outros ficavam olhando de longe, não

menos interessados. O fato é que todo o público estava intrigado. De onde surgira aquela mulher? Quem seria?

Divertindo-se à larga com tudo isso, os ciganos ficaram mais algum tempo e depois retiraram-se, no meio do comentário geral.

Voltaram outras vezes à taberna e já não dispensavam a dança de Flor. A fama da nova bailarina corria pela cidade e o recinto enchia-se cada vez mais de novos frequentadores, que vinham atraídos pela curiosidade e pelo desejo de ver a bela cigana.

Quando Flor não aparecia com seu bando, a decepção era grande e a taberna esvaziava-se mais cedo, para tristeza do ambicioso proprietário.

O astuto taberneiro resolveu contratá-la, oferecendo-lhe determinada importância por suas apresentações. Assim, poderia contar com seu espetáculo.

Dolores foi a intermediária da proposta e, tudo acertado, Flor começou a apresentar-se regularmente, acompanhada por Serguei, cuja presença não dispensava.

Certa noite entrou na taberna um cavalheiro muito bem vestido. Seu traje luxuoso, as maneiras elegantes denotavam pessoa de posição social.

Com alguns amigos, acomodou-se numa mesa que o taberneiro, todo solícito, limpou às pressas. O proprietário demonstrava conhecê-lo de longa data, atendendo obsequioso, com largo sorriso no rosto rechonchudo.

Os ciganos já estavam no recinto. Ao vê-lo, Rosário correu a seu encontro, os olhos brilhando de satisfação:

– Ramón! Por onde andaste, meu querido? Estava louca para ver-te!

E, assim dizendo, abraçava-o apaixonadamente.

O homem a quem Rosário se dirigia era de estatura elevada, esguio, de gestos aristocráticos e olhos profundos. Seu rosto magro era pálido, denunciando vida desregrada. Extravasava da sua personalidade um ar altivo e displicente que atraía as mulheres.

Caroline acompanhou Rosário com os olhos e, surpresa, viu-a abraçando o cavalheiro que acabara de chegar.

Atraído por seu olhar, o desconhecido fitou-a. Caroline desviou os olhos, enquanto mentalmente reconhecia que o desconhecido era um homem bem interessante.

Logo em seguida era sua vez de dançar e o fez como nunca, consciente daquele olhar que ela sentia preso aos seus movimentos. Percebeu, enquanto dançava, que ele chamara o taberneiro, sem desviar os olhos da sua figura, murmurando algo em seu ouvido.

Quando terminou de dançar, retornou à mesa que ocupava com seus amigos ciganos acompanhada pelos aplausos frenéticos dos assistentes.

Viu Dolores levantar-se e dirigir-se à mesa do distinto cavalheiro. Notou que ele despedia Rosário, que se afastou remoendo seu ódio.

Não deu maior atenção ao fato até que Dolores retornou, puxando-a pela mão.

– Vem. Alguém quer conhecer-te.

Deu de ombros. Estava acostumada com o interesse das pessoas. Ajeitando a mantilha, aproximaram-se da mesa do cavalheiro desconhecido e, imediatamente, ele ergueu-se para cumprimentá-la, fazendo uma reverência.

Com sorriso sedutor mergulhou seus olhos nos dela, tomando-lhe a destra e levando-a aos lábios.

– Encantado, senhorita. Apresento-me: Sou Ramón de Oviedo e confesso que jamais fiquei tão impressionado com alguém antes.

Caroline aceitou seus galanteios com um sorriso discreto e um aceno de cabeça:

– *Gracias*, senhor.

– Aceitas uma caneca de vinho? – continuou, convidando-a a tomar assento em sua companhia.

– Se é do teu agrado, senhor – respondeu.

O estranho continuava a observá-la acintosamente, o que deixou Caroline constrangida.

– Há algo de errado comigo, Dom Ramón?

Percebendo sua indelicadeza, Ramón desculpou-se, lançando-lhe um olhar envolvente.

– Queira perdoar-me. Abstraí-me na contemplação da tua beleza e esqueci as regras do decoro. Mas, dize-me, de onde vieste?

Um tanto irritada, ela não pôde deixar de reconhecer que ali estava um homem muito perigoso, e respondeu tentando aparentar indiferença:

– De lugar algum, senhor. Por que perguntas?

– Porque jamais nos encontramos antes.

– Como podes ter tanta certeza? Sou uma cigana como outra qualquer – aduziu com amargura e um tanto irônica.

– Ah! Aí é que te enganas. Se tivéssemos nos encontrado, eu me lembraria com certeza.

Disse essas palavras mergulhando-a num olhar tão sedutor e pleno de intenções que Caroline corou, se desconcertando. Como a jovem mantivesse silêncio, ele prosseguiu:

– Como te chamas?

– Já te disseram. Flor.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

– Não. Este é um apelido. Quero saber teu verdadeiro nome.

– Por quê?

– Porque sinto que não és quem dizes ser – respondeu Dom Ramón lentamente, medindo bem as palavras.

Caroline desviou os olhos um tanto assustada. Ele fez uma pausa, enquanto analisava cada traço do rosto dela. Depois, pausadamente, continuou:

– Não... não és, como afirmas, uma cigana qualquer. Tua tez é muito alva, a despeito do queimado do sol; a expressão dos olhos e os traços do teu rosto não são típicos da raça cigana. Além disso, tens mãos finas e

aristocráticas e teus gestos denotam nobreza e altivez. Teu porte é o de uma rainha e todos deveriam curvar-se a teus pés.

– Deliras, por certo. Poupa-me, senhor, dos teus gracejos – retrucou irritada.

– Não. Estou consciente do que digo – afirmou o cavalheiro com gravidade.

Caroline levantou-se ameaçando se retirar. Ele segurou rapidamente a sua destra, suplicando:

– Fica mais um pouco. Ainda não acabei. Temos muito para conversar.

Com ar arrogante e altivo ela deu por terminada a conversa, soltando a mão que ele prendera entre as suas:

– Pois não tenho mais nada para dizer-te, senhor. Adeus.

Com passos firmes encaminhou-se para a mesa dos ciganos e, dentro em pouco, deixavam a taberna.

A jovem condessa estava em pânico. Quem seria aquele homem? Por que lhe fizera tantas perguntas? Ao ficar a sós com Dolores, teria que interrogá-la. Certamente a amiga poderia informá-la melhor e sanar os receios e as dúvidas que a atormentavam.

Todavia, apesar do temor de ser descoberta, a imagem do desconhecido não lhe saía da mente.

Que estranho! O rosto de Ramón de Oviedo parecia-lhe surpreendentemente familiar. Onde já vira antes aqueles olhos profundos e cismadores? Aquele nariz, aquela boca?

Uma estranha sensação a envolveu, misto de atração e de repulsa, que não saberia justificar.

\*\*\*

A partir de então, era comum encontrar-se Dom Ramón de Oviedo na taberna.

Interrogando Dolores, Caroline ficou sabendo que era um nobre espanhol, muito rico, amante dos divertimentos e de moral duvidosa. Estivera algum tempo em sua propriedade, em Oviedo, ao norte da Espanha, onde fora regularizar alguns negócios de família. Por essa razão, somente agora Caroline o conhecera. Completando, a cigana sorriu e comentou, enquanto colocava as cartas na mesa:

– Conheço bastante Dom Ramón de Oviedo para saber que tu lhe causaste funda impressão.

Fez uma pausa e continuou, analisando as cartas que tinha à sua frente:

– Cuidado, porém. Rosário o ama com loucura e não perdoará se notar que ele não a quer mais. Ela é muito perigosa e temo por ti. Além disso, pressinto perigos...

– Como assim?!.. – interrogou Caroline.

Meneando a cabeça, a cigana respondeu:

– Não sei... não sei... As cartas mostram que acontecimentos imprevistos ocorrerão, envolvendo uma mulher jovem e um homem.

Pegou outras cartas e levantando a frente informou:

– Tem relação com um homem da Igreja...

– Quem?!...

– Um sacerdote! – respondeu Dolores tão surpresa quanto a outra. –

Conheces alguém que teria interesse em te prejudicar?

Assustada, Caroline respondeu negativamente:

– Não, não conheço ninguém que poderia desejar o meu mal. Continua...  
que mais percebes?

Dolores embaralhou as cartas novamente, enquanto seu rosto se cobria de sombras.

– Nada mais vejo. Nada mais.

Nesse momento, Caroline percebeu que a cigana cambaleava, como se fosse perder os sentidos. Procurou ampará-la, aflita, mas foi muito rápido. Logo em seguida, Dolores abriu os olhos e sorriu de forma angelical.

Seu semblante mudara totalmente. Amenizaram-se-lhe os traços do rosto e os olhos adquiriram uma expressão de suavidade e ternura. Os gestos tornaram-se delicados e sua voz ressoou docemente no ambiente da carroça:

– Minha amiga, coragem. Tens ainda um longo trajeto a percorrer. As adversidades espreitam tua caminhada e a cada passo existe um perigo oculto. Retorna sobre teus passos; volta para o convívio daqueles que te amam. Gaston se desespera sem ti e acumulas sobre tua cabeça uma carga de desventuras que te será penoso suportar. Sê humilde. Reconhece que errou e suplica o perdão dos entes queridos que tanto magoaste com tua conduta impensada. Parecer-te-á, talvez, difícil e humilhante em demasia. Todavia,

asseguro-te que no futuro abençoarás esse momento, tanto quanto lamentarás se assim não o fizeres.

Fez uma pausa, avaliando o efeito de suas palavras no íntimo da jovem e dando-lhe o tempo necessário para refletir. Caroline soluçava sem conter a emoção. Sabia que quem lhe falava, fosse quem fosse, tinha razão. Era preciso retroceder.

Percebendo as íntimas disposições da jovem, a Entidade amiga, pela boca de Dolores, continuou:

– Medita em tudo o que te digo. Busca, através da oração, te ligar àqueles que desejam te ajudar. Só assim terás a força necessária para lutar e vencer. Conta conosco. Estaremos a teu lado buscando orientar-te. Confia em Jesus... confia... adeus.

Voltando a si, Dolores levou as mãos ao rosto e esfregou os olhos.

– Não sei o que aconteceu comigo. Sinto-me estranha...

Fitando Caroline à sua frente, interrogou surpresa:

– Estás chorando? O que aconteceu?

Caroline reconheceu a amiga que retornara e respondeu, notando que ela de nada se lembrava:

– Tranquiliza-te. Nada aconteceu. Estou emocionada com tudo o que me contaste. Só isso.

Tentando mudar de assunto, convidou:

– Vou ao rio lavar umas peças de roupa. Vens comigo?

Dolores recusou, alegando que tinha outras coisas para fazer. A jovem condessa saiu da carroça aliviada. Queria ficar só. Meditar no estranho acontecimento que ocorrera aquela tarde.

Não podia duvidar. Aquela que lhe falara com tamanho carinho não era a sua amiga Dolores. Conhecia-lhe os modos estabados e os trejeitos, a maneira de se expressar, de olhar e de sorrir. Aquela criatura, fosse quem fosse, era de educação esmerada, maneiras refinadas e a voz possuía um acento doce e inesquecível.

Sua presença causara-lhe infinito bem-estar. Sentira-se segura e confiante, sem sombra de medo. Ao contrário, desejou abraçá-la como se fosse uma mãe. Não como sua mãe adotiva, Claire, que nunca tivera tempo para ela e nunca lhe dera carinho. Não. Como uma verdadeira mãe o faria, aconchegando o filho nos braços.

Além disso, Dolores nada sabia da sua vida passada. Ignorava a existência de Gaston e de tudo o que se referia a ele. Contudo, naquele momento mágico, quem lhe falara citara nominalmente o marido abandonado e os entes queridos, como se fosse conhecedora de todo o seu passado.

Nesse momento, Caroline lembrou-se do sonho que tivera e que lhe causara funda impressão, ainda antes de abandonar o lar.

Sim, tinha certeza agora. Era a mesma pessoa, a mesma maneira de falar, o mesmo carinho nas atitudes. Quem seria aquela mulher? Sentia que eram muito amigas, que a conhecia de longa data, sem saber quando ou onde a

encontrara. A primeira vez que a viu, pensou que fosse uma santa. Quem sabe seria mesmo? Uma santa interessada em ampará-la?

Caroline permaneceu longas horas entregues a si mesma, tentando decidir o que fazer da sua vida.

A necessidade de retornar ao lar e ao convívio dos seus avultava cada vez mais em seu íntimo. A imagem de Gaston surgiu aureolada pelas cores da saudade. Ansiava pela paz e pela segurança de uma posição estável.

Ao mesmo tempo, pensava: como retornar? Não tinha recursos para isso. Para uma viagem de longo curso era preciso muito dinheiro. O que fazer?

Depois de muito meditar sobre a situação, decidiu que o melhor seria continuar ali em Toledo mais algum tempo. A dança lhe proporcionaria os meios de ganhar o necessário para mudar de vida. E, quando tivesse o suficiente, voltaria para a França.

Assim pensando, pegou sua trouxa de roupas e tomou o rumo do acampamento.

Estava escurecendo. O sol deitava seus últimos raios sobre a Terra, dourando as folhas das árvores.

Suspirou. Sentia-se estranhamente confortada, como se sustentada por mãos invisíveis. A esperança voltava a habitar seu coração.

## Capítulo XV. Ramón de Oviedo

A vida seguia seu curso de forma lenta e monótona. Após ter tomado a decisão de retornar à França assim que tivesse recursos, Caroline dançava com mais vigor ainda. Recebia sempre muitas gorjetas, que atestavam a admiração dos frequentadores da taberna. Gastava muito pouco. Da importância que recebia como pagamento do taberneiro, dava uma parte para os ciganos, como era de praxe; tinha de contribuir para a manutenção do grupo. Mas as gorjetas e presentes que recebia, não; o que conseguisse economizar, de um e de outro, guardava com carinho. Era o seu tesouro.

Dia após dia, encontrava sempre o olhar profundo de Dom Ramón de Oviedo. Não tiveram mais ocasião de conversar em particular, mas ele buscava sempre oportunidade para apertar o cerco.

Bastas vezes, convidava-a para sentar-se à sua mesa e fazer-lhe companhia; Caroline dava uma desculpa e não ia. De outras vezes, ele mandava portador com convite para cear em sua residência; ela recusava.

Arrogante e prepotente, acostumado a fazer valer sua vontade, Dom Ramón já se ressentia dessa recusa sistemática, enquanto seu interesse pela jovem cigana crescia a cada dia.

Uma tarde, Dolores aproximou-se de Caroline, que se divertia em brincar com algumas crianças no acampamento, ordenando:

– Prepara-te com esmero. Esta noite faremos visita a um velho amigo meu. Quer conhecer-te e convidou-nos para a ceia.

A francesinha deu de ombros, concordando com indiferença. O que lhe poderia interessar esse homem que não conhecia? Ainda assim, a curiosidade feminina falou mais alto e inquiriu:

– Como é ele? Jovem? Velho?

Dolores respondeu evasivamente, com sorriso ligeiro:

– Tem paciência. Logo saberás.

– Então, esta noite não iremos à taberna?

– Isso mesmo.

– Que pena! – murmurou Flor mais para si mesma.

Naquele momento lembrara-se do vulto do nobre espanhol cuja presença era obrigatória na taberna.

Não conseguia definir os sentimentos que a agitavam. Sentia ao mesmo tempo um misto de atração e de repulsa por aquele homem. Essa a razão por que não aceitava nunca seus convites. Ainda agora, ao saber que não o veria naquela noite, ficou pesarosa; no entanto, sempre que ele estava presente, nutria desejo insofreável de fugir dele.

Ainda ouviu Dolores que, afastando-se, fazia-lhe uma recomendação:

– Nada digas a Rosário.

Não estranhou porque, como a presença da referida moça não lhe fosse particularmente simpática, entendeu que Dolores não queria que ela as acompanhasse.

Algumas horas depois, quando o sol já sumira no horizonte e as primeiras estrelas iluminavam o firmamento, deixaram o acampamento

cigano.

Caminharam até a cidade e depois tomaram o rumo de uma rua que Caroline não conhecia. Chegaram ao portão de uma propriedade senhoril, onde Dolores falou algo ao ouvido do vigia. Logo em seguida a porta foi aberta e adentraram o interior da residência.

Caroline avaliava mentalmente o ambiente onde se encontravam. Era rico e luxuoso, decorado com acentuado gosto mourisco.

Dentro de poucos minutos, surgiu o anfitrião, estendendo os braços com sorriso vitorioso no semblante satisfeito:

– Sede bem-vindas a minha casa!

De costas, observando a decoração, Caroline virou-se ao ouvir aquela voz e, ao ver o dono da casa, murmurou, perplexa:

– Dom Ramón de Oviedo!

Tomando as mãos dela nas suas, o cavalheiro desculpou-se:

– Perdoa-me o stratagem, Flor. Ansiava para que aceitasses um convite meu, porém sempre te recusaste!

A jovem condessa procurou Dolores com os olhos, onde se lia a dor de sentir-se traída, mas a cigana olhava tudo a seu redor, completamente indiferente ao descontentamento de Caroline e despreocupada com o mal-estar que se estabelecera.

Aproximando-se mais e levando a mão dela aos lábios, ele renovou a solicitação:

– E então, Flor, aceitas cear comigo?

Ao senti-lo tão perto de si, fitando-a com o olhar envolvente e sedutor, ela não resistiu:

– Está bem. Aceito.

– Ótimo. Ótimo. Fico muito feliz. Passemos à outra sala, onde ficaremos melhor acomodados.

Como se tivesse repentinamente lembrado de alguma coisa, nesse instante Dolores levou a mão à frente, exclamando:

– Que cabeça a minha! Como fui me esquecer? Desculpai-me, mas preciso ir urgentemente à taberna transmitir um recado.

Caroline quis protestar e fez menção de acompanhá-la, mas Ramón a impediu docemente:

– Fica. Ela voltará logo.

Um criado acompanhou Dolores até a porta, passando para as mãos da cigana, discretamente, uma pequena bolsa recheada de moedas, que ela guardou com sorriso satisfeito.

Dom Ramón conduziu Caroline até uma sala muito agradável, onde se acomodaram em macios coxins de seda. O anfitrião bateu palmas e um criado trouxe vinho.

Aos poucos, Caroline foi se sentindo mais à vontade. Estava carente e sozinha por tempo demasiadamente longo, fora do seu meio e sem alguém a seu lado.

De conversa fácil e envolvente, Ramón a atraía cada vez mais.

– Não sei mais viver sem ti, Flor. Eu te quero para mim. Não posso mais ver-te dançando sob os olhares cúpidos dos homens.

Envolveu-a com os braços repetindo, enlouquecido de paixão:

– Eu te amo... eu te amo... – enquanto seus lábios se colaram aos dela.

Tentando libertar-se daquele abraço e atordoada pela bebida, ela repetia fracamente:

– Não posso... não posso...

– Por que não, minha querida? Pelo que sei, és livre. Eu também o sou. O que nos impede de sermos felizes?

– Não posso. Nada sabes sobre mim. Deixa-me sair. Larga-me!

Sem poder conter-se mais, ele respondeu, incisivo:

– Não. Agora não, minha ciganinha. Durante todo esse tempo me provocaste e agora desejas fugir? Não o permitirei. Serás minha de qualquer maneira.

E, com os braços fortes, apertava-a cada vez mais, beijando-a fremente de paixão e de desejo.

\*\*\*

A partir desse dia, Flor não mais voltou ao acampamento cigano e ao convívio dos amigos que fez enquanto lá esteve.

Ramón, louco de amor, tudo fazia para alegrar sua vida. Cobriu-a de roupas e de joias; comprava-lhe mil coisas que tanto agradam às mulheres, perfumes, enfeites, cremes, loções.

No início dedicava-se totalmente a Caroline, tendo em vista o interesse que ela lhe despertara.

De temperamento frívolo e volúvel, contudo, em pouco tempo começou a sentir o tédio rondando sua ligação. Passou então a encher a residência de amigos, movimentando os salões com músicas e danças, bebidas e mulheres, retornando à vida que levava antes.

Amante da vida fútil e divertida da sociedade de que se privou desde que deixara a corte francesa, Caroline deliciou-se, transitando como uma rainha pelos grupos e pares no salão festivo da residência de Ramón de Oviedo.

Às vezes, muito raramente, ele permitia que ela dançasse, encantando os convidados.

Dessa forma, o vínculo entre eles tomou novo impulso, revigorado agora pela convivência com outras pessoas.

Certo dia, Caroline, como sempre, levantara-se tarde após uma noite muito agitada. Procurava Ramón quando ouviu vozes alteradas. Acompanhando o som um tanto abafado pela distância, foi-se aproximando. À medida que avançava, conseguia melhor distinguir as vozes que discutiam acaloradamente. Uma delas, a voz masculina, era sem dúvida de Ramón. A outra, feminina, alterada pelo pranto, parecia-lhe conhecida.

Chegando mais perto, viu que a porta não estava fechada. Pela fresta, discretamente, pode vê-los. Ramón, ativo e arrogante, estava de pé. Em seus traços percebia-se o desgosto que a situação lhe causava e em sua boca notava-se um vinco de profundo desprezo.

A mulher a seus pés, enlaçada a seus joelhos, levanta a fronte suplicante. Caroline, cheia de espanto, levou as mãos à boca, abafando um grito:

– Rosário!

E a jovem cigana, pois era ela mesma, os longos cabelos espalhados pelas espáduas, o rosto moreno e expressivo lavado de lágrimas, dizia:

– Tem compaixão, Ramón. Eu te amo mais do que a própria vida. Não saberia viver sem ti.

– Afasta-te de mim, mulher, nada quero de ti – retrucava ele, insensível.

– Não acredito que não me ames mais. Parecias tão apaixonado quando me falavas de amor...

– És ingênua se acreditaste em tudo o que te dizia. Além disso, jamais te prometi nada. Nosso relacionamento sempre foi livre.

– Contudo, acreditei em tuas juras de amor, nas palavras que murmuravas em meus ouvidos apaixonados nos nossos momentos de íntimo colóquio.

Fez uma pausa e, fitando-o com ciúme, indagou:

– Dizes as mesmas coisas a “ela”? Prometes amá-la eternamente como fizeste comigo?

Olhando-a do alto, arrogante, ele empurrou a mulher, que caiu ao solo. Sua voz soou grave e ameaçadora:

– Como ousas, falar comigo neste tom? Como te atreves a pedir contas dos meus atos? Não te devo explicações. Desaparece da minha vida antes que mande expulsar-te como a um cão vadio.

Ao ouvir as duras palavras que lhe eram dirigidas por aquela boca que até há bem pouco tempo somente lhe falava palavras ternas; ao ver os olhos dele injetados de sangue e ódio, olhos que antes só a fitavam com doçura, Rosário ergueu-se ofegante.

O orgulho da sua raça despertou-se nela; o desgosto por se ver tratada sem qualquer respeito ou consideração, quando ali fora hipotecar o seu amor, encheu-a de revolta. Com os olhos expelindo chamas e a voz cheia de cólera, ela falou frisando bem as palavras:

– Um dia... um dia ainda te arrependerás por tuas palavras deste momento. Vim até aqui suplicar o teu amor, eu que daria minha vida por ti. Espezinhaste meu orgulho, humilhaste meu amor-próprio e destruístes o que de mais puro eu tinha: o meu amor por ti. Jamais terás descanso. Nunca terás paz. Enquanto eu viver, minha sombra estará a teu lado. E depois da minha morte, onde estiveres estarei contigo. Minha vingança será terrível porque jamais permitirei que sejas feliz com outra mulher.

Um arrepio gelado correu pelo corpo de Ramón. Um temor supersticioso inundou sua alma. Aquela mulher à sua frente, terrível no seu ódio, causava-lhe medo.

Com uma gargalhada satânica, Rosário virou-se fazendo uma meia-volta e deixou a sala.

Ramón caiu sentado numa poltrona, como que fulminado. Um mal-estar estranho o dominava.

Nesse momento, Caroline afastou-se da porta, também sumamente preocupada com as ameaças da jovem cigana.

Em seus aposentos, não conseguia esquecer as palavras, as lágrimas e as ameaças de Rosário. Sentia-se penalizada com a situação da pobre cigana. Contudo, o que fazer? Dava-se conta, só agora, que ao se vincular a Ramón nem por um só momento se lembrara dela. E não ignorava que ela amava loucamente a Ramón.

Todavia, o que poderia fazer? Ele não mais se interessava pela cigana. Agora só ela contava em sua vida. E ela, Caroline, também se sentia poderosamente atraída por ele. Seria isso amor? Mas, se fosse, como ela teria tão depressa esquecido aquele pelo qual abandonara lar, marido, tudo?

Uma onda de emoção agitou-a ao lembrar-se do duque de Alcalá. Não, ela não o esquecerá, mas agora já não poderia mais aproximar-se dele. Não depois da vida que estava levando. Sentia-se indigna do ser amado. Uma onda de melancolia e de tristeza a envolveu.

Ramón penetrou em seus aposentos, mais pálido do que de costume. Sentou-se em um coxim ao lado de Caroline e permaneceu calado, entregue aos próprios pensamentos.

Notava-o preocupado e taciturno. Aproximando-se dele e acariciando-lhe o rosto, ela inquiriu suavemente:

– Estás preocupado? Aconteceu alguma coisa?

Saindo da sua abstração, Ramón sacudiu a cabeça como se quisesse expulsar uma ideia ruim:

– Não... nada de importante.

Bateu palmas e um criado trouxe vinho.

– Quero música! Alegria!

A essa ordem, imediatamente ouviu-se o som de uma melodia.

– Danças para mim? – suplicou. – Hoje preciso parar de pensar.

## Capítulo XVI. O mosteiro

Foram dias difíceis aqueles. Mergulhado em desespero, não conseguia deixar de pensar em Caroline.

Minha esposa abandonara o lar, fugira ao meu convívio, rejeitara meu amor e minhas carícias e isso eu não conseguia aceitar.

Reviramos toda a região numa busca incessante e frenética, sem resultado. Era como se os fugitivos tivessem sido tragados pela terra. Ninguém sabia dar notícias, nenhuma informação por mais vaga que fosse.

Entregue à minha dor, desinteressei-me de tudo. Debalde meus pais tentaram levantar-me o ânimo, despertar-me para a vida. Tudo inútil.

Durante o dia, tentava controlar-me para não os afligir ainda mais. À noite, porém, solitário em meus aposentos, dava livre curso ao desespero que se instalara em minh'alma. Só adormecia depois de muito chorar, e meu sono era agitado. Acordava no dia seguinte, pálido e desfeito, sem ter conseguido repousar direito.

Algum tempo depois, um dos criados veio trazer-me uma notícia. Não muito distante dali, fora encontrada uma carruagem que despencara num barranco e se espatifara de encontro às rochas, centenas de metros abaixo.

Com o coração aos saltos interroguei:

– Acharam os corpos?

– Sim, meu senhor. Os aldeões do vilarejo próximo dizem que foram encontrados dois corpos de mulher. Infelizmente, contudo, já se passara

muito tempo e como estivessem irreconhecíveis, alguma alma piedosa fez o sepultamento.

– Achas que podem ser elas?

– É possível, senhor conde – respondeu Joseph.

– E Isaac?

Parecendo meditar, o servo considerou:

– Como estivesse dirigindo, talvez tenha percebido o perigo e conseguido pular a tempo, o que não aconteceu com a senhora condessa e a criada.

Com o coração oprimido concordei:

– É provável que tenhas razão, Joseph. Isso explicaria porque as buscas foram infrutíferas. Desejo, porém, certificar-me da veracidade dos fatos. Manda preparar os cavalos. Vamos até o local onde, talvez, minha querida esposa tenha encontrado a morte.

Após comunicar os familiares, partimos. Taciturno, cavalguei durante muitas horas em silêncio. À instâncias do meu bom Joseph, paramos para repousar e cuidar dos animais, que estavam exaustos.

Joseph comeu com prazer. Estava faminto. Eu nada quis, exceto uma caneca de vinho. Perdera o apetite, e minha angústia era tal que a única coisa que almejava era chegar logo ao local do acidente.

Penetrando na aldeia, nos dirigimos a uma estalagem, onde pedimos informações. O estalajadeiro chamou um homem e mandou que nos conduzisse ao local onde caíra a carruagem.

A região era montanhosa e cheia de desfiladeiros ladeando fundos precipícios. Atravessamos um bosque bastante aprazível e subimos uma montanha, por onde a estrada serpenteava. Numa curva do caminho, o camponês parou e apontou:

– Foi este o local onde encontraram os restos da carruagem. Olhei o precipício que se estendia à minha frente e a vista se me turvou. Joseph amparou-me para que não caísse.

As têmporas latejavam e um arrepio gelado percorreu-me o corpo. Sentei-me numa pedra e respirei profundamente o ar puro das montanhas.

– Como te sentes, *Monsieur*?

– Melhor, Joseph, não te preocupes.

Fitei o vazio à minha frente. O panorama era magnífico. Descortinava-se ao longe, no sopé da montanha, uma aldeia com seu campanário. Mais abaixo, um caminho coleava entre as árvores e a planície se estendia a perder de vista.

Mas eu não conseguia perceber a beleza que me cercava. Estava por demais entregue à minha dor para prestar atenção a coisa alguma.

Interrogamos o guia, que não pôde informar mais nada. Só o que já sabíamos. Que a carruagem não possuía brasão e que dois corpos femininos foram encontrados.

Voltamos ao vilarejo, interrogamos pessoas, falamos com aqueles que tinham encontrado os destroços, mas nada mais conseguimos apurar além do que já era do nosso conhecimento.

Retornamos a Paris convencidos de que os corpos eram das fugitivas, conquanto sem nenhuma prova de que isso fosse realmente verdade.

Abatido, deixei que a amargura tomasse conta do meu íntimo.

Debalde minha mãe, passado o período de luto, procurava proporcionar-me meios de distração. Em vão enchia nosso palácio de pessoas alegres e despreocupadas, em festas concorridas...

A instâncias dela, compareci a algumas dessas reuniões, abandonando-as ainda mais solitário e sofredor.

Mulheres não faltavam. Afinal, eu era considerado um excelente partido; elegante, rico, culto e, agora, viúvo. Percebia as manobras que faziam para aproximar-se de mim; o empenho para ocupar a cadeira ao lado da minha nos jantares; e as desculpas para visitas inesperadas à senhora minha mãe.

Com sorriso prazenteiro de cumplicidade, Claire aceitava essas desculpas, chamando-me para participar desses encontros, arranjando passeios, formando mesas de jogos, ou, simplesmente, deixando-me a sós com alguma “candidata” a ocupar o lugar de minha esposa Caroline, agora vago.

Com grande dose de tolerância, fazia a minha parte, demonstrando um interesse e uma atenção que estava longe de sentir. Exercitando a paciência, deixava-me arrastar para um lado e para o outro, fazendo companhia às damas, como um gentil-homem que era, escutando suas conversas fúteis e vazias, e deixando-me assediar por elas, mantendo sempre atitude de cortesia respeitosa, ar levemente irônico e altivez complacente.

Annette, num dia em que conversávamos no jardim, longe do bulício e da tagarelice de minha mãe e suas amigas, fitou-me com carinho e preocupação evidentes, dizendo:

– Gaston, meu filho, estás muito abatido e pálido. Percebo que a cada dia que passa ficas mais triste e melancólico.

– Ah! minha querida Annette, se soubesses como é difícil suportar a vida que estou levando!

Fiz uma pausa, respirei profundamente olhando as árvores ao redor e prossegui:

– Felizmente, hoje *ma mère* proporcionou-me tréguas, dispensando minha presença. Não sabes com que sensação de alívio estou aqui a palestrar contigo como antigamente. Neste momento gozo de uma paz que há muito não tinha.

A dedicada serva enxugou discretamente uma lágrima, afirmando:

– Também sinto falta daqueles momentos de doce enlevo, em que tudo parecia perfeito...

– E era perfeito! Tínhamos Caroline ao nosso lado. Agora, custa-me crer que não a veremos mais, que o seu riso não mais soará pelas paredes da nossa casa, que sua voz jamais tornará a entoar em meus ouvidos...

Um nó apertou-me a garganta. Colocando a cabeça entre as mãos não contive o pranto. Ali, junto de Annette, não sentia vergonha de chorar. Ao contrário, fazia-me bem. As lágrimas tanto tempo represadas correram abundantes, extravasando toda a dor e angústia que me assolavam o íntimo.

Annette acariciou-me os cabelos anelados enquanto me afirmava:

– Confia, Gaston. Tem esperança. Algo me diz que a nossa menina não está morta.

Com a voz entrecortada de soluços, indaguei:

– Achas mesmo? Mas, o que teria acontecido então?

Meneando a cabeça, Annette murmurou:

– Não sei... não sei... Mas sinto que não morreu. Tenho uma certeza íntima de que ela está viva. Caroline ainda vive, precisas acreditar nisso.

– Minha pobre Annette, deliras, por certo. O desejo de revê-la faz com que esperes o impossível. Caroline está morta, entendes? Não mais pertence ao mundo dos vivos!

Levantando a fronte, passei os dedos pelos cabelos em desalinho, concluindo cheio de revolta:

– Além disso, mesmo que estivesse viva, não voltaria mais. Esqueces que ela fugiu na calada da noite como uma criminosa, desprezando o nosso amor?

Com o semblante denotando intenso sofrimento, Annette suplicou:

– Ah! meu filho, não julgues. Não sabemos o que aconteceu e que motivos a levaram a fazer o que fez.

Enxugando as lágrimas, ergui-me do banco onde estávamos, afirmando entre dentes:

– Tens razão. Deus a julgará.

Afastei-me resolutamente, deixando Annette entregue aos próprios pensamentos.

Com o passar dos dias, uma ideia foi-me amadurecendo na mente.

A vida se me tornara insuportável. Já não aguentava mais as festas, jantares e passeios. Ansiava ficar só, entregue a mim mesmo, mergulhado em minhas leituras. Amava o silêncio, a quietude.

Além disso, mais cedo ou mais tarde, teria que decidir-me por uma das mulheres que me faziam a corte. Minha situação estava a cada dia mais insustentável e a todo momento forçavam-me a uma decisão. Sentia-me acuado. Temia que, num momento de fraqueza, levado pelas circunstâncias, aceitasse um compromisso que absolutamente não desejava e tivesse que passar o resto da vida junto a uma mulher por quem não sentia amor.

Enquanto acreditava que Caroline estivesse viva, nutria esperanças de encontrá-la e de, mesmo a contragosto, trazê-la de volta ao lar, uma vez que tinha direitos sobre ela. Contudo, agora que a supunha morta, nada mais me prendia à vida. Não tinha mais esperança e nem desejo de viver. Ansiava ficar só e em paz.

Pobre de mim, que acreditava que a paz e a tranquilidade eram conseguidas através de coisas exteriores! Tarde demais compreendi que a paz é conquista da alma; que ela é a consequência natural de uma consciência pura e livre, porque reta, convicta das suas responsabilidades e do seu dever.

Tomei uma decisão e, certo dia, comuniquei a meus pais:

– Como nada mais me prende à vida, que se me tornou insuportável, comunico-vos que amanhã cedo deixarei esta casa para internar-me em um mosteiro. Desejo servir a Deus.

Com os olhos arregalados e sob terrível espanto, meus pais receberam a notícia que jogava por terra todos os seus anseios.

– Mas meu filho – gaguejou meu pai – jamais tiveste inclinação para a religião!

– Além disso – aduziu minha mãe – tens a vida pela frente. As mulheres enxameiam ao teu redor e bastaria um gesto teu para que se atirassem a teus pés!

– É exatamente isso que não desejo, *ma mère*. Não compreendes que essas mulheres só me causam tédio e profundo desgosto? – retruquei.

– Contudo, és rico e invejado por todos. Trocarias tudo isso, uma posição invejável, o amor das damas e a riqueza por uma humilde cela de um mosteiro qualquer? – continuou Claire tentando convencer-me.

– Não. Troco tudo isso por um pouco de paz, *ma mère* – afirmei calmamente.

Meu pai ainda tentou demover-me da ideia. Compreendi perfeitamente o medo que sentiam.

Após a morte de Caroline, seu patrimônio considerável passou naturalmente para mim, seu esposo. Tomando votos, era comum que o candidato a noviço doasse à Igreja todos os seus bens, ou, pelo menos, parte deles, já que na nova situação não precisaria dos bens materiais.

Um pouco agastado por perceber o interesse deles, apressei-me a informar:

– Não vos inquieteis. Não pretendo dispor de todos os bens que me pertencem por direito. Como não temos certeza absoluta da morte de minha esposa ou, pelo menos, não podemos prová-la, pretendo entregar para a Igreja apenas uma propriedade, as joias que me pertencem pessoalmente e alguns títulos. Portanto, podeis ficar descansados. Continuareis a desfrutar de uma posição social invejável e a administrar uma fortuna incalculável.

E com sorriso mordaz concluí:

– Devereis apenas rezar para que Caroline jamais retorne do mundo dos mortos. Estais satisfeitos?

Trocaram um olhar constrangido, não isento de certa dose de alívio, e meu pai afirmou:

– Enganas-te, meu filho, se pensas que só a ambição nos move. És nosso único filho e nós te amamos muito.

Arrependido já de minha ironia e das ásperas palavras, abracei-o:

– Eu sei, *mon père*. Perdoa-me. Estou desiludido e amargo.

Minha mãe enlaçou-me o pescoço debulhada em lágrimas:

– O que será nossa vida sem ti, meu filho? Ficaremos sozinhos neste palácio imenso!

Não pude deixar de sorrir, lembrando o estilo de vida que levavam, imaginando minha mãe entregue às suas reuniões e jantares.

– Não, *ma mère*. Tendes muitos amigos e não ficareis sozinhos, e também não é esse o meu desejo. Além disso, não vou para longe e, quando puder, vos virei visitar. Está bem? Agora, enxuga estas lágrimas. Quero ver-te sorrir.

Despedi-me também de Annette. Abracei-a com imenso carinho. Olhando-me fixamente ela inquiriu:

– Tens certeza de que é isso mesmo que realmente desejas? Depois não poderás mais voltar atrás.

– Eu sei. Posso arrepender-me mais tarde, se é isso que temes. Todavia, no momento, é o que desejo fazer.

Com gravidade, a bondosa serva insistiu:

– Nada posso fazer para impedir tua decisão. Sinto, porém, que no futuro lamentarás este momento. Portanto, querido Gaston, pesa bem tua atitude, medita sobre tua decisão e ora suplicando ao Senhor que te inspire a melhor solução. Já te disse o que penso sobre a pretensa morte de Caroline. Ao contrário de ti, creio que está viva. Porém, não me deste crédito e, praza a Deus que, no futuro, não vertas lágrimas de sangue.

– Prezo muito teus conselhos, Annette e te estimo bastante. Minha decisão, contudo, já está tomada. Não tomarei os votos por enquanto. Quero apenas um lugar tranquilo para meditar e ficar em paz. Acalma-te, não tomarei atitude definitiva sem pesar muito bem as consequências. Estás satisfeita?

Annette concordou, já mais aliviada.

O resto daquele dia passei examinando alguns papéis, regularizando situações, para que tudo ficasse em ordem após minha partida.

Deixando meu pai com a responsabilidade de gerir meus bens, na manhã seguinte abandonei o lar paterno.

Levando o estritamente necessário, às primeiras horas da manhã seguinte parti, entre as lágrimas de minha mãe, as ponderações de meu pai, as bênçãos de Annette, e o aturdimento dos criados, inconformados.

Não foi fácil romper os elos que me uniam àquelas pessoas, mas eu ansiava ver-me longe de tudo.

Cavalgando sem pressa, apreciando a paisagem que se descortinava à minha frente, algumas horas depois avistei os altos muros do mosteiro que escolhera para passar meus dias dali em diante.

O sol já ia alto e o calor era intenso. Aproximando-me do grande portão, senti o coração apertado de angústia. Não hesitei, porém, tocando a sineta com firmeza.

Ouvi passos arrastados e, logo em seguida, a portinhola se abriu deixando ver a fisionomia gorda e corada de um frade meio idoso.

– Quem vem em nome de Deus?

– Um sofredor que precisa de ajuda, irmão – respondi, contrito.

Ouvindo minha resposta, fechou a portinhola e ouvi correr os ferrolhos. Em seguida o grande e pesado portão se abriu rangendo nos gonzos.

Fui conduzido à sala do prior, atravessando salas e corredores intermináveis, e ouvindo meus passos soando lugubrememente no lajedo.

Expliquei ao prior o que desejava e aceitou-me com alegria. Afinal, comigo vinha uma polpuda espórtula, como era de costume.

Mandou que me conduzissem a uma cela, que seria minha dali em diante. Em seguida, fiquei só.

Ouvindo os ruídos abafados que vinham de longe, o som de vozes difusas, a melodia de cantos sacros longínquos, senti toda a minha solidão.

Era isso o que buscara e não voltaria atrás. Apesar de tudo, aquelas paredes nuas e lúgubres deram-me uma estranha sensação de paz. Era como se já tivesse vivido assim e ansiasse pela quietude do claustro<sup>8</sup>.

Os primeiros dias foram muito difíceis, mas logo me habituei à rotina da vida religiosa. Alguns meses depois, fiquei sabendo da morte de meu avô, conde Étienne de Montmorency. Orei por sua alma, que já não pertencia mais a este mundo, lamentando o sofrimento de minha avó Adèle, que agora ficaria sozinha, sem o companheiro dedicado de tantos anos.

Recebia, vez por outra, cartas de minha família, que ainda constituíam um elo com o mundo exterior; aliás, o único, pois, apesar de ter prometido visitá-los de quando em vez, não mais retornei ao lar paterno. Amava aquele palácio, os jardins, o pomar; mas sabia que não suportaria as lembranças tão caras que sua visão me despertaria.

Aos poucos, a revolta e a dor foram serenando, amortecidas pela vida insípida e monótona do mosteiro.

Mais alguns meses se passaram e tomei os votos definitivos, resolvendo não mais retornar ao mundo profano e adotando o nome de irmão Marcel.

Passava a maior parte do tempo livre, entregue à minha paixão: os livros. Executava minhas devoções religiosas como todos os outros da comunidade. Despertávamos às primeiras horas da manhã, quando ainda estava escuro, dirigindo-nos à capela, onde assistíamos a uma missa; depois, sempre em silêncio, caminhávamos até o refeitório para a primeira refeição do dia, que constava geralmente de leite de cabra, mel, queijo e pão preto.

Depois, cada qual tomava um rumo diferente, consoante as tarefas que lhe tivessem sido destinadas. Eu ia para o campo trabalhar a terra. Tínhamos um belo terreno que cultivávamos, o que nos causava infinita satisfação. A horta era vasta e bem cuidada, produzindo o necessário para o consumo do mosteiro; e o pomar, sob nossa supervisão, dava sempre frutos saborosos e fartos.

Na hora do almoço, fazíamos a higiene e nos dirigíamos ao refeitório; a refeição, via de regra frugal, constituía-se basicamente de legumes, hortaliças e uma ou outra carne, salvo nos dias festivos quando então a variedade de iguarias era maior. A isso acrescentava-se também uma caneca de vinho produzido no próprio convento.

Depois, eram concedidas algumas horas de lazer, quando então eu aproveitava para dirigir-me à vasta biblioteca, que não era muito requisitada por grande parte dos membros da comunidade. Ali, durante o resto da tarde, ficava entregue às leituras, um mundo fascinante e cheio de atrativos.

Em seguida, cumpríamos nossas obrigações religiosas, ceávamos e nos recolhíamos às celas, para recomeçar no dia seguinte todo o labor da

véspera.

De tal modo me adaptei à rotina monástica, que me parecia jamais ter conhecido outra vida.

Um ano depois do meu ingresso na ordem, recebi a visita de alguém. Estranhei, pois raramente recebíamos visitas de pessoas de fora.

Entrei na sala onde o visitante me aguardava e estaquei, surpreso:

– Joseph?!...

– Sim, meu senhor. Como estás passando?

– Bem, Joseph. Como podes ver, isto aqui não tem a comodidade e o luxo do palácio dos condes de Vernon, mas estou em paz. Como vão todos?

Revirando nas mãos o chapéu, parecia-me muito nervoso.

– Aconteceu alguma coisa, Joseph? A que vieste? – indaguei.

O antigo criado de meu pai relutava em falar. Parecia constrangido.

Observando o seu estado, ordenei:

– Senta-te, Joseph.

Arregalando os olhos, ele recusou:

– Não, *Monsieur*. Jamais me sentaria em tua presença.

– Joseph, aqui e agora não existem mais diferenças sociais. Sou apenas um monge e não mais o conde de Vernon, teu patrão. Acomoda-te e dize-me o que te trouxe aqui.

Mais tranquilo, ele principiou a falar, tropeçando nas palavras.

– Bem, senhor, perdoa-me se venho perturbar teu sossego, mas chegaram algumas notícias ao meu conhecimento que achei deverias ser informado.

Fez uma pausa estudando bem as palavras.

– Continua – ordenei.

– Lembras-te, senhor, do proprietário das terras que fazem divisa com as de teu pai, no campo?

– Sim, o visconde de Linney.

– Isso mesmo. Pois bem, o senhor visconde esteve em visita a teu pai um dia desses e, enquanto conversavam, tive tempo de entreter-me com um seu criado, Juan, que é meu amigo de longa data. Por Juan fiquei sabendo que estiveram em Castela, em visita à Corte espanhola. O mais extraordinário é que... ah! senhor, não sei se devo contar.

– Fala, homem, estás a pôr-me nervoso. O que aconteceu de tão extraordinário?

– Bem, senhor, Juan afirma que viu uma mulher que é a cópia fiel de tua falecida esposa, a nossa condessa Caroline.

Mudo de espanto, senti o coração bater descompassado:

– Quem é essa mulher? Onde está?

– Não sei, senhor. Juan afirma que era uma cigana.

– Cigana?!...

– Sim, meu senhor. Porém, ele disse que se parece com tua esposa como duas gotas d'água.

– Onde ele a viu?

– Nas ruas de Toledo, senhor.

Sacudi a cabeça rechaçando o louco pensamento que se me instalara na mente, não desejando mais ter esperanças.

– Não, não!... mil vezes, não! Como confundir minha esposa Caroline com uma cigana vulgar?

– Não sei, senhor. No entanto, Juan conhecia a condessa Caroline desde criança e...

Fitei-o longamente, pensando. Afinal, perguntei:

– E tu, o que pensas disso, Joseph?

– Penso, meu senhor, que é uma possibilidade que não deve ser desprezada. Afinal, nada perderás por investigar a veracidade dos fatos.

Sorri, irônico, acrescentando:

– Não, nada perderei... exceto minha paz.

Joseph abaixou a cabeça constrangido. Tomando uma decisão, ordenei:

– Está bem. Creio que tens razão. De qualquer forma eu não poderia mais conviver com a dúvida. Traze-me Juan aqui para que possamos conversar.

Com sorriso satisfeito, Joseph despediu-se, deixando-me entregue às próprias cogitações. Procurei dominar as batidas do coração impetuoso. Não desejava ter esperanças que poderiam se desmanchar como as brumas da manhã ao sol nascente.

Não obstante, bem no íntimo, uma chamazinha de luz começou a bruxulear mansamente.

---

<sup>8</sup> Gaston, inconscientemente, recordava-se de anterior existência quando fora religioso, conforme narrativa constante do livro “Aves sem Ninho”, do mesmo autor espiritual.

## Capítulo XVII. A Inquisição Espanhola

No dia seguinte, logo às primeiras horas da tarde, Joseph trouxe-me o amigo Juan.

Interroguei-o e ele só fez confirmar o que já me fora dito. Afirmava categoricamente que a cigana espanhola era extremamente semelhante à condessa Caroline de Vernon.

Sentado, observava-o enquanto falava para assegurar-me da sua sinceridade, tentando vislumbrar quaisquer indícios de interesse ou falsidade. Sua fisionomia, contudo, transpirava serenidade e franqueza. Para intimidá-lo, perguntei:

– Sabes da gravidade da tua afirmação?

– Sim, senhor Conde. Reconheço a gravidade do que afirmo e a ousadia de assegurar-te tal coisa. Mas, estou convicto do que digo.

– Como podes ter tanta certeza? Tiveste algum contato com minha esposa?

Rodando nervosamente o chapéu entre os dedos, ele respondeu, corando:

– Perdoa-me, senhor, mas tua esposa era muito bela para passar despercebida. Todos a admiravam muito. Além disso, muitas vezes eu a vi de perto, quando ia em visita aos senhores de Linney e passava as tardes com a menina Vitória.

– Acredito em tua sinceridade, meu bom Juan. Contudo, uma semelhança de feições não justifica tuas suspeitas. Existem semelhanças que ficaram

célebres na história...

– É verdade, senhor, mas havia algo de diferente naquela cigana.

Prendi a respiração, tenso.

– Sim? Continua...

– Apesar da roupa, da pele mais escura queimada pelo sol, aquela mulher tinha um porte de rainha, uma tal dignidade nas feições e nos gestos que destoavam do restante.

Essas palavras levaram-me a tomar uma decisão.

Louca esperança passou a agitar-me o íntimo. A razão dizia-me para ter cuidado, que era impossível que fossem a mesma pessoa, contudo o coração desgovernado ansiava por descobrir a verdade.

Procurei o superior do mosteiro e falei-lhe do meu desejo de ir para a Espanha. Não escondi os motivos que a isso me obrigavam. Com gravidade, o velho religioso ponderou:

– Sabes das dificuldades que vais encontrar lá, não é verdade? Não ignoras que em terras espanholas, mais precisamente em Castela, a Santa Inquisição é uma realidade incontestada. A rainha Isabel não tem medido esforços para que o tribunal do Santo Ofício funcione a contento.

Concordei com um gesto de cabeça:

– Sim, reverendo padre. Não ignoro as dificuldades por que passa a Igreja na Espanha.

– Apesar de suas convicções e ideias, muitos religiosos têm sido obrigados a participar, embora com repugnância, meu filho – argumentou o

prior.

– Também sei disso, meu pai.

– Bem. Além do mais, deves ir preparado para uma decepção. Tu mesmo afirmaste que as possibilidades de que a referida cigana seja tua ex-esposa desaparecida são muito pequenas.

– É verdade, reverendo padre. Mas, por menores que sejam, não posso deixar de averiguar. Caso contrário, o resto da minha vida ficaria com essa dúvida.

– Concordo contigo. Tens razão. Mas...

– Mas?...

– Suponhamos que essa mulher do povo seja aquela que presumes. O que farás então? Já não és livre, meu filho. Agora és um servo de Deus – ponderou o ancião.

Com a cabeça entre as mãos, inclinei a fronte, aflito:

– Ah! Meu pai, se isso for confirmado... não sei o que farei. A morte, talvez, seja preferível a sabê-la viva e não ter mais direitos sobre ela.

Levantando-se, o bondoso velhinho colocou a mão em meu ombro, afirmando:

– Não desejo estar na tua pele, meu filho. Contudo, confia em Deus. Medita sobre tudo o que conversamos e depois decide o que fazer. Tens a minha bênção. Rezarei para que tudo transcorra da melhor maneira possível.

Abençoou-me e saiu, deixando-me entregue a íntimas elucubrações.

Na manhã seguinte deixei o mosteiro. Dirigi-me a Paris para uma visita ao lar paterno. Receberam-me com grande alegria. Minha mãe fitava-me com estranheza:

– Não pareces mais aquele que daqui saiu, meu filho. Estás diferente, mais magro, mais maduro. Não és mais aquele rapaz jovem e belo. Agora pareces um homem sofredor e aflito – falou-me com dolorosa franqueza.

– A vida encarregou-se de amadurecer-me, *ma mère*.

Meu pai demonstrava preocupação comigo, afligindo-se com a minha situação.

Não contei a eles a razão da minha transferência para a Espanha. Disse que recebera ordens superiores para executar uma função no mosteiro franciscano de Toledo. Voltaria o mais breve possível.

– Não deves viajar sozinho, Gaston – ponderou meu pai. – Leva um servo contigo.

– Já não tenho mais servos, *mon père*. Sou agora um religioso sem qualquer regalia – respondi com sorriso irônico.

– Sei disso, meu filho. Leva, então, um servo “meu”, apenas para companhia durante a viagem. As estradas são perigosas – insistiu ele.

– Pensando bem, senhor meu pai, não é má ideia. As estradas estão infestadas de salteadores e preciso chegar incólume ao meu destino.

Fiz uma pausa e perguntei:

– Podes ceder-me Joseph?

Satisfeito, meu pai sorriu mais aliviado.

– Naturalmente, Gaston. Vou mandar fazer os preparativos para a viagem.

Mais tarde, naquele dia, fiquei a sós com Annette. Com lágrimas nos olhos, a velha serva fitou-me com expressão de tristeza:

– Não cumpriste tua promessa, meu filho. Afirmaste que não farias os votos definitivos.

– Ah! minha boa Annette, e não sabes o quanto lamento agora. Ainda acreditas que Caroline está viva?

– Mais do que nunca, Gaston. Se ela estivesse morta, já teria vindo ver-me. Sabes que tenho facilidade para ver os seres que já não pertencem a este mundo, não é? Em minhas orações tenho pedido a Deus que, se ela estiver no além-túmulo, me apareça. Apesar de todos os meus esforços, não consegui obter qualquer notícia.

Tomei as mãos dela entre as minhas, confidenciando:

– Pode ser que estejas com a razão. Ouve.

Relatei a ela os últimos acontecimentos. À medida que falava, ela demonstrava sua aceitação. Quando terminei, Annette estava em lágrimas:

– Deus seja louvado! Afinal, uma notícia da nossa menina. Sinto que ela deve estar sofrendo muito. Pobrezinha!

Ao nos despedirmos, Annette demonstrou apreensão, falando-me com gravidade:

– Meu querido Gaston. Seja qual for o resultado dessa empresa, não esqueças de que agora tens responsabilidades que assumiste espontaneamente e que não podes menosprezar. Aceita o que o Criador tiver

para te ofertar e resigna-te ao que não poderes evitar. Sinto que seres maléficis adejam ao teu redor procurando uma ocasião para te atingir. Temo por ti, meu filho. Não tomes atitudes das quais possas te arrepender depois. Busca a ajuda do Senhor, que saberá suprir-te de forças. Não desfaleças na jornada que empreendeste e nem te rebeles contra o poder divino. O sofrimento é bênção regeneradora para nossa alma. Ficarei orando por ti. Adeus.

Suas palavras calaram fundo no meu coração e, sob terrível angústia e tristes presságios, partimos ao alvorecer.

Passei a noite sob aflitiva ansiedade. Há muito deixara o lar paterno e, não obstante o prazer de pernoitar em meus antigos aposentos, de tão caras lembranças para meu coração solitário, não consegui repousar. O sono era entrecortado por barulhos estranhos; percebia vagas sombras que adejavam pelo ambiente, talvez até impressionado com as palavras da velha e boa Annette. Sons de vozes difusas, como se abafadas pela distância, chegavam-me aos ouvidos. E uma sensação de inquietude, um mal-estar indefinível passou a dominar-me, a par de ligeiro sentimento de medo, como se ameaçado estivesse por seres imateriais, mas nem por isso menos temíveis.

Rezei como de costume, ajoelhado no lajedo frio do mosteiro; agora, porém, percebia sob os joelhos doloridos não a frialdade da pedra, mas a tépida maciez do tapete. Durante muito tempo estive entregue às minhas devoções religiosas sem que lograsse aplacar a angústia que me consumia.

Pareceu-me até que ruído de risadas acompanhavam as palavras automaticamente repetidas.

Foi, pois, cansado e abatido que deixei o aconchego do lar paterno na manhã seguinte.

Joseph providenciara tudo e, graças a ele, não nos faltaria o necessário durante o longo trajeto que teríamos de percorrer.

Com muita dificuldade atravessamos os Pirineus, que deixarei de relatar para não me alongar demasiadamente. Confesso, contudo, que temi não conseguir alcançar nosso objetivo. Nas montanhas o frio era intenso e a natureza rude. O medo de sermos assaltados por bandoleiros que infestavam aquelas estradas fazia com que nos mantivéssemos sempre alerta, razão pela qual quase não repousávamos. Restringimos a alimentação ao mínimo, para que não viesse a faltar antes de atingirmos região mais habitada.

Finalmente adentramos terras espanholas e tudo se tornou diferente e inusitado para mim. Paramos na primeira estalagem do caminho para descansar e refazer as forças combalidas.

Avançamos território adentro. Ansiava chegar em Toledo o mais rápido possível. Parávamos o suficiente para ligeiro repasto, troca de animais e repouso.

Assim, chegamos ao nosso destino, e foi com imensa satisfação que avistei ao longe as torres de Toledo. Procurei imediatamente o mosteiro franciscano onde passaria a exercer minhas funções. Combinei com Joseph que, enquanto eu tentaria obter as informações possíveis dentro do mosteiro,

ele se alojaria numa estalagem e, por sua vez, sem despertar suspeitas, faria as averiguações necessárias. Quando preciso, levaria seu relatório ao mosteiro para manter-me informado do andamento das investigações.

Apresentei-me ao prior, entregando-lhe minhas credenciais. Achei-o sumamente desagradável e inspirou-me viva antipatia desde o primeiro olhar. Por sua vez, também não demonstrou ter melhor opinião a meu respeito; percebi até um certo receio, como se temesse que minha presença ali tivesse a real intenção de vigiar-lhe os passos.

Não procurei desfazer-lhe as dúvidas. Seria bom que tivesse medo de mim e por essa razão não declinei o verdadeiro motivo da minha transferência.

Em contato com outros membros da congregação, notei esse mesmo temor. O ambiente estranho, de olhares esquivos uns, odientos outros, receosos, até apavorados, intrigou-me. A sensação que experimentei, à primeira refeição que fiz com os outros membros da comunidade, era de uma atmosfera opressiva, de medo e insegurança, que chegava quase a ser palpável.

Eu desconhecia o que era a Inquisição na Espanha e o que ela fazia com as pessoas e o povo em geral. Não ignorava seus fundamentos, mas não tinha ideia de como funcionava na prática, já que na França desconhecíamos esses rigores.

Com o passar dos dias pude sentir mais profundamente a influência que o tribunal da Santa Inquisição exercia sobre todos. Ninguém estava a salvo,

ninguém se sentia seguro; temiam falar, não podiam escrever e até pensar era perigoso.

Porém, como minha finalidade ali em terras espanholas fosse outra, procurei desinteressar-me do que acontecia ao meu redor. Utilizei, sim, a imensa capacidade que a Igreja tinha de conseguir informações, uma vez que possuía uma ampla rede de informantes.

Não foi fácil. Parecia que tinham sido tragados pela terra. Ninguém sabia de nada. O primeiro lugar que investigamos foi o palácio de Alcalá, evidentemente, porém o duque estava ausente, em viagem, e, pelas informações, fora sozinho. Ninguém dava notícias de Caroline. Cheguei à conclusão de que me enganara. Ela não o procurara, se é que era realmente Caroline a mulher que Juan vira, uma cigana.

De qualquer forma, teria que reconstituir os passos que Caroline pudesse ter trilhado desde que chegou na Espanha. Assim, algum tempo depois, descobri um homem que dizia ter alugado alguns cômodos para uma senhora muito bonita, cuja descrição coincidia com a de Caroline, e um casal de servos. Fiquei eufórico, contudo minha satisfação durou pouco. Infelizmente, o homem nada mais sabia sobre eles, a não ser que o casal de criados abandonara a senhora e que a dama, algum tempo depois, fugira sem lhe pagar os aluguéis atrasados; não sabia de onde vieram, a não ser que eram franceses. Falou-me, porém, de uma criada que trabalhara para a sua inquilina e que poderia ser encontrada facilmente.

Joseph foi ao bairro indicado pelo espanhol e, depois de muito indagar, encontrou a rapariga. Trouxe-me a jovem com quem conversei.

Apavorada por ter sido chamada por um monge e julgando-se perdida, afiançou-me que contaria tudo, não omitindo nada. Para livrar a pele, acusou a antiga patroa de feitiçaria e de pacto com o demônio, afirmando:

– Nada tenho com isso, reverendo frade, mas eu a encontrei desmaiada em duas ocasiões diferentes, como se tivesse tido um ataque.

A essas palavras meu coração disparou:

– Tens certeza do que dizes, mulher? – indaguei.

– Sim, senhor. Ela estava estranha e murmurava coisas desconexas, caída no chão. Tive medo e deixei aquela casa, pois sou uma cristã temente a Deus.

– Sabes onde ela poderá ser encontrada? – insisti.

– Nunca mais soube dela. Se conhecesse seu paradeiro, não hesitaria em entregá-la ao Santo Ofício.

Sentindo um profundo desprezo pela infeliz, dispensei-a.

– Está bem. Acredito em ti. Estás dispensada, por ora. Sê grata a Deus por eu ser tão benevolente, caso contrário não te safarias tão facilmente. Se descobrires qualquer coisa sobre essa mulher, não deixes de me procurar pois serás bem recompensada.

Agarrou-me a mão beijando-a, agradecida, sob protestos de fidelidade e ajuda.

Ao ficar só, exultei. Estávamos no caminho certo. Esta era a primeira notícia concreta que me chegara ao conhecimento. Tinha agora indícios mais seguros de que aquela francesa era realmente Caroline. E ela fora denunciada pelas convulsões a que estava sujeita vez por outra desde a infância.

Respirei mais aliviado. Estava próximo o dia em que a encontraria. Se residisse na cidade, isso não seria difícil.

Continuamos as buscas, mas o tempo passava sem que conseguíssemos avançar um passo sequer. Tudo isso porque a cigana de que Juan falara desaparecera; ninguém mais ouviu falar dela, nem da dama francesa que eu acreditava fosse Caroline.

## Capítulo XVIII. A morte de Miguel de Zamora

O som de risadas ecoava pelos salões festivos e pelos corredores. O odor do vinho misturava-se aos perfumes das damas, enquanto os pares espalhavam-se pelos terraços e jardins, cada qual entregue a si mesmo. A música envolvente, o próprio ambiente saturado de emanações deletérias, era um convite ao desregramento e à licenciosidade.

Indiferente a tudo isso, Flor transitava pelos grupos, sorridente e desenvolta. Nada em si fazia lembrar a antiga cigana. Trajando roupa luxuosa, coberta de joias e bem penteada, demonstrava toda a nobreza do seu nascimento, readquirindo a confiança e sentindo-se senhora da situação.

Acompanhando-a com os olhos à distância, Ramón conversava com um amigo. Seguindo a direção do seu olhar, o outro comentou:

– Sem dúvida é uma bela mulher a tua Flor, amigo Ramón, e és realmente um felizardo.

– É verdade. Estava justamente a cogitar sobre isso, me perguntando quem será ela?

– Nunca te fez confidências?

– Nunca. Sempre que pergunto, muda de assunto e se recusa a responder. No entanto, é mulher de classe social elevada, isso fica patente em suas atitudes, seus gestos e sua elegância. Conversa com desenvoltura e qualquer ambiente; por mais requintado que seja, lhe é natural. Creio que agiria da

mesma forma se eu a levasse ao palácio real e a apresentasse as Suas Majestades, Fernando e Isabel.

– Tens razão. Mas, como uma tal criatura surge não se sabe de onde, sem que se dê pela falta dela? Sem que ninguém a procure?

– Penso da mesma forma e já providenciei sobre esse assunto.

– Sim?!...

– É francesa, disso não tenho dúvida. Enviei uma pessoa à Corte de França para fazer averiguações. Espero receber notícias o mais rápido possível. Estou muito ansioso, amigo Carlos.

O outro sorriu, levantando a taça de vinho:

– Então, brindemos à curiosidade e ao pronto regresso do teu enviado.

Nisso, Flor aproximou-se dos dois amigos, que conversavam um tanto afastados. Vinha esfuziante de alegria e animação.

– De que estão aí a falar tão solitários? – perguntou.

– De negócios, minha querida – respondeu Ramón, enlaçando-a pela cintura.

– Deixaste-me sozinha e gastas o tempo a falar de negócios? Vamos dançar, Ramón! Nossos amigos desejam ver-nos bailar – suplicou.

– Agora não, minha querida. Carlos e eu temos assuntos urgentes a tratar. Escolhe um cavalheiro, entre tantos que te admiram, e dança com ele. Logo irei ao teu encontro. Prometo-te.

Amuada, Caroline afastou-se. Logo em seguida, porém, já estava alegre novamente e palestrando com alguns convidados.

Ramón e Carlos deixaram o salão, procurando local mais tranquilo para trocar ideias. Buscaram pequena sala, contígua ao escritório, e acomodaram-se confortavelmente, depois que o anfitrião cerrou a porta.

– Muito bem! – comentou. – Aqui poderemos falar à vontade, longe do bulício dos convidados.

Fez uma pausa e, fitando o seu interlocutor, indagou:

– E então? Descobriste algo sobre aquele assunto?

Com um gesto de cabeça o outro respondeu, pesaroso:

– Nada. Parece que nosso “amigo” nada tem a esconder.

– Não é possível! Todos temos deslizes em nossa vida – retrucou Ramón demonstrando funda impaciência.

– Contudo, é a verdade, amigo Ramón. Parece-me que não conseguiremos atingi-lo.

Levantando-se, inquieto, o senhor de Oviedo deu largas passadas pelo aposento, enquanto murmurava:

– Não pode ser, Carlos! Tem que existir uma maneira de atingi-lo.

Fez nova pausa e perguntou:

– Dívidas?

– Não. Leva vida tranquila e equilibrada. Apesar de não ser rico, tem uma renda que lhe permite viver confortavelmente e até com certo luxo.

– Inimigos?

– Não creio. Com exceção do desentendimento que teve contigo por causa daquelas terras, ninguém tem nada contra ele. É muito benquisto.

Cada vez mais irritado, Ramón continuou:

– Mulheres?

– Nenhuma, ao que se saiba. Parece imune aos encantos femininos.

Ramón de Oviedo suspirou, mantendo estranha fixação no olhar, enquanto afirmava:

– Não... não creio que seja assim tão inexpugnável. Deverá ter também o seu “calcanhar de Aquiles”. E eu o descobrirei. Pagar-me-á caro a afronta.

Dando por terminado o assunto, Ramón completou:

– Não me dou por vencido, Carlos. Vamos pensar em algo que possa comprometê-lo. Por ora, retornemos ao salão. Os convidados aguardam.

– E tua Flor também! – lembrou Carlos, sorrindo malicioso.

O anfitrião soltou uma gargalhada:

– Fizeste bem em lembrar-me, amigo. Flor não me perdoaria a quebra da promessa. E sabes que uma mulher ferida é difícil de suportar.

Assim conversando, retornaram ao salão sendo envolvidos pela atmosfera festiva.

Passando os olhos pelo ambiente, Ramón avistou sua amada entretida junto a um grupo de amigos, e para lá se dirigiram.

Dentre os participantes, um rapaz moreno, de tez pálida, elegante e bem vestido chamou a atenção de Ramón. Ainda não tinham percebido o anfitrião se aproximando e ouviam com interesse o que Flor lhes contava.

O rapaz fitava a jovem dama com expressão de admiração, que não passou despercebido a Ramón. Imediatamente uma ideia cruzou sua mente e,

segurando o braço do seu acompanhante, sussurrou de forma que ninguém mais ouvisse:

– Não te preocupes. Acho que já encontrei a solução para o nosso problema, Carlos. Deixa por minha conta.

Aproximaram-se e Ramón, sorridente, falou em voz alta:

– Parece-me que minha querida Flor contava algo de muito interessante, a julgar pela atenção de todos, não te parece, Carlos?

– É verdade, querido. Relatava um fato engraçado que ocorreu comigo outro dia – respondeu Flor adiantando-se, faceira.

– Deveras? Estou curioso e também desejo saber o que houve. Conta-me!

Com sorriso encantador ela retrucou, incisiva:

– Não agora, Ramón. Prometeste dançar comigo, lembras-te?

– Como poderia esquecer? – respondeu Ramón galantemente, e, oferecendo o braço à dama, encaminharam-se para o meio do salão.

Os músicos, a um sinal imperceptível do anfitrião, iniciaram uma ária cigana.

Aos primeiros acordes, o ruído cessou e todos se aproximaram para vê-los bailar, fazendo um círculo em torno do par.

Enquanto dançava, discretamente o senhor de Oviedo não perdia de vista o rapaz.

Não se sabendo examinado, o jovem Miguel de Zamora fitava Caroline, e Ramón teve a confirmação de suas suspeitas.

“Com que então o miserável, o incorruptível, o inatacável Dom Miguel de Zamora tem uma fraqueza. Não me escaparás, agora que sei que não és imune ao encanto de uma mulher, e, mais do que isso, que a mulher que desejas é a minha. Resguarda-te, desgraçado, ou estarás perdido”.

O homem em quem Ramón de Oviedo pensava era um nobre espanhol com quem tivera uma disputa de terras e que, levada a pendência ao conhecimento dos soberanos, estes deram ganho de causa à outra parte. Ramón, o perdedor, na ocasião dera demonstrações de ter aceito a decisão real, porém nunca esqueceu o fato.

Não obstante, hábil dissimulador, fez questão de continuar mantendo relacionamento com seu opositor, afirmando que negócios e amizade não se confundiam.

Na verdade, desejando vingar-se daquele que, segundo sua opinião, o prejudicara, achou que mantendo seu desafeto por perto, sob suas vistas, teria mais oportunidades para atingir seus objetivos. Por essa razão, Dom Miguel de Zamora continuava a frequentar-lhe a casa e a privar da sua companhia, certo de que o mal-entendido já teria sido desfeito.

Esse fato ocorrera havia alguns meses e, nesse período, Ramón não economizara esforços para descobrir alguma coisa que pudesse ser usada contra aquele que considerava seu inimigo.

Agora essa oportunidade surgia. Estava eufórico.

Ouviu os aplausos e só então se deu conta de que a música terminara.

O movimento voltou ao salão e, logo em seguida, os músicos recomeçariam a tocar. Intencionalmente, dirigiu-se com Flor para onde estava Miguel de Zamora e, beijando a mão da dama, com galanteria, desculpou-se pesaroso:

– Perdoa-me, querida, não compartilhar contigo a próxima dança. Estou um pouco cansado hoje.

E, relanceando o olhar em torno, sugeriu:

– Não desejo, contudo, privar-te desse prazer. Por que não fazes par com nosso amigo Dom Miguel? Por certo terá enorme satisfação em fazer-te companhia.

Assim nominado, o cavalheiro inclinou-se, corando de prazer:

– Muito me honraria, senhora, que me proporcionasses o prazer desta dança.

Caroline inclinou-se ligeiramente, agradecendo e aceitando o braço que lhe era oferecido.

Os pares já se posicionavam no salão quando para lá se dirigiram. Ramón observava-os à distância, sumamente satisfeito com a direção que tomavam os acontecimentos.

Nos dias seguintes, procurou de todas as formas aproximar Dom Miguel de Caroline. Deixando-os a sós para conversarem, convidando o rapaz para almoços e jantares, festas e passeios. Dia a dia acompanhava o desenrolar dos acontecimentos e via, com prazer, que o fidalgo mais e mais se envolvia emocionalmente com Flor.

De sua parte, a moça não se dava conta da perigosa posição em que se encontrava. Não lhe passara despercebido o interesse que o amigo de Ramón demonstrava por sua pessoa, mas, acostumada a ser cortejada pelos homens, não dera a esse fato maior atenção.

Um dia, porém, chamando-a para uma conversa, Ramón lhe disse:

– Querida Flor, por certo não ignoras o afeto que nutre por ti meu amigo Dom Miguel de Zamora.

– Ramón! Com que direito...

Interrompendo-a, ele continuou:

– Ouve-me, apenas. Sei que da tua parte nada existe de censurável. Sei que me és fiel, caso contrário não estarias mais ao meu lado. Amo-te, mas não toleraria uma traição.

Fez uma pausa, analisando o efeito das suas palavras no espírito sensível da companheira. Extremamente magoada, ela considerou:

– Se reconheces isso, Ramón, não compreendo aonde queres chegar.

– Já saberás. Pretendo dar uma lição nesse homem, para que não se atreva a cobiçar o que não lhe pertence. Para isso, preciso que me ajudes.

– Achas mesmo necessário? – indagou Flor, surpresa. – Além disso, nunca me desrespeitou. Ao contrário, sempre foi gentil e atencioso.

– Ouve-me Flor. Faço questão absoluta de dar-lhe uma lição. Mesmo porque ele ofendeu-me mortalmente certa vez e eu não o perdoo por isso.

Mais espantada ainda, ela retrucou:

– Pensei que fôsseis amigos! Não compreendo...

– Não queiras entender. Não é preciso. Só preciso mesmo que faças o que eu ordenar, estás compreendendo? – falou irritado.

– Está bem, Ramón. Não te zangues. Causas-me medo quando te irritas.

– És minha mulher e me deves obediência. Evita discutir as minhas ordens e não terás problemas.

Suspirando, Flor abaixou a cabeça num assentimento tácito.

– Muito bem. Preciso que vás até a casa dele e diga que nos desentendemos, que brigamos. Incentiva-o a declarar seu amor por ti. Sabes como fazer isso melhor que ninguém.

– Mas, Ramón...

– Hoje mesmo prepara-te e o cocheiro levar-te-á até a residência de Dom Miguel de Zamora. É só.

Inclinando a fronte, Flor deixou o aposento sob terrível angústia.

Aquele encontro parecia-lhe cercado de sinistros presságios. Sem saber por que sentia o medo crescer dentro de si. Quase em pânico, parecia-lhe já ter vivido ocasião semelhante, o que lhe causava terrível mal-estar<sup>2</sup>.

Recolheu-se a seus aposentos ralada de angústia. Jogou-se no leito e deixou-se ficar.

A criada, vendo-a deitada àquela hora do dia, perguntou-lhe:

– Senhora, sentes alguma coisa? Precisas de algo?

– Não preciso de nada. Corre as cortinas e deixa-me só.

Após a saída da criada, na penumbra do quarto, Caroline deu livre curso às lágrimas. O que estava acontecendo, afinal? Por que esse mal-estar, essa

angústia?

Fechou os olhos cansados e tentou dormir.

Acordou horas depois quando as primeiras sombras da noite envolviam a cidade. Tentou levantar-se. Uma violenta dor de cabeça prostrou-a no leito.

Tocou a sineta chamando a criada.

– Estás melhor, senhora? Dormiste por três horas. Dom Ramón manda avisar que a carruagem já está pronta e te aguarda.

Caroline estremeceu imperceptivelmente. Sem comentários, ordenou:

– Ajuda-me a vestir.

Ainda em silêncio, entregou-se às hábeis mãos da serva docilmente. Algum tempo depois, Caroline deixou seus aposentos. Elegantemente vestida, bem penteada, somente uma ligeira palidez denotava o mal-estar de horas antes.

Acomodando-se na carruagem, deixou-se conduzir com indiferença. Somente quando o veículo parou de rodar, pareceu acordar do seu alheamento. Colocou a cabeça pelo postigo.

O cocheiro desceu e abriu a portinhola.

– Chegamos, senhora.

Olhou a residência à sua frente. Sóbria, austera, a construção sólida erguia-se ao rés da calçada. Uma pesada porta de madeira com desenhos em alto relevo dava acesso ao interior. Tocou a aldrava, rezando para que o proprietário não estivesse em casa. Contudo, não demorou e um criado veio abrir.

Informou que desejava falar com Dom Miguel de Zamora e o servo a introduziu numa pequena sala, depois que atravessaram o vestíbulo.

O criado, reverente, pediu-lhe que aguardasse alguns minutos e deixou-a só. Caroline tremia. O que iria acontecer? O que faria Ramón? Ordenara-lhe que o fizesse declarar-se e não se preocupasse com mais nada. Como, porém, não se preocupar?

Suspirou enquanto examinava o ambiente. Decorado com simplicidade, tudo transpirava bom gosto.

Ouviu passos e voltou-se. O dono da casa surgiu na soleira da porta. Sua fisionomia expressava espanto e satisfação.

– Que agradável surpresa, senhora! Sê bem-vinda à minha casa.

Aproximou-se e tomou entre as suas as mãos de Caroline, inclinando-se, galante.

– Tuas mãos tremem. Agora percebo que estás pálida e abatida. Vem, senta-te aqui – murmurou, apreensivo, enquanto lhe indicava uma cadeira.

Bateu palmas e, a um sinal, o criado trouxe vinho numa bandeja. Estendeu uma taça para Caroline aconselhando gentilmente:

– Bebe, Flor, far-te-á bem.

Ela tomou um gole e em seguida ligeiro colorido espalhou-se pelas faces. Sorridente, ele considerou:

– Ótimo. Vejo que já estás melhor. Porém, o que se passa? Conta-me. Não virias procurar-me se não tivesses algo de grave para me dizer.

Caroline, que até aquele momento não conseguira dizer nada, balbuciou:

– Agradeço-te as atenções, Dom Miguel. Estou passando por momentos difíceis. Não deveria ter vindo. Ramón...

Erguendo-se de um salto, ele inquiriu:

– O que te fez Ramón de Oviedo? Dize-me. Nada me escondas.

Levantando a fronte e fitando aquele rosto em que só se via preocupação por sua pessoa, Caroline sentiu vergonha de si mesma e do que viera fazer. Cobriu o rosto com as mãos e caiu em prantos, arrependida da sua fraqueza ao concordar com aquele encontro, ao qual deveria ter se oposto firmemente.

Julgando que aquelas lágrimas fossem por causa de Ramón, ele falou com raiva:

– Miserável! O que se atreveu aquele canalha a fazer contigo? Magoou-te profundamente, pelo que posso perceber.

Ajoelhando-se ao lado dela, Miguel deixou que os sentimentos transbordassem de sua boca, dizendo apaixonado:

– Não vês o quanto te amo? Por que sofres por outro? Ele não merece a tua dedicação. Abandona-o de vez e te farei muito feliz.

Envolvendo-a em seus abraços, beijando-lhe o rosto úmido de pranto, ele não dava oportunidade para que ela se explicasse.

– Deixaremos esta cidade. Irás comigo para minhas terras e viveremos só para nós dois. Dize que aceitas o meu amor!

Caroline levantou a cabeça e se dispunha a contar-lhe a verdade, não suportando mais aquela situação. Percebeu o quanto era indigna deixando que o amigo se enchesse de esperanças.

Nesse momento, porém, sobre o ombro de Miguel, viu Ramón que adentrara o aposento.

Colérico, olhos injetados, entrou intempestivamente, gritando:

– Ah! miserável! Cobra que alimentei no meu próprio peito. Bem que eu desconfiava que me traía pelas costas!

Perplexa, Caroline gritou:

– Ramón!!...

Pálido de susto, Miguel ergueu-se tentando explicar:

– Não é o que pensas, Ramón.

Mas o outro não o deixava falar, afirmando em altos brados:

– Todos aqui são testemunhas da tua traição, canalha.

E apontava para os criados que, ouvindo o ruído insólito, acorreram aflitos a ver o que se passava.

– Não mereces viver. Lavarei minha honra com sangue!

Percebendo o que ia acontecer, Flor atirou-se sobre Ramón, desesperada, tentando impedir, compreendendo tardiamente as intenções do companheiro.

– Não!!!...

Tarde demais, porém. Desembainhando a espada, Ramón jogara-se sobre Miguel de Zamora que, desarmado, não pôde se defender da agressão, caindo no chão em meio a uma poça de sangue.

Agarrando Caroline pelo braço, Ramón retirou-a daquele local sem se preocupar com o pobre fidalgo que jazia mortalmente ferido, atingido que fora em pleno peito.

---

9 Caroline, Marianne em outra encarnação, recordava-se, inconscientemente, do encontro que tivera com o duque Segismundo de Bouillon, ocasião em que Henri de Montmorency fora morto, episódio de capital importância em sua vida. Fato narrado no livro “Aves sem Ninho”, do mesmo autor espiritual.

## Capítulo XIX. Tomada de decisão

Durante alguns dias, não se falou de outra coisa na cidade. Em todas as rodas comentava-se o triste fim de Dom Miguel de Zamora que, por suas qualidades, era estimado por todos.

Todavia, a acusação de Dom Ramón de Oviedo era muito grave. A honra estava acima de tudo para um fidalgo espanhol. Contudo, ao mesmo tempo em que se reconhecia que Ramón agira acertadamente, as pessoas não se impediam de questionar: “O que estaria fazendo aquela mulher na casa de Dom Miguel? Por que motivo teria deixado sua residência para procurar Miguel de Zamora em seus próprios domínios e numa hora em que as mulheres não costumavam sair desacompanhadas de suas casas para passeios noturnos?”

Dom Carlos, porém, espalhava a notícia de que Flor resolvera procurar Miguel de Zamora, tentando colocar um ponto-final numa situação muito desagradável, uma vez que o dito senhor vivia sempre a assediá-la, e ela temia que Dom Ramón percebesse o louco interesse de Miguel por ela. Mas – dizia Carlos justificando o amigo – informado de tudo, Ramón a seguira e surpreendera os dois juntos.

Assim justificado, Ramón passou a gozar de maior consideração ainda dos amigos e de todos aqueles que aplaudiam sua atitude.

Não obstante, algumas pessoas profundamente conhecedoras de Miguel de Zamora e seus amigos fiéis não aceitavam a versão que fora transmitida

do fato.

Sabiam que Miguel possuía caráter íntegro, era leal e generoso, e não acreditavam que tivesse traído um amigo, ainda que esse amigo fosse Ramón de Oviedo, que, reconhecidamente, não gozava de boa reputação. Mas, como não existia outra explicação para o sucedido, calaram-se.

Flor, premida por terrível crise nervosa, deixou-se conduzir para casa. Em seus aposentos permaneceu por muitos dias sem querer ver ninguém. Entregue a si mesma, passava as horas a meditar, remoendo mentalmente os últimos acontecimentos.

Um torturante sentimento de culpa a dominava: “Como pude prestar-me àquele papel?” – pensava ela debulhada em lágrimas. Aquele pobre homem sempre se pautara com dignidade e respeito; jamais a molestara com propostas indignas, como muitos dos amigos de Ramón o faziam.

A todo instante a cena repetia-se em sua mente, como se fosse interminável. Via Ramón chegando, ouvia suas palavras ásperas e seu próprio grito desvairado, enquanto sua espada embebia-se no sangue de Miguel de Zamora, que caía ao chão, ferido de morte.

Com o passar dos dias, Flor foi-se acalmando. Nunca mais vira Ramón desde o dia fatídico. Era em vão que ele batia à sua porta querendo falar-lhe. A criada tinha ordens para não o deixar entrar.

Ramón respeitava-lhe a vontade, cheio de paciência, sabendo que ela estava emocionalmente instável e também por não querer forçar a situação. Ser-lhe-ia fácil obrigá-la a desistir dos seus caprichos e forçá-la a ouvi-lo,

uma vez que era o dono da casa e todos lhe deviam obediência servil. No entanto, respeitava-lhe a vontade por achar que era a melhor política. Sabia que, mais dia menos dia, ela deixaria os aposentos. Tudo passa e logo Flor esqueceria o acontecimento desagradável. Sozinho, contudo, ele dava livre curso à sua irritação e tinha desejos de arrancá-la do quarto com violência e dar-lhe uma boa sova.

Certo dia ela concordou em recebê-lo.

Uma quinzena já se passara desde a última vez que se tinham avistado. Ramón procurou fingir um ar de tristeza que absolutamente não sentia.

Entrou. Na penumbra do aposento vislumbrou Flor que, em pé, defronte de uma janela, olhava um ponto qualquer ao longe. Ficou algum tempo calado, observando-a sem dizer nada.

Após alguns minutos, ela suspirou fundo e pareceu voltar à realidade. Virou-se para ele, fitando-o calada.

Rompendo o silêncio que se fizera opressivo, ele comentou:

– Emagreceste, Flor. Tens-te alimentado convenientemente?

Como se não tivesse ouvido a pergunta, ela murmurou:

– Por que, Ramón?

– Por quê? Preocupo-me contigo. Isso não basta?

– Não me refiro a isso. Por que o mataste?

– Ah!...

Parecendo desnordeado, ele passou a mão pela testa como se quisesse apagar uma imagem insistente. Afinal, falou com voz trêmula:

– Não sabes o quanto tenho sofrido, Flor. Ele era meu amigo.

– Mas sabias que nada daquilo era verdade. Que se eu não tivesse ido até a casa dele, jamais teria se declarado.

– Eu sei... eu sei... Mas quando o vi a teus pés declarando seu amor, o sangue subiu-me à cabeça e fiquei realmente cego de ciúme. Mil vezes tenho-me repetido que nada disso deveria ter acontecido, porém agora não adianta lamentar.

Caindo numa cadeira, Ramón cobriu o rosto com as mãos. Parecia muito desesperado e à beira de uma crise de nervos.

Flor o observava. Era sensível, amorosa e condoeu-se da situação difícil de Ramón, julgando-o verdadeiramente arrependido do crime que praticara. Além disso, tudo o que ele fizera fora por amor.

Aproximou-se comovida, enlaçou-lhe a cabeça e o aconchegou ao peito.

– Ah! Flor, como me arrependo. Maldigo o momento em que decidi dar uma lição no amigo. O ciúme enlouqueceu-me.

– Sem razão, querido Ramón, pois é a ti que eu amo – respondeu ela entre lágrimas.

– Eu sei, eu sei.

– Também tenho sofrido muito, Ramón.

Mergulhando a cabeça no peito dela, ele suspirou, balbuciando:

– Não sabes como senti tua falta, Flor. Abraça-me. Quero esquecer tudo, tudo o que não seja tua presença adorada.

Ela inclinou a fronte e seus lábios encontraram os dele, cheios de paixão. Naquele momento, Flor esqueceu seus ressentimentos, suas dúvidas.

A partir de então, tudo voltou à normalidade, naquela casa. E, na cidade, aos poucos, o fato caiu no esquecimento.

Ramón demonstrava mais entusiasmo. Preocupados em obter o máximo prazer da vida, não viam o passar das horas, dos dias, dos meses.

Adaptando-se ao comportamento do companheiro, Flor vivia insegura. Ramón alternava momentos em que, dedicando-se totalmente a ela, a enchia de atenções, agrados e carinhos, como se nada mais importante no mundo existisse além do relacionamento dos dois. Nessas ocasiões, Caroline sentia-se no auge da felicidade, nada mais desejando a não ser a presença e o amor dele.

De outras vezes, sem qualquer razão, Ramón relegava-a ao mais atroz esquecimento, tratando-a distante e indiferente, como se não mais a quisesse. Flor sofria terrivelmente com essa separação, buscando no íntimo encontrar as razões que justificassem essa mudança de atitudes. Ele saía deixando-a sozinha e, ciente do seu temperamento sensual, Flor não ignorava que estaria com outras mulheres, na taberna ou em qualquer outro lugar.

De repente, certo dia ele retornava trazendo-lhe presentes e cobrindo-a de beijos e atenções, como se nada tivesse acontecido, e ela entregava-se feliz a seus afagos, já esquecida das humilhações que amargara.

E era exatamente esse temperamento instável de Ramón, essa mistura de interesse e indiferença, que a mantinha presa a seu fascínio. Esse homem

sabia como ninguém usar a arte da sedução e conquistar as mulheres.

E Flor, com o tempo, passou a aceitá-lo assim como ele era. Apesar de tudo, ele representava a segurança de uma situação estável, já que não eram legalmente casados. Para não pensar, ela procurava divertir-se o máximo possível, aproveitando todas as ocasiões que se lhe ofereciam e bebendo mais do que o necessário.

Sua personalidade se foi desagregando, com as muitas concessões que era obrigada a fazer, tentando adaptar-se ao caráter duvidoso e à moral elástica de Ramón. Com a consciência adormecida, fazia tudo o que ele lhe solicitava, sem pensar se sua conduta era certa ou errada.

Certa vez ele lhe pediu que colocasse determinado documento no escritório de um velho judeu muito rico, Dom Francisco – cujo verdadeiro nome era Eleazar – com quem mantinha relações de negócios, aproveitando-se de uma recepção na residência dele.

De outra feita, a conduziu até o palácio de um importante personagem e, deixando-os a sós, pediu-lhe que fosse gentil com o dono da casa, pois disso dependeria uma transação que lhe renderia muito.

E assim, de queda em queda, Flor se foi degradando, sempre tentando agradar aquele homem que a dominava por inteiro.

No início, fiel à educação rígida que recebera e a seus princípios morais, tentou rebelar-se, negando-se a obedecer-lhe. Ramón, porém, confessara-lhe saber tudo a seu respeito e que, se ela não fizesse a vontade dele, denunciaria seu paradeiro a quem pudesse interessar.

Assustada e não desejando que a encontrassem naquelas condições, Flor submeteu-se.

Veza por outra, em seus momentos de solidão e de introspecção, Caroline lembrava-se do seu ideal de felicidade, das suas esperanças no futuro, e uma profunda melancolia a dominava. Como estavam distantes aqueles tempos de tranqula ventura ao lado de Gaston, quando se sentia segura e amada sob os cuidados de Annette!

Revia o lar paterno, o parque de doces recordações, as brincadeiras ingênuas da infância, as atenções do primo, seu carinho, seu amor.

Recordava-se do baile no paço real, o encontro com aquele que iria produzir uma mudança tão profunda em sua vida. O amor invadira-lhe o coração e sentira-se ligada a Rodrigo Hernández por laços indissolúveis.

Estava assim entregue a antigas lembranças, quando alguém entra em seus aposentos. Era Ramón, que vinha a sua procura.

A noite estava prestes a cair. As primeiras sombras já envolviam o ambiente, tornando tudo irreal, na penumbra que se fizera.

Ramón aproximou-se, inquirindo:

– O que fazes no escuro? Por que não mandaste acender as luzes?

Flor estava sentada defronte de uma janela e olhava a cidade que se estendia a seus pés. As primeiras luzes começavam a surgir aqui e ali e as estrelas apareciam no céu cor de anil.

– Não percebi as horas passarem, Ramón – desculpou-se.

Acomodando-se ao lado dela, ele indagou:

– Em que meditavas assim tão profundamente?

Abanando a cabeça, ela respondeu, evasiva:

– Nada de importante. Sentei-me aqui para repousar e acabei cochilando um pouco. E tu, que fizeste durante toda a tarde?

Lembrando-se do motivo que o trouxera até ali, Ramón explicou:

– Andei pela cidade entregue a meus afazeres. Sabes que nossa situação não é das melhores e perdi grande soma no jogo. Preciso conseguir recursos urgentemente.

Flor permaneceu calada, enrijecendo-se. Sabia, por experiência, que Ramón não a procurara à toa; deveria ter um bom motivo e esse preâmbulo mostrou que ela não se enganara. Aguardou.

Discretamente, ele a observava analisando o efeito de suas palavras. Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Como ela não tivesse demonstrado a menor reação, ele prosseguiu, suspirando:

– Pesa-me sobremaneira pedir-te algo, minha querida, mas não tenho outra escolha. Se não conseguir essa importância, que na verdade é uma pequena fortuna, estou perdido. Ou melhor, estamos perdidos.

Como se estivesse realmente desesperado, ele parou de andar, sentou-se novamente e colocou a cabeça entre as mãos.

Procurando parecer indiferente, ela perguntou:

– O que desejas que eu faça?

Como se movido por uma mola, ele ergueu a cabeça:

– Ah! Flor, é bem pequeno o sacrifício que te peço em troca do grande amor que te dedico.

Como continuasse a olhá-lo fixamente com expressão indevassável, aguardando em silêncio, ele prosseguiu tomando-lhe as mãos nas suas:

– Preciso apenas que sejas gentil com alguém que quer te conhecer.

Com voz trêmula, ela murmurou demonstrando imensa amargura:

– E dizes que me amas!...

– Amo-te muito, Flor – ele reagiu.

E depois, sacudindo os ombros:

– Mas, que queres? Também preciso viver! Não sabes o quanto me custa abrir mão de ti, todavia não vejo alternativa. Esse homem está muito interessado em ti e prometeu ajudar-me financeiramente, uma vez que está muito bem colocado na Corte. Além disso, não tens ideia do quanto gasto para manter esta casa, as festas, teus caprichos, os presentes que te dou. É justo que, por tua vez, também cooperes, já que o dinheiro o gastamos juntos.

– Nunca te pedi nada – ela retrucou com os olhos úmidos de pranto.

– É certo, minha querida, que nada me pediste. No entanto, eu quis cercar-te de todo o conforto e luxo que merecias. E, a bem da verdade, jamais recusaste o que te era concedido pelo meu coração generoso.

Flor permaneceu calada e, acreditando tê-la convencido, como sempre acontecia, Ramón deixou o aposento, alegando ter algumas ordens para dar aos criados. Beijou-a distraidamente e ordenou:

– Arruma-te com esmero. Quero que esta noite te apresentes ainda mais bela.

Ramón saiu satisfeito. Viera preparado para uma cena bastante desagradável, como era de praxe, porém fora mais fácil do que imaginara.

Caroline continuou no mesmo lugar após a saída dele, meditando em tudo o que Ramón lhe dissera.

O desconforto que experimentava antes aumentara de intensidade e um desalento muito grande a envolveu.

O quanto descera! – ela pensava suspirando profundamente. Como ele se afundava arrastando-a consigo! Já não se reconhecia mais naquela mulher capaz de tamanhas baixezas.

As lágrimas tanto tempo represadas umedeceram-lhe as pálpebras. Reconhecia-se cansada de tudo, desejosa de uma nova vida.

Naquele momento sentiu branda aragem, como se acariciada por mãos diáfanas, a par de doce sensação de paz e aconchego.

No recesso d'alma, como que ouvia uma voz suave a falar-lhe ternamente:

– “Busca repensar tuas atitudes, Caroline. Sempre é tempo de recomeçar. Não te entregues ao desalento. Procura, isto sim, refazer tua vida, reajustando teus interesses e buscando maior equilíbrio interior. Deixa esta casa, onde nada conseguirás de bom e onde só obterás infelicidade para ti e para outrem. Confia em Deus, que não te deixará ao desamparo.”

Essas palavras, que um anjo tutelar lhe dirigia não eram ouvidas por ela em sua totalidade, mas como sugestão de mudança de vida que lhe competia realizar.

Sentindo-se interiormente mais fortalecida e sob novas esperanças, Caroline decidiu-se, não pensando duas vezes. Revirou seus armários até encontrar as roupas ciganas que trajava quando ali chegara pela primeira vez. Vestiu-as e, pegando apenas uma mantilha para proteger-se, sem levar nada do que era seu e que fora ofertado por Ramón, deixou aquela casa, saindo por uma porta lateral pouco usada, enquanto os criados preparavam a ceia e Ramón aguardava no salão a palestrar com alguns amigos.

Ganhando a via pública, Caroline procurou afastar-se o mais depressa possível daquele local. Cobriu a cabeça com a grande mantilha de modo que não a pudessem reconhecer e estugou o passo, caminhando a esmo.

Algum tempo depois, cansada de andar, afinal parou para descansar alguns momentos. “Que loucura!” – pensou. “Tudo fora tão rápido que não tivera tempo de pensar direito. Agora, já não tinha mais jeito e não poderia voltar atrás em sua decisão. Àquela hora com certeza já teriam dado pela sua falta e provavelmente a estariam procurando. Ramón não aceitaria tão facilmente assim uma derrota.”

Recomeçou a caminhar, agora mais lentamente. Precisava arrumar um lugar para ficar. O que fazer? Para onde ir? Os ciganos não estavam mais na cidade. Dolores fora despedir-se dela na véspera da partida. Portanto, não poderia contar com eles. Procurar algum dos amigos de Ramón, nem pensar!

Não confiava neles e certamente não manteriam segredo. O único em quem poderia confiar estava morto.

Seus pés doíam terrivelmente e suas pernas, desacostumadas de longas caminhadas, recusavam-se a prosseguir. Passando por um beco sem saída, estava tão exausta que se acomodou no vão de uma parede, onde já outras pessoas se abrigavam. Ajeitou a mantilha protegendo-se do ar frio da noite e começou a pensar.

Depois de muito analisar sua situação, resolveu que o melhor seria deixar Toledo. Na cidade, Ramón facilmente a descobriria e não lhe daria tréguas. E ela sabia do que esse homem era capaz quando irado.

Em outra localidade, ela poderia ganhar o próprio sustento dançando e tirando a sorte das pessoas, habilidades que aprendera com seus amigos ciganos.

Tendo resolvido o que fazer, adormeceu, certa de que não lhe seria difícil ganhar algumas moedas no dia seguinte, para poder viajar para longe.

## Capítulo XX. Uma luz nas trevas

Acordou pela madrugada sentindo frio. O corpo todo lhe doía, não acostumada ao desconforto da pedra dura. Lembrou-se do leito tépido e macio, do quarto perfumado e do aconchego das cobertas.

Puxou a mantilha até o pescoço tentando se proteger do frio. Uma pequena chama ainda bruxuleava, restos de uma fogueira que alguém acendera. Uma criança chorou com fome e pediu comida. A mãe ninou-a e ela voltou a dormir. Um cão ladrou ao longe e ouviu-se o rodar de uma carroça, com certeza levando legumes e verduras para o mercado.

Caroline fitou o céu onde as estrelas iam desaparecendo, substituídas pelas meias-tintas do novo dia que surgia.

Sufocou um soluço no peito dolorido. Jamais se sentira tão só e tão desamparada em toda a sua vida.

Quando fugira do lar paterno, em Paris, tinha a companhia de Lisa e Isaac que, apesar de servos, lhe proporcionavam segurança. Também possuía uma regular quantia em moedas e joias para seu sustento, além de malas com roupas, objetos de tocador e tudo o mais que se fizesse necessário.

Novamente, por circunstâncias alheias à sua vontade, tivera necessidade de deixar os cômodos que ocupava em Toledo, mas logo encontrara a cigana Dolores, que a levava para o acampamento, tranquilizando-a quanto ao futuro. Era com imenso carinho e gratidão que se lembrava daqueles meses alegres e despreocupados na companhia dos ciganos.

Agora, porém, a situação era outra. Já não poderia contar com a ajuda dos ciganos, que haviam partido em busca de outras plagas, nômades que eram por temperamento. Dolores lhe confidenciara que, desta vez, partiam por temer o tribunal do Santo Ofício. Os inquisidores os vigiavam e não se sentiam seguros em parte alguma.

Suspirou profundamente. O que seria dela dali por diante? Chegou a lamentar ter abandonado o teto de Ramón, onde nada lhe faltava. Intimamente, contudo, sabia que agira corretamente e que Deus não a desampararia.

Aos poucos o movimento foi aumentando. Os outros mendigos já estavam acordando e cada qual tomava seu rumo, uma vez que não poderiam ali permanecer durante as horas do dia, com risco de serem escorraçados pelos soldados.

Alguém lhe ofereceu um pedaço de pão duro, que ela aceitou, pois estava faminta.

A exemplo dos companheiros de infortúnio, ela também se levantou. Ali, naquele local, poderiam permanecer somente no período noturno. Com o bulício e a movimentação do povo, fazia-se necessário tomar um outro rumo. Precisava tomar uma resolução. O que fazer? Essa pergunta martelava em seu cérebro.

Lembrou-se do dono da taberna, que sempre fora gentil com ela. Não se negaria a empregá-la novamente como dançarina, tinha certeza. Não, era impossível. Ramón a descobriria facilmente naquele lugar.

Pensando, pôs-se a perambular pela cidade, como se conduzida por mãos invisíveis. Nas imediações do mercado, parou. Sentia-se exausta. Sentou-se numa pedra para descansar o corpo dolorido e as pernas desacostumadas de longas caminhadas.

O movimento de feirantes e de compradores era grande. Resolveu que aquele seria um bom local para exercer suas atividades. Escolheu um ponto que lhe pareceu interessante e, respirando fundo, munuiu-se de coragem para abordar os transeuntes. A cada um que passava ela interpelava com sorriso sedutor:

– Senhora, desejas saber o futuro?

– Senhor, deixa-me ler o futuro em tuas mãos!

Contudo, as pessoas passavam sem lhe dar atenção.

Havia muitas horas que estava tentando ganhar algum dinheiro. Em suas mãos, duas míseras moedas que alguém atirara a título de esmola e que fizeram com que o sangue lhe afluísse ao rosto, em face da humilhação.

O desalento começara a assenhorear-se do seu íntimo. Nada comera o dia inteiro, a não ser aquele pedaço de pão duro que alguém lhe dera por piedade, e sentia-se fraca. O sorriso apagara-se em sua boca e os olhos demonstravam o receio e a insegurança quanto ao futuro.

Não obstante, tentando manter-se corajosa, reagiu, pensando:

Não tem importância. Amanhã recomeçarei novamente e, quem sabe, terei melhor sorte? Talvez se eu dançasse atrairia mais interessados. É o que farei amanhã.

Com as duas moedas comprou um pedaço de pão e uma fruta; em seguida procurou um local para poder se abrigar durante a noite.

Quando percebeu, estava próximo daquele beco sem saída onde passara a noite anterior. Para lá se dirigiu e ajeitou-se o melhor que pôde.

Na manhã seguinte, logo cedo, pôs-se a caminho do mercado. Acomodou-se no mesmo ponto que escolhera na véspera e se dispôs a trabalhar pelo seu sustento.

Procurou arrumar as roupas algo amassadas, passou os dedos pelos cabelos, penteando-os, e dispunha-se a dançar e cantar, já que não tinha um acompanhante que tocasse a melodia para ela, quando uma ideia passou pela sua mente. E se alguém a reconhecesse? A região do mercado era frequentada por pessoas de todas as classes sociais. Resolveu que seria melhor apenas oferecer-se para ler a sorte. Seria mais seguro.

Aquele dia, contudo, transcorreu como o anterior. As pessoas passavam apressadas, indiferentes e arrogantes. Quando não, faziam-lhe gracejos que a deixavam ruborizada. Nesse dia nenhuma moeda viera parar em suas mãos e ela sentia-se faminta, pois a alimentação frugal da noite anterior fora insuficiente.

Com as lágrimas prestes a descer pelo rosto, mas não querendo desanimar, ela pensou que o dia seguinte seria melhor.

Os dias seguintes transcorreram da mesma forma. Caroline, para não morrer de fome, mendigava alguma coisa para comer, no mercado. Algumas

peças lhe davam, outras a escorraçavam sem piedade. Dormia entre os mendigos e agora a pedra já não lhe parecia tão dura.

Certo dia foi particularmente difícil e Caroline encontrava-se no limite das suas forças. Lutando para não deixar as lágrimas rolarem pelo rosto, ela consolava-se pensando que no dia seguinte as coisas iriam melhorar.

Estava extremamente enfraquecida e com dificuldade para caminhar. Contudo, reunindo as energias que lhe restavam, levantou-se para deixar o local.

O dia estava prestes a terminar e a noite se avizinhava.

Nesse momento, Flor viu um cavaleiro distinto que se aproximava. Numa última tentativa, repetiu sua cantilena automaticamente, sem levantar os olhos:

– Permite-me ler tua mão, senhor? Flor conhece o presente, o passado e o futuro das pessoas! – repetiu inconscientemente, imitando a cigana Dolores.

O homem que passava defronte a ela, ouvindo-a, estacou gentil e, tirando da algibeira algumas moedas, estendeu a mão para entregá-las, dizendo:

– Não, minha boa mulher, não é preciso. Toma estas moedas e compra algo para ti.

Tinham sido as primeiras palavras delicadas e gentis que ela ouvira naqueles últimos dias. Ao mesmo tempo, a voz lhe parecera estranhamente familiar e Flor levantou a cabeça para agradecer. Levou um susto e sufocou um grito na garganta, murmurando:

– Dom Rodrigo!

Surpreso, o cavalheiro perguntou, intrigado:

– Conheces-me?

Caroline perdera a voz em face da emoção do momento. Como a cigana permanecesse calada e de cabeça baixa, envergonhada, ele fitou-a mais atentamente.

Sob as roupas vistosas ele viu uma bela mulher. Acercando-se mais, retirou a mantilha que lhe cobria a cabeça, deixando o rosto a descoberto, enquanto os cabelos se espalhavam pelos ombros, iluminados pelos últimos raios de sol.

– Caroline! Não pode ser! Mas, és tu mesma? – perguntou ele sem poder acreditar no que via.

Ralada de humilhação e de vergonha, ela levou as mãos ao rosto, desatando a chorar convulsivamente.

Perplexo, o duque, pois era ele mesmo, não sabia o que pensar.

– Mas... por que manobras do destino te encontro aqui, em Toledo, vestida de cigana, quando sempre te acreditei casada e feliz, na França?

Com a voz embargada pela emoção, ela conseguiu balbuciar:

– É uma longa história...

Nesse instante, como consequência do choque emocional e do estado de fraqueza física, Caroline cambaleou e o duque de Alcalá a susteve nos braços, percebendo que as condições dela eram bem precárias.

– Não importa. Terás muito tempo para me colocar a par dos acontecimentos – afirmou.

E, fazendo uma pausa, perguntou:

– Onde moras?

Caroline balançou a cabeça negativamente, constrangida:

– Em lugar nenhum.

– Então, vem comigo.

Delicadamente tomou-a pelo braço, tentando conduzi-la para a carruagem, que aguardava ali perto. Juntando o resto de orgulho que lhe restava, ela recusou-se:

– Não. Agradeço-te a generosidade e, acredita, foi muito bom rever-te. Contudo, tenho outra vida diferente agora e lamento que me tenhas encontrado somente em tais circunstâncias. Deixa-me seguir meu caminho. Suplico-te, porém, que não digas a ninguém que me encontraste.

Com firmeza, ele retrucou, incisivo:

– Não sejas tão orgulhosa. Acreditas mesmo que te deixaria ir embora no momento em que te encontrei? Estás fraca e pareces adoentada. Vem comigo até minha residência e tratarei de ti.

Fez uma pausa e prosseguiu, tentando convencê-la:

– Quando estiveres bem e desejares seguir teu caminho, não te impedirei. És livre para fazer o que quiseres.

Ela fitou-o com atenção redobrada. Vendo aquele rosto tão querido, escutando aquelas palavras que tanto ansiara ouvir, sentia-se recompensada por todo o sofrimento.

Percebendo que não tinha outra saída e que não lograria dissuadi-lo, ela o acompanhou. Na verdade, intimamente, era tudo o que desejava da vida.

Ouvindo o rodar da carruagem nas pedras da rua, acomodada entre macias almofadas, Caroline pensava:

– Como o destino é engraçado. Que poder controla as nossas vidas de forma que os acontecimentos ocorram à nossa revelia? Tanto que o procurei sem jamais lograr encontrá-lo, e revejo-o agora, quando já havia perdido as esperanças.

Suspirou, fechando os olhos e recostando-se nas almofadas, feliz.

\*\*\*

O trajeto até o palácio de Alcalá foi feito como num sonho.

Conduzida pela mão do seu acompanhante, Caroline foi introduzida na residência. Deslumbrada com a beleza e o bom gosto da ornamentação em estilo mourisco, ela admirava as portas e janelas rendilhadas, os jardins que entrevia à distância, as abóbadas e colunatas, o piso de mosaico, as cortinas esvoaçantes.

Suspirou, anotando mentalmente que jamais vira nada igual em toda a sua vida.

Ao adentrarem um salão, Caroline viu uma senhora de beleza serena e gestos aristocráticos, que caminhava ao encontro deles.

Vestindo um belo traje ao gosto árabe, aproximou-se e Caroline sentiu imediata simpatia por ela. Cabelos grisalhos e lisos, puxados para trás, seus

traços regulares lembravam em muito os do homem que tinha a seu lado.

Com uma mesura ele fez as apresentações:

– Minha mãe, esta é uma amiga, Caroline, e ficará hospedada em nossa casa.

A jovem condessa encontrava-se infinitamente constrangida pela sua aparência. As roupas velhas e surradas, de cores berrantes, destoavam profundamente daquele ambiente requintado. Ralada de vergonha, ela inclinou a frente.

A gentil dama, todavia, não deu demonstração de ter notado nada de diferente nela. Acercou-se, tomou-lhe as mãos e, com voz suave, falou:

– Sê bem-vinda em nossa casa, minha filha. Os amigos de meu filho são também meus amigos.

Bateu palmas e, imediatamente, surgiu uma criada:

– Yasmin, prepara os aposentos para a nossa hóspede.

Dom Rodrigo conduziu Caroline para as instalações que lhe foram destinadas, deixando-a entregue aos cuidados da serva.

Os quartos amplos e arejados eram ricamente decorados ao estilo oriental. No centro de um deles, havia uma piscina de água cristalina e perfumada, onde ela banhou-se com satisfação.

Em seguida, vestiu um belo traje que a criada depositara sobre o leito, em tonalidade lilás e com detalhes em dourado. Calçou sandálias douradas e penteou os bastos cabelos, colocando um véu sobre eles.

Mais reanimada após o banho, mirou-se num grande espelho. Gostou do que viu refletido. Conquanto houvesse emagrecido bastante nos últimos dias e apresentasse um ar abatido, o rosto limpo, os cabelos lavados e escovados, a indumentária elegante, fizeram com que suspirasse de íntimo contentamento.

Fazia apenas uma semana que fugira da casa e da companhia de Ramón de Oviedo, mas parecia-lhe um século. Lá, banhava-se com certa regularidade, apesar de não ser costume da época; usava belos trajes que Ramón escolhia especialmente para ela e que encomendava no exterior; cobria-se de joias e ornamentos que a tornavam ainda mais atraente; contudo, sentia-se sempre como se a sujeira moral houvesse se impregnado nas roupas e no corpo.

Agora não. Olhando-se no espelho, sentia-se limpa e livre.

Uma névoa toldou-lhe a visão. Lembrar-se de Ramón de Oviedo não lhe fazia bem. Na verdade, reconhecia-se extremamente cansada e necessitando de repouso.

Mais tarde Rodrigo veio vê-la, cheio de cuidados. Caroline desculpou-se por não descer para a ceia.

– Não te preocupes, Caroline. Já contava com isso e mandei que te trouxessem a refeição aqui mesmo. Ah! já está chegando – disse, vendo a criada que entrava com uma bandeja, que colocou sobre uma pequena mesa.

Caroline comeu com prazer, sob o olhar solícito do seu acompanhante. Terminando, fitou-o com carinho, afirmando:

– Não sei como te agradecer tanta gentileza, Rodrigo.

Ele impediu que ela prosseguisse, asseverando:

– Nada tens a me agradecer. Sinto prazer em ter-te ao meu lado. Agora, precisas repousar. Vou deixar-te, desejando que tenhas bons sonhos e uma noite tranquila sob o meu teto.

Assim dizendo, retirou-se, deixando Caroline entregue a si mesma.

Yasmin ajudou-a a se despir e, dentro em pouco, estava no leito, aconchegada em perfumados lençóis de seda.

Não pôde deixar de pensar na diferença entre as noites que passara ao relento e esta. Fora realmente providencial ter deixado a casa de Ramón.

Com a cabeça acomodada em macios travesseiros, suspirou feliz e adormeceu pensando:

– Que sorte eu tive!

Em nenhum momento, lembrou-se da voz suave e persuasiva que a aconselhara a tomar outro destino. Em nenhum momento, pensou que devia o seu bem-estar ao trabalho incansável e paciente de amigos dedicados da espiritualidade, que envidavam todos os esforços para recambiá-la a uma vida melhor.

Não se lembrou que, previda pelo desespero, suplicara ajuda do Pai, que, bom e misericordioso, concedera-lhe o amparo necessário, através de seus mensageiros.

Espírito rebelde, ainda teria muito o que aprender, e somente o longo trabalho dos séculos poderia dar-lhe a consciência das realidades maiores e

a confiança que advém da fé na soberana vontade de Deus.

## Capítulo XXI. Nova vida

A partir daquele dia, uma nova vida iniciou-se para Caroline.

Na manhã seguinte, despertou experimentando enorme fraqueza. Como se o seu organismo só agora reagisse, sentindo-se em segurança, caíram-lhe as defesas orgânicas e, por muitos dias, manteve-se recolhida ao leito sem condições de se levantar.

Insidiosa febre surgiu, talvez como consequência das noites que passara ao relento, não acostumada à aragem noturna.

Por muitos e muitos dias, o duque velou à sua cabeceira, preocupado com o estado de saúde da querida hóspede. Extremamente pálida e abatida, Caroline perdera o apetite, alimentando-se de maneira insuficiente, não obstante as instâncias do gentil e dedicado “enfermeiro”.

Recusava, porém, qualquer alimentação, passando o dia com uma fruta, um copo de refresco ou um caldo reconfortante.

A par disso, secreta melancolia passou a minar-lhe o íntimo, toldando-lhe o olhar com um véu de perene tristeza.

Na verdade, Caroline sofria horrivelmente. Agora, que reencontrara aquele que representava o ideal dos seus sonhos de mulher e em quem colocara suas mais caras esperanças, sentia medo.

Relembrando o que fora sua vida até então, desde que deixara o lar paterno e o tálamo conjugal, sentia-se morrer de vergonha e humilhação. Como pudera descer tanto?

Ao lado desse homem bom e generoso, de caráter íntegro e moral ilibada, percebia mais ainda a distância que permeava entre ambos.

Rodrigo Hernández nunca lhe fizera perguntas, mantendo sempre uma atitude de discrição e respeito. Contudo, ela não ignorava que, algum dia, teria que contar-lhe toda a verdade. E nesse dia ela o perderia para sempre.

Por essa razão vivia em sobressalto, temendo esse momento em que as explicações seriam inevitáveis.

Todavia, como ele não tocasse no assunto, parecendo completamente despreocupado, com o passar dos dias Caroline foi se tranquilizando.

A sua natureza jovem e forte reagiu satisfatoriamente e, entrando em franca convalescença, ela deixou os aposentos passando a transitar pelo palácio em companhia de Rodrigo, ou de sua mãe, a duquesa Zuleima, quando os deveres o obrigavam a deixar o lar.

Encantada com tudo o que via, Caroline sentia-se muito feliz.

O ambiente perfumado, onde se queimavam ervas odoríferas em tripés postados nos cantos dos aposentos, aliado à beleza da arquitetura e à serena tranquilidade dos anfitriões, agia beneficentemente sobre sua sensibilidade vibrátil, proporcionando-lhe dias de serenidade e paz como nunca sentira antes.

A personalidade cativante dos hospedeiros, a conversação variada, nunca resvalando para a futilidade e a maledicência, mantendo-se sempre em assuntos sérios, conquanto interessantes, causavam-lhe agradável surpresa.

Desacostumada a esse tipo de diálogo, no início estranhou. Seus pais e tutores, sempre envolvidos em festas, somente faziam comentários e contavam histórias picantes da aristocracia, não raro decaindo para a maledicência. Na residência de Ramón de Oviedo, também não era diferente o comportamento dos convidados, agravado com a licenciosidade e a moral duvidosa dos seus frequentadores.

Mas, não era só isso. Existiam razões muito mais profundas para que Caroline se reconhecesse tão satisfeita e em paz.

O ambiente do palácio, todo em estilo mouro, a presença de Dom Rodrigo Hernández, companheiro de encarnações passadas – que ela inconscientemente reconhecia amar com todas as forças da alma e de quem estivera separada por longo tempo, em virtude de ações deletérias por ela própria praticadas –, levaram seu espírito imortal a evocar outras épocas de um passado distante, quando fora feliz.

Dos refolhos da alma, adormecidas lembranças despertavam e essas reminiscências tinham raízes no século VI, quando, na cidade de Ravena, na Itália, fora esposa de Agar, oficial do exército bizantino sob as ordens do ilustre general Belisário, durante o Império de Justiniano.

E então Caroline sentia-se serena e feliz, como se houvesse voltado no tempo e fosse novamente Tamara, que se casara com Agar, esse mesmo Rodrigo Hernández da atualidade, com quem fora tão ditosa.

Na verdade, ela não se lembrava de ter vivido antes, contudo as sensações e emoções vivenciadas naquela época eram muito fortes.

Atravessavam o tempo e o espaço para ressurgirem na forma de imenso júbilo ante a situação que se apresentava.

Com o transcorrer dos dias, passou a apreciar cada vez mais os serões em família, quando a duquesa Zuleima e o filho entreteciam conversas com raro brilhantismo. Discorriam sobre filosofia, arte, astronomia, literatura e história, muito aprendendo Caroline com tudo o que diziam.

Certa tarde, recostada num banco ao lado de Rodrigo, enquanto trocavam ideias sobre diversos assuntos, Caroline viu a duquesa Zuleima, que, um pouco distante, numa das aleias do extenso jardim, dava ordens para um criado. Comentou:

– A duquesa Zuleima é uma mulher extraordinária, Rodrigo, e a cada dia que passa mais a admiro.

Olhando na direção que Caroline indicava, Rodrigo fitou a mãe e seu semblante iluminou-se de amor:

– É uma mulher realmente notável e de muita fibra. Já sofreu muito e sua vida não foi sempre essa tranquilidade que vês agora.

Interessada, a jovem dama pediu, sorridente:

– Ah! Conta-me! Estou muito curiosa pois, apesar da afetividade que vos une, percebo-vos muito diferentes.

O duque concordou, continuando:

– É verdade. Minha mãe é sarracena, como já deves ter percebido, e teve que lutar muito para unir-se a meu pai.

Fez uma pausa e, como se estivesse a lembrar dos fatos, prosseguiu:

– Meu pai era um jovem fidalgo do exército espanhol. Certa vez, guerreando os muçulmanos, conheceu minha mãe e apaixonou-se por ela. Trouxe-a como escrava para a Espanha, mas o amor deles era tão grande que, em pouco tempo, não desejava outra coisa senão torná-la sua esposa. Naturalmente, a família foi contra, mas casaram-se assim mesmo. Extremamente radicais, os familiares não aceitaram essa união e, por muitos anos, estiveram isolados dos parentes, o que os fazia sofrer muito. Muito tempo depois, meu avô ficou gravemente doente e mandou chamar meu pai. Sentindo a morte chegar, não queria partir sem se reconciliar com o único filho e sem conhecer e abraçar o neto. Ficou muito feliz e morreu tranquilo ao saber que a nora muçulmana se convertera à fé cristã.

– É uma história muito linda, Rodrigo. A partir de agora, minha admiração e respeito pela senhora duquesa aumentaram ainda mais. E teu pai?

– Faleceu alguns anos depois. Mas, enquanto viveu, jamais os vi separados ou terem qualquer desentendimento. Foram muito felizes e, por isso, minha mãe jamais se recuperou totalmente da sua perda. Nada comenta, mas percebo que sente muito a falta do companheiro.

– Posso bem compreendê-la. A saudade de quem se ama é muito dolorida.

Caroline percebeu que Rodrigo a fitava intensamente e corou. Num gesto cheio de ternura ele tocou os cabelos dela indagando com voz compassada:

– Já sentiste a dor de perder alguém?

A essa pergunta Caroline corou ainda mais, sentindo o sangue afluir-lhe ao rosto e balbuciou num fio de voz:

– Sim.

Os olhos do senhor de Alcalá se toldaram por instantes e falou, como que se desculpando:

– Que tolo sou! Estás separada do teu conde Gaston de Vernon e com certeza sentes muito a sua falta.

Como se tivesse sido picada por uma cobra, ela gritou:

– Não!

Depois, percebendo que se excedera e que seu interlocutor estranhara sua reação, completou:

– Não. Não se trata disso, Rodrigo. Contudo, ainda não estou preparada para contar-te tudo. Tens sido bom e tolerante comigo, nada perguntando e respeitando meu silêncio. Tem um pouco mais de paciência e logo saberás a verdade.

Ele tomou-lhe as mãos delicadamente, afirmando sereno:

– Não te inquietes, Caroline. Não tocarei mais no assunto. Quando sentires vontade, falarás espontaneamente. Perdoa se toquei numa ferida ainda não cicatrizada, mas foi sem intenção, acredita.

– És muito generoso, Rodrigo, e não mereço tua amizade. Temo que, quando te inteirares da verdade, esse afeto se transforme em desprezo – murmurou sob intensa emoção.

– Não temas. Saberei compreender-te e aceitar-te como és.

Como sua mãe se aproximasse, mudaram de assunto e, logo em seguida, demandaram o interior, para se prepararem para a refeição da tarde.

\*\*\*

Com o passar dos dias, a convivência fez com que os laços afetivos fossem se estreitando. Aquele sentimento que aflorara num baile na Corte de França, que fora repentinamente sufocado por circunstâncias alheias à vontade de Caroline e de Rodrigo, mas que tinha raízes profundas no pretérito, agora revigorava-se de minuto a minuto.

Aproveitavam todos os momentos para ficarem juntos. Divertiam-se passeando pelos formosos jardins do palácio, cavalgando, ou simplesmente conversando, fosse nas varandas perfumadas por plantas trepadeiras que se enrodilhavam nas colunatas, fosse no aconchego da sala, ao calor do fogo aceso na lareira nos dias mais frios.

E, quando o duque tinha que viajar para atender a seus múltiplos interesses, Caroline definhava de saudade, tanta falta sentia da presença daquele a quem amava acima de tudo no mundo.

Quando isso acontecia, então, punha-se a conversar com a duquesa Zuleima. Queria saber tudo sobre a vida dele. Como fora em criança, o que mais gostava, os fatos mais interessantes da sua vida, enfim, tudo que pudesse dar uma ideia mais clara sobre sua vida passada. Como se assim se sentisse mais ligada a ele, mais próxima.

Com sorriso cativante, pacientemente Zuleima fazia-lhe todas as vontades. Era-lhe, de resto, gratificante poder falar do filho que idolatrava, e o fazia com muito agrado.

Em pouco tempo, Caroline já sabia tudo de importante sobre a vida do seu amado Rodrigo. O amor por ele uniu-as e uma amizade sincera e carinhosa nasceu entre ambas, para alegria de Caroline.

Certa ocasião conversavam num terraço. A temperatura estava amena e agradável e o céu sem nuvens. Recostadas em macios coxins de seda, bebericavam um refresco, servindo-se de quando em vez de algumas frutas açucaradas, que o servo colocara numa mesinha ao alcance da mão.

Um pouco afastadas, duas servas tocavam alaúde e a melodia romântica fez com que Caroline enviasse um pensamento a Rodrigo, tão longe.

Soltou um longo suspiro que não passou despercebido à nobre dama a seu lado. Com terno olhar Zuleima comentou:

– A julgar pelo suspiro e pelo olhar perdido ao longe, tens o coração distante daqui...

– Ah! querida Duquesa, esta linda canção me emocionou muito.

Fez uma pausa e indagou:

– A propósito, tens tido notícias de Rodrigo? Será que sua ausência perdurará por muito tempo ainda?

– Não, acalma-te. Creio que hoje ou, o mais tardar, amanhã, deverá retornar.

– Espero que tenhas razão, senhora. Sinto muito a falta dele. Rodrigo tem uma personalidade cativante e preenche todo o tempo quando está presente – respondeu, corando, ao perceber que a outra notara seu interesse pelo filho.

– Tenho certeza de que ele pensa da mesma forma a teu respeito – afirmou Zuleima.

– Achas mesmo? – tornou Caroline com os olhos brilhando.

– Sem dúvida. Pelo que pude observar, meu filho te estima muito. E meu coração de mãe jamais se engana!

– Ah! que bem me fazem estas palavras! Mas, ele alguma vez fez-te confidências a meu respeito?

– Não. Meu filho é muito reservado e jamais tocou no assunto comigo ou com quem quer que seja, posso assegurar-te. Porém, tenho observado que ele está diferente, mais alegre e mais feliz.

– Dize-me, Duquesa, Rodrigo já amou antes? Nunca me falaste sobre isso.

– Bem, talvez porque não tenha achado necessário. Também nunca me perguntaste. Muitas mulheres passaram pela vida de meu filho, mas nenhuma significou grande coisa. Foram interesses passageiros e sem grande profundidade.

– E agora? – perguntou a jovem, ansiosa.

– Agora percebo que é diferente. Rodrigo demonstra um entusiasmo que nunca vi antes. Que o Senhor o proteja!

Essas últimas palavras Zuleima proferiu com leve entonação de tristeza, que não passou despercebida à sua interlocutora.

– Por que dizes isso? Temes algo, senhora?

A duquesa meditou por alguns instantes, como se estivesse estudando a conveniência ou não de dizer alguma coisa. Afinal, resolveu-se:

– Na verdade, sim. Tenho tido pressentimentos, minha cara Caroline, e temo pelo futuro de meu filho.

Fez uma pausa, depois continuou, medindo bem as palavras:

– Gosto muito de ti, Caroline. Aprendi a apreciar-te nesse tempo que estamos juntas, e, além disso, sinto que não é a primeira vez que nos encontramos. Mas...

– Mas?... Por favor, prossegue!

– Mas, não sei se és a mulher para Rodrigo, minha filha. Preocupa-me o fato de que pouco conhecemos da tua vida anterior. A maneira como entraste nesta casa falava de uma vida difícil e tumultuada. É natural, pois, que uma mãe se preocupe – concluiu, justificando-se.

Profundamente angustiada e temerosa, Caroline ouvia as ponderações da outra. Sabia que a sua hospedeira tinha razão. Durante todo esse tempo, não tivera coragem para falar sobre seu passado. Percebia que era uma necessidade urgente, mas ainda não estava preparada. Não ignorava que Zuleima aguardava que ela explicasse tudo e lhe acalmasse os receios, todavia sentia-se tolhida interiormente. Só conseguiu balbuciar:

– Compreendo... senhora Duquesa; se desejares, hoje mesmo deixarei esta casa. Não quero causar problemas.

Meneando a cabeça, a sarracena prosseguiu:

– Não, Caroline, não. Não se trata disso e nem resolveria o problema. Rodrigo te estima e está muito feliz, mais do que jamais estive. Se partires, ele não se conformará e irá a teu encalço. Não, isso não resolve nada.

– Mas, então... – gaguejou Caroline. – O que posso fazer? Também desejo a felicidade dele.

Com sorriso melancólico, a mulher fitou Caroline afirmando com tranquila resignação:

– Nada. Meu povo tem uma maneira muito especial de encarar os acontecimentos. Acreditamos que tudo já está escrito e que temos que cumprir nosso destino. Portanto, o que Deus, ou Alá, tiver nos reservado acontecerá por certo. Só nos resta esperar.

## Capítulo XXII. Confissão dolorosa

No palácio de Alcalá a vida transcorria em suave tranquilidade.

Caroline gozava de uma felicidade que nunca sentira antes. A atmosfera do palácio, a presença profundamente benéfica da duquesa Zuleima, o sentimento que nutria por Rodrigo, tudo transformava sua existência num oásis de paz.

O duque retornara de sua viagem e o sol parecia ter entrado em seus domínios. Trouxera mil presentes, joias, tecidos luxuosos, objetos de tocador, perfumes e muitas outras coisas, para ambas. Porém, o que mais agradara Caroline fora um cãozinho branco que mais parecia uma fofa e macia bola cheia de pelos. Imediatamente apaixonou-se pelo animalzinho.

Alguns dias foram gastos colocando em dia as novidades. Caroline desejava saber onde estivera, o que fizera e com quem conversara. O mesmo acontecendo com Rodrigo que perguntou, terno:

– O que minhas duas damas preferidas fizeram durante minha ausência?

– Nada. Ou melhor, falamos de ti – respondeu Caroline, encabulada.

– De mim?!... Não achastes nada mais interessante para fazer nesses dias? Deve ter sido terrivelmente enfadonho, então.

– Na verdade, não. Tua vida passada me era totalmente desconhecida, Rodrigo, e a senhora duquesa prestou-se gentilmente a informar-me.

– Curiosa!

– Quando estimamos alguém, Rodrigo, desejamos saber tudo sobre o ser amado.

Caroline corou ao dizer essas palavras, que expressavam ingênua sinceridade e percebeu que o rapaz a fitava profundamente. Seu olhar sério a incomodou e ela compreendeu claramente o que ele estava pensando, isto é, que nada sabia sobre a vida dela.

A hóspede percebeu, também, que não poderia esconder por mais tempo o seu passado. Estava chegando a hora em que teria de contar tudo a seu protetor. O medo de perdê-lo fez com que seu coração se confrangesse.

Notando seu conflito íntimo, Rodrigo falou com ternura:

– Por que teus olhos se toldaram como se a noite estivesse a descer substituindo o dia? Não te preocupes tanto, minha querida.

Assim dizendo, ele passou a mão suavemente sobre seus cabelos e beijou-lhe as mãos trêmulas.

– Quero-te muito bem, sabes disso – afirmou ele.

Escondendo o rosto em seu peito, ela sufocou um soluço, murmurando:

– Tenho tanto medo de te perder! Fico aflita só em pensar que isso possa acontecer. Parece-me que já te perdi algum dia, em algum lugar, e que isso tirou-me a razão.

– Não te aflijas sem motivo. Ignoro o que aconteceu de tão grave no teu passado que não possas contar-me. No entanto, seja o que for que tenha ocorrido, farei tudo que puder para ajudar-te. Confia em mim, Caroline.

Nesse exato momento, o capitão da guarda entrou na sala:

– Senhor, perdoa minha intromissão, contudo tenho algo de urgente a comunicar-te.

– Fala, Hassan.

– Um dos homens da guarda notou novamente alguém nos espionando.

Ao ouvir essas palavras, Caroline levou um susto, pulando da cadeira.

– Rodrigo, o que se passa? – perguntou aflita.

Notando que a jovem se assustara, o duque tratou de tranquilizá-la:

– Nada com que devas te preocupar, Caroline. Coisas de rotina.

Pedindo licença, afastou-se com o capitão, fechando-se com ele numa sala onde ninguém poderia escutar o que diziam.

Esse incidente, todavia, fez com que a jovem dama sentisse uma certa insegurança. Mas, como nos dias seguintes nada acontecesse, acabou se esquecendo do fato.

Alguns dias depois, receberam a visita de várias pessoas no palácio de Alcalá. De outras vezes, já notara a presença dessas mesmas pessoas, mas, acreditando que dizia respeito a assuntos particulares do duque, não deu maior importância ao acontecimento. Normalmente, Caroline evitava as reuniões sociais que ocorriam no palácio. Pela sua situação, preferia ficar em seus aposentos ou passear nos jardins, para não correr o risco de ser reconhecida, sendo sua vontade respeitada pelos donos da casa.

Nesse dia, como estivesse na sala a palestrar com a duquesa Zuleima, não pôde se esquivar a tempo e foi apresentada aos visitantes, que iam chegando aos poucos e integrando-se ao grupo.

Caroline notou que deviam se conhecer muito bem; percebeu mesmo que parecia existir um vínculo unindo todos eles. Seus olhares, os apertos de mão, eram diferentes, como se houvesse uma cumplicidade latente envolvendo todo o grupo.

Sentada um pouco afastada, ela observava-os um a um. Eram estranhos e ao mesmo tempo tão iguais. Havia entre eles a mesma singeleza de trajés, a mesma simpatia e seriedade. A conversação mantinha-se amena e agradável, a exemplo do que acontecia com a duquesa e seu filho, jamais resvalando para o fútil ou trivial.

Caroline estudava a conveniência de permanecer ou não na sala, contudo a curiosidade era mais forte que a precaução. De resto, não via em qualquer daquelas criaturas razões para temor.

Quando todos já estavam reunidos, o anfitrião convidou-os a passarem para uma outra sala, que raramente era usada, anotou mentalmente a jovem.

Nesse recinto existiam muitas cadeiras, colocadas em semicírculo. Na frente, uma mesa recoberta por preciosa toalha de renda branca, onde se viam alguns pergaminhos.

O duque de Alcalá iniciou a reunião convidando os presentes a orarem ao Senhor. Ele mesmo dirigiu as orações, improvisando com palavras de tocante singeleza, mas de profundo significado, em que suplicava o amparo de Deus para todos ali reunidos.

Em seguida, uma das damas dirigiu-se à frente e, tomando de um alaúde, que Caroline não notara e que repousava sobre uma das cadeiras

desocupadas, a um canto, executou suave melodia que a sensibilizou até às lágrimas. Os demais acompanharam cantando juntos e a música pareceu envolvê-los em vibrações amoráveis e dulcificantes.

Aos últimos acordes da melodia, Rodrigo Hernández levantou-se e, dirigindo-se para a mesa, apanhou um dos pergaminhos ao acaso e leu um texto do Novo Testamento:

– “Vinde a mim, todos vós que sofreis e que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e aprendei de mim que sou brando e humilde de coração, e encontrareis o repouso para vossas almas; porque meu jugo é suave e meu fardo é leve.”<sup>10</sup>

Perpassando o olhar sereno pela pequena assembleia, o duque pôs-se a comentar o texto evangélico lido, com palavras claras e objetivas, expondo conceitos novos para Caroline. Falava ele da simplicidade e pureza do Cristo, que todos devemos almejar, fugindo do luxo e da ostentação que a Igreja Católica era detentora.

Pregava a volta ao cristianismo das primeiras horas, quando o Mestre falava sem se preocupar com templos, rituais e vestuários faustosos. A Jesus bastava o aconchego da natureza e a presença da multidão de necessitados para que o verbo, vazado em claridades imorredouras, se fizesse ouvir.

– “O Senhor nos convida ao Seu Reino de Luz. Para isso, porém, faz-se mister que soframos por amor a Ele; que enfrentemos os problemas da vida com coragem e fé, sem desânimo e sem esmorecimento. Seu jugo é suave porque só exige o amor como paga pela ajuda que recebemos, e seu fardo é

leve porque, ao Seu lado, enfrentaremos todos os obstáculos, que se nos parecerão menores e mais suportáveis. Especialmente nesta época, de tão terríveis provações para o nosso povo, quando somos perseguidos, torturados, espoliados e mortos, ‘em nome do Cordeiro de Deus’, faz-se mais necessário o nosso exemplo de dignidade e de fé.

“Quando a dificuldade nos visite o lar, quando as trevas se fizerem mais densas, testemunhemos nosso amor pelo Cristo, morrendo se preciso for, com coragem e determinação, como os primitivos cristãos que perdiam a vida nas garras das feras do circo romano, sem gemidos e sem maldições, abençoando os seus algozes.

“Que o Senhor da Vida nos ampare e proteja para que não desfaleçamos no cumprimento do dever e que nos momentos de maior provação saibamos honrar o Seu nome. Amém.”

E assim, com simplicidade e sem qualquer pompa, deu por encerrada a reunião.

Logo em seguida os criados serviram vinho e pão.

A reunião tornou-se menos formal e a conversa generalizou-se. Experimentavam todos viva emoção e, comentavam as palavras que haviam sido proferidas pelo anfitrião, relacionando-as com a profunda insegurança e temor que sentiam quanto ao futuro. No entanto, grande paz inundava seus corações após o comentário evangélico. Sentiam-se revigorados em sua fé e prontos para qualquer eventualidade.

Caroline estava surpresa. Não entendera o que estava acontecendo. Menos ainda quando começaram a falar sobre pessoas que lhe eram absolutamente desconhecidas, como um tal de John Wicliff, John Huss, Jerônimo de Praga e outros.

Percebeu, porém, que eram personagens muito importantes, a quem todos se referiam com muito apreço e consideração.

Aos poucos os visitantes foram-se despedindo, não sem antes se abraçarem afetuosamente.

Ao ficarem a sós, Rodrigo fitou-a e comentou:

– Compreendo que deves estar surpresa e curiosa com o que presenciaste aqui hoje.

– Sem dúvida! Não quero parecer indiscreta, Rodrigo, porém fiquei perplexa. Jamais encontrei um grupo onde existisse a real fraternidade que percebi nessas pessoas! – exclamou Caroline.

– É verdade – concordou Rodrigo com leve sorriso. – Somos uma família.

Fez uma pausa e prosseguiu:

– Para que possas entender, é preciso que saibas como tudo começou. Já ouviste falar em John Wicliff?

Ela meneou a cabeça respondendo negativamente.

– Pois bem. John Wicliff era um homem da Igreja, que viveu de 1320 a 1384 na Inglaterra. Percebendo as arbitrariedades e descaminhos praticados pela Igreja Católica, começou a lutar contra essas injustiças. Foi muito

perseguido por suas teorias em seu país, mas seus ideais de uma igreja cristã melhor prosperaram. Mais tarde, uns trinta anos depois, John Huss, igualmente, na Boêmia, baseando-se em muitas das ideias de Wicliff, fez grande número de seguidores, até ser queimado numa fogueira, em 1415.

Como o duque fizesse uma pausa, Caroline indagou, interessada:

– Quais as mudanças que eles queriam?

– Muitas. As mais importantes, porém, eram a volta a um cristianismo primitivo, como Jesus pregava. A verdade é que a religião cristã, como é praticada hoje pela Igreja, é a negação dos postulados do Cristo. Outra coisa que rejeitaram foi a compra de indulgências, que representa o absurdo de corrupção e de venalidade a que chegamos hoje.

– Notei em todos um certo receio... – comentou Caroline.

– Sim. Somos considerados hereges e a Inquisição não deixará de nos punir se formos descobertos.

– Compreendo. E, mesmo assim, não tens medo?

– Não, minha querida. Tenho fé, uma fé robusta e sólida, capaz de afrontar qualquer desafio.

Caroline calou-se. Admirava cada vez mais a esse homem de conduta moral irreprovável, de ideais límpidos e mente aberta. Em seu íntimo, contudo, sentiu um aperto no coração. Ela sim, temia; temia pela vida dele; temia que os asseclas do Santo Ofício pudessem descobri-lo e condená-lo.

A duquesa propôs que se recolhessem. Era tarde e precisavam repousar.

\*\*\*

No dia seguinte, Caroline levantou-se bem-disposta. Sentia ainda os reflexos benéficos da reunião da véspera e acordara cheia de ânimo e alegria de viver.

Com o cãozinho ao colo percorria as dependências do palácio, rumo aos jardins, onde se ouvia o canto dos pássaros em alegre algazarra.

De repente, o animalzinho soltou-se de seus braços, pulou ao chão e saiu em disparada, em sentido contrário, rumo ao interior do prédio.

Sorridente, Caroline corria atrás dele; porém, quanto mais corria, mais ele se adiantava, latindo alegremente, satisfeito com a brincadeira.

Próximo da biblioteca, ela viu que um criado introduzia um homem que não lhe era desconhecido. De estatura baixa, magro e encurvado pelos anos, ricamente trajado, era um indivíduo tipicamente semita.

Viu Rodrigo dirigir-se ao visitante com os braços estendidos em sinal de boas-vindas.

– Sinto-me honrado de ter o amigo sob o meu teto, meu caro Eleazar ben Joseph. A que devo a honra da tua visita em hora matinal?

Levantando os braços para o alto, o cavalheiro cumprimentou o duque e, com a cabeça meio inclinada, falou:

– Perdoa, meu amigo Rodrigo Hernández, duque de Alcalá, se vim importunar-te sem prévio aviso.

– Não te desculpes. É sempre um prazer conversar contigo. Mas, diz-me, como está a família? A meiga e linda Ruth?

– Minha filha está bem e manda lembranças à senhora tua mãe, a duquesa Zuleima.

Ouvindo falar da jovem Ruth, Caroline escondeu-se. O cãozinho encostara-se no vão de uma porta e ela pode pegá-lo com facilidade.

A conversa prosseguia amena até que Rodrigo interrogou o visitante:

– Meu amigo Eleazar, noto pela tua fisionomia que estás preocupado e inquieto. O que te aflige? Vieste procurar um amigo e estou à tua disposição.

– Ah! querido Rodrigo, se soubesses! Minha vida está completamente transtornada e não sei o que fazer.

– O que aconteceu? – indagou o duque. – Tens uma situação econômica bastante sólida. Teus negócios não vão bem?

– Ao contrário, meus negócios vão de bem para melhor. Talvez bem demais, o que atrai a cobiça e a inveja de muita gente...

– Ah!... continua.

– A verdade é que fui denunciado ao Santo Ofício.

– Não é possível! Como? És um cristão como poucos que conheço.

Eleazar meneou a cabeça, enquanto duas lágrimas corriam pelo rosto enrugado.

– Sabes que nada disso importa. A sanha dos inquisidores dirige-se especialmente para os judeus conversos. E, principalmente, se eles possuem bens de fortuna – respondeu o ancião com amargura.

– Mas, quem te denunciou? – indagou Rodrigo.

– Como poderia saber? Não ignoras que a lei protege os denunciantes para que se sintam em segurança. E nada precisa ser provado; basta uma denúncia e a vítima está perdida. No meu caso, porém, aconteceu um fato estranho.

– O que?

– Os inquisidores estiveram em minha casa e reviraram tudo para descobrir se eu e minha família estávamos de fato “judaizando”, como eles dizem quando os judeus voltam às suas antigas crenças. Não sei como, descobriram um papel em minha secretária, na biblioteca, que me incrimina pois faz supor que matamos crianças para beber-lhes o sangue e outras práticas horríveis.

Perplexo, Rodrigo ouvia tudo de cenho carregado:

– E então?

– Bem, deram-me alguns dias de prazo para abjurar do judaísmo, favor que consegui a peso de ouro.

– E o que pensas fazer?

– Pensei em sair da Espanha. Estou tentando vender meus bens para apurar algum dinheiro que possa levar, mas não é fácil. As ofertas que recebi foram irrisórias e não valem a pena. Seria preferível dar meus bens aos pobres; assim, pelo menos, estaria ajudando a quem precisa e o dinheiro seria bem empregado.

– Canalhas! – murmurou Rodrigo entre dentes.

Com um suspiro, o judeu explicou ao amigo:

– Caro Rodrigo, por isso vim procurar-te. Sei que, se quiseres, podes comprar pelo menos uma parte dos meus bens, e te ficaria eternamente agradecido.

Colocando a mão sobre o braço do ancião, o duque retrucou:

– De modo algum. Se realmente estás disposto a deixar o país, dar-te-ei uma importância que te permita recomeçar a vida em outro lugar. Tomarei conta dos teus haveres e, quem sabe, algum dia, poderás voltar? Se isso não acontecer, de qualquer forma, sem pressa, poderei ir vendendo teus bens e assim apuraremos uma quantia mais razoável.

– Ah! meu amigo, sabia que não me decepcionarias. Ficar-te-ei eternamente grato – respondeu o velho, emocionado.

– Quando pretendes partir?

– De hoje a três dias. É quando expira o prazo que me foi dado pelo Santo Ofício.

– Bem, amanhã sem falta te mandarei o dinheiro.

Eleazar ben Joseph agradeceu efusivamente e despediu-se, cobrindo a cabeça ao ganhar a rua para não ser reconhecido.

Após a saída do amigo, Rodrigo ficou pensativo, meditando nas armações do destino que, de uma hora para outra, modificam toda uma vida.

Quando ouviu passos leves se aproximando, levantou a cabeça e deparou Caroline que, pálida e desfeita, vinha com o cãozinho nos braços.

– O que houve, minha querida? Estás branca como cera, tuas mãos estão geladas e trêmulas!

Notando a agitação e o nervosismo que a abalavam, ele tomou-lhe das mãos e fez com que se sentasse a seu lado. Em seguida, grave, indagou:

– Queres me contar o que se passa?

Contendo os soluços convulsivos, Caroline balbuciou com dificuldade:

– Eu não pretendia isso.

Serenamente ele perguntou:

– Não pretendias o quê?

– Que as coisas chegassem a esse ponto – ela respondeu torcendo as mãos.

Rodrigo, algo surpreso com a atitude de Caroline, insistiu, percebendo que algo de mais sério havia acontecido:

– A que te referes?

– A Dom Francisco, a quem chamas de Eleazar.

– Ah!... – exclamou sério. – Ouviste nossa conversa?!...

– Não pude evitar, Rodrigo. Perdoa-me. Todavia, para que pudesses entender, seria necessário que te contasse tudo, e não sei por onde começar. É uma longa história...

Com leve sorriso, a que não faltava certa dose de preocupação, Rodrigo animou-a:

– Bem, temos muito tempo. Todo o tempo que for preciso. Começa pelo princípio.

Suspirando, Caroline pareceu meditar por alguns segundos; em seguida falou:

– Ah! Rodrigo, se soubesses tudo o que já passei! Até agora evitei de falar sobre meu passado, porque temia que me desprezasses e não quisesses mais ver-me. E isso teria sido a morte para mim. Mas agora creio chegado o momento de abrir meu coração. Quero que saibas, porém, que tudo o que fiz foi por te amar muito.

Fez uma pausa estudando as palavras.

– Prossegue – ele pediu.

– Bem. Lembra-te daquele baile no palácio real em Paris, quando nos conhecemos? A partir daquele dia, só fiz pensar em ti. Em qualquer momento e em qualquer circunstância, tua imagem estava sempre em meus pensamentos. Contudo, minha família decidiu afastar-nos um do outro. E não estavam totalmente destituídos de razão, uma vez que havia um acordo matrimonial entre meu primo Gaston e eu. Todavia, como mandar no coração? Como impedir que se ame alguém?

Enxugou uma lágrima que teimava em cair e prosseguiu:

– Tua carta acabou com qualquer esperança que eu pudesse ainda ter. E então, quando marcaram meu casamento, não me rebelei, aceitando tudo passivamente.

E assim, com voz monótona, Caroline ia relembrando todos os fatos que antecederam sua vinda para o palácio de Alcalá. Falou do seu casamento, do desespero por se ver tolhida em suas mais caras aspirações, do desejo de

fugir e ir procurar seu amado. Relatou os preparativos para a fuga, a viagem longa e difícil e a chegada a Toledo. Da decepção ao sabê-lo viajando e das contínuas idas e vindas para saber se retornara.

Ao som da voz de Caroline, Rodrigo teve a sensação de estar também vivendo aqueles momentos dramáticos. As dificuldades quando o dinheiro acabou, a necessidade de ter que deixar a segurança do domicílio para aventurar-se pelas ruas, sem ter para onde ir...

Ela falou com muito carinho dos ciganos que a recolheram e trataram como um deles. Das noites passadas na taberna, quando dançava para homens rudes e cúpidos.

Nesse ponto as recordações se tornaram mais dolorosas e difíceis, uma vez que trazia à tona a figura de Dom Ramón de Oviedo, que ela queria esquecer.

Ainda assim, falou-lhe da desesperança que sentia, da solidão afetiva e de como o rapaz a atraía para a casa dele. Como se estivesse rasgando um tumor que precisava ser drenado, não obstante causasse muita dor, Caroline não omitiu nada; falou sobre a vida que passara a levar, vida de dissipações e desregramentos, em que abrira mão da educação rígida e da moral elevada que recebera no lar. Não omitiu as coisas que Ramón a obrigara a fazer, inclusive a sua ação, que culminou na morte de Dom Miguel de Zamora, e a colocação do documento no escritório de Dom Francisco.

Sem interrompê-la, Rodrigo deixou que relatasse tudo, mas a cada palavra tornava-se ainda mais grave e preocupado.

Concluindo, Caroline comentou:

– Não suportando mais as baixezas de Ramón, e enojada de mim mesma, um dia abandonei aquela casa, reunindo o pouco de orgulho e dignidade que me restava. O resto já sabes. Estava sem ter onde morar, mendigando para comer e dormindo ao relento, junto à escória da sociedade, quando me encontrei.

Só então, terminada sua narrativa, tem coragem de olhar para Rodrigo, que a fitava muito sério e compenetrado.

– Não dizes nada? – inquiriu. – Sei que estás horrorizado com minhas ações e por isso evitei que soubesses do meu passado, temendo teu julgamento. Contudo, quando vi o desespero daquele pobre homem, não suportei mais. Desconhecia as pretensões de Ramón, juro!

Afinal, a voz dele soou pausada, sem qualquer nota de recriminação:

– Ignoravas, Caroline, que tua ação era desnecessária? Que basta alguém denunciar outra pessoa e o Santo Ofício aceita a acusação, mesmo sem provas?

– Não pensei em nada. Aliás, como afirmei, não sabia do que se tratava e o que Ramón pretendia.

– É bem próprio dele, que vive de expedientes. Com certeza quis assegurar-se de que uma parte da fortuna do velho Eleazar não lhe escaparia. O quinhão que lhe cabe como denunciante é uma soma respeitável.

Caroline mantinha a cabeça entre as mãos, cheia de humilhação e vergonha. Com voz sumida ela concluiu, emocionada:

– Sei que não me queres mais aqui ao teu lado, depois de tudo. É justo que eu pague pelo que fiz. Não te preocupes, Rodrigo, amanhã deixarei esta casa.

O duque suspirou e falou com firmeza:

– Não sejas impulsiva e nem tomes decisões apressadas. Bem, o que está feito, está feito. Veremos o que é possível fazer para remediar a situação. Agora, precisas repousar.

Levantou-se e ela o imitou. Antes de sair da sala, virou-se perguntando?

– Não me detestas?

Com sorriso melancólico e algo triste, ele respondeu:

– Não. Posso lamentar teu comportamento, não concordar com tuas ações, mas detestar-te, nunca.

Quando Caroline saiu, ele deixou-se cair novamente na cadeira, desalentado. A narrativa da sua protegida, conquanto necessária, fizera-lhe mal. Mal porque, possuindo caráter íntegro, moral ilibada e coração generoso, sentia profundamente a queda moral em que sua amada se precipitara.

Dono de uma fé inabalável em Deus, acreditando realmente que só o amor poderá transformar as criaturas e que o homem deve lutar para vencer suas más inclinações, em busca da perfeição, sofria por Caroline.

Ansiava fazer com que ela pudesse também aproximar-se do Criador, através de uma vida digna e reta. Amava-a acima de todas as coisas, com amor puro e desinteressado. Mas, o que fazer?

Não ignorava que existia um mistério em sua vida. Ao encontrá-la nas imediações do mercado, em Toledo, ficara duplamente espantado; por ela estar na Espanha, quando a julgava casada e feliz na França, e por vê-la naquela condição de indigência. Sabia que o mistério seria esclarecido uma hora ou outra, e aguardava. Agora, ao saber da realidade, percebia que o problema era maior do que imaginara. Mais do que isso, sentia-se culpado pelo amor que Caroline nutria por ele e pelos desatinos que cometera.

Recolheu-se ao leito sob intensa apreensão.

Monologando intimamente, Rodrigo pensava: “Agora compreendo o porquê da vigilância que estamos sentindo. Temia que fosse em virtude de nossas reuniões secretas, mas será que Ramón de Oviedo descobriu que Caroline encontra-se hospedada aqui? Tenho que verificar com mais cuidado o que está acontecendo. Amanhã falarei com Hassan”.

Entregando-se às suas orações, Rodrigo adormeceu tranquilamente, como só um justo poderia fazer.

Entrementes, em seus aposentos, Caroline sofria.

O desconhecimento da atitude que o duque tomaria em face de suas confissões deixava-a insone. Pensou em fugir, desaparecer de forma que ninguém soubesse seu destino, recomeçando vida nova.

Porém, chegou à conclusão de que fugir não iria resolver sua situação. Não tinha para onde ir e só de pensar em não ver mais seu querido Rodrigo, sentia-se desfalecer.

Não, fugir não era a solução. Enfrentaria a consequência de seus atos. Afinal, não era tão culpada assim; fora, isto sim, utilizada por Ramón de Oviedo para concretizar seus negócios escusos.

Lembrando-se do rapaz, notou que nada mais sentia por ele, a não ser repulsa. Na verdade, não entendia o que acontecera. Sua paixão por Ramón assemelhava-se agora a um sonho mau do qual houvesse acordado, aliviada. Uma doença da qual tivesse ficado curada, depois de longo sofrimento.

E Gaston? Onde andaria? Sentiria ainda falta dela? Agora, tudo passado, recordava-se com carinho do companheiro de infância, que tanto amara e por quem se sentira amada.

Aquele período do seu casamento, as brigas, também pareciam um sonho que tivesse sido vivido por outra pessoa. Não sabia por que, repentinamente, passara a não gostar da presença do marido, dos seus carinhos e até da sua voz, que a incomodava.

O que Caroline não sabia, na ocasião, é que agira sob a influência de espíritos vingativos, cujo assédio ela aceitara pela revolta e incompreensão que caracterizavam seus pensamentos. E que, mediante essa sintonia, passou a agir e pensar segundo as sugestões que recebia dessas entidades maléficas.

Se outro tivesse sido seu comportamento perante os problemas que a vida lhe trouxera, não estaria agora colhendo os frutos amargos da falta de responsabilidade, e outro teria sido o desfecho da sua existência.

Nada disso, porém, ela sabia. E dos atos infelizes que praticara, só os séculos futuros poderiam trazer o correspondente resgate, quando a

misericórdia divina, com infinito amor, a reaproximaria novamente das criaturas com as quais se envolveu, para os devidos reajustamentos.

Caroline, entregue aos próprios pensamentos e já sentindo dentro de si o aguilhão do remorso, só conseguiu adormecer às primeiras horas da manhã, quando o dia já clareava.

---

10 Citação do Evangelho de S. Mateus, cap. XI, vs. 28, 29 e 30.

## Capítulo XXIII. Novas descobertas

Com o transcorrer do tempo, passei a sentir-me mais adaptado ao ambiente religioso e político da Espanha. Mesmo porque, à falta de notícias de minha esposa, ou melhor, ex-esposa, uma vez que agora era um religioso, teria de executar as funções que me foram conferidas como membro da congregação, deixando o tempo passar.

Joseph vez por outra procurava-me no mosteiro, conquanto algo desiludido por não poder trazer-me notícias alvissareiras. Meu antigo criado começou a frequentar uma taberna onde lhe afirmaram poderia conseguir notícias dos ciganos.

Todas as noites para lá se dirigia. Como não lhe faltassem recursos, que eram providos por mim, bebia alegremente e acabou formando um círculo de amigos, pagando-lhes bebidas à vontade.

Dessa forma, discretamente, fazia-lhes perguntas para descobrir pistas da condessa Caroline. Até que, certo dia, alguém fez comentários sobre uma cigana que se apresentava naquele local, encantando a todos com sua dança. Ficou sabendo também que essa mulher era diferente dos outros ciganos e que, na verdade, fora adotada pelo bando.

Joseph interessou-se imediatamente, percebendo ali alguma pista. Suspirou desalentado, comentando:

– Ah! como gostaria de ter conhecido essa mulher! Pelo que dizem, deve ser muito bela a tal cigana! É de lamentar que os ciganos tenham ido embora

sem deixar rastros. Ou alguém sabe para onde foram?

Responderam negativamente. Um dos homens baixou a cabeça e nada disse. Joseph percebeu que parecia saber mais do que os outros e, animadamente, mandou que o taberneiro trouxesse mais vinho.

– É pena que ninguém saiba dar maiores informações, pois minha curiosidade é tamanha que recompensaria muito bem a quem trouxesse qualquer notícia.

Com os olhos subitamente interessados, o espanhol falou:

– Bem, senhor, ouvi dizer que a cigana a que te referes não partiu com o bando.

– Não?!...

– Não. Ouvi rumores que se encontra aqui mesmo, em Toledo.

– Será possível? Afinal, terei a honra e o prazer de conhecê-la? Talvez até o privilégio de vê-la dançar? Onde mora, sabes dizer-me?

– A cigana Flor está residindo na casa de Dom Ramón de Oviedo. Raramente sai de casa, pois o fidalgo é ciumento e a mantém sempre sob seus olhos.

Joseph deu uma gargalhada sonora.

– No que faz muito bem, meu amigo. Se eu tivesse tal preciosidade também não agiria de forma diferente.

Todos caíram na risada, tecendo comentários sobre o assunto. Joseph tirou uma pequena bolsa da algibeira e, fazendo tinir as moedas que existiam dentro dela, atirou-a sobre a mesa, jogando-a na direção do informante:

– Para demonstrar que André de Villon cumpre sua palavra e é generoso, aí está, em paga pelas tuas informações, meu amigo.

O outro pegou o pequeno saco de moedas surpreso e, sumamente satisfeito, asseverou:

– Ser-lhe-ei sempre grato, meu senhor. Se precisares de mais alguma coisa, dispõe de mim. Serei teu servidor.

Era o que o nosso astuto Joseph queria. Preparar o terreno para que, despertando a cobiça, pudesse obter mais notícias.

Durante mais algum tempo ainda permaneceram na taberna entregues à bebida e às mulheres, até que Joseph despediu-se. O informante levantou-se logo em seguida, acompanhando-o.

Já na escuridão da noite, Joseph perguntou:

– Como te chamas?

– Diego de Canostra, senhor – respondeu obsequioso.

– Muito bem, Diego. Sou um homem que não mede esforços para conseguir aquilo que deseja.

– Já percebi, senhor.

– Também não me faltam recursos para obter aquilo que quero.

– Sem dúvida, senhor – concordou Diego.

– Pois bem. Sei que essa mulher está devidamente “amparada” por Dom Ramón de Oviedo, mas gostaria de conhecê-la.

Fez uma pausa e concluiu, fitando o seu interlocutor:

– Achas que seria difícil?

– Não, senhor, desde que consigas penetrar na propriedade de Dom Ramón – respondeu Diego.

– Ah! E tu, que és um homem muito esperto, poderás conseguir-me isso?

Com olhar cúmplice, o outro asseverou:

– Sem grande dificuldade, senhor, visto que frequento a casa de Dom Ramón e que ele recebe os amigos muitas vezes.

Sumamente satisfeito, Joseph completou:

– Não te arreponderás, amigo Diego.

Olharam-se fixamente apertando as mãos. Estava selado o acordo.

Antes de se despedirem, combinaram encontrar-se dois dias depois, quando se realizaria uma festa na casa de Dom Ramón de Oviedo.

Joseph evitou de noticiar-me as novas descobertas, decidindo fazê-lo após certificar-se de que a cigana Flor era realmente minha esposa, Caroline de Vernon.

Sob intensa expectativa, Joseph aguardou o dia aprazado. Ninguém reconheceria nele o criado dos condes de Vernon.

Desde que se instalara em Toledo, assumira a personalidade de um rico negociante, André de Villon, trajando-se com apuro e deixando crescer os bigodes e a barba. Aparentava em tudo riqueza e prosperidade.

Quando penetraram nos salões de Ramón de Oviedo, seu coração disparou. Uma multidão de convidados já se encontrava no local, e o vozerio era atordoante. Agradeceu a Deus essa contingência, pois seria mais fácil passar despercebido.

Estava havia algum tempo numa roda de pessoas conhecidas de Diego de Canostrá, quando de repente a viu. Conversava com algumas pessoas um pouco distante. Joseph levou um choque. Era ela, não tinha dúvida alguma.

Aproximaram-se e Diego de Canostrá apresentou-o à anfitriã. A senhora estendeu a mão fitando o homem que tinha à sua frente, enquanto lhe apresentava as boas-vindas:

– Ah! és francês, senhor?

– Sim, senhora, pelo nascimento. No entanto, viajo muito a negócios e raramente visito a França – afirmou.

– Interessante! Já não nos vimos antes? – perguntou Caroline curiosa.

– Impossível, senhora! – respondeu o suposto André de Villon, empalidecendo ligeiramente.

– Por que, senhor?

Inclinando-se elegantemente, ele asseverou:

– Porque se a tivesse conhecido, não a teria esquecido jamais.

A esse galanteio, ela sorriu lisonjeada, enquanto ele a analisava, pensando: “Não tenho nenhuma dúvida. É o mesmo rosto, os mesmos gestos, o mesmo talhe elegante, a mesma voz. Ah! Senhora, não sabes o quanto te conheço!”

Ela afastou-se para atender a outros convidados e Diego aproveitou para perguntar, aflito:

– E então?

– Então, o quê?

– O que achaste dela?

– Ah! sim. Uma bela mulher, sem dúvida, a tua cigana Flor. Contudo, prefiro as mais rechonchudinhas, percebes?

E, sob o assombro de Diego de Canostrá, que não conseguia entender o súbito desinteresse, Joseph deu uma desculpa qualquer, despediu-se e deixou a recepção.

Na verdade, estava terrivelmente excitado. Sim! Afinal encontrara aquela por quem tanto procurara. Suas buscas tinham chegado ao fim. Deveria levar a notícia ao conde Gaston logo no dia seguinte.

Caminhando pelas ruas de Toledo, ouvindo o som das botas nas pedras do calçamento, ele monologava intimamente. O que estaria fazendo a senhora Caroline naquela casa? Como chegara a essa situação? Vira o dono da casa à distância, Dom Ramón de Oviedo, e não gostara dele. Bem, o importante é que ela fora encontrada e deveria avisar seu senhor o mais rapidamente possível.

Portanto, foi sob terrível expectativa que Joseph aguardou o dia seguinte, mal conseguindo pregar o olho.

Introduzido no mosteiro, foi encontrar-me a ler, sentado num dos bancos de pedra da varanda que dava para um pátio interno bastante aprazível.

Sorridente eu o recebi, satisfeito por ver o fiel servidor.

– E então, meu bom Joseph, como vão as averiguações? Descobriste mais alguma coisa? – perguntei, uma vez que só me procurava quando tinha novidades.

O criado titubeou. Agora que me tinha à sua frente, ansioso, já não tinha tanta certeza de que deveria contar-me a verdade. “De que valeria tudo isso?” – pensava ele. “Eu agora era um religioso, frei Marcel, e nada poderia mudar essa realidade. Por outro lado, eu ficar sabendo que ela era amante de outro homem não poderia fazer-me bem. Ele não ignorava como eu a amava com loucura desde criança.”

Como ele permanecesse calado, perguntei ansioso:

– Dize logo, Joseph, a que vieste?

Ouvindo a voz do amo, o fiel servidor voltou a si e pigarreou.

– Bem, senhor conde...

Percebendo que alguma coisa estava acontecendo, coloquei as mãos sobre seus ombros, obrigando-o a olhar-me de frente, enquanto dizia:

– Joseph, descobriste alguma coisa e hesitas em contar-me. Exijo que digas a verdade, ouviste? Qualquer que ela seja, é preferível a esta tortura de nada saber. Dize-me, ela está morta?

Meneando a cabeça, o servo respondeu:

– Oh! não, senhor!

Respirando aliviado, exclamei:

– Graças a Deus! Então, conta-me. O que descobriste?

Afinal, decidindo-se, Joseph principiou:

– Está bem, senhor, se assim o ordenas. Então, ouve-me.

E, com voz pausada, relatou-me tudo o que tinha se passado nos últimos dias. À medida que falava, eu apertava as mãos uma de encontro à outra,

enterrando as unhas na carne, a ponto de Joseph perceber que o sangue escorria. Quando terminou de falar, murmurei, rangendo os dentes:

– Miseráveis! Eles me pagarão.

Meus olhos expeliam chamas odientas e a expressão do rosto modificara-se por completo, cheio de feroz rancor.

Assustado, Joseph tardiamente arrependera-se de ter acompanhado o amo naquela empreitada. Temia pela minha sanidade.

– Acalma-te, senhor.

– Não. Agora quero saber tudo sobre eles. Sobre a ingrata que me traiçou e desprezou o amor puro que eu lhe devotava.

Eu fazia-lhe perguntas, queria detalhes que o criado não podia responder, por ignorar.

Enlouquecido, segurava a cabeça entre as mãos, apertando-a freneticamente. De repente, tomei a destra de Joseph e, arrastando-o pelo braço, exigi:

– Leva-me até eles!

– Mas, senhor, não podes sair nestas condições. Estás nervoso, alterado, facilmente perceberão que não estás em teu estado normal.

Naqueles dias era preciso muita prudência. Pensando melhor e voltando à razão, concordei:

– Está bem. Não convém que me vejam neste estado. Vai e amanhã retorna para me conduzires ao endereço que sabes.

Afastei-me, penetrando no corredor que me levaria até a cela que ocupava. O resto daquele dia permaneci recolhido ao leito, presa de cruéis padecimentos. O rosto febril, os olhos esgazeados denotavam a tempestade que me assolava o íntimo. Atormentado pelo ciúme, sentia a cabeça arder e, em ânsias inomináveis, lembrava-me da ingrata que me abandonara e a quem eu tanto amava.

Aquela noite, angustiado e insone, sem derramar uma lágrima, que teria amenizado meu sofrimento, proporcionando evasão do fel acumulado, foi a mais triste de toda a minha vida. Sabê-la morta não havia sido tão doloroso quanto imaginá-la nos braços de outro.

Quando amanheceu o dia, era um outro homem que ali estava. Fisionomia fechada, frio e impassível, ninguém perceberia a tormenta que dilacerava minh'alma. Envelhecera pelo menos dez anos. No olhar surgira agora um brilho metálico de determinação.

Passava um pouco das dez horas quando Joseph retornou ao mosteiro. Eu já o aguardava e, em seguida, deixamos o local nos encaminhando para o endereço que meu fiel criado conhecia.

Não trocamos uma palavra. Com o capuz puxado sobre o rosto, as mãos cruzadas e enfiadas nas largas mangas do burel, caminhamos por algum tempo. Entregue aos meus pensamentos, remoía o ódio e a revolta, consumindo-me em ideias de vingança.

Atingimos as ruas de Toledo e o burburinho da cidade nos envolveu. Aquela era uma hora de grande movimento. No mercado uma multidão de

peças fazia compras; os lojistas apregoavam seus produtos em altos brados; homens e mulheres regateavam o preço cobrado pelos mercadores, tentando melhores negócios; crianças acotovelavam-se, brincando em meio às barracas e, não raro, derrubavam frutas e verduras, sendo perseguidos pelos comerciantes. Outros, simplesmente, aproveitavam o dia excelente para transitar pelas ruas, passeando e trocando ideias com os conhecidos.

O cheiro característico de carne assada no braseiro, de frituras, doces e perfumes invadia o ar, misturando-se ao odor de excrementos humanos, de matérias em decomposição, de esgoto, que era comum nas cidades de antigamente.

Com alívio, atravessamos a zona do mercado atingindo uma região em que as ruas eram mais tranquilas e o casario mais apresentável, denotando pessoas de classe social mais abastada.

Parando defronte de uma residência, Joseph disse, afinal:

– É esta a moradia de Dom Ramón de Oviedo.

Olhei a construção que tinha à minha frente e achei-a de muito mau gosto, não obstante tivesse uma certa imponência.

Não pude deixar de sentir o coração descompassado ao pensar que Caroline estava ali, a poucos passos de mim e que bastaria bater e anunciar-me para revê-la. Ninguém nessa época e em seu juízo perfeito recusaria receber um homem da Igreja.

Por um momento hesitei, entre o desejo de vê-la novamente e a conveniência de me resguardar para manter-me incógnito. A razão se

sobrepôs ao coração e contive a tempo meus arroubos.

Nesse momento, o portão se abriu de par em par e uma carruagem saiu. Imediatamente viramos o rosto para não sermos reconhecidos, enquanto discretamente eu tentava ver os ocupantes do veículo. Havia um casal; ele, magro, de feições marcantes e olhos vivos e penetrantes; na dama, apesar do penteado diferente e da mantilha que lhe cobria a cabeça, reconheci Caroline, aquela a quem julgara morta e enterrada.

Senti-me sufocar pela emoção e, não fora a atitude de Joseph que, percebendo minha intenção, segurara-me firmemente pelo braço, teria descoberto a cabeça dando-me a conhecer, exprobraria a mulher adúltera e ingrata, pedindo-lhe contas de seus atos.

Ao sentir a pressão do braço do meu fiel servo, voltei a mim, enquanto remoía intimamente: “Não, Joseph tem razão. Não devo dar-me a conhecer. Não assim. Aparecerei um dia na frente dela cobrando tudo o que me fez, mas em outras circunstâncias. Eles pagarão por tudo o que me fizeram. Especialmente ela, a ingrata, que desprezou o meu amor.

“A partir deste momento, em que comprovei com meus próprios olhos sua traição, viverei apenas para vingar-me. Para isso, tenho todas as condições necessárias que a própria Igreja coloca à minha disposição e usarei de todos os meios para atingir meus objetivos.”

Assustado, Joseph fitava-me mudo e preocupado, acompanhando as emoções que se exteriorizavam em meu semblante.

Afinal, tendo tomado minha decisão e nada mais havendo a fazer ali, resmunguei:

– Vamos embora. Afastemo-nos deste local que me enjoa. Temos muito o que fazer.

\*\*\*

A partir de então, busquei conseguir todas as informações que fossem possíveis a respeito desse tal de Dom Ramón de Oviedo. Assim, fiquei sabendo que era um *bon vivant*, amante dos prazeres, especialmente das mulheres belas e da bebida; que possuía moral duvidosa e caráter inescrupuloso; que, por um punhado de ouro, fazia qualquer coisa e que sua situação financeira era difícil, pois com seus excessos já dilapidara todo o patrimônio herdado dos pais. E que, em virtude disso, vivia de expedientes, tentando sobreviver em um mundo hostil que não respeitava ninguém a não ser pelo valor dos seus haveres. Pela mesma razão, fazia festas frequentemente, ocasiões em que gastava importâncias de vulto; esbanjava dinheiro em roupas luxuosas e joias de alto valor, tudo isso para aparentar uma situação de riqueza que absolutamente não existia. Que, quando a cigana Flor fora morar em sua companhia, seus gastos, que já eram excessivos, tornaram-se exorbitantes.

Diziam mais. Que, aliando-se ao Santo Ofício, encontrara um filão de alto valor, denunciando como hereges, sempre pessoas muito bem situadas

na vida, cujo patrimônio acabava ficando com a Igreja, que destinava parte a Ramón.

Dessa forma, de posse de todas essas informações, não foi difícil aproximar-me de Dom Ramón de Oviedo.

Utilizando meus relacionamentos, solicitei que me colocassem em contato com ele, o que aconteceu num dia em que meu rival veio ao mosteiro.

Levado pelo despeito e pelo ciúme, senti imediata antipatia por esse homem. Contudo, a verdade é que éramos conhecidos velhos do passado e nossas relações nunca foram muito amistosas. Mais do que isso, eu tinha sérias queixas contra ele, que me prejudicara muito em anterior existência e por quem nutria sentimentos de rancor. Agora, frente a frente, em nova encarnação, reacendera-se a chama do ódio, alimentada também pelos problemas atuais.

Percebi que a antipatia fora mútua e que ele também me rejeitava. Apesar disso, conversamos normalmente, atentos aos deveres de civilidade que a educação nos impõe no trato com as pessoas.

Procurei, vencendo a repugnância que sentira desde o primeiro momento, cativar sua amizade, tendo em vista os planos que estabelecera. Por sua vez, notei que também ele fez de tudo para vencer a repulsa que minha presença lhe causava, atento ao cuidado que se deveria manter no trato com os inquisidores.

Fez uma denúncia que anotei cuidadosamente para posterior averiguação, expressando nossa gratidão pelo zelo que demonstrava na preservação dos princípios fundamentais da nossa Igreja Católica, assegurando-lhe que ninguém ficaria sabendo da sua participação no processo, fiel ao cuidado de proteger nossos “informantes”.

Agradeceu-me calorosamente, colocando-se à disposição do Santo Ofício para o que se fizesse necessário, “como cristão convicto da necessidade de sanear a sociedade, dela extirpando criaturas indignas e criminosas que desonram nosso país e comprometem nossas instituições mais sagradas”, assegurou-me ele.

Despedimo-nos como dois amigos que se conhecessem de longa data.

A partir de então, encontramos-nos com frequência. Convidou-me reiteradas vezes para visitá-lo em sua residência, para almoços e jantares, contudo eu sempre dava uma desculpa para não comparecer, embora desejasse isso intensamente. Imaginava-me chegando e sendo apresentado a Caroline, agora chamada de “Flor”, e antegozando a surpresa e o terror que minha presença lhe causaria.

Mas não era tempo ainda de apresentar-me à traidora, o que contava fazer em ocasião mais propícia.

Estavam as coisas caminhando conforme o previsto, quando um dia fui procurado por Dom Ramón de Oviedo.

Aparentava terrível abatimento, mostrando-se inconsolável. Ao ver-me, correu ao meu encontro exclamando, inquieto:

– Ah! meu bom frei Marcel. Só tu poderás me ajudar.

Apesar de profundamente surpreso, mantive a serenidade, exortando:

– Acalma-te, meu filho. Conta-me o que te aflige, para que possa tentar ajudar-te.

Sentei-me, indicando-lhe uma cadeira para que fizesse o mesmo e aguardei.

– Ah! reverendo padre, não sabes a desgraça que me aconteceu! A mulher que eu amava, a despeito da distância de classe social que existia entre nós, abandonou-me. Fugiu...

Levantei-me de um salto, lívido, e, sob terrível cólera, apostrofei-o:

– O que fizeste, desgraçado?!...

Profundamente assustado com minha reação e entonação da voz, que soara áspera e rude, respondeu trêmulo:

– Nada, frei Marcel. Não fiz nada para ela.

Percebendo que me excedera e não desejando que ele notasse meu interesse pessoal no caso, procurei tranquilizar-me, falando-lhe com entonação mais normal e consentânea com a de um ministro de Deus:

– Ainda bem. Para onde foi? Afinal, é uma jovem sem família, segundo me contaste um dia.

– É verdade, frei Marcel. Não tem família e ignoro para onde foi. Estou sumamente preocupado com Flor e, por essa razão, aqui me encontro, certo de que só o senhor poderá me ajudar.

– De que maneira? – perguntei, olhando-o fixamente.

– Bem, frade, somos amigos e tenho colaborado bastante com o Santo Ofício...

– No que tens sido bem recompensado...

– Também é verdade, frei Marcel.

– E então?

– Sei que a Igreja possui muitos contatos e que nada escapa a seu domínio. Se não for pedir demais, solicitaria que, se chegar a teu conhecimento notícias de minha protegida, que eu possa ser informado imediatamente.

– Só isso? – indaguei com uma ponta de ironia.

– Só isso.

Com sorriso encorajador, respondi, tranquilizando-o:

– Nada mais fácil. Podes ficar descansado. Se por acaso obtiver alguma informação, não hesitarei em comunicar-te. Afirmo-te mais: que diante de tua solicitação, designarei alguns homens para a busca da tua “protegida”. E então só teremos que aguardar.

Sua fisionomia modificou-se, radiante de satisfação, uma vez que recebera muito mais do que pretendia. Agradecendo efusivamente sob protestos de lealdade perene, osculou-me a mão, enquanto se despedia.

Ficando só, pus-me a meditar. O que teria acontecido para que Caroline o abandonasse? Intimamente ficara satisfeito e foi com dificuldade que controlei o impulso de cair na risada, passado o choque inicial, ao ver a fisionomia compungida de Ramón de Oviedo.

Não podia deixar de alegrar-me, sabendo que ele, o meu rival, fora também abandonado. Por outro lado, temia perder a pista dela novamente. Agora teria que descobrir o paradeiro da traidora. Qual seu destino? Se quisesse fugir de Ramón, teria que abandonar a cidade, talvez.

Tomei providências, perseguindo-a como uma criminosa, e alertei todos de que, se obtivessem qualquer notícia, me notificassem imediatamente, a qualquer hora do dia ou da noite. Colocando a “máquina” em funcionamento, só me competia realmente esperar.

Apesar de todos os esforços, era como se tivesse sido tragada pela terra. Ninguém a tinha visto, não conseguia qualquer informação. Vasculhamos os bairros de Toledo, as tabernas, todos os lugares. Nada.

Mandei cercar a região e as cidades vizinhas, mas tudo em vão.

Mais o tempo passava mais diminuía minha confiança inicial; desesperava-me acreditar que a perdera de vez.

## Capítulo XXIV. Renan de Montmorency

O ambiente na cidade piorava a cada dia. As relações sociais se deterioravam com facilidade em vista da ação do Santo Ofício. O medo grassava em todos os meios e o pânico se generalizara entre aqueles que se sentiam em situação irregular, especialmente os conversos – os judeus batizados ou cristãos-novos, como eram chamados, e os mouros, também batizados –, aos quais se dirigia, de forma especial, a perseguição inquisitorial, visto serem suspeitos de voltar ao judaísmo ou ao maometismo, além dos cristãos acusados de heresia.

Uma onda nefasta envolvia tudo, e todo cuidado era pouco. As execuções se sucediam e as chamas das fogueiras iluminavam os céus da cidade com tons de sangue, gerando terror na população. No entanto, alguns aplaudiam, com olhos esgazeados de ódio e risos satânicos, afeitos ao fanatismo religioso que se apoderara do país.

No palácio do duque de Alcalá, contudo, a paz predominava, como se estivessem isolados do mundo e a onda de destruição e de morte não conseguisse alcançá-los.

Atento ao que estava ocorrendo, Rodrigo Hernández lamentava profundamente os excessos a que a ignorância conduzia os destinos da nação e orava com fervor ao Criador para que os homens, especialmente os dirigentes, pudessem ser chamados à razão. Sofria também vendo o sofrimento do povo, sentindo-se impotente para algo fazer em seu benefício,

por não ter condições de paralisar a máquina opressora e destrutiva da Igreja.

Lutava de outra maneira, procurando, através da mudança de mentalidade das pessoas, formar pontos de resistência que pudessem significar luz em meio às trevas. Eram poucos ainda, mas o número dos que acreditavam num mundo melhor, com o retorno aos ensinamentos do Cristo, aumentava a cada dia.

Preocupava-se também com as notícias, trazidas pelo seu capitão da guarda, de que estavam sendo vigiados. Recomendara que averiguações fossem feitas, discretamente, para apurar o que pretendiam e para quem trabalhavam esses espiões.

Algum tempo já se passara sem que acontecesse nenhum fato novo.

Certo dia, porém, o capitão da guarda apresentou-se perante o duque, que conversava tranquilamente numa sala com sua mãe e Caroline. Fez uma profunda reverência e, a um gesto do senhor, disse:

– Alteza, pilhamos um homem tentando entrar na propriedade.

– Sim? E o que fizeste com ele?

– Nós o prendemos, senhor.

– Traze-o à minha presença. Desejo interrogá-lo. Estarei esperando na biblioteca.

O capitão saiu e, poucos minutos depois, retornou trazendo um homem de estatura elevada e corpo atlético, vestido de mercador árabe. Tinha as mãos amarradas e fazia vão esforços para soltar-se, assustado.

Rodrigo examinou-o detidamente, mandando que lhe tirassem o albornoz.

O infeliz ajoelhou-se, implorando:

– Nada fiz de mal, senhor. Poupa-me.

Caroline, que seguira o duque, entre preocupada e curiosa, ao ouvir a voz do estranho, fitou-o atentamente, enquanto se aproximava, surpresa, exclamando:

– Renan! Renan, pois és tu?!...

– Caroline! Sim, sou eu mesmo! – respondeu o prisioneiro com olhos suplicantes.

Com uma gargalhada, Caroline estendeu a mão arrancando-lhe a barba, enquanto afirmava para Rodrigo:

– Podes soltá-lo. Não representa perigo para ninguém. É meu primo Renan de Montmorency.

O duque de Alcalá ordenou ao capitão que desamarrasse o prisioneiro, desculpando-se com um sorriso amistoso:

– Queira desculpar-me, senhor. Mas, a forma como pretendias entrar na propriedade...

Esfregando as mãos já libertas das amarras, Renan disse, respeitoso:

– Eu é que te devo desculpas, senhor. Posso explicar as razões da minha conduta. Não pretendia causar-te transtornos. Perdoa-me.

O duque, contudo, interrompeu-o retrucando:

– És bem-vindo a esta casa. Serás meu hóspede e teremos muito tempo para conversar. Acompanha-me, pois quero apresentar-te à senhora duquesa

Zuleima, minha mãe.

Dirigiram-se para a sala, onde a duquesa se encontrava. Feitas as apresentações, o anfitrião bateu palmas e os criados trouxeram vinho, frutas e doces.

Enquanto isso, feliz por encontrar alguém conhecido, Caroline pedia notícias da família.

Algo constrangido, o recém-chegado asseverou:

– Estão tão bem quanto possível. Não ignoras, por certo, que tua fuga causou muito sofrimento a todos.

Um véu de tristeza toldou os olhos azuis de Caroline:

– Eu sei. Não imaginas o quanto já fui punida por isso, Renan.

Fez uma pausa e continuou:

– Como está Gaston?

Renan demonstrou uma certa indecisão, olhando para o duque que o fitava, sereno.

– Bem, esta é uma longa história e também a razão por que me encontro aqui neste momento.

Após servirem mais vinho, a um gesto do senhor, os servos saíram do recinto. Rodrigo dirigiu-se ao novo hóspede, incentivando-o em tom grave:

– Podes falar sem receio. Estamos a sós.

Discretamente, para não constranger Caroline, Zuleima quis retirar-se da sala, no que foi impedida pela jovem, que lhe suplicou:

– Gostaria que ficasses, senhora duquesa. Já é tempo de saberes tudo a meu respeito.

E, virando-se para o primo:

– Fala, Renan, não omitas nada.

Levando a taça aos lábios e sorvendo um grande gole, Renan fez uma pausa como se procurando reunir as ideias; em seguida principiou a falar:

– Após aquele dia em que abandonaste o lar, e não vai aqui qualquer censura ao teu comportamento, pois não me compete julgar...

– Agradeço-te, meu bom Renan.

– Como dizia, após aquele dia – prosseguiu o rapaz – estabeleceu-se enorme confusão, com o mistério que cercava teu desaparecimento; as buscas efetuadas...

Contou que, após algum tempo, julgaram-na morta em virtude das evidências, com a descoberta da carruagem que despencara no precipício. Falou sobre o sofrimento de todos, especialmente de Gaston, enquanto Caroline deixava que as lágrimas lhe corressem pelo rosto, mentalizando as cenas que ele descrevia.

Relatou o desespero de Gaston e seu desejo de, perdendo todas as esperanças e sem vontade de viver, entrar para uma ordem religiosa.

– Pobre Gaston. Quanto mal lhe fiz! – exclamou Caroline sumamente emocionada.

O duque, também muito sensibilizado, e calado até aquele momento, indagou:

– Compreendo tudo o que relataste, Renan, no entanto isso não explica tua presença aqui.

– É verdade, Dom Rodrigo. Prossigo. Após Gaston ter tomado ordens, resolveu algum tempo depois, vir para a Espanha a serviço da congregação a que pertence. Seu pai, o conde Gérard de Vernon, estranhando sua decisão, encarregou-me de procurar saber os motivos que determinaram essa transferência.

– E então? – questionou Caroline, inquieta.

– Então, fiquei sabendo que procurava notícias da esposa, uma vez que, segundo informações, teria tomado esse rumo.

– Onde se encontra ele agora, Renan? – perguntou, apreensiva.

– Aqui, em Toledo – respondeu simplesmente o rapaz.

O duque balançou a cabeça afirmativamente, como se já estivesse desconfiado disso, enquanto Caroline levava as mãos à boca, cheia de espanto.

– E não é tudo – disse Renan.

– Não?

– Não. O Gaston que conheceste, Caroline, com quem te casaste um dia, não existe mais. Tornou-se um homem frio, rancoroso, vingativo e sem piedade. Faz parte do Santo Ofício e tem espalhado terror e morte por onde passa.

– Não pode ser! – exclamou a jovem.

– No entanto, é a mais pura verdade. E tem mais.

Caroline gemeu, jogando-se numa poltrona.

– Procura encontrar-te de qualquer maneira. Os sequazes da Inquisição buscam-te por todos os lugares.

– Mas, por quê? Nada fiz de errado!

– Acusam-te de heresia.

Fitando-o atentamente e algo desconfiado, Rodrigo indagou:

– Como sabes de tanta coisa?

Balançando os ombros, ele respondeu:

– Também tenho meios de saber o que acontece.

Um tanto receoso, o duque prosseguiu, com voz pausada:

– Que meios?

– Bem, consegui fazer amizade com alguém que trabalha para eles e que também arranjou-me serviço.

– Trabalhas para eles? Espionas? – insistiu o dono da casa.

– Digamos que sou um “informante”. Não gosto do termo “espião”. De qualquer forma, os padres pensam que sou um aliado; na verdade trabalho para mim mesmo.

Fez uma pausa e, fitando as mãos, um tanto constrangido, falou:

– A verdade é que também desejava saber algo sobre o paradeiro de minha prima. Também cheguei à conclusão, por outros caminhos, que ela teria vindo para a Espanha. Pertença a um ramo pobre da família, por isso, quando meu tio Gérard se dispôs a fornecer-me os recursos para continuar as investigações, não hesitei.

Parecendo acordar, Caroline questionou:

– Mas Gaston, ou seja lá como se chame agora, te conhece! Como pudeste passar despercebido até o momento?

Renan sorriu algo irônico:

– Achas mesmo que os eclesiásticos conhecem todos os que trabalham para a Inquisição? Não tens ideia de quanta gente serve a seus objetivos. Além disso, estou sempre sob disfarce.

Ficaram algum tempo calados, cada qual entregue aos próprios pensamentos. Afinal, Rodrigo Hernández indagou, saindo da sua abstração:

– Sabemos agora que Caroline corre perigo. Isto é um fato. Conheces melhor a verdadeira situação do que nós. O que sugeres?

Renan pareceu pensar alguns instantes e informou:

– A verdade é que ainda não descobriram o paradeiro dela, porque os despistei. Não tardarão, porém, a encontrá-la. O cerco se fecha e eles sempre conseguem o que desejam. Acredito que a melhor solução seria tentar tirar Caroline da cidade.

Rodrigo retrucou, pensativo:

– Talvez. Todavia, não me agrada a solução, pois Caroline seria sempre uma fugitiva. Tenho influência na Corte, Isabel e Fernando têm muita consideração por mim. Posso usar meu prestígio para livrá-la de um processo.

Meneando a cabeça, Renan discordou:

– Não sei. Tenho as minhas dúvidas, senhor, que o conseguirias. Sei do excelente conceito que gozas junto ao trono de Suas Majestades, mas a Inquisição está fora de controle. Soube de casos, em que o Santo Ofício julgou e condenou contra o desejo da Coroa.

– É verdade – admitiu o duque a contragosto. – Então, só nos resta sair de Toledo. Mas, como faremos isso?

– Talvez aproveitando alguma caravana que deixe a cidade – propôs Renan.

– É uma possibilidade. Muito perigosa, por sinal, pois se for apanhada sem autorização para deixar Toledo será reconduzida em piores condições – ponderou o duque.

– Tens razão, senhor. Talvez não valha a pena arriscar.

– E se conseguirmos passar pelos guardas nos portões? – arriscou Rodrigo. – Poderíamos sair de carruagem como se estivéssemos a passeio; fora dos portões da cidade, porém, tomaríamos o rumo de uma propriedade que possuo, em Jaén. De lá, alcançaríamos Granada, que é território árabe e onde tenho excelentes amizades. E quando Caroline estiver em segurança dentro dos muros de Granada, retornarei para Toledo e tentarei livrá-la das acusações.

– Terá que viajar disfarçada, naturalmente – animou-se Renan.

– Sim. Poderá viajar como um pajem, o que dificultará o reconhecimento – completou o duque.

– E se, ainda assim, alguém reconhecê-la na saída da cidade? Não podemos nos esquecer, senhor, que possuem uma descrição pormenorizada de Caroline.

– Bem, ainda me restará o recurso de comprar a cooperação deles. Por um bom punhado de ouro acredito que não teremos dificuldades – respondeu Rodrigo, confiante.

– Parece um bom plano – concordou o rapaz. – Deves, contudo, Dom Hernández, ter o máximo cuidado especialmente com Ramón de Oviedo, que deseja recuperar Caroline a todo custo.

Tendo estabelecido as bases para o plano de fuga, se recolheram cada qual com suas preocupações.

O sono tardava a vir. No palácio de Alcalá, por muitas horas, ninguém conseguiu adormecer.

Ouvia-se ao longe, de quando em vez, o latido dos cães. A espaços regulares, a troca da guarda e o pio do mocho soando lugubrememente.

Zuleima, ajoelhada defronte de seu altar doméstico consagrado à Virgem, mantinha o coração apertado e aflito por tristes presságios. Alma de escol, porém, e possuindo fé inquebrantável, entregava-se ao Criador, certa de que não seriam abandonados.

Renan, mais prático, tentava pensar numa maneira de se subtraírem aos padres. Conhecedor do “modus operandi” da Igreja, procurava imaginar quais seriam seus próximos passos. O que não relatara, para não os assustar ainda mais, é que desconfiava que um dos sequazes estava de olho nele,

Renan. Já percebera olhares desconfiados, sorrisos irônicos, e alguma coisa no ambiente de serviço lhe dizia que algo não ia bem, que estava sob suspeita. Por isso, resolveu que, às primeiras horas da manhã, retornaria para as ruas, para não despertar mais suspeitas. Quanto à noite passada no palácio, e tinha certeza que “eles” sabiam disso, diria que fora preso, mas conseguira escapar.

Quanto ao duque Rodrigo de Alcalá, após adentrar em seus aposentos, permaneceu durante muitas horas sentado em uma poltrona, entregue a meditações. Com os textos sagrados nas mãos, tentava ler, contudo as preocupações dominavam seu mundo interior.

A insegurança do momento, a necessidade de abandonar tudo para seguir um destino incerto, o temor do que pudesse acontecer a sua mãe e a Caroline, as informações de Renan de Montmorency que o abalaram profundamente, tudo isso fez com que perdesse o sono.

Apesar do comportamento de Caroline, de todo o mal que ela causara a si mesma e aos outros, nunca passara na mente de Rodrigo abandoná-la ao seu destino. Sentia-se de certa forma culpado por ter despertado nela esse amor que a levava a tantos desatinos. Todavia, amava-a acima de tudo, e desejava ajudá-la a se recuperar perante si mesma, perante os semelhantes e perante Deus. Ela era como uma pedra preciosa de raro valor, mas que precisava do trabalho de lapidação para mostrar toda a sua beleza e brilhar ao sol da vida eterna.

Suspirou profundamente, fitando o casario que se estendia à distância e as luzes que iam aos poucos se apagando, enquanto pensava no futuro.

Desejava realizar tanto, fizera tantos planos! Teria tempo para isso? Conseguiriam fugir para Granada como pretendia?

As primeiras luzes da aurora expulsavam as trevas da noite quando ele abriu o texto sagrado a esmo, buscando uma orientação segura.

Com surpresa leu emocionado:

– “Buscai, pois, em primeiro lugar, o reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”

Lendo as exortações do Mestre no Evangelho de Mateus, capítulo 6:33, sentiu como se uma brisa suave o tocasse enchendo-o de paz.

“É verdade”, pensou, “desde que estejamos fazendo o que acreditamos ser melhor, nada deveremos temer. O pastor saberá defender suas ovelhas e certamente o amparo de Deus nunca faltará. Tomaremos as medidas que acharmos convenientes para nossa segurança, certos de que não estamos fazendo mal a ninguém, e o Senhor por certo estará conosco. Não devemos nos preocupar com o dia de amanhã, pois a cada dia basta o seu mal.”

Fechou o livro e abriu novamente em outro local, lendo:

– “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim.”

A generosa criatura sorriu mansamente com os olhos úmidos de pranto. Novamente a mensagem de Jesus, extraída de João, cap. 14:6, vinha proporcionar novas luzes, indicando o roteiro a seguir.

Sim, o Mestre realmente era o Caminho da redenção, a Verdade indestrutível e a Vida eterna. Mesmo que as coisas não corressesem tão bem como estava programando, nada poderia temer. A vida física era o bem maior que poderiam tirar-lhe e ela não representava nada perante a Eternidade. O espírito, ser imortal, não pereceria nunca. É preciso crer em Jesus e aceitar seu jugo, que é suave; e seu fardo, que é leve.

Buscou novamente inspiração nos textos sagrados e ouviu a mensagem doce do Mestre:

– “Então Pedro aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?”

“Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.”

Ainda uma vez as claridades imorredouras do Evangelho, constantes de Mateus, cap. 18:21 e 22, calaram fundo em seu coração. Não, não poderia albergar mágoa ou rancor por aqueles que, de alguma forma, viessem a prejudicá-los. Somos todos irmãos, filhos de um mesmo Pai e unicamente o amor deverá habitar o nosso íntimo. Ainda que eu sofra, ou aqueles a quem amo, lembrar-me-ei sempre de que as criaturas que fazem o mal, ou o provocam, são apenas ignorantes e merecem nossa compreensão e amparo. Que o Senhor possa ajudar-nos nos momentos difíceis por que iremos passar, dando-nos a condição de aceitarmos a Sua vontade, qualquer que ela seja.

Ainda por alguns momentos manteve-se em meditação e em seguida recolheu-se ao leito, reconfortado e em paz.

Caroline foi quem mais rapidamente adormeceu, um tanto inconsciente do perigo que a ameaçava. Teve, porém, sono difícil e torturado. Pesadelos atrozos dominaram seus sonhos e inimigos ferrenhos do além-túmulo supliciaram-na, com ameaças e ditos mordazes, afirmando-lhe que não conseguiria ser feliz nunca.

Despertou no dia seguinte com o corpo todo dolorido, pálida e desfeita, apresentando olheiras profundas. Muito deprimida, seu humor estava péssimo e passou o dia entregue a invencível tristeza.

Em vão Rodrigo tentou animá-la, otimista.

Logo ao amanhecer, Renan retornou às ruas, fiel ao propósito de não levantar suspeitas.

Dirigiu-se ao alojamento que dividia com um companheiro, passando pelo posto de vigia, onde alguém o substituíra. Alegou que precisava descansar pois passara a noite insone, tentando escapar dos guardas do palácio de Alcalá, o que conseguira somente agora, aos primeiros albores da manhã, graças a um descuido do vigilante.

O outro, desconfiado, ouviu calado. Depois perguntou, curioso:

– E então, descobriste alguma coisa?

– Não. Nada que valha a pena investigar. Pelo que pude perceber, o duque vive com sua mãe e os criados, apenas – respondeu Renan em tom indiferente.

– Ah!...

– Bem, vou repousar agora. Tive uma noite movimentada.

– Está bem. Não te esqueças de que teremos uma reunião hoje, no final da tarde.

Renan concordou e afastou-se apressado.

Atravessou a cidade, que despertava e cujo movimento começava a se intensificar. Carroças de legumes que iam para o mercado, carregadores de água, veículos transportando lixo, servos que iam às compras para seus senhores.

Em pouco tempo, com passadas firmes, atingia o local onde se localizavam os cômodos que dividia com o companheiro. Este já se levantara e fazia a higiene para se apresentar ao posto de serviço. Renan contou-lhe a mesma história, esperando que a sua versão dos acontecimentos soasse verossímil, e estirou-se no leito, fingindo pegar no sono incontinenti.

Assim que ouviu a porta bater, indicando que o colega saíra, levantou-se. Procurou algo para comer, pois estava faminto.

Passou as horas a meditar, sem deixar o quarto. Para todos os efeitos, estava dormindo. Após um período que considerou razoável, levantou-se, arrumando-se para sair.

Andou a esmo por algum tempo até a hora da reunião previamente marcada. Os participantes tinham, como rotina, que apresentar relatórios verbais sobre suas atividades.

Dirigiu-se ao local da reunião, onde muitos já se encontravam. A direção estava entregue a um inquisidor cruel e sanguinário, de aparência fria e indiferente. Um por um, os espiões, ou melhor, os “informantes”, como gostavam de se chamar, foram apresentando seus relatórios.

Na sua vez, Renan relatou tudo o que fizera, contando a mesma versão. O inquisidor ouviu calado, depois questionou, apertando ainda mais os olhinhos astutos:

– Com que objetivo tentaste invadir a propriedade? Tua função não era só a de um observador?

– Sim, reverendo padre, mas tive motivos para acreditar que, entrando, poderia descobrir algo de concreto.

– E conseguiste?

– Não, senhor. Como já disse, nada consegui apurar. Naquela casa nada há de estranho ou digno de investigação.

– Sabes que colocaste em risco nossa organização? Sabem que trabalhas para nós?

– Não, senhor. Nada disse que possa incriminá-los. Acreditam que invadi a propriedade para roubar, como um ladrão vulgar.

– Ah! muito bem. Que isso não se repita. Poderias ter-nos criado sérios embaraços, pois o duque de Alcalá é figura muito bem-conceituada e tem grande prestígio na Corte. É preciso muito cuidado quando tratarmos com esses aristocratas.

Deu uma gargalhada, no que foi acompanhado pelos demais, e considerou encerrada a reunião, após algumas orientações novas e recomendações de praxe.

Renan afastou-se, respirando aliviado.

## Capítulo XXV. Encontro inesperado

Caminhando pela rua, absorto, Renan foi de encontro a um transeunte que se aproximava em sentido contrário.

– Queira perdoar-me, senhor – balbuciou, enquanto se volta para fitar aquele com quem colidira.

Ao levantar a cabeça, deu de cara comigo, um frade, que reconhece imediatamente, não obstante as mudanças que se operaram em mim: fisionomia pálida, quase ascética, olhos duros e penetrantes, a barba longa.

Abafa um grito, entre surpreso e assustado:

– Gaston!

Por minha vez, também o reconheci, a despeito da roupa de mercador árabe e da barba rala, exclamando sob enorme espanto:

– Renan, pois és tu?!

Recuperando-me do susto, fiz outra pergunta:

– O que fazes aqui na Espanha, mais precisamente em Toledo?

Renan, que fora pego de surpresa, busca febrilmente encontrar uma desculpa viável. Decide que o melhor que tem a fazer é contar a verdade, pois não ignorava que eu facilmente poderia descobrir uma mentira.

– Explicar-te-ei. Não, porém, aqui – afirmou Renan, olhando para o lado, onde alguém nos fitava, curioso.

– Tens razão – concordei em voz baixa. – Vamos a um local mais discreto.

Caminhamos algumas quadras. Ali perto ficava um dos locais utilizados pelos inquisidores para guardar os presos num primeiro momento. Dirigimo-nos para uma sala desocupada, onde me sentei, indicando uma cadeira para que ele fizesse o mesmo.

– Agora fala. O que fazes aqui?

No exíguo espaço de vinte e quatro horas, pela segunda vez, lhe fazem a mesma pergunta. Com cuidado, principia a falar:

– Pelo mesmo motivo que te move, aqui estou.

– Explica-te melhor – ordenei com o cenho carregado.

– Descobrir o paradeiro de Caroline, tua esposa.

– Como ousas? – gritei, colérico.

– Primo Gaston...

– Aqui não sou mais o conde Gaston de Vernon. Sou apenas frei Marcel, um franciscano.

– Pois seja. Frei Marcel, aqui estou atendendo à solicitação de meu tio Gérard de Vernon, teu pai, que me confiou a tarefa de encontrar Caroline, após descobrir que tinhas a mesma suspeita e que te movia a mesma determinação. Preocupado contigo, como todo pai, suplicou-me que tomasse conta de ti, temendo que algum perigo pudesse ameaçar-te – explicou um tanto irônico.

– Por que não me procuraste? – indaguei, procurando ignorar seu tom de sarcasmo.

– Se precisasses de ajuda, poderia servir-te melhor sem que me conhecessem.

Fitando-o com olhos indagadores, insisti:

– E este é o único motivo que te move?

– Sim.

– E Caroline?

– O que tem ela?

– Sempre tiveste um certo interesse por ela.

Ainda dessa vez, Renan considerou que a verdade era o melhor caminho. Corando, ele concordou:

– É verdade. Confesso que Caroline não me era indiferente e, até durante certo tempo, julguei amá-la. No entanto, teu casamento colocou um ponto-final em minhas aspirações. Estou aqui a mando de teu pai, somente.

– E conseguiste obter alguma notícia sobre o paradeiro de Caroline?

Abanou a cabeça desalentado:

– Nada. Parece que foi tragada pela terra.

Apesar das palavras conclusivas, em seus olhos percebi um certo brilho que me deixou desconfiado; inconscientemente, ele extravasava um certo ar de vitória, de satisfação, que não escapou à minha análise. Aprendera, durante esse período em que estava a serviço da Inquisição, a conhecer as pessoas e a notar qualquer irregularidade em seu comportamento. Um pestanejar, uma movimentação brusca das mãos, o suor que poreja na fronte, um olhar esquivo, a mudança na respiração, o arfar do peito e muitas coisas

mais eram sempre indícios que não escapavam aos meus olhos argutos e inquisidores.

Deixei que acreditasse que me convencera, porém. Despedimo-nos, prometendo nos informarmos mutuamente sobre qualquer novidade que ocorresse.

Para não perder contato, convidei-o a cear comigo dali a três dias, entregando-lhe o endereço da minha casa. Esse período, utilizaria para fazer averiguações a seu respeito de forma que, quando nos reencontrássemos, em minha casa, já estariam em minhas mãos todas as informações possíveis.

Coloquei meu pessoal de confiança em campo e, quando nos reencontramos, estava tranquilo, como o caçador aguarda a presa que sabe não lhe poderá fugir.

Joseph atendeu à porta e o introduziu, encaminhando-o para um local aprazível que dava acesso à sala de jantar, onde nos sentamos confortavelmente.

Renan parecia um tanto constrangido, contrastando com o meu bom humor. O criado trouxe vinho, de que nos servimos.

Levando a taça aos lábios, ele não pôde deixar de apreciar:

– Excelente vinho, frei Marcel.

– Realmente, é de boa safra. Foi-me remetido por um amigo que possui pequeno vinhedo nas imediações da cidade.

– Ah! Não sabia que possuías uma residência. Por sinal muito agradável  
– comentou, examinando o ambiente.

– Na verdade, primo Renan, resido no mosteiro. Contudo, adquiri esta propriedade para ter meus momentos de privacidade. Lá, minha vida é pública; aqui, sou dono de mim mesmo – expliquei com ar cúmplice.

E completando:

– Além disso, Joseph precisava de um local para morar.

– Compreendo – murmurou, sorrindo.

Após a saída do criado, enchi novamente a taça de Renan, que não demorou a esvaziá-la.

Conhecendo-o profundamente, não ignorava sua tendência para a bebida, de modo que cuidei para que sua taça nunca ficasse vazia.

Quando achei que era o momento, comecei a falar sobre o assunto que me interessava:

– Amigo Renan, por que estavas vigiando o palácio de Alcalá?

Pareceu titubear, como se surpreso por estar eu a par desse fato, e respondeu após alguma hesitação:

– Julguei que Caroline poderia estar escondida ali.

– Ah! – exclamei. – E o que te levou a pensar nessa possibilidade?

– Bem, não me compreendas mal, frei Marcel, mas ouvira referências a um certo relacionamento de Caroline com o referido duque, quando de sua passagem por Paris, e julguei que pudesse ter buscado refúgio em seu palácio.

– “Refúgio”? – interroguei-o, frisando a palavra.

– Sim! Não ignoro que ela esteve sob o teto de Dom Ramón de Oviedo e que, por qualquer razão, fugiu de lá.

– Compreendo... compreendo... Pelo visto, estás tão bem informado quanto eu.

Fiz uma pausa e prossegui:

– Recapitulemos, então, unindo nossos esforços em um mesmo objetivo, isto é, descobrir Caroline.

Meditei alguns instantes, enquanto o observava discretamente.

– Ela fugiu da casa de Dom Ramón de Oviedo. Sabes se tinha amigos a quem pudesse recorrer? – perguntei.

– Não tem amigos, ao que se saiba.

– Sem amigos. Muito bem. Para onde iria uma mulher jovem e bela que se visse repentinamente sozinha e sem amparo?

– Poderia retornar à vida antiga – sugeri.

– À taberna? Não, ninguém a vê desde que deixou de se apresentar como bailarina – retruquei.

– Poderia ter saído da cidade para encontrar-se com os ciganos, seus amigos – ponderou.

Concordei com um gesto de cabeça:

– Tens razão. Contudo, mandei vigiar todas as portas da cidade e ninguém saiu de Toledo com essas características. Além disso, já localizamos o agrupamento cigano e ela não se encontra entre eles.

– Talvez esteja perdida no anonimato do povo, morando em algum bairro afastado e discreto – tornou Renan.

– É possível – ponderei. – No entanto, Toledo foi vasculhada de ponta a ponta e não foi encontrado nenhum indício. E tu sabes que Caroline não é de passar despercebida. Não, primo Renan, se ela estivesse em algum bairro, eu já a teria descoberto.

Renan levou a taça aos lábios, sem responder.

– Bem, então só nos resta uma alternativa – insisti.

– Qual?

– Que ela tenha ido procurar um amigo. Aliás, o único amigo que se saiba que possui.

Ele pegou novamente a taça, sorvendo novo gole e corando levemente:

– É uma possibilidade. Todavia, estive dentro dos portões do palácio e nada vi que pudesse indicar sua presença.

Portanto, lá ela não está – afirmou categoricamente.

– Tens certeza? – insisti.

– Absoluta.

Resolvi jogar uma cartada, blefando:

– Disseste que só a duquesa Zuleima e seu filho residem no palácio?

– Exato.

– Interessante... Há alguns dias ouvi dizer que chegara de visita ao palácio uma sobrinha da duquesa... não a viste?

Um frêmito agitou imperceptivelmente suas narinas e pareceu pensar um momento. Foi um segundo só, mas o suficiente para que eu o notasse.

– É verdade. Existe realmente uma menina na propriedade de Alcalá, mas é muito diferente da Caroline que conhecemos, e bem mais jovem também.

Sorri discretamente. Vencera, afinal. Caíra como um patinho na armadilha que eu lhe armara.

– Então, só nos resta esquecer o assunto e procurar em outros lugares, não é assim? Vem, Renan, ceemos. Tenho certeza de que as iguarias em nada ficam devendo àquelas servidas na casa de meu pai.

Levantamo-nos e nos dirigimos à sala de jantar, onde realmente nos entregamos aos prazeres da mesa, fazendo jus à excelente ceia que foi servida e que tanto nos recordou a pátria distante.

Já era alta madrugada quando nos despedimos, ambos dominados pelos vapores do álcool.

Renan deixou minha morada demandando a rua com passos trôpegos e inseguros. Sugeri que Joseph fosse acompanhá-lo, mas não aceitou, afirmando-se em condições de caminhar sozinho.

O vento frio da madrugada penetrou em seus pulmões renovando o ar e clareando a mente.

Mal transpusera a esquina, escapando a olhares indiscretos que porventura pudessem estar acompanhando-o, seus passos, antes irregulares e indecisos, tornaram-se seguros e firmes.

Estugando o passo, caminhou pelas ruas desertas, em que se ouvia apenas o som das suas botas nas pedras do calçamento.

Não se enganara. Gaston sabia de tudo. Pelas perguntas que fez, pôde perceber o perigo que corriam. O religioso era astuto, mas ele também estava alerta. Imprescindível avisar Rodrigo para que pudesse agir.

Aproximando-se de sua morada, entrou rapidamente, certificando-se de que seu companheiro estava profundamente adormecido. Acendeu uma vela e, pegando um pedaço de papel, traçou algumas palavras. Dobrou o papel cuidadosamente e, apagando a vela, saiu.

Algumas casas depois, bateu numa pequena porta, suja e meio quebrada. Ouviu passos e, logo, a figura de um adolescente surgiu no vão da porta.

– Quem é?

– Sou eu, Renan. Abre a porta.

O garoto, que não deveria ter mais do que dezesseis anos, abriu-a e o visitante entrou, fechando-a, temeroso.

– Jano, preciso que me prestes um favor.

O rapazinho, que esfregava os olhos de sono, pareceu mais atento.

– O que se passa?

– É muito importante que me leves uma mensagem. É questão de vida ou de morte.

O garoto era um pobre coitado sem família e sem amparo de nenhuma espécie, que Renan conhecera e sempre ajudava. Jano vivia às próprias custas, de fazer pequenos serviços. Afeiçoara-se ao francês, que sempre fora

muito bom para ele. Tinha verdadeira veneração por Renan; por isso, respondeu sem titubear:

– Farei o que for preciso.

Sorrindo, Renan colocou-lhe a mão no ombro, amigavelmente:

– Obrigado. Confio em ti. Ninguém poderá saber sobre esta mensagem.

– Podes ficar descansado. Ninguém saberá. A quem devo entregar?

– A Dom Rodrigo Hernández, duque de Alcalá.

O garoto assobiou, surpreso. Em seguida perguntou, em dúvida:

– Mas, ele me receberá?!...

– Jano, é vital que o duque receba este recado. Dize-lhe que vem da minha parte e ele te atenderá.

– E se não me deixarem entrar? – insistiu.

– Procura uma outra maneira, tu sabes como fazê-lo. Não importa como, é imprescindível que entres.

– Muito bem – concordou o garoto. – Mas, e se ele não estiver?

– Esperarás que chegue. Serás bem gratificado por isso. O duque é um homem muito generoso.

Pegando o papel, o rapazote guardou-o na algibeira e, levantando a cabeça, cheio de orgulho, falou:

– Meu amigo Renan, não te arrependerás de ter confiado em Jano.

Cheio de gratidão, o francês abraçou o garoto. Antes de sair, alertou:

– Jano, não sei o que acontecerá comigo. Temo por minha vida, que sinto ameaçada. Contudo, mesmo que não nos vejamos mais, nada reveles a

ninguém. Obrigado.

Renan retornou para seus aposentos e só então estirou-se no leito, mais tranquilo.

Acordou com fortes batidas na porta. Levantou-se e, verificando que seu companheiro já saíra, abriu uma pequena fresta para ver quem batia.

A porta foi escancarada com violência e três homens possantes o agarraram antes que pudesse ensaiar qualquer resistência. Tentou defender-se, mas, em maior número, o venceram. Amordaçando-o e amarrando suas mãos, o arrastaram para fora.

Renan foi levado para um local que era usado como prisão pela Inquisição. Atravessaram salas e corredores intermináveis; afinal, abriram uma porta e jogaram-no dentro de uma cela, tirando a mordaca e desamarrando-lhe as mãos.

Tentou dialogar com os homens, perguntar o que acontecera, por que estava sendo preso, mas não lhe responderam.

Suspirando, sentou-se no chão úmido, examinando o recinto. A luminosidade vinha de uma alta janela gótica, gradeada. Um catre imundo era o único móvel existente. Não existia cadeira ou mesa.

Renan sentia-se intimamente satisfeito. Não se enganara em seus prognósticos. Sabia que precisava agir rápido, pois Gaston não lhe perdoaria. Rezava ardentemente para que Jano conseguisse entregar a mensagem de alerta a Dom Rodrigo.

Muitas horas se passaram sem que aparecesse alguém.

Já anoitecia e ele cochilava, quando a porta se abriu com lúgubre ruído.

Um guarda entrou e arrastou-o para fora com violência. Foi conduzido até uma grande sala onde se viam vários instrumentos de tortura.

Recuou instintivamente. O guarda impediu-lhe a passagem, assessorado por outros dois comparsas que ali estavam.

Amarraram seus braços com grossas cordas e o penduraram a uns quarenta centímetros do chão.

Aproximou-se um frade que saíra das sombras e principiou a fazer-lhe perguntas. Como se recusasse a responder, deram-lhe dez chibatadas. Os golpes, aplicados por um gigante de torso nu e fisionomia gorda e cruel, o atingiam com violência, abrindo-lhe as carnes; um golpe acertou-lhe o rosto e sentiu o sangue quente jorrar pelas faces.

Após o castigo, o frade tornou a interrogá-lo; como persistisse em negar qualquer coisa, novos golpes foram desferidos.

Depois de algumas horas desistiram de torturá-lo. Permaneceu amarrado, porém, sentindo dores atrozes, tanto ocasionadas pelos ferimentos quanto pela posição em que se encontrava.

No dia seguinte prosseguiram com o interrogatório e com as torturas, sem obter nenhum resultado. Renan resistia bravamente aos suplícios que lhe eram infligidos.

No terceiro dia, seu rosto disforme era uma massa sanguinolenta; seu corpo, lanhado pelos açoites, abria-se em chagas dolorosas. Não obstante,

premido pela dor e com lágrimas nos olhos, Renan cerrava os dentes para não gritar e permanecia em silêncio.

O guarda chegou e desamarrou-o. Ele caiu no chão, desamparado, gemendo de dor. Levaram-no para outra sala, colocando-o numa cadeira. Deram-lhe água e um prato de comida.

Comeu com dificuldade, embora faminto.

“Qual será o próximo passo?” – pensou. “Será que tinham desistido de torturá-lo, acreditando que nada tinha para informar?”

Nesse momento a porta foi aberta e ele viu um religioso entrar na sala. Era eu, frei Marcel.

Pelo olhar que lhe lancei, percebeu que não desistiríamos assim tão facilmente. Aproximei-me, fitando-o atentamente:

– Caro primo Renan, em que condições te reencontro! Por que persistes em esconder informações que são importantes para a Madre Igreja?

Olhando-me com ódio, ele nada disse, permanecendo teimosamente calado.

– Seria muito mais simples que colaborasses conosco. Evitarias muito desconforto e sofrimento. Temos meios de obrigar-te a falar, sabes disso – ameacei.

Cuspindo em meu rosto, ele retrucou com voz rouca e colérica:

– Podes destruir minha vida se quiseres, canalha, mas não podes obrigar-me a falar.

Havia tal entonação de firmeza e inquebrantável energia em sua voz que não pude deixar de admirá-lo.

Limpando o rosto com as costas da mão, dei de ombros enquanto lhe dizia:

– És testemunha de que tudo foi tentado para reconduzir-te à razão. De ti dependeria sair daqui livre e satisfeito. Não obstante, teimas em desrespeitar a autoridade do Santo Ofício. Seja. Veremos se continuarás calado por muito tempo mais.

Fez um gesto e o gigante agarrou-o.

– Levem-no – ordenei laconicamente.

Retornando à sala de torturas, Renan foi amarrado a uma mesa. Sob a minha supervisão atenta, tenazes em brasa dilaceraram-lhe a planta dos pés.

Como persistisse em nada dizer, amarraram-lhe as pernas e os braços em correntes presas a uma roldana. À medida que puxavam as correntes, os membros do prisioneiro se desconjuntavam.

Seus gritos ecoaram horripelantemente pelas paredes vetustas, até que se extinguiram de vez. Estava morto.

Não resistira às torturas e aos maus-tratos, entregando a alma ao Criador.

Praguejando, terrivelmente frustrado, deixei aquele recinto. Afinal, ele fora o mais forte e agora nada mais poderia confessar.

Profundamente irritado e descontente, era-me difícil admitir que perdera. Sua coragem e determinação foram maiores que a minha persistência.

Como um pássaro, Renan de Montmorency se libertara das amarras que o prendiam à existência terrena, pairando acima das misérias e tristezas deste mundo.

## Capítulo XXVI. A mensagem

Em sua biblioteca, comodamente instalado numa poltrona e recostado em macias almofadas de veludo, Rodrigo Hernández meditava. O livro que tinha nas mãos descansava em seu regaço, e o pensamento vagava solto, enquanto o olhar perdia-se ao longe, fitando o céu sem nuvens que se descortinava pela ampla janela aberta de par em par.

Uma sutil inquietação aninhava-se-lhe no íntimo, preocupado que estava com os últimos acontecimentos.

A presença do jovem Renan de Montmorency, primo de Caroline, trouxera-lhe outras apreensões ao espírito. Saber que Gaston estava em Toledo e que buscava de todas as formas encontrar a ex-esposa, utilizando-se do aparato e das possibilidades que a Santa Inquisição lhe conferia, deixava-o sumamente preocupado.

Não menos inquietante a forma como Renan desaparecera do palácio. Isso, porém, era compreensível, uma vez que, para retornar às suas atividades normais, teria de justificar o sumiço.

O que deixava o duque mais inquieto era o fato de Renan ter desaparecido. Mandara um homem da sua confiança até o endereço que ele lhe dera como sendo o de sua morada, mas nada encontrou. Renan desaparecera e alguns sequazes do Santo Ofício montavam guarda no local. Em vista disso, o enviado do duque manteve discreta distância.

Provavelmente ali estariam vigiando para pegar outros suspeitos de ter ligação com Renan, já que, pelo jeito, caíra em desgraça.

Isso aconteceu no dia anterior e Rodrigo Hernández cogitava na possibilidade de apressar os preparativos para a partida.

Nesse momento, um criado vem anunciar a visita de um amigo. O duque manda que o introduzam e levanta-se, encaminhando-se para a porta ao encontro do visitante.

Um ancião aproxima-se com leve sorriso no semblante tranquilo, os olhinhos brilhando de satisfação.

– Sê bem-vindo, amigo Eleazar, ou melhor, Dom Francisco.

– A paz seja contigo, Dom Rodrigo – respondeu o visitante.

Abraçam-se com efusividade fraterna. O prazer de estarem juntos é patente naquelas criaturas que se compreendem e se estimam.

Acomodados em macias poltronas, fazem-se mútuas perguntas, desejando notícias dos familiares e conhecidos. Após os primeiros minutos de permuta de informações, silenciam.

Rodrigo fita o velho amigo, aguardando que ele diga a que veio. O judeu suspira cofiando a barba espessa e seus olhos cálidos dirigem-se ao duque, enquanto murmura com voz comovida:

– Vim despedir-me, caro amigo.

– Partes?

– Sim. Não posso mais permanecer em Toledo. A peso de ouro consegui um salvo-conduto e sairemos da cidade em poucos dias.

Rodrigo concordou a contragosto:

– Sei como te sentes, meu amigo. Aqui criaste tua família, desenvolveste teu negócio, transformando-te em um rico negociante. Mas, concordo contigo em que o melhor é procurar outras paragens. Quem sabe algum dia a política mude e possas retornar à nossa querida Toledo?

Meneando a cabeça, o ancião discordou:

– Algo me diz, Dom Rodrigo, que jamais retornarei a esta cidade. Já tenho idade avançada e os últimos dissabores têm abalado sobremaneira minha saúde. Creio que não resistirei muito tempo mais.

– Não digas isso. O Senhor é que sabe o que tem reservado para nosso futuro. Confiemos Nele, sabendo que fará o melhor, sempre. Mas, para onde pretendes ir?

Fitando o céu que se descortinava pela janela, o olhar do ancião pareceu estar vendo outros lugares, outras terras.

– Tenho comigo um sonho acalentado desde muito tempo, Rodrigo, e com o passar dos dias a ideia vem amadurecendo. Por que não retornar à pátria de nossos ancestrais? A terra sagrada em que depositamos nossas melhores esperanças? Ah! meu amigo, em todos os lugares e em todos os tempos somos perseguidos. Parece que a maldição pelo hediondo crime de termos levado à morte o Salvador do mundo nos persegue. Talvez lá, no solo que adubamos com o sangue de nossos antepassados, possamos ter paz, afinal.

– Bem lembrado – afirmou Rodrigo. – Como pretendes chegar lá?

– Demandaremos o porto de Cádiz. De lá não será difícil, segundo penso, conseguir uma embarcação que nos leve até o destino.

Conversavam assim, animadamente, trocando ideias e fazendo planos, quando o capitão da guarda interrompeu o diálogo, desculpando-se.

– O que se passa, Hassan?

– Um rapazote insiste em falar-te, senhor.

– Sim? Disse o que deseja?

– Afirma ter importante mensagem para entregar-te. Debalde tentei convencê-lo a entregá-la a mim, mas não se deixou convencer. Diz que tem ordens expressas para colocá-la em tuas mãos somente.

Intrigado, Rodrigo mandou que lhe trouxesse o mensageiro.

Mais intrigado ainda ficou quando viu a figura que se apresentou. Roupas sujas e rasgadas, cabelos imundos e desgrenhados; pés calçando rotas sandálias empoeiradas. Contudo, o rosto era vivo e os olhos expressivos e brilhantes, denotando determinação e firmeza.

Não se acanhou por estar na presença do poderoso duque de Alcalá, não obstante fitasse tudo com respeitosa admiração.

Um tanto divertido, Rodrigo Hernández inquiriu o rapaz que aguardava lhe dirigissem a palavra:

– Tens uma mensagem para mim?

Observando-o atentamente, o garoto certificou-se:

– És verdadeiramente o duque?

– Sim – afirmou.

– Dom Rodrigo Hernández, duque de Alcalá?

Com ligeiro sorriso, Rodrigo confirmou:

– Bem, é assim que me chamam desde o meu nascimento.

Denotando evidente alívio, o rapazote retirou da algibeira um papel, que entregou nas mãos do duque, dizendo:

– Peço-te perdão, senhor, mas tive ordens expressas de só entregar em tuas mãos.

Enquanto desdobrava o papel, Rodrigo não pôde deixar de sentir admiração por aquele garoto que cumpria fielmente as instruções recebidas.

Conforme leu o bilhete, suas feições se fecharam.

– Como te chamas? – indagou.

– Jano, senhor, para te servir.

– Fizeste muito bem, Jano, em não entregar esta mensagem em mãos outras que não as minhas. Poderias comprometer seriamente aquele que te enviou.

O rosto expressivo adquiriu ar de orgulhosa satisfação.

– Foi o que me disseram, senhor. Que era caso de vida ou morte.

– É verdade, e eu te sou sumamente grato.

– Também me asseguraram isso, senhor.

– O quê?

– Que serias muito grato. Que és homem bom e generoso e que seria recompensado – afirmou, corando ligeiramente.

– Pois te afirmaram uma verdade. Recompensar-te-ei regiamente. Dize-me, Jano, quando recebeste esta mensagem?

– Bem, senhor duque, foi-me entregue duas noites atrás.

Parou e, um tanto inquieto, olhou para o velhinho que acompanhava interessado a cena.

– Não te preocupes – afirmou o duque. – Dom Francisco é de confiança. Podes falar livremente.

Mais tranquilo, o rapaz contou como fora procurado por Renan na calada da noite e terminou dizendo:

– No dia seguinte, quando passava pela porta da casa dele, vi que alguns homens o arrastavam para fora. Colocaram-no numa carroça fechada e não mais o vi. Percebi que o perigo que corria era real e que teria de tomar o maior cuidado para entregar a mensagem a seu destinatário.

– Sabes para quem trabalhavam os homens que viste?

Balançando os ombros, o garoto respondeu:

– Para os padres, naturalmente.

– Tens certeza? – insistiu Rodrigo.

– Absoluta. Conheço os tipos.

– Para onde o levaram? Sabes informar?

– Bem, acompanhei-os a uma discreta distância e vi o endereço para onde o levaram. É um prédio usado pela Inquisição para torturar prisioneiros.

Rodrigo estremeceu levemente e lançou um olhar para o ancião, que acompanhava atentamente o diálogo que se desenrolava à sua frente.

Colocando a mão sobre o ombro do garoto, o duque afiançou:

– És um bravo rapaz, Jano, e muito inteligente também. Não te arreponderás de tua coragem. Ainda, estou preocupado contigo. Tens família? Alguém a quem devas obediência?

– Não, senhor, sou sozinho.

– O que desejas de mim pelos teus serviços? – indagou o duque.

Fitando-o com admiração e respeito, o garoto respondeu:

– Seria uma glória poder servir-te, nobre senhor.

– Muito bem. De hoje em diante trabalharás para mim. Estás com fome?

O rapazote deu um sorriso que valeu por uma resposta.

Puxando um cordão que funcionava como uma sineta, imediatamente entrou um criado e Rodrigo entregou-lhe o garoto, ordenando-lhe que proporcionasse banho, roupas limpas e alimentação conveniente ao recém-chegado.

Após a saída de Jano, Rodrigo deixou-se cair numa poltrona.

O ancião, a quem não passara despercebida a apreensão evidente do dono da casa, comentou:

– O rapaz é muito valente e fizeste uma ótima aquisição colocando-o a teu serviço. Não sei quais os problemas que te afligem, caro Rodrigo, mas se de alguma forma puder ser útil...

O duque colocou a mão sobre o braço do amigo com carinho.

– Já tens problemas demais na tua vida, Eleazar, para que eu te sobrecarregue ainda mais. Não obstante, como me honras com tua confiança e amizade, não posso menosprezar teu interesse. E, quem sabe, poderás ajudar-me a decidir o que fazer.

Assim dizendo, Rodrigo começou a relatar ao amigo o que estava acontecendo e a urgência em subtrair sua protegida das garras da Inquisição.

Estendeu-lhe o bilhete para que tomasse conhecimento do seu conteúdo, concluindo:

– Agora já sabes o que me atormenta. O que fazer, meu amigo? Pela mensagem, terei que ultimar a partida e talvez seja muito perigoso, porque não desconhecem que Caroline está aqui em meu poder.

O ancião acariciou as longas barbas, num gesto muito característico seu quando estava pensando, e disse:

– Talvez eu tenha a solução que tanto procuras, meu caro.

– Deveras?

– Sim! Disse que partirei dentro de poucos dias, mas não expliquei a razão do nosso atraso. Há algum tempo, veio residir em minha casa um sobrinho, cuja família mora no campo. Com problemas de saúde, meu irmão mandou-o para a cidade, com esperanças de que pudesse curar-se; no campo não tinham recursos e nem médico que pudesse tratar do rapaz. Infelizmente, seu estado geral agravou-se sobremaneira e esperamos o desenlace para breve.

– Lamento a sorte dele, meu amigo. Mas, o que pretendes?

– Bem, o rapaz seguiria viagem conosco e, para tanto, consegui licença para ele nos acompanhar. Não creio seja difícil substituir meu sobrinho pela jovem Caroline. Conheço-a e ambos são esbeltos e têm quase que a mesma estatura. É necessário, porém, que a substituição seja feita no mais absoluto segredo. Quando ocorrer o desenlace, que calculo levará no máximo dois dias, enterraremos o corpo no quintal, sem que os vizinhos tomem conhecimento. Disfarçada de rapaz e usando as roupas de meu sobrinho, não desconfiarão da troca.

– Mas, e os criados? – indagou o duque, interessado.

– Quanto a isso não te preocupes. Temem aproximar-se do rapaz, com medo de contágio, e apenas minha filha Ruth e eu cuidamos do doente.

– E o médico? Por certo não hesitará em entregar-te à justiça se desconfiar de algo.

– É dos nossos e pessoa de confiança. Por esse lado, nada teremos que temer.

Mais esperançoso, Rodrigo concordou:

– Parece-me muito bom teu plano. Contudo, como esconderás Caroline até a hora da partida?

– Já pensei em tudo. Em minha propriedade há uma pequena porta meio escondida pela vegetação e que raramente é usada. Conduz diretamente para meus aposentos e somente eu conheço o segredo. De lá para os aposentos de meu sobrinho é fácil, pois são próximos um do outro. Que te parece?

Com largo sorriso, Rodrigo abraçou o amigo:

– Parece-me que trouxeste a salvação a esta casa. Teu plano é muito bom e creio que dará certo. Quanto ao transporte de Caroline, aproveitarei uma carroça de suprimentos e ninguém desconfiará. Quando estiveres pronto para partir, avisa-me. Sairemos na mesma hora rumo a Jaén, onde tenho uma propriedade, e isso atrairá a atenção para minha carruagem, dando tempo para que deixes a cidade em segurança.

E assim, satisfeitos e cheios de esperança, os amigos separaram-se.

O velho judeu deixou o palácio de Alcalá com a alma tranquila e feliz por poder, afinal, retribuir um pouco do muito que tinha recebido de Rodrigo Hernández, duque de Alcalá.

\*\*\*

Entrementes, a busca prosseguia acirrada. Mais violento e vingativo do que nunca, eu, frei Marcel, movia céus e terras para encontrar a ingrata que me abandonara um dia.

Mantinha cerrado cerco ao palácio de Alcalá, para tentar evitar que Caroline se evadisse novamente.

Minhas dificuldades eram grandes porque não se tratava de uma pessoa qualquer. Era um nobre do Reino de Castela, súdito de muito conceito perante os soberanos e acima de qualquer suspeita. Não poderia agir com Rodrigo Hernández como com outras pessoas, quando invadíamos as propriedades, levando o desespero e o pânico aos seus moradores. Não, com ele teria que agir de maneira diferente.

Por isso, dois dias depois apresentei-me no palácio de Alcalá, solicitando uma entrevista com o duque.

Atencioso, Rodrigo recebeu-me com cortesia. Ao nos defrontarmos, não pude deixar de admirar a lhaneza daquele homem e a serena autoridade que irradiava, de fisionomia tranquila e afável.

– A que devo a honra de tua visita, reverendo padre?

Um pouco decepcionado, pois não demonstrara ter-me reconhecido, respondi:

– Já fomos apresentados antes. Não me conheces?

Inclinando-se numa reverência de estilo, ele retrucou:

– Perdoa-me, padre, mas creio que nunca nos encontramos antes.

Achei que estava mentindo, mas não podia afrontá-lo. Mordi os lábios e comentei, algo irônico:

– Será que mudei tanto assim? Sou Gaston de Montmorency, conde de Vernon, e já tivemos a honra de recebê-lo em nossa casa, em Paris.

Rodrigo levou a mão à cabeça, constrangido:

– Queira desculpar meu esquecimento, senhor. Sê bem-vindo à minha casa!

Fez uma pausa enquanto me fitava atentamente, em seguida considerou:

– Nunca poderia esperar encontrar-te vestido com o burel de um religioso, e muito menos na Espanha. Além disso, confesso que mudaste muito. Se bem me recordo, eras mais encorpado. Emagreceste e uma barba cobre boa parte do teu rosto. Mas, estou sendo descortês. Sentemo-nos.

Serás meu hóspede enquanto estiveres em Toledo. E Paris, como vai? E teu pai?

Parecia ignorar por completo que me encontrava sediado na Espanha. Se estava fingindo, representava seu papel muito bem. Por isso, aceitei a brincadeira, que me era conveniente, e sorrindo respondi:

– Ignoro, senhor. Há muitos meses não tenho notícias do lar paterno. Estou residindo em Toledo, no mosteiro franciscano.

Com ar de profunda surpresa, exclamou:

– Estou estupefato! Não sabia que o conde tinha vocação para o sacerdócio. Ao contrário, parece-me que tinhas um compromisso matrimonial com tua prima, a condessa de Drumond! Jovem encantadora, por sinal.

– É verdade. Mas, essa é uma longa história e não desejo entediar-te com as minhas desventuras – respondi secamente.

Estava sumamente irritado e resolvi atacar logo o assunto que me conduzira até ali, sem mais delongas. Sorri.

– Prezado duque, vamos ao que interessa. Soube que está de visita a esta casa uma tua sobrinha, jovem de grande beleza. Gostaria de conhecê-la.

Empalidecendo ligeiramente, o duque affiançou:

– Teria muito prazer em apresentar minha sobrinha Teresa a um alto prelado da Igreja. Contudo, isso não é possível.

– Não é possível?!...

– Não, padre. Infelizmente, minha querida Teresa já partiu de retorno ao seu lar.

– Que pena! – lamentei.

– Realmente. Todavia, poderia conhecer as razões que levam o senhor conde a desejar conhecê-la?

– É simples. Estamos atrás de uma jovem foragida e a descrição de tua sobrinha coincide em tudo com a da que estamos procurando.

– Deveras? Mas, minha sobrinha não é uma criminosa, senhor – respondeu o duque, levantando-se.

Ergui-me também, com ar irônico.

– Porém a outra é procurada. Foi denunciada formalmente ao Santo Ofício e nosso dever é aprisioná-la.

– Quem é ela? O que fez de tão grave para ser caçada como um animal? – reagiu o duque em tom grave.

Saboreando a surpresa que ele teria, informei sarcástico:

– Pois não sabes, Alteza, quem é? Trata-se de Caroline, condessa de Vernon.

Fitou-me com ar severo e respondeu com altivez, não demonstrando grande surpresa:

– Ignoro, senhor, o que o leva a procurar tua prima em meu palácio. Muito menos a razão de estar sendo procurada pela Inquisição. Afianço-te, porém, uma coisa: não a encontrarás aqui nesta casa.

Com olhos flamejantes, desafiei:

– Veremos. Vim como amigo, mas me obrigas a agir como autoridade. A um sinal meu e este palácio será invadido.

– Tens uma ordem expressa para a devassa? Caso contrário, não permitirei.

Titubeei. Subestimara sua capacidade de reação. Não trouxera ordem escrita, pois geralmente ninguém ousava contestar nossa ação.

Cheio de cólera, fitei-o com ódio e retruquei:

– Não perdes por esperar, Alteza. Voltarei com a ordem e tu me pagarás. Não ficará pedra sobre pedra. Revolveremos tudo até encontrá-la e não descansaremos enquanto ela não estiver prisioneira.

Rodrigo Hernández lançou-me um olhar cheio de compaixão e sua voz soou comovida:

– Lamento por ti. A paixão te abrasa e o ódio te consome. És desventurado e espalhas fel por onde caminhas. Detém-te, meu amigo, pois nunca serás feliz disseminando a dor e o sofrimento. És digno de piedade.

Enquanto ele falava, senti a amargura invadir-me o íntimo e, no fundo, sabia que ele tinha razão.

Virei as costas e deixei rapidamente o palácio de Alcalá.

Suas palavras, contudo, martelavam-me a cabeça, sem dar-me tréguas.

Um profundo senso de infelicidade golpeava-me a mente, enquanto no recesso da alma ouvia alguém a repetir: “Não erres mais. Detém-te... detém-te... enquanto é tempo.”

O orgulho, porém, é brasa candente que queima e destrói tudo o que toca.

Desafortunadamente, não aceitei o novo convite que me era feito pelos amigos do invisível e rejeitei, peremptoriamente, voltar atrás. Já caminhara muito, afundara-me no lodo e não via como refazer os passos.

Rejeitei a oportunidade que ainda poderia salvar algo dos escombros, que era a minha existência, e que me impediria resvalasse mais fundo ainda na loucura e na abjeção.

Cerrei os olhos e os ouvidos à voz amorosa de quantos tentavam reconduzir-me ao caminho do bem e mergulhei mais profundamente na degradação moral.

Louco que fui. Bastaria um pouco mais de decisão e coragem para abandonar os companheiros de erros, e teria evitado séculos de dores sem fim.

Infelizmente, porém, retornei às minhas atividades e imergi de novo nas tarefas infames que abraçara de forma voluntária.

## Capítulo XXVII. A fuga

Eram três horas da tarde quando chegou uma carroça de suprimentos. Os guardas a deixaram passar sem maiores cuidados. O condutor era velho conhecido e todas as semanas trazia legumes, frutas e verduras para o consumo do palácio de Alcalá.

Entardecia quando os portões se abriram para a passagem da carroça que saía, após ser descarregada.

Com um odre de vinho na mão, o velho carroceiro parecia já um tanto alto.

– O que levas aí? – perguntou um dos guardas curioso, descobrindo a carga.

– Como podes ver, meu amigo, levo quatro barris do mais precioso vinho produzido nos vinhedos do duque de Alcalá como presente para um rico negociante. Queres experimentar? Não faças cerimônia! – insistiu ele, enrolando a língua, já um tanto tocado pela bebida.

– Não achas que já bebeste demais?

– Qual o quê! Tomei apenas alguns goles! – retrucou o carroceiro, recebendo de volta o odre que passara de mão em mão pelos sentinelas.

– Tens razão – disse um deles. – O vinho é excelente e muita sorte tem esse amigo de Sua Alteza em recebê-lo. Vai com cuidado.

Cantarolando, o bom homem atravessou a cidade lentamente sem despertar suspeitas. Dirigindo-se para uma rua deserta, algo afastada, parou

defronte de um portão senhoril.

O vigia veio atender.

– Trago um carregamento de vinho para Dom Francisco, gentileza do duque de Alcalá.

Ouvindo o nome respeitável, o guarda abriu os portões e a carroça penetrou no pátio da mansão, sendo imediatamente encaminhada para os fundos, onde ficavam armazenadas as provisões.

Alertado, o velho judeu dirigiu-se até o local, ordenando que descarregassem com muito cuidado.

Em voz alta, para que todos ouvissem, agradeceu efusivamente, mandando recomendações a Dom Rodrigo Hernández, duque de Alcalá.

Em seguida, baixando o tom de voz, discretamente chamou o condutor de lado, perguntando:

– Tudo correu bem?

– Perfeitamente bem, senhor. Ninguém nos seguiu – respondeu o homem, firme, aparentando sobriedade.

– Toma estas moedas em agradecimento pelo teu serviço. Que Deus te abençoe!

O ancião esperou os criados se recolherem, voltou à adega e, batendo levemente em cada um dos barris, descobriu o que desejava. Tomando de uma ferramenta, abriu um deles, retirando Caroline do seu interior.

Meio desfalecida, a jovem respirou o oxigênio a longos haustos.

Na verdade, fora com dificuldade que ela entrara naquele lugar apertado e quase sem ar. A princípio, recusara-se terminantemente a concordar com essa solução, só assentindo após Rodrigo ministrar-lhe algumas gotas calmantes, assegurando-lhe que nada de mal lhe sucederia.

– Como estás, senhorita?

– Agora estou bem, mas pensei que fosse morrer presa aí dentro. Arre!

– Vem, não temos tempo a perder. Poderemos ser descobertos.

Tomando-a pela mão, conduziu-a pelo jardim até uma pequena porta que abriu. Subiram escadarias, no mais absoluto silêncio, até os aposentos do dono da casa.

Ruth, a filha de Eleazar, que já os esperava, fez sinal que podiam passar.

– Vem, o corredor está deserto.

Abrindo a porta, entraram no corredor iluminado fracamente por algumas lanternas. Duas portas adiante pararam e Ruth conduziu-a a um aposento onde viu um rapaz deitado num leito. Em seguida, dirigiram-se até um pequeno quarto que, anteriormente, deveria ter sido ocupado por alguma criada.

– Ficarás aqui. É pequeno, não muito confortável, mas o mais seguro para ti, Caroline.

– Obrigada, Ruth. Nem sei como agradecer a ajuda tua e de Dom Francisco. Sei que, se fordes descobertos, correreis perigo por minha causa.

Olhando a hóspede fixamente, a jovem judia respondeu:

– Já estamos correndo perigo. Isso, porém, não importa. Não faça barulho. Retornarei depois trazendo algo de comer e beber. Repousa agora. Aqui tem mais velas, se precisares.

Caroline passou por um cochilo e acordou com o barulho da porta.

Ruth entrou portando uma bandeja com algumas frutas, queijo, pão, uma jarra com água e um copo.

Enquanto comia, Ruth a observava. Caroline indagou, tentando conversar:

– E teu primo, como está?

– O estado dele é crítico. O médico disse que poderá morrer a qualquer momento.

– Lamento.

– Lamentas? Mas é graças a ele que poderás fugir da cidade.

Caroline fitou a judia à sua frente. Era um belo tipo de mulher. Cabelos pretos e sedosos, caindo pelos ombros; pele clara, olhos expressivos, tipicamente semitas; boca cheia e sensual, levemente irônica.

– Não gostas de mim, não é verdade? – indagou.

A outra balançou os ombros com desdém:

– E isso faz diferença?

– No entanto, nas ocasiões em que tivemos oportunidade de nos encontrar, sempre nos tratamos com amizade.

A outra permaneceu calada.

– Não queres me contar o que houve? – tornou Caroline.

– Está bem. Já que insistes! Cheguei à conclusão de que somente tu poderias ter colocado aquela prova contra meu pai em seu gabinete.

– Por que, Ruth?

– Vi quando entraste naquele aposento.

– Mas, então me odeias!...

– Não, não te odeio. Tenho pena de ti.

– Por que estás me ajudando, então?

– Porque o Cristo ensina que devemos pagar o mal com o bem.

– Não faz sentido! Deverias me odiar. E teu pai, sabe do que pensas a meu respeito?

– Não, não sabe. Achei melhor que ele ignorasse do que é capaz a sordidez humana. Além disso, está correndo riscos para ajudar um grande amigo, Dom Rodrigo Hernández. Não fazemos por ti, e sim por ele.

Ao lembrar-se de Rodrigo as feições de Caroline ficaram mais suaves.

– Sim, eu sei. Ele é um homem extraordinário. A melhor criatura que já encontrei na vida.

– É verdade. E é esse homem, que confessas ser a melhor criatura que já encontraste, que queres arrastar contigo na desgraça.

– Não é verdade – reagiu Caroline. – Desejo que seja feliz, pois nós nos amamos.

A outra lançou-lhe um tal olhar de desgosto, de mágoa e de tristeza, que Caroline compreendeu:

– Tu o amas, Ruth! Meu Deus, só agora compreendi isso. Por isso não gostas de mim.

Caindo sentada no leito, Ruth confessou afinal:

– Sempre fui apaixonada por ele. Desde criança tinha esperança de que, um dia, ele iria notar a minha presença e passar a me amar. Isso nunca aconteceu, porém. Enquanto ele estava sozinho, não me preocupei. Afinal, não era meu, nem de ninguém. Quando apareceste na sua vida, percebi que ele estava diferente. A última vez que nos encontramos, não pude deixar de notar como estava mudado. Estava amando enfim.

– Perdoa-me – disse, compadecida.

– Nada tenho a perdoar. Não é culpa tua se ele não me ama.

Ruth fez menção de sair e Caroline a impediu:

– Espera. Não saias assim. Quero que saibas que jamais desejei prejudicar a teu pai. Não sabia das intenções de Dom Ramón de Oviedo, acredita.

A outra a ouviu calada, depois falou:

– Bem, repousa agora. Amanhã voltarei.

A judia saiu silenciosamente, deixando Caroline imersa em seus pensamentos.

\*\*\*

O dia seguinte transcorreu sem acontecimentos dignos de menção.

Em seu esconderijo, Caroline aborrecia-se com o escoar das horas longas e monótonas. No quarto, iluminado fracamente por uma vela, sem ter para onde ir, nem o que fazer, ou com quem conversar, Caroline meditava, inquietando-se pelo seu futuro.

Daria certo o que planejavam? Seriam bem-sucedidos na fuga? O simples pensamento de que pudesse ser presa e levada pela Inquisição a deixava em pânico.

Procurou conter-se, porém. Confiava em Rodrigo e sabia que ele era poderoso e não a desampararia em hipótese alguma.

O pensamento voou até Granada, aquela terra abençoada a quem todos se referiam como um paraíso. Terra de sol, de alegria e de fartura, onde todos eram felizes e viviam livremente, sem medo; onde a Inquisição não tinha poder e não os alcançaria nunca.

Suspirou, cheia de esperança. Em terras estranhas, longe de tudo que representava o seu passado, eles seriam felizes. Considerava-se livre do matrimônio, cujo compromisso lhe pesava tanto. Gaston era agora um servo de Deus e ela estava livre, livre para unir-se àquele que era o ideal da sua vida.

Por duas vezes Ruth trouxe-lhe alimentação, contudo saía sem que tivessem tempo de conversar. Estava com muita pressa.

Adormeceu ao anoitecer, acordando horas depois com movimento desusado no aposento contíguo. Ouvia vozes abafadas, soluços e sons difusos. Percebeu que alguma coisa estava acontecendo.

Algum tempo depois, ouviu a chave girando na fechadura e, em seguida, a porta abriu-se. Ruth, aproximando-se do leito, chamou-a:

– Caroline, acorda. Não temos tempo a perder. Veste estas roupas.

– O que aconteceu? – indagou sonolenta.

– Meu primo acaba de falecer. Chegou o momento que esperávamos. Deverás vestir as roupas dele e ocupar seu leito. Não temas, tudo o que ele usou já foi retirado e queimado.

Trêmula, Caroline vestiu as roupas que lhe foram dadas e passou para o quarto ocupado anteriormente pelo infeliz rapaz.

Acomodou-se no leito entre lençóis de linho alvos e denotando limpeza. Não pôde deixar de sentir um arrepio percorrer seu corpo. Afinal, aquele lugar ainda até pouco tempo estava ocupado por alguém que morrera.

O medo do desconhecido tomou conta dela, julgando ver vultos ameaçadores na penumbra do quarto. Procurando não pensar no assunto, distraiu sua atenção examinando o aposento que agora lhe pertencia.

De grandes proporções, era decorado com luxo. Cortinas de veludo pendiam das amplas janelas, tapetes macios recobriam o piso de mosaicos e o leito com dossel era suntuoso.

Suspirou. Afinal, tinha ar fresco em quantidade e não precisava mais ficar respirando o ambiente enfumaçado e malcheiroso onde estivera.

Uma hora depois, Ruth retornou com seu pai.

– Tudo resolvido. Meu sobrinho – que descanse em paz! – foi enterrado no jardim em local discreto e aprazível. Não será encontrado. Agora, terás

que te fazer passar por ele – informou o ancião.

Deixou-se cair numa poltrona. Parecia exausto; o esforço despendido deveria ter sido superior às suas forças.

Levou a mão ao peito, onde o coração batia precipite.

– Papai, deverias descansar agora – recomendou a filha, apreensiva.

Com sorriso carinhoso, ele fez um gesto, tranquilizando-a:

– Não te preocupes, minha filha, estou bem. Tudo corre dentro do programado e estou satisfeito.

– E agora? – indagou Caroline, aflita. – O que faremos?

– Agora, repousaremos um pouco. Já enviei portador ao palácio de Alcalá colocando Dom Rodrigo a par dos últimos acontecimentos. Deveremos partir às primeiras horas da manhã.

Em seguida, separaram-se. Dormiriam três horas no máximo.

Aconchegada a macias cobertas, Caroline não conseguiu adormecer. A ansiedade era grande e almejava ver-se o mais rapidamente possível longe de Toledo e dos seus perseguidores.

E assim, quando Ruth veio acordá-la, encontrou-a desperta.

Dom Francisco reuniu os criados no vestíbulo e informou-lhes o que estava acontecendo, fazendo as últimas recomendações.

– Estamos de partida, como sabeis. Meu sobrinho apresentou alguma melhora em seu estado geral e resolvemos aproveitar a oportunidade que se nos apresenta para partir. A pessoa a quem tereis que prestar obediência daqui para frente é Sua Alteza, o duque de Alcalá, que comprou a

propriedade. Assegurou-me, porém, que tudo permanecerá como está. Não haverá mudanças.

Os criados olharam-se, aliviados. Estavam acostumados àquele emprego e temiam perdê-lo. Além disso, estimavam sinceramente aquele homem que, apesar de judeu e de quem o povo falava tão mal, sempre fora generoso para com eles, tratando-os com humanidade.

Quando Ruth surgiu no alto da escadaria amparando “o primo enfermo”, que se aconchegava a ela, trazendo a cabeça coberta, afastaram-se temerosos, cada qual buscando seus afazeres.

E assim, sem problemas, acomodaram Caroline na condução. Adrede preparada, a carruagem apresentava todo o conforto. A jovem, disfarçada em rapaz, deitou-se num banco, enquanto no outro acomodaram-se Ruth e seu pai. Em outra carruagem seguiam as bagagens e três criados muito antigos, também de origem judaica, e que os acompanhariam na viagem rumo à Palestina.

Com uma escolta de segurança a cavalo, puseram-se a caminho.

Chegando aos portões da cidade, apresentaram os salvo-condutos ao sentinela que, olhando para dentro da carruagem, estranhou ver um rapaz deitado. Dom Francisco informou:

– Meu sobrinho está doente. Não deves aproximar-te, senhor, pois sua enfermidade é terrivelmente contagiosa.

Temeroso, rapidamente o soldado ordenou que prosseguissem.

Respirando aliviados, agradeceram a Deus a proteção que lhes dispensara em momento tão difícil.

– O pior já passou – considerou Dom Francisco. – Por precaução, debes continuar com o disfarce até atingirmos regiões mais seguras.

– E Dom Rodrigo? – perguntou Caroline, ansiosa.

– Deverá nos aguardar em local combinado.

\*\*\*

Foi com apreensão que o duque recebeu a mensagem trazida por Jano que, às escondidas, aguardava o desenlace da situação.

– Dom Francisco manda avisar Sua Alteza que seu sobrinho está morto e partirão logo aos primeiros albores da aurora.

– Muito bem, Jano, cumpriste tua missão. Onde nos encontraremos?

– Na estalagem Bico do Galo, um pouco antes do Alcázar de San Juan.

– Sei onde fica. Agora, ultimemos os preparativos. Irás conosco.

Às oito horas da manhã, abriu-se o grande portão do palácio de Alcalá para dar passagem a duas carruagens que saíam; uma conduzindo a duquesa Zuleima e o duque, a outra com as bagagens e os criados, além da escolta de segurança.

Dirigiram-se para a saída da cidade, lentamente. Ao chegarem aos portões, foram impedidos de prosseguir pelos guardas.

– Alto! Quem vem lá?

Colocando a cabeça pelo postigo, Dom Rodrigo inquiriu:

– O que se passa?

– Alteza! – O soldado fez uma reverência. – Perdão, mas temos ordens de revistar todos os que deixarem a cidade – respondeu o guarda, algo constrangido.

– Capitão! Ousas desconfiar do duque de Alcalá?!...

Deixando as sombras, surgiu na frente dele, o inimigo que eu ansiava destruir, dizendo:

– Ele não, Alteza, eu.

– Frei Marcel! Quanta honra ver-te novamente. Contudo, tenho pressa e devo prosseguir viagem.

– Ah! Vais viajar, senhor duque?

– Sim, frei Marcel. Passaremos uma temporada em Jaén, onde tenho uma propriedade, e negócios urgentes me aguardam.

Aproximando-me, coloquei a cabeça para dentro, espiando, certo de que os pegara, enfim, e antegozando a satisfação de prender Caroline.

– Apresento-te minha mãe, a duquesa de Alcalá.

A senhora fez um leve gesto de cabeça, ativa e digna.

– Mil perdões, senhora duquesa, por perturbar a tua viagem. No entanto, tenho ordens a cumprir – expliquei.

Um tanto decepcionado constatei que não havia mais ninguém ali dentro. Afastei-me e, pessoalmente, examinei a outra carruagem, também não encontrando o que desejava. Mordi os lábios, despeitado, e, sumamente contrariado, voltei até onde me aguardava o fidalgo espanhol, impassível.

Um tanto irônico, Rodrigo Hernández indagou:

– Não encontraste o que procuravas, não é verdade? Tanto quanto não encontraste também em minha propriedade quando a esmiiçaste de alto a baixo. Estás satisfeito agora?

Cheio de cólera respondi:

– Até agora levaste a melhor, Dom Rodrigo Hernández. Não descansarei, porém, enquanto não descobrir onde a escondeste. E, então, terás muito a lamentar.

Com um gesto dei permissão para que prosseguissem viagem, não tendo desculpas para detê-los por mais tempo.

Aliviados, mãe e filho sorriram satisfeitos, enquanto a carruagem punha-se a caminho. Rodrigo apertou a mão de sua mãe, murmurando:

– Estamos livres. Já não poderão mais nos deter. Deus está conosco.

Cavalgando a trote largo, percorreram grandes distâncias, tentando recuperar o tempo perdido. Aproximando-se do local combinado, logo avistaram a carruagem de Eleazar, que aguardava.

De longe, Caroline e seus amigos viram a carruagem com o brasão da casa de Alcalá e, cheios de alegria, foram recebê-los.

Trocaram cumprimentos, eufóricos pelo sucesso da operação. O “rapaz enfermo” foi levado para um quarto, em virtude de seu estado.

Iriam pernoitar na estalagem, prosseguindo viagem na manhã seguinte, bem cedo.

Mais tarde, discretamente, Rodrigo entrou no quarto de Caroline.

– Estás muito bem em trajes masculinos! – chasqueou.

Ouvindo aquela voz adorada, ela, que estava olhando pela janela os homens a tratarem dos cavalos lá embaixo no pátio, voltou-se, fitando-o com amor.

– Rodrigo! Como temi não te ver nunca mais!

– Não confias em mim? – perguntou ele com sorriso terno.

– Por certo que sim. Todavia, as dificuldades, os perigos que enfrentamos, faziam-me temer que algo saísse errado.

Abraçando-a, ele acalmou-lhe os receios.

– Tranquiliza-te. Tudo está correndo bem. Nada temos a temer. A partir de amanhã, não nos separaremos mais.

– Vou aguardar amanhã com ansiedade – ela respondeu, suspirando.

– Agora descansa, minha querida. Vou mandar tuas roupas para que vistas antes de partirmos.

Nesse momento, Ruth entrou no quarto e, deparando com Rodrigo e Caroline abraçados, fez menção de retirar-se:

– Desculpa-me, não sabia que estavas aqui, Dom Rodrigo.

Ele riu, da perturbação da jovem.

– Entra, entra, Ruth. Estava de saída. Aproveito a oportunidade para agradecer-te tudo o que fizeste por Caroline.

Corando, a pequena judia respondeu, fitando o rapaz:

– O que fizemos foi por ti, senhor.

– Agradeço-te. Posso dar-te um abraço de irmão?

Assim dizendo, Rodrigo aproximou-se de Ruth e enlaçou-a com carinho, afirmando-lhe:

– Terás nossa gratidão eterna.

A jovem soltou-se dos seus braços algo constrangida.

Em seguida, ainda sorrindo satisfeito, ele saiu fechando a porta.

Caroline, que percebera a perturbação da outra, permaneceu calada, picada pelo ciúme e dando graças a Deus faltarem apenas poucas horas para elas se separarem.

Compartilhando o mesmo quarto, ambas acomodaram-se, cada qual entregue às próprias cogitações.

## Capítulo XXVIII. A cidade dos mil olhos

No dia seguinte prosseguiram viagem. Agora, já assumindo sua verdadeira identidade, Caroline despediu-se dos amigos judeus, agradecida por tudo o que fizeram por ela.

Viajariam ainda por algum tempo juntos, somente se separando e tomando rumos diferentes quando a estrada se bifurcasse. Dom Francisco iria para Cádiz, onde não teria dificuldades em conseguir uma embarcação que o levasse até seu destino: a Palestina. Dom Rodrigo demandaria Jaén; lá possuía uma próspera herdade, na qual contava deixar sua mãe. Ali descansariam um pouco, prosseguindo depois rumo a Granada, cidade em poder dos muçulmanos e único refúgio realmente seguro. Nesse lugar as forças espanholas e inquisitoriais não poderiam alcançá-los.

Acomodada junto a Rodrigo e à duquesa Zuleima, Caroline sentia-se esfuziante. O futuro lhe sorria, tudo parecia claro e luminoso e seu coração batia forte, cheio de alegria.

Mais um dia de viagem e, finalmente, teriam que se separar as caravanas.

No local onde a estrada se bifurcava, fizeram uma parada à sombra de algumas árvores. Com tristeza, despediram-se dos companheiros de viagem, agora de forma definitiva. Abraçando o amigo de tantos anos, Rodrigo tranquilizou-o:

– Não te causem preocupação os haveres que deixaste para trás. Coloquei um homem de confiança, hábil administrador, tomando conta de

tudo. Quando retornares, conto restituir tuas riquezas com acréscimo. Se precisares de dinheiro, avisa-me e darei um jeito de remetê-lo através de um portador.

O bom velhinho sorriu, agradecido, enquanto os olhos umedeceram-se.

– Confio em ti, meu filho, e sei que farás o melhor. Assim que estiver instalado, mandarei meu novo endereço e, quem sabe, algum dia, não irás visitar-me? Contudo, algo me diz que jamais retornarei e que esta é a última vez que nos vemos. Se isso realmente acontecer, quero que uses minha fortuna da melhor forma possível. Saberás como fazê-lo.

Abraçaram-se ainda uma vez e, em seguida, despediram-se dos outros membros do grupo. Ruth, sob intensa emoção, controlava-se com dificuldade, sabendo que, na melhor das hipóteses, por muito tempo não reveria aquele que amava acima de tudo.

Somente Caroline sentia-se realmente feliz, visto que agora teria Rodrigo só para si.

Dentro em pouco, cada qual tomava seu destino.

Não obstante as dificuldades da viagem, o desconforto e o cansaço, o trajeto ficava cada vez mais bonito, as regiões que atravessavam sempre mais verdes e floridas. Estavam já na Andaluzia e logo chegariam em Jaén.

Num entardecer, quando o sol poente tingia o céu de tons avermelhados, aportaram na propriedade dos duques de Alcalá, sendo recebidos com satisfação pelos criados.

A mansão, em meio a um jardim soberbo, era ampla e confortável, com repuxos d'água, tanques de peixes e gracioso pomar. Mais além, a perder de vista, estendiam-se os vinhedos.

Caroline encantou-se com o local e a paz ambiente e desejou ali permanecer. Contudo, Rodrigo ponderou:

– Impossível, minha querida. Estes domínios são conhecidos e a Inquisição não tardará em procurar-te, sabendo que estamos aqui. Portanto, ficaremos apenas o tempo necessário para nos recuperarmos do longo trajeto e prosseguiremos viagem.

Conquanto decepcionada, Caroline reconheceu que Rodrigo tinha razão. Não seria difícil perceberem que, de alguma forma, ela se evadira e só poderia estar em Jaén.

Por isso, dois dias depois, despediram-se de Zuleima e partiram para Granada. Para acelerar a viagem, visto que tinham perdido um dia inteiro, deixaram a carruagem, prosseguindo a cavalo, o que facilitaria muito e lhes proporcionaria uma mobilidade maior.

Acompanhados de pequena escolta armada, cavalgaram durante muitas horas, parando apenas quando os animais, exaustos, se recusavam a prosseguir. Descansavam então um pouco, alimentavam-se e depois continuavam a viagem.

Até que, no alto de um promontório, pararam e Rodrigo mostrou:

– Vê, Caroline. A “Cidade dos Mil Olhos”!

Olhando na direção que ele indicava, ela sentiu o coração pulsar mais rápido, enquanto uma emoção insólita a invadia.

A paisagem era soberba. Ao longe, no alto de uma elevação, via-se uma cidade, cercada por grande muralha. A espaços regulares, erguiam-se torres de vigia, como sentinelas avançadas.

– Magnífica! – murmurou Caroline, encantada com a visão que se descortinava sob suas vistas.

– Sim. Granada, a Cidade dos Mil Olhos!

– Por que a chamam assim? – inquiriu, curiosa.

– Vês aquela muralha que circunda a cidade? Pois ela possui mil torres de vigia, que a defendem de ataques externos. É inexpugnável!

Após algum tempo de contemplação, Rodrigo ordenou:

– Prossigamos. Ainda temos algumas horas de viagem até atingirmos a cidade.

A paisagem tornava-se cada vez mais encantadora, com pomares, jardins e bosques aprazíveis. Os campos cultivados estendiam-se ao sol, e nos laranjais e vinhedos os camponeses acenavam de longe, sorridentes, parando por breves instantes seus labores para, gentis, darem as boas-vindas aos cavaleiros.

Por todo lado percebia-se fartura e bem-estar. As casas eram agradáveis e floridas, e seus ocupantes tinham fisionomia saudável e descontraída; as crianças, robustas, brincavam risonhas nos jardins das pequenas moradias.

Não se viam rostos tristes e desconfiados, como em Toledo; nem se notava o medo que grassava entre o povo, em Castela.

Agradavelmente surpreendida, Caroline fazia comentários a cada passo. Finalmente, adentraram os portões de Granada e, sob mudo espanto, Caroline viu uma cidade calçada, muito limpa. Os jardins e pomares eram uma extensão do que já tinha visto; as mansões, amplas, confortáveis e encantadoras em sua arquitetura moura. Ali, não se sentia o odor desagradável das grandes cidades da Idade Média, que não possuíam esgoto e toda a imundície era jogada nas ruas.

Não, o ar era perfumado, balsamizado pelos jardins floridos que se encontravam a cada passo.

As fontes surgiam aqui e ali, jorrando água cristalina, onde os pássaros vinham também dessedentar-se. Os habitantes da cidade, com quem cruzavam a cada instante, fitavam os estranhos com natural curiosidade, mas sem hostilidade.

Prosseguiram até um conjunto extraordinariamente belo de edifícios, onde estacaram. Era o Alhambra, residência do emir de Granada e onde muitos nobres tinham também seus aposentos. Era na verdade o que seria o palácio real em Toledo.

Fazendo-se anunciar, não demorou muito foram introduzidos em ampla sala, arejada por janelas imensas, onde aguardaram.

Dentro em pouco, entra no recinto um muçulmano, vestido luxuosamente. Calças fofas, presas nos tornozelos, camisa com amplas mangas bufantes, em

tecido de cetim verde. Sobre tudo isso uma túnica em brocado dourado descia até o tornozelo. Na cabeça, um turbante do mesmo tecido dourado, preso por enorme esmeralda na frente.

Abrindo os braços efusivamente, cumprimentou Rodrigo.

– Que Alá te conserve e ilumine! Sê bem-vindo em meu palácio, meu amigo duque de Alcalá!

Sorridente, Rodrigo retribuiu o cumprimento.

– O que traz o nobre Dom Rodrigo Hernández à minha humilde casa? – perguntou.

– Vim solicitar um favor ao amigo de tantos anos.

– Seja o que for, está concedido – afirmou o emir, com gravidade.

Rodrigo relatou o que estava acontecendo e concluiu:

– Viemos em busca de socorro e proteção contra o poderio espanhol e da Igreja Católica, que somente tu poderás nos dar.

Com gesto de cabeça, o muçulmano demonstrou seu descontentamento com o rumo dos acontecimentos e lamentou a situação dos amigos, afirmando:

– Sereis meus hóspedes pelo tempo que for preciso.

O duque inclinou-se, agradecendo. O emir bateu palmas e um servo adiantou-se:

– Leva meus hóspedes e instala-os convenientemente. Deveis estar cansados. Repousai. Conversaremos na hora da ceia.

Saiu, deixando-os à vontade. O servo, por sua vez, com um gesto chamou outros servos e cada um deles acompanhou os hóspedes a seus alojamentos. Um deles levou Jano e os homens da escolta para os alojamentos da criadagem. Uma jovem de rara beleza conduziu Caroline e outro levou Rodrigo até seus aposentos.

A jovem francesa estava cada vez mais maravilhada com a educação, finura e gentileza do povo muçulmano.

Adentrando seus aposentos, viu-se em majestoso quarto cujo terraço dava para um jardim. Por uma porta, entrou numa sala de banho, onde belas moças prepararam a água para que se banhasse.

Despiram-lhe as roupas empoeiradas da viagem e ela mergulhou numa piscina de água cristalina onde pétalas de rosas boiavam odorizando.

Sentiu a água fresca e um frêmito de prazer percorreu seu corpo. Havia muito tempo não sentia a satisfação de um banho, roupas limpas e a tranquilidade de um lugar seguro.

Por uma hora deixou-se banhar, aproveitando o momento que se lhe oferecia. Depois saiu e uma macia toalha a envolveu. Untaram-lhe o corpo com óleos aromáticos, massageando-lhe a pele.

Sobre o leito, um belo traje em tonalidade turquesa, com bordados e as bordas em ouro, a aguardava. Depois de vestida e penteada, calçaram-lhe sandálias de couro dourado. Atando-lhe um colar no pescoço, deram por terminada a toailete, após colocarem um amplo véu na cabeça, preso a uma tiara de pedras preciosas.

Olhou-se no espelho de cristal polido e não pôde deixar de reconhecer que seu aspecto era excelente.

Em seguida, deixaram-na só e ela percebeu pelos gestos, uma vez que não entendia o que elas diziam, que deveria repousar.

Deitou-se no amplo leito e por algumas horas descansou, o que não fazia havia muitos dias.

Mais tarde vieram buscá-la, conduzindo-a para uma suntuosa sala onde já se encontravam diversas pessoas, inclusive Rodrigo e o emir, seu amigo.

Receberam-na com satisfação e o anfitrião apresentou-a às outras pessoas presentes. Não demorou muito e soou um gongo, convidando-os para a ceia. Passaram a uma outra sala, tão bela e encantadora quanto a primeira, onde mesas baixas e bastante longas encontravam-se preparadas para recebê-los. Sentaram-se em macios coxins e aguardaram.

As iguarias se sucederam, denotando gosto refinado e paladar apurado. Pratos exóticos se misturavam com frutas açucaradas, carnes de caça, peixes saborosos e manjares delicados. Tudo isso acompanhado de vinhos leves e de odor agradável.

As conversas eram animadas e percebia-se que todos se divertiam. Contudo, como Caroline não entendesse o que diziam, sentia-se excluída dos diálogos, à parte.

Rodrigo, sentado do lado direito do emir, no meio da mesa, de vez em quando lançava-lhe olhares e sorrisos enternecidos, aos quais ela retribuía,

mas era só. Afinal, um dos participantes, postado a seu lado, puxou conversa com ela, dirigindo-lhe uma pergunta em espanhol.

Satisfeita e aliviada por ver que alguém conhecia outro idioma, respondeu agradecida, travando um diálogo com o desconhecido. Ficou sabendo que se tratava de um dos assessores do emir, oficial do exército responsável pelos armamentos.

Demonstrou seu interlocutor preocupação com o futuro, uma vez que estavam em guerra com os castelhanos desde que o emir tomara Zahara em 1481, a que os cristãos responderam com a tomada de Alhama no ano seguinte. Afirmou que Fernando e Isabel invejavam a posição estratégica e econômica de Granada, lançando olhares cobiçosos para a bela cidade.

Caroline falou-lhe do seu encantamento com a região e com tudo o que vira.

O muçulmano se dispôs a mostrar-lhe Granada e arredores, falando das belezas naturais da região.

O emir bateu palmas e apresentaram-se malabaristas, engolidores de espadas e bailarinas, as quais dançaram ao som de alaúdes.

Em certo momento, Rodrigo percebeu que Caroline cochilava sentada e pediu permissão para se retirarem. Estavam exaustos e o dia fora cheio de novidades.

\*\*\*

Desse dia em diante, começou uma nova vida para Caroline. Tudo era novo e excitante. As horas agradáveis e tranquilas eram uma bênção dos céus. Desejaria que nada mudasse, que tudo permanecesse exatamente como estava. A presença de Rodrigo, aliada à vida principesca que estavam levando, fazia com que acreditasse se encontrar no paraíso. Nada mais desejava da vida. Tudo era perfeito. Aliás, se alguém lhe pedisse uma definição do paraíso, não teria dúvidas em afirmar que o paraíso era esse lugar de sonho, onde o sol brilhava sempre num céu muito azul; onde havia alegria, fartura, festas e onde todos viviam felizes.

Às vezes ouvia comentários sobre a guerra com os espanhóis, mas não se preocupava muito, porquanto sempre lhe afirmavam que Granada era uma cidade inexpugnável e se sentia segura dentro dela. Além disso, naquele ambiente de beleza e sonho, combates eram coisas muito distantes.

Como na Terra nada pode ser perfeito, tendo em vista nossas necessidades espirituais de regeneração, certo dia Rodrigo comunicou que retornaria à Espanha.

– Por quê? – questionou ela, entre surpresa e aborrecida.

– Não ignoras, minha querida, que deixamos assuntos não resolvidos para trás. Não desejas ser uma fugitiva pelo resto dos teus dias, não é assim?

Atemorizada, ela suplicou ajuda do emir, presente no momento:

– Oh! Senhor, convence-o de que não deve partir. Estamos muito bem aqui, nada nos falta e somos imensamente felizes.

Boabdil sorriu, permanecendo calado, enquanto fazia um gesto de impotência como se dissesse: “Nada posso fazer”.

– Caroline, sê razoável, minha querida. Estamos vivendo uma vida fictícia. Bela e agradável, mas que não é a nossa. Neste lugar, nada nos pertence. Estamos abusando da hospitalidade de um generoso amigo, mas não podemos permanecer a vida toda aqui.

Fez uma pausa, avaliando o efeito de suas palavras, e, dando tempo para que ela pudesse refletir sobre o assunto, prosseguiu:

– E meus haveres? Minhas propriedades? Tenho responsabilidades, empregados que dependem de mim e negócios a ultimar. Além disso, minha mãe deve afligir-se sem saber como estamos.

Caroline abraçou-o cheia de angústia, sabendo que não conseguiria impedi-lo de fazer o que planejava.

Assim, alguns dias depois, o duque de Alcalá partiu, deixando sua amada ralada de angústia.

Os dias que antecederam sua partida para a Corte espanhola foram de encantamento. Estavam sempre juntos, aproveitando o tempo que lhes restava para se dedicarem um ao outro. Eram passeios pelas redondezas, pelos campos ou às margens do rio Darro, festas programadas pelos amigos de Granada ou doces conversas à sombra das tamareiras do jardim, ouvindo o canto dos pássaros e o murmúrio das águas das fontes.

Procurando não pensar na separação iminente, Caroline entregava-se de corpo e alma à felicidade do momento.

Na véspera, contudo, uma angústia muito grande a dominou. O coração oprimido segredava-lhe que não o veria mais. Uma sensação de perda, de dor avassalante, fez com que Caroline externasse sua preocupação ao amado.

– Não te aflijas, minha querida. Os que se amam realmente jamais estarão separados. Mesmo à distância, estarei pensando em ti e os laços que nos unem não se romperão jamais.

Para não o aborrecer, ela calou-se. Um nó fechou-lhe a garganta ameaçando sufocá-la, enquanto os olhos umedeceram-se. Engolindo as lágrimas, ela o abraçou ternamente.

“Ah! como o amava” – pensou. “Sem ele a vida não teria mais sentido.”

No dia seguinte ele partiu com uma pequena escolta de segurança.

Ao se despedirem, abraçaram-se tentando transmitir um ao outro o seu amor. Recomendações de ambos os lados. Rodrigo levava uma infinidade de presentes para a duquesa sua mãe, da parte do emir Boabdil.

Vendo-o afastar-se, Caroline sentiu que uma parte de si seguia com ele. Reconhecia-se vazia, sem ânimo.

Voltou para o palácio e chorou por muitas horas.

A partir de então, era comum encontrá-la no terraço; de lá se descortinava a paisagem ao longe, onde a estrada serpenteava. Era por ali que Rodrigo partira e era por ali que ele retornaria. Então, ela passava os dias a vigiar a estrada buscando vestígios do seu retorno.

Mas os dias e os meses passavam sem que Rodrigo Hernández desse notícias.

Entrementes, a situação da cidade piorou muito. As hostilidades começaram a aumentar de lado a lado, favorecendo a guerra.

A paz e a fartura, que eram as características da Cidade dos Mil Olhos, estavam ameaçadas.

Sentia-se já um clima de temor entre os habitantes. Os soldados preparavam-se para a guerra e, muitas vezes, escaramuças ocorriam contra os espanhóis, acampados na região.

Cidades foram tomadas. O poderio do exército espanhol era conhecido e temido, mas os bravos granadinos tinham coragem e determinação para enfrentá-los.

Dentro do Alhambra gozava-se ainda de uma paz relativa e vivia-se como se nada estivesse acontecendo.

Caroline era sempre informada dos acontecimentos pelo seu amigo Youssef, que se afeiçoara muito a ela. Fazia-lhe companhia sempre que não estava de serviço ou não era requisitado pelo emir. Cercava-a de delicadezas, de presentes e não perdia ocasião de estar a seu lado.

Solitária, visto que, por não conhecer o idioma árabe, estava sempre longe de todos, aceitou com prazer a amizade que lhe era oferecida, sendo grata pela atenção e gentileza.

Desde que a política de Granada fora tumultuada, não apenas com a dissensão entre as grandes famílias, mas principalmente com a cisão entre a família governante, separando-os e fendendo de alto a baixo o edifício do poder, a ambição e os desentendimentos tornaram frágil a cidade, que era

forte e inexpugnável. Atacada por inimigos internos e externos, ela não poderia resistir por muito tempo.

As notícias eram aterradoras. Os espanhóis haviam submetido cidades que faziam parte da Andaluzia e agora sitiavam Málaga, importante porto no Mar Mediterrâneo. Dessa forma, tentavam evitar que Granada recebesse ou enviasse produtos, impedindo o abastecimento da cidade.

As notícias eram as piores possíveis. A região encantadora fora toda destruída; as plantações de oliveiras, os laranjais, os vinhedos, as ricas propriedades, tudo fora destruído e queimado. O povo estava morrendo de fome ou de doenças; já não havia mais o que comer e até os animais domésticos eram consumidos. Mas a população resistia com bravura.

Notícias chegaram informando a rendição de Málaga. Os milhares de sobreviventes foram escravizados por Fernando e Isabel, com exceção de muitos ricos que pagaram sua liberdade a peso de ouro.

A guerra prosseguia, inexorável. O objetivo dos espanhóis era conquistar Granada e, para isso, foram avançando sobre as cidades da Andaluzia.

O tempo passava e a situação piorava a cada dia. Quando os reis espanhóis conquistaram as cidades de Baza, Almeria, também saída para o Mediterrâneo, e Guadix no ano de 1489, o ânimo dos granadinos caiu, assustados com as vitórias alcançadas pelo exército inimigo.

Agora, só permanecia Granada de pé, como um bastião avançado. Fernando e Isabel, satisfeitos, ordenaram que os campos fossem queimados e destruídos para que Granada não tivesse como se manter.

Sitiada a cidade, era só aguardar. Ninguém entrava ou saía dela, o abastecimento fora interrompido, era só uma questão de tempo.

Foram dias terríveis, quando a morte rondou pelas ruas, casas e palácios, e a fome passou a ser companheira constante e exigente.

Exilada numa terra estranha, em meio a uma guerra que não era dela, isolada de tudo e de todos, Caroline sentia uma grande angústia. O que mais a afligia, porém, era a falta de notícias de Rodrigo Hernández.

## Capítulo XXIX. Rodrigo Hernández, Duque de Alcalá

Dom Rodrigo Hernández deixou Granada, dirigindo-se, tão rapidamente quanto possível, para Jaén. Ansiava por notícias de sua mãe e tinha pressa.

No caminho tomou conhecimento de que o exército espanhol estava avançando e que já conquistara duas cidades da Andaluzia, espalhando a morte e o terror.

Aproximando-se de Jaén, percebeu vestígios do exército de Fernando e Isabel. Com o coração ralado de angústia, penetrou na cidade, mas por toda parte via-se só destruição e morte.

Cavalgou como um louco até sua casa, mas à distância já pôde notar que a mansão não escapara à devastação geral e que a morte campeava por todos os lugares.

Apeou do cavalo, andando a esmo por aquela que tinha sido uma rica propriedade. Um velho servidor, que escapara ao morticínio geral, vendo-o, ajoelhou-se em lágrimas:

– Ah! Senhor Duque, chegaste tarde. A nossa boa duquesa Zuleima morreu defendendo corajosamente as mulheres e crianças.

Lamentando tê-la deixado em Jaén, Rodrigo inquiriu com a voz embargada pela emoção:

– Como foi isso, meu bom Rafael?

Limpendo as lágrimas com as costas das mãos, o velho murmurou:

– Chegaram de repente, senhor, e foi como se o inferno tivesse aberto as suas comportas, deixando cair sobre nós todos os demônios.

Com os olhos úmidos de pranto, Rodrigo perguntou:

– Onde a enterraram?

– Fizeram uma grande vala e jogaram todos os mortos dentro, senhor. Eu estava ferido, passando muito mal, e não pude evitar. Lamento muito. Mas isso foi há muito tempo... ou será que não? Estou confuso. Tenho as ideias embaralhadas e já não consigo pensar com clareza.

Rodrigo percebeu que o ancião não estava bom da cabeça e, cheio de compaixão, falou-lhe:

– Meu caro Rafael, irás comigo. Não poderei deixar-te sozinho nessa solidão.

Meneando a cabeça, o servo retrucou:

– Gostaria muito de acompanhar-te, senhor, mas infelizmente é muito tarde para mim. Vê – disse, afastando um pedaço da manta que trazia sobre as pernas.

O duque afastou o olhar, horrorizado. Uma adaga tinha atingido duramente as pernas do velho servidor, produzindo cortes profundos, e, pelo estado delas, a gangrena já se espalhava. Era questão de dias, horas talvez.

Com carinho, Rodrigo acomodou o velhinho o melhor que pôde, cobrindo-o novamente com a manta e ordenando a seu oficial que fosse procurar o que comer.

Conseguiu encontrar água num riacho próximo e a trouxe numa escudela, oferecendo ao ancião que a bebeu sofregamente e em seguida adormeceu.

Somente, então, o duque encontrou tempo para chorar a morte da sua mãe, aquela mulher valorosa que sempre fora uma luz a iluminar-lhe os dias.

Aquela noite a febre instalou-se, traiçoeira; Rodrigo e seus homens revezaram-se no atendimento ao velho. A partir de então, o enfermo já não retornou à consciência, delirando e repetindo frases desconexas.

Ao raiar do dia acalmou-se um pouco. Logo depois recomeçou a sua alucinação provocada pela febre alta.

No início da tarde imobilizou-se por completo e perceberam que estava agonizante.

O mau cheiro era insuportável e só com muita boa vontade conseguiram permanecer em seus postos.

Quando o sol se escondeu por detrás dos montes, o enfermo deixou de respirar, entregando a alma ao Criador.

Os homens cavaram uma vala e o enterraram, depois de Rodrigo ter orado em seu benefício, suplicando ao Senhor da Vida que o recebesse em seu Reino.

Exaustos, Rodrigo e seus companheiros resolveram repousar aquela noite e prosseguir no dia seguinte. O sol já estava alto quando despertaram. Arrumaram tudo e partiram.

Alguns dias depois chegaram a Toledo. Após repousar um pouco da viagem e alimentar-se frugalmente, o duque mandou chamar seu

administrador, que lhe fez um relatório de tudo o que ocorrera na sua ausência.

Tomou as providências necessárias e notificou ao seu fiel administrador o acontecimento que enlutara a sua casa.

O servidor apresentou-lhe condolências, sumamente comovido. Ele amava a duquesa Zuleima; todos a amavam, pois sempre fora justa e generosa para com os servidores e ele lamentava muitíssimo sua morte, afirmou solene.

O duque agradeceu e ordenou-lhe que tomasse todas as providências para o luto. Em seguida, vestindo-se luxuosamente, não obstante com trajes de luto, mandou aprontar a carruagem e dirigiu-se ao palácio real.

Solicitou uma audiência com a rainha e, apesar da surpresa que causou a sua presença no paço real, em pouco tempo foi conduzido para junto da soberana.

Isabel entretinha-se a brincar com sua filha, e seu riso argentino ecoava pelas paredes do velho palácio.

Vestia-se muito simplesmente quando em família. Seu rosto era de uma beleza suave e os olhos serenos expressavam franqueza e generosidade. Tinha porte esbelto e altaneiro e maneiras elegantes e aristocráticas.

Dom Rodrigo entrou no aposento e ficou observando-a à distância, aguardando que ela notasse sua presença.

Afinal a rainha o viu e, com sorriso cativante, aproximou-se com a destra estendida, enquanto lhe dizia:

– Meu querido duque de Alcalá! Há quanto tempo não temos o prazer da tua presença, que é sempre bem-vinda!

Tomou a pequenina mão da soberana e levou-a aos lábios; prosternando-se reverente, ele concordou:

– Tendes razão, Majestade. Motivos alheios à minha vontade a isso me obrigaram.

Examinando-o com atenção, ela inquiriu:

– Mas, estás de luto?

– Sim, Majestade. A duquesa Zuleima, minha mãe, faleceu há pouco tempo.

– Oh! Mas não fomos informados! Quando isso aconteceu? – perguntou, sentando-se numa poltrona, enquanto Rodrigo permanecia de pé, como mandava o protocolo.

– Na tomada de Jaén, Majestade. A duquesa repousava em nossa propriedade naquela cidade e foi morta quando da invasão pelo exército espanhol.

Isabel fitou-o demoradamente, analisando cada traço daquele rosto, procurando indícios de reprovação, porém o duque permanecia impassível.

– Lamento muito – ela murmurou. – Não sabia que a duquesa estava em Jaén. Além disso, sabes como é difícil controlar um exército!

Ele inclinou-se novamente:

– Sim, Majestade.

– Mandarei rezar uma missa e farei uma homenagem póstuma à duquesa de Alcalá.

– Agradeço-vos, Majestade. Contudo, não foi para falar sobre a morte de minha mãe que vim aqui.

– Não?

Visivelmente aliviada, a rainha indagou:

– Então, a que vieste?

– Majestade, vim rogar os vossos bons ofícios em benefício de uma protegida minha, a condessa Caroline de Vernon.

– Conta-me o que está acontecendo e por que precisas da minha ajuda – disse a soberana.

Com voz serena e pausada, Rodrigo relatou à rainha toda a história, não omitindo qualquer detalhe por julgar perigoso.

Isabel, apesar do seu ar franco e inocente, estava a par de tudo o que acontecia no reino, pois tinha uma rede de informantes muito bem estruturada.

Concluindo, ele enfatizou:

– Como vedes, Majestade, a dama em questão não cometeu crime algum e venho rogar sejam retiradas as acusações que porventura pesem sobre sua pessoa e seja declarada inocente.

Isabel pareceu meditar por alguns instantes; em seguida, sentenciou:

– Lamentavelmente, meu caro duque, se o processo foi instaurado pelo Santo Ofício, está fora do controle da rainha, pois é a Igreja que decidirá.

Fez uma pausa e, pensando bem as palavras, acentuou:

– Contudo, existe uma saída. Poderás recorrer a Sua Santidade, o papa Inocêncio VIII, pois só ele poderá eximi-la de toda a culpa.

Um tanto decepcionado, o fidalgo respirou profundamente.

– Agradeço-vos, Majestade, a sugestão. Sim, é o que farei. Irei até o papa.

Deixando o palácio real, Rodrigo dirigiu-se para sua propriedade, tomando todas as providências para uma viagem de longo curso.

Ao chegar a Roma, dirigiu-se sem maiores delongas, ao palácio papal.

Não foi recebido. Percebeu, então, que não lhe seria tão fácil assim obter uma audiência com Sua Santidade. Sempre que se apresentava, lhe davam uma desculpa: ou o papa estava dormindo, ou fora viajar, ou estava a passeio, ou em reunião, ou mesmo cansado e não poderia recebê-lo.

Assim o tempo foi passando. Tentou usar sua influência, amigos ilustres que possuía na cidade, tudo em vão. Os dias e os meses passavam sem conseguir seu intento.

Até que um dia, cansado de ouvir sempre as mesmas desculpas, o duque tomou uma decisão e invadiu a residência do papa com sua escolta, gritando:

– Vamos ver se não poderá receber-me agora.

Conseguiram passar por alguns guardas e subiram as escadarias rapidamente, com as espadas desembainhadas. Rodrigo já havia transitado pelo palácio e conhecia a localização dos aposentos particulares do papa.

Entraram em luta com os últimos seguranças que defendiam a porta. Ouvindo o barulho de tinir de armas, o secretário veio ver o que estava acontecendo.

Aproveitando a ocasião, Rodrigo penetrou nos aposentos do papa, enquanto alguém gritava por socorro e pedia aos soldados que retirassem o intruso.

O pontífice romano, que naquele momento lavava as mãos, mergulhando-as numa bacia de prata que o criado segurava, parou o que estava fazendo e indagou:

– O que se passa?

Ofegante pelo esforço empreendido, Rodrigo respondeu:

– Sou eu que desejo falar convosco. Não quero fazer-vos mal, apenas solicitar um favor.

Enxugando as mãos delicadas numa alva toalha de linho que o criado lhe apresentara, o papa inquiriu:

– Sim? E quem és tu?

– Desculpai minha entrada intempestiva, Santidade. Sou Rodrigo Hernández, duque de Alcalá, e preciso falar convosco.

Olhando-o atentamente, o papa divisou um homem muito bem trajado, fisionomia franca, olhos límpidos e serenos, e não viu razões para temor.

– Muito bem, meu jovem duque de Alcalá. Vem comigo.

Passaram para uma outra sala, tão luxuosa como a primeira, onde ficaram praticamente a sós, sendo admitida apenas a presença do secretário

particular do papa.

Rodrigo Hernández contou a história de Caroline, não omitindo nada. Afinal, concluiu:

– Vim suplicar a isenção de culpa da dama em questão, por ser de justiça. Não é preciso dizer que ficarei profundamente agradecido a Vossa Santidade. Tanto, que pretendo doar à Igreja uma importância vultosa para que seja utilizada da melhor forma possível.

O papa imediatamente concordou com o pedido, ordenando ao secretário que lavrasse um documento inocentando Caroline de Vernon das acusações que lhe foram feitas.

Com o documento nas mãos, Rodrigo agradeceu, satisfeito, deixando o palácio papal. Imediatamente saiu de Roma, a caminho da Espanha, certo de que seus problemas estavam definitivamente solucionados.

Ao chegar em seu palácio, em Toledo, estava exausto. Refrescou-se, trocou de roupa e alimentou-se convenientemente. Depois recebeu o administrador para se informar dos acontecimentos durante a sua ausência e, só então, recostou-se para repousar do cansaço da longa viagem.

Dormia havia algumas horas, e as sombras da noite se estendiam sobre a cidade, quando foi despertado por gritos e um barulho ensurdecedor.

Levantou-se rapidamente, apanhando a espada que se encontrava sobre uma cadeira, mas não teve tempo de deixar o aposento. A porta abriu-se com estrondo e vários homens invadiram o quarto.

– O que está acontecendo? Quem sois? – perguntou surpreso, mas não lhes deram tempo de desembainhar a espada.

Jogaram-se sobre ele, abatendo-o com um golpe na cabeça. Inconsciente, carregaram-no nos ombros, enquanto os guardas de segurança tentaram reagir impedindo a invasão. Todavia, os sequazes da Inquisição lhes apresentaram uma ordem de prisão para o duque de Alcalá, devidamente assinada pelo inquisidor-geral, Tomás de Torquemada.

Desarvorados, os servos viram levar seu senhor sem que pudessem algo tentar em seu auxílio, visto que também eles foram aprisionados pelos invasores, que contavam com o elemento surpresa e estavam em maior número.

Conduzido para um local utilizado como prisão pelo Santo Ofício, foi jogado ainda inconsciente numa cela, enquanto os guardas e servos eram levados para um outro recinto, mais amplo, onde permaneceram entregues a profundo desespero.

Ao despertar, Rodrigo Hernández tentou levantar-se, mas uma forte dor na cabeça prostrou-o novamente no chão.

Não sabia onde se encontrava. Olhou em torno e não reconheceu o local. Da alta janela gradeada a luz da lua penetrava, envolvendo-o em branda claridade.

Aos poucos se foi lembrando do que acontecera. Reviu o momento em que aqueles homens encapuzados invadiram seus aposentos; tentou dizer alguma coisa, mas sentiu uma forte pancada da nuca.

Para onde o teriam transportado? Que local seria este? Talvez aquele mesmo descrito por Jano e para onde fora conduzido Renan de Montmorency?

De súbito, levou as mãos ao peito, apalpando-o, preocupado. Uma sensação de alívio espalhou-se em seu rosto ao sentir que o documento trazido de Roma estava em segurança.

Respirou mais tranquilo. Tudo ficaria esclarecido. Assim que alguém aparecesse, ele pediria contas da ação arbitrária contra sua pessoa. Com que direito o prendiam? A ele, descendente de uma das mais nobres famílias do reino?

Com certeza houve um engano e logo seria solto. Nada tinham contra ele. Além disso, tinha em mãos a liberdade para Caroline num documento que representava a própria vontade papal.

Novamente tentou levantar-se. Com esforço conseguiu se arrastar até um leito tosco, onde se deixou cair, exausto.

Procurando manter a serenidade, espírito valoroso que era e detentor de raras e nobres qualidades da alma, buscou orar, mantendo os olhos fixos na nesga de céu que divisava do seu leito e por onde os raios argênteos da lua penetravam.

Como nos momentos mais difíceis da sua vida, lembrou-se do salmo 23 de Davi; o pensamento elevou-se ao Criador, repetindo mentalmente as palavras imortais:

*“O Senhor é o meu pastor: nada me faltará.*

*Ele me faz repousar em pastos verdejantes.  
Leva-me para junto das águas de descanso;  
refrigera-me a alma.  
Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.  
Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte,  
não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo;  
a tua vara e o teu cajado me consolam.  
Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários,  
unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda.  
Bondade e misericórdia certamente me seguirão  
todos os dias da minha vida;  
e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.”*

Revigorado espiritualmente, brando sono o envolveu. Despertou com o barulho de passos fortes e pesados no corredor; logo ouviu o ruído da porta que se abria com estrondo.

Precedido por dois guardas portando archotes, penetrei na cela.

Percebi sua surpresa ao ver-me. Levantou-se, tentando manter uma postura de dignidade e altivez.

– A que se deve esta arbitrariedade? – interrogou-me. – Com que direito invadem minha casa para aprisionar-me?

Com passadas largas, andei pelo recinto, mãos às costas. Estava satisfeito e continha a custo minha euforia. Afinal, vencera a jogada e agora o tinha indefeso em meu poder.

– Com o direito que se dá a quem deve cumprir o sagrado dever de prender um criminoso – respondi, sarcástico.

– Onde o meu crime? Se culpado for, não me eximirei da culpa. Contudo, Deus é testemunha de que nada fiz que mereça punição – apostrofou-me.

– Não? Contudo, a Santa Inquisição considera crime a ocultação de um criminoso. És, portanto, cúmplice de Caroline de Vernon e conivente com seus delitos – respondi com raiva contida.

Suspirando profundamente, ele sorriu aliviado, enquanto me inquiria:

– E se não existir crime algum?

Olhei-o surpreso, notando que ele possuía um trunfo que eu ignorava, pela tranquila segurança que exteriorizava. Aquilo teve o condão de irritar-me ainda mais. Antes, porém, que eu respondesse, retirou do peito um rolo de pergaminho e entregou-me, com expressão de triunfo.

Ao ter nas mãos o documento, já sabia do que se tratava. O lacre do papa não me permitia enganar, mesmo porque já vira outros documentos iguais a este.

Quebrei o lacre e passei os olhos pelo papel.

– E então? – ele perguntou ao ver que eu permanecia calado e absorto.

– Perfeito! – concordei.

– Isto significa que Caroline poderá retornar a Toledo livre de quaisquer acusações? – insistiu o duque.

– Sem dúvida – concordei suavemente. – O documento é válido e está em plena forma.

Rodrigo Hernández elevou os olhos para o Alto e de seus lábios saíram um agradecimento que era quase um murmúrio:

– Graças, meu Deus!

Cheio de cólera, reagi:

– Como és ingênuo! Pensas mesmo que o Santo Ofício se curve ante determinações outras que não as próprias? Pensas mesmo que te faremos a vontade, Dom Rodrigo Hernández, duque de Alcalá?

– Não a minha, mas a vontade do papa Inocêncio VIII, autoridade máxima da Igreja Católica, a quem serves – respondeu-me ele com gravidade.

– Espera e verás! – retruquei com voz melíflua.

Fiz um gesto e um dos guardas aproximou-se com o archote. Ao perceber minha intenção, o duque de Alcalá tentou impedir-me, a gritar, os olhos cheios de pavor.

– Não!!!...

Exultei com seu desespero. Conseguira atingi-lo, afinal. A serenidade que aquele homem mantinha em qualquer circunstância me incomodava.

Tomei do pergaminho e aproximei-o da tocha, enquanto o outro guarda o manietava de forma a não atrapalhar meu intento.

Dentro em pouco, o documento no qual meu inimigo depositava todas as suas esperanças eram apenas cinzas.

As lágrimas lhe escorriam no rosto ao ver todo seu esforço ser destruído e reduzido a pó.

Ao terminar, virei-me para ele com ar satisfeito, enquanto o desafiava:

– E agora? Onde a vontade do papa?

Julguei que fosse insultar-me, agredir-me, dando-me azo para cair sobre ele, cevar meu ódio em golpes terríveis, cobrindo-o de socos.

No entanto, aquele homem estranho lançou-me um olhar indefinível e falou, com voz trêmula de emoção:

– Gaston de Montmorency, conde de Vernon, que Deus tenha piedade da tua alma!

Raivoso, girei sobre os calcanhares e deixei aquele recinto.

Nos dias seguintes não o vi mais, evitando aproximar-me dele. Os meus subordinados, porém, tentavam de todas as maneiras obter dele uma confissão de culpa, submetendo-o à tortura.

Resistia, contudo, com bravura, e seu estoicismo aumentava o meu ódio. Queria vê-lo derrotado, inerme a meus pés. Todavia, ele mantinha sempre a mesma atitude serena e digna. Ansiava vê-lo implorar compaixão, suplicar piedade, no entanto as lágrimas rolavam em silêncio de seus olhos lúcidos e calmos.

Eu acompanhava tudo de um lugar em que poderia vê-lo, sem ser visto por ele.

Já perdia as esperanças de condená-lo, quando vieram avisar-me que um dos criados, uma jovem, não resistindo à “persuasão” dos inquisidores, denunciara o duque de Alcalá como herege. Contara a respeito das reuniões que ocorriam no palácio, em que pessoas estranhas participavam.

Estava pasmado. Jamais supusera que o duque de Alcalá fosse um herege, seguidor dos hussitas e de outros considerados inimigos ferrenhos do catolicismo. Exultei. Agora estava realmente em nossas mãos.

Apresentei-me no salão onde ele estava sendo interrogado. Aproximando-me, não pude deixar de notar as mudanças que haviam se processado nele desde que estivéramos frente a frente pela última vez. Emagrecera muito e os ossos apareciam sob a pele clara; a barba crescera e os olhos encovados tinham contornos arroxeados. As equimoses e os hematomas generalizados falavam dos suplícios que lhe tinham sido infligidos, métodos que tão bem sabíamos utilizar para convencer alguém a confessar.

Amarrado ao poste por grossas correntes, a cabeça pendia, exausta.

Ordenei que o desamarrassem e seu corpo desabou. Os guardas colocaram-no sentado no lajedo.

Puxei uma cadeira e sentei-me. A um gesto meu, trouxeram-lhe água e ele agradeceu-me com os olhos límpidos e serenos.

– Espero que estes dias tenham conseguido convencer-te da inutilidade da oposição às nossas ordens.

Manteve-se calado.

Principiei a interrogá-lo, perguntando sobre as reuniões secretas e o grupo que delas fazia parte.

Empalideceu ainda mais ao ver que descobríamos seu segredo, e demonstrou surpresa.

Não negou suas convicções religiosas, o que me surpreendeu. Quando, porém, ordenei que dissesse o nome de seus cúmplices, recusou-se terminantemente.

– Não percebes que essa atitude só poderá levar-te à destruição? – perguntei irritado.

Com serenidade respondeu-me:

– A Igreja poderá destruir meu corpo, mas não minha alma que é imortal. Portanto, não temo a morte.

– Mas poderias salvar-te! – insisti, persuasivo.

– Não ao preço da traição aos meus amigos – aduziu com dignidade e altivez.

Com supremo desprezo retruquei, cheio de cólera:

– Hereges malditos e blasfemos!

– Isso é uma questão de ponto de vista – disse calmamente.

– Renegas ao Cristo, miserável?!

– Renego a maneira como a Igreja Católica manipula a mensagem do Cristo em seu próprio benefício – explicou.

– Mas a Santa Igreja Católica representa a própria vontade de Jesus.

– No entanto, o Cristo mandou que nos amássemos uns aos outros e que fizéssemos ao nosso próximo aquilo que gostaríamos nos fosse feito – ponderou, lúcido.

– Não podemos compactuar com os hereges – retruquei exasperado. – São nossos inimigos e precisamos combatê-los.

– Todavia, o Mestre ensinou que devemos amar aos nossos inimigos.

A voz do prisioneiro saía fraca e com dificuldade em virtude dos maus-tratos sofridos, mas sempre vazada em profunda tranquilidade e lógica, que contrastava com minha agitação.

A superioridade e profundidade dos conceitos com que refutava minha argumentação e que representavam o conteúdo sublime da mensagem cristã, naquela hora, contudo, enchiam-me de raiva. O infeliz ousava dar lições de moral a mim, um religioso. Tinha gana de matá-lo a socos e pontapés.

Reconhecendo que não poderia vencê-lo no terreno das ideias, interrompi a sessão. Já sabia o que desejava e era suficiente para levá-lo à morte na fogueira.

Rodrigo Hernández foi conduzido a um calabouço onde deveria aguardar julgamento.

\*\*\*

Enquanto o duque de Alcalá sofria as mais terríveis torturas no cárcere, seus servos também eram interrogados. A maioria deles foi libertada por não se ter conseguido provar que soubessem das atividades heréticas do seu senhor, e por serem bons e fervorosos católicos; outros, por terem abjurado da sua fé, aceitando a religião cristã e sendo batizados, como alguns muçulmanos. Dentre esses, estava o fiel administrador de Rodrigo Hernández.

Imediatamente pôs-se a campo para tentar conseguir ajuda para libertar seu senhor, a quem estimava muito. Procurou os amigos do duque, porém o medo fazia com que evitassem tomar partido. Afinal, era alguém que caíra em desgraça e não convinha se expor. Tentou obter uma audiência com a rainha Isabel, mas não foi recebido. Todas as portas lhe eram fechadas e sentia-se desanimar. Contudo, continuava procurando quem pudesse ajudar.

As notícias eram difíceis. Subornando um dos funcionários da Inquisição, ficou sabendo que o duque de Alcalá não resistiria muito tempo mais ao interrogatório e às pressões.

Na verdade, conquanto muito estimado, ninguém tinha coragem de opor-se ao poder da Igreja e preferiam ignorar o assunto, fazendo vista grossa.

Apesar disso, isto é, do medo que as pessoas tinham de se envolver e da absoluta falta de comunicação, uma vez que os sequazes do Santo Ofício mantinham os presos incomunicáveis, as notícias transpiraram e o povo, aqui e acolá, entrou a comentar os acontecimentos.

Todos respeitavam e admiravam o duque de Alcalá, que era figura de proeminência na Corte. Por suas atitudes humanas, sempre fora cercado de respeito e afeto. Em virtude disso, o povo passou a murmurar. Alguns defendendo a Inquisição certos de que, se era verdade que o duque fora aprisionado, é porque tinha problemas com a Igreja; com certeza era um criminoso e herege, e os hereges mereciam a prisão. Outros não compreendiam o que a Inquisição teria a imputar-lhe, pois sempre fora íntegro e fiel cumpridor das suas obrigações religiosas, além de afeiçoado

da soberana, que sempre o distinguira com sua amizade real. De qualquer forma, o povo castelhano em geral o amava e estranhava que a rainha Isabel e o rei Fernando não tivessem ainda tomado partido.

O povo tinha razão. Tudo isso era verdade. O que o povo ignorava era que Isabel, mesmo desejando a liberdade do seu súdito ilustre, nada poderia fazer. Não desejava um confronto direto com o Santo Ofício. Ela solicitara ao papa e fora estabelecido o Tribunal da Inquisição, que agora saía do controle da Coroa, tomando a rédea nas mãos qual corcel enraivecido.

Isabel não ignorava que o próprio papa era desrespeitado e que a Santa Inquisição tornara-se suprema e dona do seu destino. Nenhum poder a suplantava, nenhum era respeitado.

Além disso, desejando maiores informações, a rainha solicitou a presença do inquisidor-mor da Espanha, a quem estava afeta toda a direção do Santo Ofício, Tomás de Torquemada, para saber em que pé estava o andamento das investigações sobre o duque de Alcalá.

Informada de que seu súdito “fiel” era um herege confesso, entre surpresa e decepcionada, concordou com o prosseguimento do processo. Antes de despedir, porém, o inquisidor-geral, ela ponderou:

– Reconheço a necessidade e a oportunidade do julgamento. Todavia, temo que se instale entre o povo uma revolta de consequências imprevisíveis. Não desejo que se fomente a discórdia e a inquietação, gerando intranquilidade.

Fitou-a com olhos tenebrosos enquanto abria um sorriso amarelo, dizendo:

– Faremos o que for possível, Majestade.

– Desejo, sobretudo, que a alma do meu súdito e amigo Rodrigo Hernández, duque de Alcalá, seja salva da fogueira eterna.

Assim dizendo, a rainha deu por terminada a audiência, despedindo o inquisidor, que se afastou, soturno.

Isabel sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe o corpo. A presença desse homem sempre lhe causava um certo temor.

## Capítulo XXX. Libertação

Tentou virar-se no leito e gemeu de dor. Todo o corpo lhe doía terrivelmente. Tinham tido o cuidado de não lhe quebrar nenhum osso, mas os suplícios foram longos e inenarráveis.

Rodrigo Hernández meditava em seu calabouço. Sabia que nada mais deveria esperar. Aguardava apenas o julgamento que seria a qualquer hora.

Perdera a noção do dia e da noite e ignorava há quanto tempo estava preso.

Não nutria esperança de que pudesse ser libertado. Tinha muitos amigos, mas conhecia o medo que se espalhara como arma mortífera entre a população de Castela.

Não chegavam notícias e experimentava angústia atroz por não saber o que acontecera com os amigos que comungavam do mesmo ideal por um mundo melhor. Sabia que um dos criados o entregara e a seus irmãos de crença, mas ignorava se essa pessoa conhecia o nome daqueles que o visitavam e que participavam das reuniões evangélicas.

Na verdade, sempre fora muito cauteloso. As reuniões eram feitas a portas fechadas, mas consideradas normais. Os criados não tinham acesso a elas, a não ser para servir alguma coisa após o encerramento.

Agira sempre, porém, de forma a não despertar suspeitas. Sempre gostava de receber os amigos, e as festas eram comuns no palácio de Alcalá.

Provavelmente, alguém ficara à escuta, curioso e desconfiado. Contudo, nada disso importava agora. Experimentava até um certo alívio por poder reconhecer seus ideais, dos quais se orgulhava.

Sim, era preciso reformar essa Igreja caquética e podre que constituía a negação viva de tudo o que o Cristo de Deus pregara. Impossível conviver com a degradação que se instalara no catolicismo. Era preciso lutar por restabelecer a verdade do Cordeiro, combatendo a corrupção, a ignorância e a hipocrisia generalizadas.

Dentro de si vibrava uma fé viva e inesgotável. Ansiava servir a Jesus e anunciar o Seu Evangelho redentor a todas as criaturas. Sabia, porém, que isso agora seria impossível.

Deus tinha um propósito diferente para ele. Aceitava Sua vontade com muita paz no coração e tranquilidade de consciência. Lamentava apenas a sorte de Caroline, que ficaria sozinha e sem ter quem a defendesse contra seus inimigos.

Ao lembrar-se dela, os olhos umedeceram-se. Deveria estar aguardando-o ansiosamente. Pobre Caroline! Sofreria muito e ele não estaria a seu lado para ampará-la.

Dentro de si, porém, uma certeza inabalável lhe proporcionava paz e serenidade: a da imortalidade da alma, claramente anunciada por Jesus. Analisando os ensinamentos do Mestre, ele encontrava todas as razões para acreditar na vida imortal e confiar no Reino dos Céus que Jesus prometera aos eleitos. Portanto, onde estivesse, ele continuaria a ampará-la.

Estava, assim, entregue aos próprios pensamentos. À medida que pensava em Jesus, sentiu-se invadir por doce sensação de bem-estar. Até a dor diminuiu e já não sentia o desconforto do local.

Nisso, ouviu passos no corredor e, logo em seguida, a porta abriu-se, rangendo nos gonzos.

Quatro guardas arrancaram-no do leito, obrigando-o a levantar-se e acompanhá-los. Atravessaram longos e sombrios corredores. Vez por outra ouvia gritos lancinantes abafados pela distância, e gemidos, esses mais próximos, por detrás das portas que se enfileiravam nos corredores. Atravessaram salas e novos corredores até que, no final de um longo corredor, pararam defronte de uma grande porta fechada.

Um dos guardas bateu levemente e, em seguida, a seu sinal, a porta foi aberta silenciosamente, de par em par.

Empurraram o prisioneiro para dentro e ele ouviu a porta fechando-se às suas costas.

O ambiente escuro dificultava a visão. Aos poucos percebeu onde estava e compreendeu o porquê da semiobscuridade.

Uma ampla sala estendia-se à sua frente. Nas grandes janelas, grossas cortinas de veludo carmesim impediam a entrada da luz. Apenas alguns archotes, postados aqui e ali, iluminavam insuficientemente o vasto recinto.

No fundo da sala, numa longa mesa, em cadeiras de alto espaldar, postavam-se figuras tétricas.

Rodrigo estremeceu e um longo calafrio percorreu seu corpo exaurido ao ver as figuras encapuzadas. Compreendeu que seu julgamento ia começar.

O escrivão, sentado em pequena mesa pouco abaixo, do lado esquerdo, perguntou seu nome e título.

Em seguida ao início do julgamento ordenado por aquele que parecia ser o chefe dos juízes, começou o interrogatório.

Rodrigo Hernández não negou sua crença hussita, embora se afirmasse cristão convicto.

Fizeram-lhe as perguntas mais absurdas, a que o acusado respondeu com serenidade e firmeza.

– É verdade que desejas a destruição da nossa Santa Igreja Católica? – questionou um dos juízes, com voz metálica.

O duque fitou-os um por um e respondeu:

– Em absoluto. É a própria Igreja que se destrói pelas próprias mãos.

Um burburinho insatisfeito elevou-se.

– Por que abandonaste a religião católica? – perguntou outro, de voz grave e irritada.

– Porque prefiro servir ao Cristo de Deus, Salvador do Mundo; a Igreja Católica como se apresenta agora é a negação dos seus ensinamentos divinos.

Nova agitação se estabeleceu. Trocaram ideias entre si em voz baixa e, em seguida, o chefe falou:

– Ainda poderás salvar-te. Dá-nos os nomes dos teus companheiros e seremos complacentes contigo.

O acusado respirou aliviado. Então, seus algozes ignoravam os nomes de seus companheiros de fé. Graças a Deus!

Com um sorriso tranquilo afirmou:

– Jamais trairei meus amigos.

– Serás condenado à morte ignominiosa na fogueira. Não queres viver?

Com os olhos brilhando de sublime fé, o réu respondeu com voz firme:

– Não desejo viver mais nem um minuto que seja num mundo em que a corrupção, a ignorância e a devassidão campeiam em nome de quem só pregou o bem, o amor e a paz. Onde aqueles que representam o pensamento do Cristo distanciaram-se tanto Dele que o perderam de vista. Onde o ódio substitui o amor, o luxo substitui a primitiva simplicidade e a hipocrisia substitui a pureza de ideais.

– Basta! – vociferou o chefe.

Rodrigo, contudo, continuou sem se intimidar:

– Algum dia a verdade será restaurada, a luz substituirá as trevas e o Amor virá habitar no coração dos homens. Neste dia, o Reino dos Céus estará com todos aqueles que seguirem o Cristo. Quando o homem aprender a amar ao próximo como a si mesmo, a Terra será um paraíso, porque veremos em cada criatura um irmão digno de respeito e consideração.

Enlouquecidos de raiva, os juízes gritavam:

– Basta! Basta! Pois morrerás na fogueira! Morte ao herege! Morte ao blasfemo!

Em meio ao tumulto que se estabeleceu, levaram o acusado de volta ao calabouço, onde deveria aguardar a execução da sentença.

Fazendo parte dos julgadores, eu não podia deixar de reconhecer a superioridade moral daquele homem que enfrentava o poder dos “Pais da Fé” e arrostava todos os perigos para assegurar suas ideias; aquele homem que não fraquejara em momento algum e que sempre se mantivera tranquilo e senhor da situação.

Ele estava irreconhecível. Caminhava com dificuldade pois tivera as unhas arrancadas e as plantas dos pés queimadas com ferro em brasa. Seu corpo todo estava lanhado pelos instrumentos de tortura. O rosto apresentava-se intumescido e os olhos mal se abriam pelos maus-tratos que lhe foram infligidos. Deveria estar exausto, pois o julgamento já durava horas. Ainda assim, sua voz soava serena e firme.

Isso me irritava profundamente. Ansiava vê-lo suplicar misericórdia aos gritos de dor; ver o medo se espalhar pelo seu rosto, como já vira em tantos outros o olhar esgazeado de pavor pelo medo da morte. No entanto, ele, meu inimigo, sempre se manteve a cavaleiro da situação. Houve um momento até, durante o julgamento, em que senti que a situação se invertia e nós, seus acusadores, é que estávamos sendo julgados.

Isso era um absurdo!

Contudo, o pior ainda estava por vir. Já participara de dezenas de autos-de-fé e tinha certeza de que Rodrigo Hernández, apesar de destemido, não resistiria ao suplício da morte na fogueira.

Aproveitávamos as festividades e dias santificados para dar maior destaque ao acontecimento.

A cerimônia estava marcada para alguns dias depois, quando seria comemorado o aniversário da cidade. Tudo estava preparado para que fosse uma festa inesquecível.

Na praça, os camarotes, palanques e arquibancadas já se encontravam prontos. As achas de lenhas preparadas e os postes pregados.

Afinal, o grande dia chegou.

O povo acotovelava-se nas ruas para ver o auto-de-fé. Horas antes, as ruas já estavam literalmente tomadas por aqueles que desejavam conseguir um bom lugar para assistir ao espetáculo.

É chegado o momento. A procissão aproxima-se da praça e a turba se agita. À frente vêm as bandeiras empunhadas pelas diversas ordens religiosas. Em seguida, o clero entoando cânticos sacros. Depois, os condenados; os inquisidores, vestidos de branco com uma grande cruz preta no peito e portando o estandarte do Santo Ofício. Por fim, os altos dignitários, os juízes; o inquisidor-mor da Espanha, Tomás de Torquemada; Suas Majestades, Fernando e Isabel; o procurador-geral; os nobres do reino e todo um imponente cortejo.

Chegando à praça, encaminham-se para seus lugares. Os sentenciados eram ao todo trinta e dois.

Fazem-se orações em latim e sermões. O arcebispo entrega os condenados ao poder temporal, afirmando em sua arenga que a Igreja tudo fizera por suas almas, mas que eram réus impenitentes. Recomendava à justiça secular que aplicasse a sentença (que lhes fora determinada) “com misericórdia e amor”, e sem “derramamento de sangue”, o que constituía uma grande hipocrisia, desde que o sangue das vítimas já fora largamente derramado.

Levantando-se, o promotor leu as sentenças aos réus, e cada um deles foi sendo trazido e amarrado ao poste de martírio. Muitos tinham que ser carregados, porque desfaleciam nos braços dos guardas. Outros, em terrível crise nervosa, eram arrastados ao madeiro.

A todos, porém, era concedida, se abjurassem, como grande prova da “magnanimidade” da Igreja, a morte por asfixia antes da fogueira, como forma de atenuar-lhes os sofrimentos. Muitos confessavam crimes dos quais eram inocentes apenas para não serem queimados vivos.

Não era raro que, não resistindo às torturas, o acusado morresse nos porões da Inquisição, quando então eram trazidos, não obstante mortos, para o derradeiro suplício na fogueira, como forma de salvar-lhes a alma.

Nesse dia, dois hereges que já haviam sido enterrados foram exumados e seus restos mortais também submetidos à queima na fogueira.

Na confusão que se estabeleceu, entre os aplausos da população desvairada que bradava, atirando pedras e o que mais estivesse a seu alcance, e os gritos de terror e os lamentos dos pobres condenados, a figura de Rodrigo Hernández causava admiração e respeito. Ativo e digno, caminhava com destemor, destoando dos demais sentenciados.

A turba olhava-o estupefata e os gritos de “Morte aos hereges!”, “Morram os judeus!”, “Morte aos ímpios!” foram-se extinguindo aos poucos.

Do alto da tribuna, eu acompanhava a cena com expectativa, como os demais.

Quando lhe foi perguntado se confessava seus crimes de heresia, respondeu com voz firme:

– Meu único crime é amar ao Senhor Jesus.

– Não reconheces então teus crimes? – insistiu o promotor.

Sem responder diretamente à pergunta que lhe era feita, o condenado fitou a cada um nos palanques e camarotes. Lá estavam as altas autoridades da Igreja, os soberanos, que pareciam constrangidos, muitos dos seus antigos amigos e comensais de sua casa. Com olhos lúcidos e serenos, falou de forma audível para todos:

– Que Deus tenha piedade das vossas almas!

Em seguida, virando-se para os guardas postados a seu lado, deu uma ordem:

– Vamos. Cumpri vosso dever.

E encaminhou-se para o poste que lhe tinha sido destinado.

Todos estavam estáticos. O silêncio se fizera.

A um gesto da autoridade ateou-se fogo aos madeiros e a fumaça começou a subir.

Ao som de cânticos sacros, os gritos recomeçaram e as chamas foram lentamente aumentando. A princípio, lambendo os pés dos condenados, que, espavoridos, tentavam romper as amarras que os prendiam aos postes do martírio.

Somente o duque de Alcalá conservava a serenidade. Ao se iniciar o suplício, Rodrigo ergueu os olhos fitando os céus, e o pensamento elevou-se numa oração ao Criador, confiante.

Nesse momento, o condenado viu o firmamento se abrir e percebeu seres alados que o rodearam, sorridentes. Os familiares já mortos ali se encontravam: seu pai, os avós muito queridos. Também amigos que haviam morrido havia muitos anos, além de outras pessoas, de fisionomias afáveis e simpáticas, que ele se lembrava de já ter conhecido em outras épocas.

Nisso, um vulto de mulher de extraordinária beleza aproximou-se dele em vestes rutilantes. Estendeu-lhe os braços níveos e falou com voz comovida:

– Vem, meu amigo. Venceste mais uma vez. Estás livre da canga terrena e da ignorância dos homens.

Rodrigo percebeu que estava muito leve e não mais sentia dores. Deu a mão àquele ser angélico e notou que flutuava no espaço.

Olhou para baixo e viu seu corpo, que já começava a ser tomado pelas chamas qual tocha humana. Perpassou o olhar pelo povo, que dançava e gritava ébrio de prazer com o hediondo espetáculo. Fitou as autoridades nos palanques e notou o ar de satisfação e ao mesmo tempo de consternação com que eu observava seu corpo em chamas. Afinal, eu não estava totalmente satisfeito com a execução, mas um tanto decepcionado, pois não vira o inimigo suplicar piedade.

Rodrigo Hernández percebeu o que me ia na alma e seus olhos umedeceram-se, cheios de compaixão. Contemplou a entidade angélica que estava a seu lado e ela entendeu a mensagem.

– Sim, eu sei, querido amigo Víctor, o quanto lamentas por nossos companheiros do passado. Mas, tudo virá a seu tempo. A evolução do espírito é lenta, mas inexorável. Algum dia compreenderão que somente o amor nos tornará melhores e mais felizes e, então, te sentirás recompensado.

Ao ouvi-la falar chamando-o de Víctor, alguma coisa abriu-se dentro dele e lembrou-se de onde já a conhecia. Olhou-a cheio de carinho.

– Sim, querida Louise, mas tenho ainda tanto por fazer! Caroline precisa muito de ajuda...

– Eu sei, meu amigo. Terás muito tempo para isso, toda a eternidade. Contudo, agora é preciso que te recuperes dos sofrimentos experimentados, para que possas reencetar a caminhada.

– Tens razão, Louise. Jesus, que nunca nos abandonou, por certo nos concederá outras oportunidades de amparo aos sofredores e aflitos do

mundo.

E assim, lançando um último olhar para a turba que se agitava lá em baixo, o recém-liberto deixou o local onde ficaram seus despojos rumo à espiritualidade, para gozar o merecido repouso depois da árdua batalha terrena.

O espetáculo material era triste e hediondo. O cheiro de carne queimada e de fumaça acre se espalhava pelo ar. Aos poucos a praça se foi esvaziando, já no fim da festa. No plano espiritual, todavia, os recém-desencarnados eram recebidos festivamente por parentes e amigos, ao som de cânticos celestes, entoados por uma plêiade de crianças.

Findo o suplício, todos eles teriam vencido mais uma etapa, que representava a vitória perante as trevas; teriam avançado mais um degrau na escala do progresso e renderiam graças ao Supremo Senhor do Universo, que os criara para a imortalidade e para a perfeição.

Enquanto nós, encarnados, cegos e ignorantes, prosseguiríamos em nossa trajetória de erros e desvios morais, até que a luz do entendimento viesse clarear nossas mentes adormecidas, e a consciência, enfim desperta, caminhasse para a Luz.

## Capítulo XXXI. A tomada de Granada

Entrementes, a situação de Granada era cada vez mais difícil. Por ser bela e rica, a “Cidade dos Mil Olhos” atraía a atenção e excitava a cobiça dos soberanos espanhóis. Por outro lado, dona de posição estratégica invejável, seus portos constituíam perigosas entradas para o continente, ensejando o acesso de potências inimigas, muçulmanas, o que era temível. Além disso, aquele reduto árabe encravado em terras espanholas – fértil e próspero, com seus campos bem cuidados e irrigados permitindo duas colheitas por ano –, era encarado pelos espanhóis com despeito e invejosa hostilidade, considerando-se que no norte da Espanha havia muita terra estéril.

Não bastassem todas essas razões, ainda havia o problema religioso, que era de extrema importância; aquele reino árabe incrustado na Espanha obstava a que o ideal de uma só crença, a católica, pudesse prevalecer. Isabel e Fernando consideravam um acinte a existência de uma região, na Espanha, em que se professava a fé islâmica.

Dessa forma, resolveram reconquistar toda a província de Granada.

Tiveram sua ação facilitada por um emir que, subindo ao trono de Granada, deixara de pagar o tributo à Coroa Espanhola.

Aos poucos, as cidades foram caindo em poder do exército espanhol, até que toda a província, com exceção da cidade de Granada, fora conquistada.

Todavia, a “Joia da Andaluzia” continuava indevassável, no alto da colina, provocando a ira e a inveja dos inimigos.

Dentro das muralhas, contudo, a vida continuava seu curso quase normal. Conquanto as notícias inquietantes que eram trazidas de fora, os habitantes de Granada confiavam em seu exército e na posição da cidade, que era considerada inexpugnável.

Nos palácios, as festas, brincadeiras e jogos prosseguiam, para deleite de todos, como se a guerra não estivesse às suas portas.

Caroline, recostada em macias almofadas de cetim, mordiscava uma uva com ar indiferente e distante. À sua volta, risos e conversas de lindas donzelas da corte. Ao som de um alaúde, tocado por encantadora escrava, odaliscas dançavam, excitando com seus gestos sensuais os homens presentes.

Entrando no salão, Youssef relanceou os olhos pelo ambiente, detendo-se sobre o emir, que se encontrava rodeado por suas mulheres. Murmurou algo a seu ouvido, o que fez com que Boabdil cerrasse os olhos com expressão preocupada. Em seguida, levantou-se e, com um gesto apenas, seus assessores mais diretos o acompanharam, deixando o recinto.

Algum tempo depois, Youssef retornou ao salão, encontrando Caroline no mesmo lugar.

Aproximou-se fazendo a saudação de estilo. A condessa de Vernon fitou-o displicente, enquanto interrogava:

– O que está acontecendo, Youssef?

– Ah! Percebeste?

– Como poderia deixar de perceber? Não entendo o idioma, mas a tensão do emir era evidente. Más notícias?

– Sim, Caroline. Acabo de saber que estão queimando nossos campos, pomares, vinhedos, tudo.

– Deveras?!!!...

– Incapazes de nos conquistarem pela força, esperam fazê-lo pela fome – informou um tanto preocupado.

– Temos víveres bastantes, espero.

– Para algumas semanas, meses talvez. Depois disso, não sei o que será – considerou o oficial, inquieto.

Caroline, cujo pensamento estava longe e que não se dera conta ainda do perigo que corriam, retrucou, indiferente:

– Ora, acabarão por desistir...

O mouro suspirou, abanando a cabeça, enquanto se despedia apressado:

– Devo ir agora. Estou em missão e os homens me aguardam. Espero rever-te em breve, Caroline. Que Alá te proteja!

Acompanhou essas palavras com um olhar tão intenso e inflamado de paixão que ela ficou intrigada. Antes, porém, que seu amigo muçulmano tivesse deixado o recinto, ela já tinha se esquecido dele e estava com o pensamento longe.

Levantou-se e caminhou para seu local predileto. Da varanda, que contornava toda a construção daquele lado, tinha uma visão privilegiada. O

olhar abarcava os casarios, os telhados, um pouco abaixo, e, lá longe, à distância permitia uma visão da estrada que serpenteava morro abaixo.

Era ali que ela costumava ficar, encostada à balaustrada, aguardando que Rodrigo retornasse. De longe, com toda a certeza, vê-lo-ia cavalgando pela estrada, e ela ansiava por correr a seu encontro e abraçá-lo.

Rodrigo, porém, tardava. As notícias não vinham e ela afligia-se sem saber o que estaria acontecendo com seu amado.

Soube da morte da duquesa Zuleima por soldados que trouxeram a notícia da queda de Jaén. Chorou por aquela que aprendera a amar e que era a mãe do seu querido Rodrigo.

Chegando agora a seu local preferido, Caroline sentiu o coração bater com mais força. Já não tinha o mesmo panorama sob os olhos: a estrada que cortava pomares bem tratados, as romãzeiras que marginavam o caminho, os vinhedos dourados pelo sol.

Uma fumaça escura envolvia a região, enchendo o ar de um cheiro acre. Abaixo, de dentro dos muros da cidade, vinha o vozerio da população estarrecida, que corria pelas ruas chorando, gritando e se lamentando.

O emir saiu na sacada e falou aos súditos que se acotovelavam às portas do Alhambra, pedindo-lhes calma e serenidade. Confiava em seu exército e venceriam aquela batalha.

No entanto, com a cisão que se fizera na família governante desde algum tempo, a luta intestina se estabelecera também, como parte dessa divisão

política. Como consequência, a cidade dificilmente se sustentaria guerreando por dentro e por fora dos seus domínios.

Os espanhóis não tinham pressa. Desde que iniciaram o cerco de Granada, esperavam pacientemente que a fome e as privações fizessem com que a gloriosa “Cidade dos Mil Olhos” se rendesse, exânime, a seus pés.

Os meses se passavam e a situação piorava a cada dia. No início, talvez não acreditando na persistência dos espanhóis ou confiando excessivamente no poder do seu exército, o emir não tomou medidas drásticas para a contenção dos gêneros alimentícios. Com o passar dos dias, porém, percebendo que os estoques baixavam e que os espanhóis não desistiam e seus soldados não conseguiam vitórias importantes nas escaramuças, o emir Boabdil decretou medidas severas: cada família teria direito a certa quantidade de alimentos; aqueles que fossem apanhados comercializando fora do estabelecido teriam pena de morte decretada.

Não obstante essas medidas de racionamento, que deveriam ser para a população em geral, no palácio as coisas continuaram como sempre, não havendo privação de nada.

Com o passar do tempo, contudo, os alimentos começaram a escassear. Ocorriam disputas nas ruas por um pedaço de pão; pessoas morriam tentando roubar uma fruta; e até os animais domésticos desapareceram, representando iguarias apreciáveis nesses tempos de crise.

Durante esse período, os espanhóis chegaram a construir uma cidade fora dos muros de Granada, dando-lhe o nome de Santa Fé.

Por essa época, o emir propôs aos espanhóis que, cavalheirescamente, decidissem a guerra em justas.

Os espanhóis aceitaram e começaram os combates singulares entre católicos e muçulmanos, para alegria do povo. Como, porém, os seus guerreiros perdessem sempre, os espanhóis perceberam que estavam ficando sem seus melhores homens e foi suspenso o acordo.

Boabdil enviou súplicas aos sultões de países amigos, como o Egito e a Turquia, para que enviassem reforços à cidade sitiada, mas as esperanças de receber ajuda diminuía a cada dia.

Meses de cerco fizeram a cidade chegar a seu limite e não tinham mais como resistir. O emir tentou reunir suas tropas e, num lance desesperado, surpreender, caindo sobre os inimigos acampados nas proximidades da cidade, mas não obteve êxito e todo o exército teve que recuar para dentro dos portões da fortaleza, para não perecer.

Assim, sumamente deprimido, o emir decidiu render-se e entregar a cidade aos inimigos, desde que fossem respeitados determinados itens. Dessa forma, constou dos termos de rendição que o povo de Granada conservaria seus costumes, religião, idioma, trajos; seriam julgados por suas próprias leis e magistrados; as propriedades seriam conservadas e haveria uma carência de três anos para que fossem cobrados impostos. Além disso, os muçulmanos que desejassem deixar a cidade poderiam fazê-lo sem problemas, sendo fornecido transporte aos que quisessem partir para a África, terra dos seus ancestrais.

Esses e outros itens deram uma certa segurança aos árabes, que respiraram aliviados.

Apesar disso, uma parcela da população não estava concorde em entregar a cidade aos conquistadores espanhóis. Ensaíram uma reação, criando focos de rebelião, quando os vencedores entravam em Granada com seus estandartes e a cruz da Inquisição levantada bem alto nos braços de sacerdotes vestidos com a roupa branca, tendo no peito uma grande cruz preta.

O emir, sentindo-se ameaçado pelos granadinos descontentes, entregou as chaves da cidade aos soberanos espanhóis, e foi embora, com sua família e um punhado de homens fiéis a ele, para um pequeno principado nas montanhas que deveria governar, prestando vassalagem à Castela.

Atacados de surpresa pelos soldados muçulmanos, os espanhóis levaram a pior num primeiro momento. A intenção dos guerreiros era matar os cabeças, inclusive Gonzalo Fernández de Córdoba, responsável por toda a operação que conduziu à rendição de Granada, para desarticular todo o corpo espanhol.

Rapidamente se mobilizando, porém, os católicos conseguiram atacar e destruir o foco de rebelião. Apenas alguns soldados fugiram, mas não tinham como escapar e logo seriam encontrados.

Youssef, um dos oficiais rebeldes, conseguiu fugir e esconder-se no Alhambra. Percorrendo o palácio como louco, encontrou Caroline, que se postara em seu posto de observação.

De costas, fitando ao longe o alvoroço, ela não o percebeu se aproximar.

– Caroline!

Virou-se ao ouvir a voz ansiosa que soou às suas costas.

– Youssef!

Assustou-se ao ver o aspecto do oficial mouro. Típico espécime da raça de que descendia, o árabe tinha olhos penetrantes, encravados no rosto anguloso, magro e moreno. Normalmente, a severidade dos traços era atenuada por um sorriso atraente. Agora, porém, com as feições contraídas, a roupa suja de sangue, ele despertava medo.

Com a adaga desembainhada, ele pegou Caroline pela mão tentando arrastá-la.

– Vem. Não temos tempo a perder. Sei como sair deste inferno.

– Mas, por quê? Os espanhóis não nos farão mal algum! O que aconteceu, Youssef? – perguntou, percebendo a preocupação do oficial e o sangue em seu uniforme.

Ele contou rapidamente sobre a rebelião, concluindo que teriam que fugir o mais rápido possível.

– Não. Não irei – afirmou ela, teimosa. – Estão caçando a ti e não a mim. E, além disso, Rodrigo logo chegará e deverá encontrar-me onde me deixou.

– Não percebes que te amo? – gritou o mouro cego de paixão, tentando agarrá-la. – Esquece esse Rodrigo Hernández e vem comigo. Tomaremos um barco e logo estaremos distantes. Seremos muito felizes, verás.

Olhando-o de alto a baixo, ela respondeu altiva:

– Achas que trocaria Rodrigo por ti? Nem em mil anos conseguirias fazer com que te amasse. Amo Rodrigo e vou esperar por ele.

Essas palavras foram ditas com tal desprezo que o árabe se irritou:

– Pensei que me amasses!

– Jamais.

Ouvindo barulho de metais mais próximo e pessoas em combate, Youssef tentou arrastá-la.

– Vamos. O tempo urge.

– Não sairei daqui.

Encolerizado, no auge do nervosismo, ele gritou:

– Esperarás em vão. O teu querido Rodrigo jamais retornará.

Atenta àquelas palavras, ela parou de se debater, indagando:

– O que dizes? O que sabes que eu desconheço? Fala, miserável! – ordenou.

Com sorriso sarcástico e vitorioso, ele afirmou:

– Sim, é isso mesmo o que ouviste. O teu Rodrigo jamais voltará. Está morto. Morto, entendes? Foi queimado como herege pela Santa Inquisição.

Com os olhos esbugalhados de assombro, ela não conseguia falar. Ele continuou:

– Como sei disso? Da mesma maneira que sei de tudo. Tenho informantes e acompanhei todo o processo. Teu Rodrigo foi morto há um mês atrás.

Como se fulminada por um raio, Caroline ficou parada, estática. Algo se rompera dentro dela e ameaçava sufocá-la.

Ouvia a voz dele gritando:

– Vamos embora. Agora só tens a mim.

Parecendo despertar naquele instante, ela deu um grito terrível de dor e de ódio e gargalhou como uma louca.

– Pois estás enganado se pensas que me tens. Se não for de Rodrigo, não serei de ninguém mais.

E assim dizendo, sem que Youssef tivesse tempo de impedi-la, lançou-se de encontro ao mouro, enterrando no próprio peito a lâmina que ele mantinha na mão, em riste. Imediatamente o sangue jorrou encharcando o árabe, que se diria abraçado à mulher.

Horrorizado, incapaz de prever aquele desfecho, Youssef ficou apalermado com o cadáver de Caroline entre os braços.

Nisso, os espanhóis chegaram e, vendo a cena, acreditaram que o muçulmano tivesse matado a bela dama e, igualmente, caíram sobre ele, atingindo-o com vários golpes mortais.

## Capítulo XXXII. No além-túmulo

Num primeiro momento, Caroline não percebeu o que fizera. Levada por um impulso súbito, atirou-se contra a adaga do mouro, assessorada por inimigos de antanho que a vigiavam permanentemente e que só esperavam uma ocasião propícia, um deslize, para agir.

Sentiu que suas carnes se rasgaram e uma dor pungente fez com que gritasse. Logo em seguida, percebeu o sangue quente jorrar pela ferida.

No instante seguinte, já se arrependera do ato e gritara por socorro, sem obter resposta.

Via-se jungida àquele homem e isso a horrorizava. Depois, perdeu a consciência, sentindo que o sangue se esgotava e que esfriava aos poucos. Apavorada, temeu a morte que buscara com as próprias mãos num momento de insanidade.

Quando deu acordo de si novamente, alguém a separara de Youssef e ela estava jogada no chão de mosaicos, juntamente com outros feridos.

Gritou por ajuda, suplicou amparo daqueles que transitavam de um lado para o outro no palácio, mas em vão. Pareciam surdos a seus rogos e de todos os feridos que ali se encontravam.

Um frio intenso passou a dominá-la, vindo, por certo, do piso gelado.

Desejou levantar-se e conseguiu. Imediatamente, como de hábito, dirigiu-se ao terraço, recostando-se na amurada. Sem saber por que, reviu a cena em

que Youssef a instava a fugir com ele. O mesmo diálogo e a mesma reação. Viu-se novamente se atirando de encontro à lâmina, que enterrou no peito.

E a cena repetia-se, repetia-se, repetia-se ininterruptamente. Exausta, Caroline gritava desesperada por socorro, sem obter resposta a seus apelos.

Viu quando vieram buscá-la e a jogaram dentro de uma vala. Quando percebeu a intenção dos dois homens, arregalou os olhos, apavorada. Gritou, suplicou ajuda, explicando que estava viva, que não morrera, mas eles não lhe prestaram qualquer atenção, ainda emitindo gracejos descaridosos e lascivos sobre os despojos.

Alucinada de pavor, viu a terra caindo sobre ela, sem que pudesse libertar-se. Sentia-se tolhida, amarrada, incapaz de lutar para se defender. A escuridão a envolveu e, acreditando enlouquecer de medo, ela perdeu a consciência novamente.

Acordou depois, sem ter a noção do tempo transcorrido, sentindo os vermes a passear sobre seu corpo e a corroer-lhe as entranhas. Pavor indescritível a acometeu e começou a gritar até perder as forças. Com as mãos, que ela sentia desfeitas, tentava tirar a terra que pesava sobre seu corpo, sem entender como continuava viva, não obstante sem ar.

Era como se existissem duas pessoas. Ela, de um lado, tentando libertar-se e, do outro, aquele corpo horrendo e decomposto que lhe causava inaudito terror. O que acontecia com o “outro” corpo, notou, a atingia de alguma maneira.

Quanto tempo passou assim nesse inferno, que ninguém teria sequer imaginado? Não saberia dizer, entregue à dor e ao sofrimento superlativos.

Mas o tempo é remédio generoso para nossas aflições, esgotando as reservas de energia e acalmando os males da alma.

Certo dia, Caroline encontrava-se sentada sob a terra a chorar e a se lastimar dolorosamente, quando se lembrou da casa paterna. Uma onda de saudade a envolveu ao recordar-se da infância e dos folguedos ao lado de Annette e de Gaston. Suspirou. Como estariam?

Bastou essa lembrança para que se sentisse transportada ao solar da sua meninice. Estava no jardim que se coloria de flores. Incapaz de compreender o que acontecera, mas feliz por estar livre daquela cova horrível e daquele corpo apodrecido, Caroline aspirou com satisfação o ar balsâmico.

Ah! Que alegria! Há quanto tempo não revia os entes queridos!

Desejou entrar no palácio e já estava lá. Percorreu os quartos, os corredores e as salas. Encontrou seu pai adotivo, Gérard, a conversar com Claire, sua mãe, e uma velhinha de cabelos brancos, que reconheceu ser Annette.

Falavam sobre o passado, que fora tão feliz. Lembravam episódios da nossa infância, minha e de Caroline.

Gérard suspirava, tristonho:

– Desde que nossa querida Caroline desapareceu não tivemos mais alegrias.

– É verdade – confirmava Claire. – Logo em seguida o nosso Gaston resolveu tomar ordens, foi para a Espanha e não tivemos mais notícias dele, a não ser nos primeiros tempos, quando Joseph nos escrevia. Onde estará meu filho agora?

Annette, que ouvia calada os comentários, considerou sensibilizada:

– Confiemos em Deus, que é nosso Pai e sabe das nossas necessidades. Provavelmente ainda teremos notícias do nosso querido Gaston. Quanto a Caroline, não vos preocupeis. Ninguém morre e ela continua mais viva do que nunca. Talvez precisando das nossas orações, mas viva.

Na verdade, a velha criada percebera, através da sensibilidade mediúnica, o espectro de Caroline se aproximar e estranhou o seu aspecto, suas condições. Os cabelos desganhados, as roupas sujas e rotas, o ferimento no peito, que sangrava continuamente. Vendo tudo isso, sentiu-se extremamente sensibilizada pelo estado espiritual da sua menina.

Ouvindo Annette referir-se a ela com tanto carinho, Caroline aproximou-se da velha serva, experimentando infinito bem-estar ao abraçá-la.

Psiquicamente, Annette sentiu o abraço e afirmou com segurança:

– Agora mesmo, Caroline está aqui ao nosso lado, ouvindo a conversa.

Gérard e Claire remexeram-se nas poltronas, tensos, olhando para os lados, inquietos:

– Acreditas mesmo nisso? – inquiriu Gérard.

– Não apenas acredito como tenho certeza absoluta do que afirmo. Tenho o dom de ver os seres que já deixaram este mundo e sei que Caroline está

aqui ao nosso lado.

Claire, mais incrédula, retrucou:

– Não acredito nessas coisas. São superstições de gente ignorante!

– Pois neste preciso instante, Caroline está ao teu lado, senhora, e abraça-te carinhosamente.

Claire, incomodada, sentiu um calafrio percorrê-la da cabeça aos pés.

Ainda assim, respondeu:

– Tolices!

Gérard, que acompanhava a cena calado e sendo espiritualmente muito mais sensível do que a esposa, perguntou:

– Annette, se é verdade que ela está aqui, indaga a Caroline, que agora pertence ao reino dos mortos e conhece todas as coisas<sup>11</sup>, sobre o paradeiro de Gaston.

A serva ouviu a resposta e transmitiu:

– Caroline diz que a última vez que soube dele foi em Toledo, antes da fuga dela para Granada.

– Fuga para Granada?! O que quererá ela dizer com isso? – indagou Gérard.

– Isso eu não sei – disse Annette com simplicidade. – O que posso afirmar com certeza é que Caroline precisa muito das nossas orações.

Ficaram absortos, cada qual entregue aos próprios pensamentos.

Caroline, porém, ao lembrar de Granada, não pôde deixar de rever o momento fatídico em que se atirara sobre a lâmina de Youssef.

Imediatamente a dor, que se abrandara em contato com Annette, recrudescceu e ela sentiu-se morrer novamente, entregue ao sofrimento inenarrável que, qual uma sarabanda infernal, repetia-se interminavelmente.

Perdeu a noção do tempo e do espaço. Quando voltou a si, estava numa região inóspita, desolada e triste. Vagou por muito tempo amargando a fome e o frio, que não lhe davam tréguas. Alimentava-se de ervas rasteiras aqui e ali e que representavam insuficiente alimentação, e bebia água de poças encontradas de quando em vez no solo adusto.

Não entendia como estava nesse lugar. Às vezes via seres estranhos, grupos que passavam cobertos de frangalhos e de fisionomias bizarras, e ela se escondia, temerosa de ser incomodada.

Certa vez, encontrou um bando do qual não conseguiu se ocultar. Agarraram-na a gritar e a rir como possessos:

– Afinal a encontramos, minha bela. Já tínhamos quase perdido as esperanças! – dizia um que parecia ser o chefe.

Todos trajavam roupas estranhas e exóticas. De semblantes patibulares, causavam inaudito horror. Caroline retrucou, temerosa:

– Deixai-me. Não vos conheço. Nunca vos vi.

O bando ensandecido caiu na gargalhada. O chefe virou-se para os demais, chasqueando ironicamente:

– Ela não nos conhece, rapazes! Vamos clarear-lhe a memória?

Com os olhos esbugalhados de espanto, Caroline fitou um por um os seres infernais que tinha à sua frente. Notou, analisando melhor, que eram

rapazes, moças e velhos, alguns padres e freiras.

Adiantou-se um velhinho de faces encovadas, que falou com voz cavernosa:

– Esqueceste que destruíste meu lar, minha família, levando minha filha querida ao suicídio?

Outro queixava-se:

– É verdade. Minha noiva enlouqueceu por tua causa, madre Abadessa! Como podes olvidar?

Já outro adiantava-se, gritando:

– E a minha fortuna que roubaste? Quero-a de volta e não terás paz enquanto não devolveres tudo o que é meu por direito.

E assim, sucessivamente, iam acusando e maldizendo, falando todos ao mesmo tempo e deixando-a enlouquecida de pavor. Colocando as mãos na cabeça, Caroline implorava:

– Piedade! Piedade!

– Piedade?! – gargalhou um deles. – Ela espera que tenhamos piedade?

E, como se tivesse sido dada uma ordem, caíram sobre a pobre Caroline, flagiciando e torturando-a desapiadadamente.

Dali por diante, ela teve que acompanhá-los, sendo sua prisioneira. Submeteram-na aos maiores sofrimentos e às maiores humilhações, abusando da sua fragilidade e do seu medo.

Veza por outra, ela conseguia fugir, iludindo a vigilância de seus carcereiros e desandava a correr, alucinada, tentando esconder-se dos seus

algozes.

Embrenhava-se pelas florestas; mas, não demorava muito, vinham à sua procura e, encontrando-a, reconduziam-na como um troféu, aos gritos e gargalhadas de satisfação.

A infeliz Caroline, em pranto suplicava misericórdia, temendo enlouquecer naquele tugúrio infecto onde se alojavam.

Quanto tempo teria transcorrido? Não saberia dizer, pois perdera a noção do tempo. Poderiam ter-se passado anos ou séculos. Não saberia dizer nem ao menos onde estava. Que região seria aquela? Entregue a si mesma, meditava nos momentos em que se esqueciam dela, entregues a outros divertimentos.

Nesses raros momentos, então, podia gozar de um pouco de paz, que ainda assim era relativa, pois o ferimento continuava a sangrar e a dor, sempre intensa. Com o passar do tempo, acostumou-se a eles.

Certa ocasião em que meditava, entregue a seus pensamentos, ouviu que a chamavam insistentemente. Concentrando toda a sua atenção naquele chamado, procurando reconhecer a voz, sentiu-se projetada no espaço e, quando deu acordo de si, estava no meio do mato, numa região desconhecida. À sua frente uma gruta natural, esculpida pelo tempo. Aproximando-se, adentrou o seu interior. Lá percebeu uma criatura coberta de andrajos, que, sentada num leito tosco, chorava com a cabeça entre as mãos. Seu corpo estava coberto de feridas e as mãos traziam os estigmas inconfundíveis da lepra.

Com profundo assombro, reconheceu aquele homem esquelético e enfermo, cuja presença exalava nauseante odor.

– Gaston?!... – exclamou perplexa, incapaz de acreditar naquilo que seus olhos estavam vendo.

Como se percebendo a presença de alguém, levantei a fronte olhando ao redor, pois era eu mesmo. Psiquicamente sentindo a presença de Caroline, comecei a acusá-la pelos meus infortúnios.

– Por tua culpa, Caroline, minha vida transformou-se num eterno sofrer. Eu era feliz e te amava. Tinha tudo o que almejava da vida. Quando desapareceste, iniciou-se o meu tormento.

A infeliz ouvia as palavras que lhe eram dirigidas e que a atingiam como punhais enterrados no peito, produzindo dor superlativa e uma angústia e sofrimento indizíveis.

Sentia-se culpada, sim, mas o orgulho fazia com que reagisse contra-atacando:

– Quem és tu para me acusares dessa forma? Errei, sim, reconheço, mas não foste menos culpado. Esquecendo o amor que afirmavas sentir por mim, caçaste-me como a um animal, obrigando-me a ficar escondida para fugir à tua sanha. E, além disso, o que fizeste de Rodrigo, miserável? Ele era um homem bom, reto e digno, e o conduziste ao suplício da morte na fogueira, como um criminoso. Não te perdoarei jamais. Vingá-lo-ei de ti, criatura sem entranhas.

E assim, acusávamo-nos reciprocamente, agredindo-nos e deblaterando, sem chegarmos a um acordo. Depois, cansados de mútuas acusações, púnhamo-nos a chorar.

Fitando aquele corpo carcomido à sua frente, Caroline perguntou o que teria acontecido para vir a encontrar-me naquela situação de indignância, a mim que fora poderoso inquisidor e que tinha direito de vida e de morte sobre as pessoas.

Mentalmente registrando a surpresa de minha companheira, pus-me a recordar os fatos passados, desde que a reencontrara em Toledo.

Via-me, orgulhoso e prepotente, envergando o burel de religioso, a prender, torturar e condenar à fogueira muita gente. As imagens, evocadas por minhas lembranças, surgiam na tela da memória e Caroline, sem entender o que estava acontecendo ou por qual processo isso ocorria, pôs-se também a ver as cenas como se presente no local.

Dessa forma, viu a prisão, as torturas e a morte de seu primo Renan de Montmorency; meus esforços para descobrir-lhe o paradeiro. Acompanhou, sob incoercível terror, a prisão do seu querido Rodrigo Hernández e dos seus servos; as torturas, os suplícios e os interrogatórios a que ele fora submetido.

Com o coração aos saltos, viu o documento que poderia libertá-la, assinado pelo papa Inocêncio VIII em pessoa; e, cheia de esperança, esquecida de que tudo já havia se passado, acompanhou o momento em que Rodrigo entregou o papel a mim, frei Marcel. Sob terrível desespero, viu

quando peguei o documento e o destruí, queimando-o na chama de uma tocha. Senti o sofrimento e a decepção de Rodrigo, mas constatou a sua grandeza moral pela atitude ativa e digna de que dera mostras.

Ela, porém, teve vontade de arremessar-se sobre mim, o inquisidor cruel, e matar-me.

Acompanhou o julgamento, do qual eu fui um dos juízes. Com irreprimível emoção, acompanhou a procissão dos condenados e, torcendo as mãos freneticamente, viu quando a mão portando o archote acendeu a fogueira que, em pouco tempo, iluminava com luzes avermelhadas tudo ao seu redor, clareando a noite e deixando ver o povo que se acotovelava na praça para ver o espetáculo.

Ela jamais vira cena igual e por muito tempo ficariam indelevelmente gravados em sua memória os horrores daquela noite, quando acompanhou o martírio e a morte de Dom Rodrigo Hernández, duque de Alcalá.

Sentada um pouco acima do chão, com a cabeça entre as mãos, Caroline chorou muito.

Mas as lembranças continuaram a fluir e as cenas a desenrolar-se à sua frente.

A partir desse dia, em que participei desse auto-de-fé, eu, o terrível inquisidor, conquanto desejasse estar satisfeito pela morte do rival, passei a agasalhar no fundo do coração uma tristeza e uma insatisfação incompreensíveis. Procurei saber notícias de Caroline, mandando portador

para Granada. Não obstante sitiada, as informações vazavam de um lado e de outro, através de espiões.

Ao receber a notícia de que Granada capitulara e que Isabel e Fernando tinham ido se juntar ao exército para receber o território conquistado após tantas lutas, me locomovi até a bela cidade com a esperança de rever a minha esposa.

No trajeto ia arquitetando planos, fazendo projetos. Agora que meu rival estava morto, Caroline por certo não teria quem a protegesse e não rejeitaria a minha ajuda. O meu compromisso com a Igreja era um entrave à minha felicidade e lamentei tardiamente ter tomado os votos sacerdotais.

No entanto, isso não seria empecilho. Abandonaria o hábito e fugiria com Caroline para alguma terra distante onde pudéssemos estar a salvo. Era rico e recursos não me faltariam para recomeçar a vida longe.

Suspirei, cheio de esperança. Desejoso de chegar mais rápido, esporeei o cavalo e galopei freneticamente quase que sem descansar. Parava apenas para trocar o animal exausto, substituindo-o por um descansado. E assim, dentro em breve, aproximei-me de Granada. Ao longe, vi suas muralhas e meu coração bateu mais rápido.

Atravessei os campos calcinados, entrando em Santa Fé. Da beleza que, afirmavam, cercava a cidade, considerada o orgulho da Andaluzia, nada mais restava. Os vinhedos, os pomares e jardins, tudo fora destruído pelo exército invasor.

Ao penetrar na cidade, pude comprovar os estragos que tinham sido feitos, embora ela continuasse encantadora.

Procurando notícias de Caroline, no Alhambra, fui informado de que morrera no dia da entrega da cidade ao rei Fernando.

Amargurado, vaguei pela cidade sem saber o que fazer. Já não tinha razões para viver. Deixei-me ficar em Granada mais algum tempo, revendo os lugares que, com certeza, a querida morta teria percorrido.

Mas, era preciso retornar a Toledo. O dever me chamava.

---

<sup>11</sup> Engano muito comum entre as pessoas, julgarem que, pelo fato de terem deixado a vida terrena, o espírito tudo sabe. A Doutrina Espírita explica que a morte é apenas uma mudança de vida e que o espírito continua sendo o mesmo. – Nota do autor espiritual.

## Capítulo XXXIII. Início do resgate

Em Toledo, após reassumir minhas funções normais, os irmãos perceberam que algo acontecera, pois eu já não demonstrava o mesmo interesse pela causa. Parecia apático, indiferente. Nos interrogatórios, não tinha o mesmo vigor e capacidade de persuasão. Não raro, transferia minhas responsabilidades para outros inquisidores, alegando coisas mais urgentes, que os companheiros sabiam não existir.

Viam-me sempre tristonho, entregue a mim mesmo, dentro da cela ou sentado num banco do jardim, com os olhos perdidos na distância.

Debalde tentaram interessar-me no serviço, convidando-me para participar de reuniões e decisões em grupo. Instado a dar opinião sobre algum assunto, alegava desconhecimento ou acompanhava a maioria, quando anteriormente era enérgico e dinâmico, tendo sempre opinião formada sobre qualquer assunto que fosse ventilado.

Dos autos-de-fé, evitava geralmente participar, desde a morte de Rodrigo Hernández. Quando insistiam e era obrigado a comparecer, tinha atitude distante, fria, e nem sequer olhava o grande espetáculo que tanta alegria causava ao povo.

Com o tempo, já não me procuravam com frequência e fiquei entregue a mim mesmo, estranho e indevassável.

Certo dia, alguém percebeu que meu pé sangrava, deixando um rastro de sangue por onde eu transitava. Perguntaram-me o que acontecera e não soube

explicar. Levado até a enfermaria do mosteiro para fazer um curativo, verificaram que eu tinha um extenso corte na planta do pé.

Não soube informar quando ou onde me ferira, uma vez que não sentira nada.

A partir desse dia, coisas estranhas começaram a acontecer. O ferimento do pé não sarava e eu me machucava com facilidade, sem perceber. Parecia ter perdido a sensibilidade.

A par disso, manchas suspeitas surgiram nos braços e no rosto, transformando-se depois em feridas.

Os companheiros passaram a evitar-me a companhia no mosteiro, até que um dia o abade chamou-me e disse-me que não poderia continuar fazendo parte da comunidade religiosa. Estava leproso e as portas do mosteiro se fechariam para mim, dali em diante.

Perplexo, inquiri:

– O que farei da minha vida? Para onde irei?

O superior olhou-me, compadecido, e fez um gesto significativo:

– Não sei. Mas aqui não podes mais permanecer.

Humilhado, baixei a fronte e saí da sala. Reuni meus pertences e abandonei o mosteiro, ouvindo o som lúgubre do portão que se fechava às minhas costas.

Caminhei sem destino. Não sabia para onde ir ou o que fazer. Ao entrar em um bosque, local bastante aprazível, sob árvores frondosas, resolvi descansar.

A cabeça estava confusa e as palavras do prior ressoavam em minha mente: – Leproso! Leproso! Leproso!

Não conseguia acreditar. No entanto, era verdade. Como não percebera antes? O que fazer? Para onde ir?

Estava desobrigado dos votos sacerdotais. “Que ironia!” – pensei. Tanto desejara ver-me livre dos compromissos com a Igreja, mas não dessa forma. Agora, poderia até voltar para casa, na França. Não, isso estava fora de cogitação. Não poderia mais conviver com a família e nem com pessoa alguma. Por essa razão, já não me dirigira à minha casa, em Toledo, e nem sequer avisara Joseph. Certamente estaria muito preocupado com meu desaparecimento. Não queria ser encontrado.

Para onde ir? Não tinha onde me abrigar ou a quem recorrer. Todavia, não poderia ficar ao relento. Sabia que existiam lugares para portadores da lepra, mas também não desejava estar com eles.

Nesse momento, lembrei-me de uma gruta, no meio do mato, em local bem retirado da cidade, que descobrira por acaso em meus passeios pelos arredores. De difícil acesso, acreditava que ninguém deveria conhecê-la, pois nunca vira viva alma transitando pelas cercanias.

Como não tardasse a escurecer, resolvi pernoitar ali mesmo, ao relento e sob as árvores amigas. No dia seguinte, demandaria a gruta, onde pretendia me abrigar dali em diante.

Sob o pálio das estrelas, ajeitei-me para dormir. Entregue à meditação, não consegui sopitar as lágrimas. Por que eu? Por que, em meio a tanta gente,

só eu fora contemplado com um destino tão terrível? Seria obrigado a manter-me afastado de tudo e de todos. Como sobreviver? Não poderia arranjar um emprego. Não queria recorrer à família, que me mandaria os recursos necessários; não desejava que soubessem do meu estado. Deveriam lembrar-se de mim bonito, elegante e saudável.

Lágrimas ardentes me corriam pelas faces. Contemplando as estrelas, pensava nesse Deus que diziam ser Pai e a quem eu sempre rezara enquanto no mosteiro. Uma onda de revolta dominou-me o íntimo. “Que Deus coisa nenhuma! Se existisse Deus, Ele não permitiria que coisas desse gênero acontecessem. E, se Ele existisse mesmo, seria duplamente terrível, pois teria criado seus filhos para o sofrimento.”

Não! Arrancaria para sempre a ideia de Deus da minha vida. Jamais voltaria a dirigir-Lhe um pensamento que fosse. Ao contrário, dedicaria o resto da existência para combatê-Lo.

Pobre e infeliz criatura que, em tão má hora, afastava-se Daquele que era a razão de ser da sua vida e o único que poderia ajudá-lo!

Distanciando-me de Deus, sem uma crença e sem a fé que sustenta o homem nas vicissitudes e tormentos da vida, eu me encontrava sozinho com a minha dor.

Nada que me prendesse à existência, nada que me desse ânimo e disposição para lutar. Sem ideal e sem objetivo, era como uma folha seca ao vento, sem destino e sem direção.

Apesar disso, seres amigos e preocupados com meu bem-estar, procuravam cercar-me de carinho, auxiliando-me na medida do possível, de modo a amenizar meus sofrimentos aspérrimos.

Com o passar do tempo, adaptei-me às novas condições de vida. Alimentava-me frugalmente com o que conseguia encontrar no bosque. Frutas silvestres não faltavam, assim como uma ou outra verdura; colhia mel diretamente das colmeias e um riacho próximo fornecia-me água fresca e cristalina.

Aos poucos, fui melhorando minhas condições de vida. Construí com troncos de árvores um leito rústico e fiz um colchão com folhas secas, sempre renovadas. Para isso, muito contribuiu um velho machado enferrujado que encontrei perdido no meio do mato.

Fiz uma pequena plantação com sementes que descobri aqui e ali e com as de frutas de que me alimentava. Apesar das dificuldades, não passei fome.

À custa de viver em solidão, tornei-me ainda mais introspectivo. Meu aspecto era bastante estranho: os cabelos e barba crescidos conferiam-me um ar selvagem; a alimentação frugal acentuara minha fisionomia ascética, visto que só os olhos tinham vida e força.

As poucas pessoas que se aproximaram da gruta fugiram assustadas com a minha figura estranha. Criou-se, em virtude disso, a ideia de que um bruxo habitava aquela região; assim, ninguém aparecia, temendo minha presença.

Vivendo mais para mim mesmo, passei a observar melhor o ambiente espiritual que me cercava. Por isso, a presença de Caroline não me passou

despercebida. Vezes sem conto, discutíamos amargamente, acusando-nos reciprocamente por nossas desventuras.

Caroline, em lágrimas, falava-me de seus sofrimentos, que ela não compreendia; da ferida que sangrava sem parar, ainda aberta no peito e que eu via através da sensibilidade mediúnica aguçada. Essa situação aumentava demais o meu desconforto.

Temendo enlouquecer, punha-me, então, a chorar junto com ela, permutando impressões e angústias, sem entender esse fenômeno, que a Doutrina Espírita hoje explica à saciedade.

E assim, nesse conúbio psíquico de graves consequências para ambos, permanecemos muito tempo.

Outras vezes, atraídos por nossos pensamentos, seres vingativos e cruéis se faziam presentes e acusavam, ora a um, ora a outro, e muitas vezes a ambos, por suas desventuras, tornando nosso sofrimento ainda maior, se isso era possível. Então, nos púnhamos a gritar, a chorar, a lamentar e a nos debater, como se estivéssemos loucos. Depois, os seres maléficos afastavam-se, atraídos por novos interesses, e retornávamos à vida de sempre.

Muitos anos se passaram. Eu, Gaston de Montmorency, conde de Vernon, não era mais nem sombra do que fora. Ninguém reconheceria naquele ser esquelético, de olhos fulgurantes, em que a razão parecia ter desaparecido, o terrível inquisidor, cheio de prepotência e orgulho, que, com sua simples presença, tanto pavor infundira nas criaturas.

Falando sozinho, discutindo com seres invisíveis, dando socos no ar, era visto com perplexidade e terror por quantos se aventurassem por aquelas bandas.

As marcas da enfermidade faziam-se cada vez mais patentes. O rosto adquirira um aspecto intumescido, conhecido por *facies leonina*, que acompanha os portadores da lepra. O resto do corpo também apresentava ulcerações lepromatosas, especialmente o braço direito, que trazia maiores e mais visíveis marcas da doença. Nas mãos, distorcidas, os dedos “regrediam”, atingidos os nervos, o que dificultava as tarefas manuais, como a elaboração da comida. Quando me cortava ou queimava, aumentavam demais minhas dificuldades e sofrimentos.

Em virtude disso, embrulhava as mãos, ou o que restava delas, em trapos, que se tornavam sanguinolentos e empapados com secreções deterioradas, de cheiro nauseabundo, que escorriam das ulcerações, o que me conferia aspecto ainda mais horrendo.

Caroline acompanhava o desenvolvimento da doença, transida de pavor e de asco. Desejava afastar-se do local, mas não conseguia, ligada que estava psiquicamente a mim, seu companheiro de tantas existências e com quem se aliara, algumas vezes, em atos nefandos no passado.

Não raro, atraída por pensamentos que lhe eram dirigidos, afastava-se momentaneamente, buscando outros ambientes e revendo seres que haviam feito parte da sua vida e que se recordavam dela, fosse por sentimentos de

amor e amizade, que lhe beneficiavam o espírito, fosse por vibrações de revolta e ódio, que, por outro lado, lhe causavam infinito mal-estar.

Contudo, retornava sempre à gruta onde eu cumpria meus últimos anos de vida na Terra, ligada a mim por laços indissolúveis; mesmo porque era eu a única pessoa que percebia sua presença e lhe dava atenção, dialogando com ela e respondendo a seus questionamentos.

Certo dia, alguém mais corajoso, arrebanhando algumas pessoas decididas, convenceu-as de que “não deveriam mais permitir a presença do bruxo no local; que ele era perigoso e portador de lepra, o que o tornava duplamente indesejável”.

Armados de cordas e de pedaços de pau, dirigiram-se para a gruta. Esperaram com cuidado que eu saísse, para não me deixar fugir.

O dia amanhecia. Aguardavam nas imediações, escondidos entre os arbustos.

Quando acordei, saí da gruta portando uma cuia para beber água, mas os camponeses me cercaram, impedindo-me de retornar ao abrigo. Assustado e surpreso, não conseguia falar, perguntar o que desejavam e por que estavam ali.

Rindo e gracejando, os homens fizeram um círculo, começando a atirar-me pedras apanhadas no solo, acompanhadas de manifestações de sarcasmo e desprezo:

- Morre, bruxo infame! – gritava um.
- Não mereces viver! – exclamava outro.

– Vamos limpar a região da tua presença pestilenta, miserável! – ajuntava um terceiro.

E assim prosseguiam, para meu supremo terror.

Uma das pedras atingiu-me a fronte, abrindo enorme ferida. O sangue começou a jorrar. Levei a mão à testa, meio entontecido pela pancada e meio cego pelo sangue que me escorria pelos olhos, o que propiciou aos linchadores aproximarem-se mais. Um deles me deu uma paulada violenta nas costas, prostrando-me de joelhos no chão. Aproveitando a ocasião, os outros caíram sobre mim, cobrindo-me de pauladas a torto e a direito. Fraco, não conseguia me defender.

Em pouco tempo, meu corpo era uma massa disforme, todo inchado e coberto de sangue. As pernas e os braços quebrados não me permitiam levantar, mesmo que quisesse. Um último golpe na cabeça foi fatal e exalei meu último suspiro.

Não contentes com o que fizeram, resolveram meus algozes atear fogo ao corpo para não deixar vestígios da presença do ermitão naquelas paragens.

Dentro em pouco, tudo queimava, e as labaredas lambiam os restos mortais daquele que fora Gaston de Montmorency, conde de Vernon.

Liberto do corpo físico, percebi que planava um pouco acima, vendo uma massa negra e disforme. Com dificuldade, reconheci como sendo meu o corpo entre as chamas que ainda queimavam.

Notei Caroline que, sob indescritível pavor, acompanhara tudo, escondida atrás de uma pedra grande; em seguida, fugiu, embrenhando-se no

mato.

Tentei lutar com meus assassinos, mas tudo em vão. Não conseguia atingi-los, e uma dor muito grande me prostrou. Perdi a noção de tudo, mergulhando na inconsciência.

## Capítulo XXXIV. Missão socorrista

Apavorada com as cenas terríveis que presenciara, Caroline fugiu em desabalada carreira internando-se na mata sombria.

O coração batia acelerado e o medo fazia com que desejasse afastar-se o mais possível daquele local, temerosa de que os seus assassinos a perseguissem e também viessem torturá-la e infligir-lhe uma morte infame.

Cansada, afinal, parou para repousar. Sentou-se no chão coberto de musgo, enquanto lágrimas ardentes rolavam de seus olhos.

Não entendia o que estava acontecendo. Tudo parecia-lhe tão estranho. Agora estava só realmente. Apesar de tudo, a minha presença lhe infundia forças e tinha com quem conversar. “Mas agora” – pensou – “não poderia mais retornar à gruta, pois os assassinos de Gaston poderiam fazer o mesmo com ela.”

Entregue a si mesma, deixou-se engolfar em pensamentos, revivendo o passado.

Fora feliz e não percebera. Relembrando a infância descuidada ao lado de Annette e de Gaston, lamentava as atitudes que tomara, fugindo à responsabilidade e aos deveres assumidos.

A imagem de Annette ganhou força em sua mente e um lamento dolorido partiu do pensamento angustiado:

– Ah! Se eu pudesse voltar atrás!...

Nesse instante, Caroline notou que tênue fumaça surgia condensando-se a poucos passos dela. Com assombro, percebeu que a fumaça tomava corpo, irradiando branda claridade opalina.

Ao aproximar-se mais, perplexa e emocionada, Caroline reconheceu na figura de mulher que se formou, de traços suaves e sorriso meigo, a querida Annette.

Encantada, fitou a cabeça, cujos cabelos de neve pareciam feitos de luz. A recém-chegada vestia-se com uma túnica que lhe descia até os pés, cujo tecido era composto de fios translúcidos.

– Annette! – exclamou.

Aquele chamado ecoou como um brado de socorro.

A entidade acercou-se mais e colocou a destra sobre a cabeça da infeliz Caroline, enquanto lhe dizia com voz terna e carinhosa, como nos melhores anos da sua vida:

– Chora, *ma chérie*, que as lágrimas fazem bem se partem de um coração arrependido. Mercê da infinita misericórdia do Pai, aqui estou atendendo aos teus apelos. Quanto orei para que isso acontecesse!

O impacto da presença da antiga ama foi tão grande que Caroline não conseguia falar. Cobriu os olhos com as mãos e desatou em soluços convulsivos.

Annette puxou-a mais para junto de si. Sentou-se em meio às árvores, sobre o musgo verdejante que cobria o solo e aconchegou Caroline ao peito,

embalando-a docemente como o fazia quando ela era criança. E, acariciando-lhe os cabelos, falou-lhe com tonalidade inconfundível:

– Não te desesperes. Erraste muito, é verdade, mas o Pai não quer que nenhuma de Suas ovelhas se perca. Há pouco externaste o desejo de voltar atrás...

Caroline abriu os olhos, ansiosa:

– Isso seria possível?

– Sim, *ma chérie*, mas não como pensas. Terás, sim, novas oportunidades de rever teus atos e procurar modificar tuas atitudes, porém não agora. Esta oportunidade está perdida para ti. Dilapidaste os talentos que o Senhor te concedeu, aumentando teus débitos perante a Justiça Divina. Entregue a injustificável ato de rebeldia, puseste fim aos teus dias, buscando deliberadamente a morte.

A jovem levantou novamente a cabeça, afastando-se um pouco do regaço da generosa benfeitora, afirmando:

– Mas eu não morri, Annette! Por isso tenho sofrido tanto.

Meneando a cabeça, a visitante concordou, fitando-a com os olhos lúcidos cheios de piedade:

– Certamente não morreste, *ma chérie*, porque a morte não existe. E tanto é verdade que estás viva, aqui, a conversar comigo. No entanto, teus olhos se cerraram para o corpo físico e já não pertences mais ao círculo da Terra. Deixaste a vestimenta carnal que te serviu por tantos anos e agora te encontras em outra realidade, que é a espiritual. Não desejo, contudo,

cansar-te com explicações neste momento. Terás muito tempo para compreender o que aconteceu contigo.

Impondo uma das mãos sobre a cabeça da jovem, a generosa entidade aplicava-lhe energias balsamizantes, enquanto lhe dizia:

– Agora repousa, Caroline, como o fazias em meu regaço nos dias mais felizes da tua infância, no lar paterno, na doce França, e vamos agradecer ao Criador as bênçãos deste momento, que ainda não tens condição de avaliar devidamente.

Erguendo a fronte cheia de nobreza, Annette pareceu meditar alguns instantes. De sua testa e do coração, raios de safirina luz projetavam-se para o alto e, em seguida, retornavam caindo como flocos luminosos, que, tocando o corpo espiritual da assistida, eram assimilados por ela. Dos olhos da protetora, duas lágrimas rolaram, enquanto ela orava:

– “Generoso Amigo dos desafortunados. É com o coração transbordante da alegria mais pura que dirigimos a Ti nosso agradecimento. Muito temos errado, Senhor, mas Teu coração amoroso nunca nos tem negado o socorro necessário nas horas mais difíceis. Estende Tuas mãos compassivas, Mestre, sobre a nossa querida Caroline, que muito tem errado, mas também muito tem sofrido. Envolve-a, Senhor, nas Tuas emissões de amor, para que ela se recupere e retome o caminho evolutivo. Fortalece-a para que possa, reajustando-se às divinas leis, redimir-se perante aqueles a quem magoou e feriu, inclusive a si mesma, pois cometeu o mais terrível dos crimes, o autocídio. Todavia, neste momento, querido Jesus, ela necessita de repouso e

tranquilidade para, em contato com teus mensageiros, recuperar as energias combalidas. Abençoa-nos, Mestre, e ajuda-nos para que não venhamos a falhar nas tarefas abraçadas. Assim seja.”

Ao terminar a oração, Caroline estava profundamente adormecida.

Tomando-a nos braços, com terno cuidado, a entidade amorosa partiu para outras paragens, deixando a crosta terráquea para trás, feliz porque conseguira, afinal, desligar aquele espírito sofredor das amarras que o prendiam à Terra.

Muito Annette tinha esperado por esta oportunidade. Mas, somente quando o medo fez Caroline separar-se do companheiro, a ajuda pôde concretizar-se, ao entrar em diferente emissão mental, modificando as vibrações e evocando a serva de outrora.

Uma nova etapa iria iniciar-se para Caroline a partir daquele momento e o coração de Annette estava de justo contentamento. Lamentava esta a minha situação, mas confiante na justiça divina, sabia que era apenas uma questão de tempo e que o amparo das esferas superiores não faltaria a seu pupilo.

\*\*\*

Aos poucos Caroline foi se adaptando à nova vida. Levada para local de refazimento e assistência a espíritos recém-desencarnados e ainda em condições precárias, logo reajustou-se à nova realidade.

Compreendeu então o porquê de sentir tudo diferente e ao mesmo tempo igual, a razão pela qual ninguém lhe respondia nem dava atenção.

Afinal, agora era um espírito desencarnado e a surpresa a tomava de assalto a cada novidade que surgia. Experimentou amargura muito grande ao perceber o crime que cometera contra si mesma, suicidando-se. Havia atenuantes, pois alguém que a perseguia sempre, vingativo e cruel, aconselhara-lhe o alvitre, afastando-se em seguida, temeroso do ato que incentivara Caroline a perpetrar. Apesar disso, ela não ignorava sua responsabilidade e arrependia-se tardiamente, cheia de remorsos.

Ciente da sua situação de alma liberta, lembrou-se de que eu, Gaston, também o era, e um dia em que a antiga criada veio visitá-la, pediu a Annette notícias minhas. A benfeitora suspirou, informando:

– Encontra-se sofrendo as consequências dos próprios erros e tão já não terá condições de ser auxiliado. Contudo, ninguém está desamparado e o querido Gaston tem tido toda a ajuda de que precisa.

– Não poderemos vê-lo? – perguntou.

– Não será conveniente. Consegues lentamente reequilibrar-te emocionalmente e a visão dele te seria nefasta. Não te aflijas. Tudo tem um tempo certo.

– Pobre Gaston! Quanto o lamento. Não posso esquecer, porém, o mal que fez a Rodrigo, conduzindo-o para a morte na fogueira, e a mim mesma, que tanto perseguiu. Experimento por ele um misto de atração e repulsa; ao

mesmo tempo que o estimo, sinto que o odeio ferozmente. Meus sentimentos são confusos e isso me acabrunha – ponderou Caroline.

Exteriorizando serena tristeza no semblante, Annette advertiu com terna severidade:

– Perdoa, Caroline, perdoa. Teu querido Rodrigo está muito bem e não conserva mágoa pelo que se passou, uma vez que é espírito lúcido e sabe que o mal é uma condição transitória do ser imortal, que um dia será bom. Não sejas injusta e egoísta, conservando o coração em fel, pois tens grande parte de culpa em todo esse processo. Gaston não teria se tornado mau e vingativo se não tivesses abdicado de tuas responsabilidades, abandonando-o, para correr atrás de uma ilusão. Procura modificar-te interiormente e compreender que temos sempre aquilo que merecemos. Colhemos o que plantamos. Algum dia saberás o porquê de todas as coisas, quando tiveres condição de lembrar do passado.

Caroline baixou a cabeça, envergonhada, percebendo a justeza das ponderações da amiga.

– Sei que tens razão, Annette. Todavia, é tão difícil perdoar e esquecer. Ainda se eu pudesse vê-lo... teria mais forças para lutar contra mim mesma – respondeu, pensando em Rodrigo.

– Contudo, isso agora não é possível. Com tuas atitudes irrefletidas, colocaste mais distância entre ambos. Rodrigo Hernández, teu querido Agar de outras eras, é espírito de muita elevação e está longe daqui. Mas, procura

vencer a ti mesma, luta, trabalha e serve, e quem sabe um dia o Senhor não te propiciará novo reencontro?

Com infinita tristeza e voz melancólica, Caroline asseverou:

– Tentarei melhorar. Quero ser digna dele e empreenderei todos os esforços para modificar minhas disposições íntimas.

Annette abraçou-a carinhosamente.

A partir desse dia, Caroline mergulhou no trabalho e na ajuda ao próximo mais necessitado. Realizava as tarefas mais humildes com satisfação.

Nas horas de lazer, frequentava palestras, matriculava-se em cursos e assistia a aulas que pudessem, de alguma forma, auxiliá-la em melhorar-se, em renovar-se intimamente.

Entregue a si mesma, executava suas tarefas com dedicação, desenvolvendo o gosto pelo trabalho e aprendendo, pouco a pouco, a pensar menos em si e mais nos outros.

Quase não conversava com ninguém. Após o dia de trabalho, estava exausta, mas tranquila, e procurava o repouso, para reiniciar as atividades no dia seguinte logo cedo.

Seu semblante apresentava sempre um ar melancólico e tristonho, não obstante sereno.

Agora já não sentia mais dores; estava completamente recuperada. Impacientava-se às vezes, se perguntando até quando permaneceria nessa situação.

– Até que demonstres um aproveitamento melhor das lições recebidas – respondeu-lhe certa vez um orientador, percebendo a indagação mental que externara.

E assim o tempo foi passando. Já agora, Caroline conseguia encontrar real prazer na oração. Em seu coração as feridas pareciam cicatrizadas.

Certo dia Annette procurou-a, ordenando:

– Vem comigo.

– Aonde vamos? – indagou, surpresa.

– Logo verás.

Confiante, Caroline deixou-se conduzir pela benfeitora, que trazia mais quatro auxiliares.

Deixando a ambiência mais agradável do Posto de Socorro, caminharam durante muitas horas em região inóspita e cada vez tornava-se mais difícil a marcha. Vez por outra, viam seres disformes, muitos deles se escondendo nas sombras; ouviam gritos rouquinhos, lamentos angustiantes.

Caroline já participara antes de caravanas de socorro a infelizes criaturas em regiões mais baixas, mas nunca sentira tanta dificuldade. O ar parecia faltar e os pulmões prestes a explodir.

Percebendo-lhe a dificuldade, Annette orientou, em voz baixa:

– Exercita tua vontade no sentido de vencer a dificuldade e mantém o pensamento em prece. Logo estarás melhor.

Atendendo à sugestão, dentro em pouco ela sentiu-se aliviada.

A certa altura, a orientadora murmurou:

– Estamos quase chegando.

A região agora apresentava uma grama rala no solo adusto e arbustos de galhos torturados elevavam-se ao alto como se fossem braços a pedir socorro. Aves estranhas emitiam sons estridentes e uma neblina espessa impedia que se visse muito além.

Pararam e Annette informou:

– Logo estarão aqui. Aguardemos com o pensamento elevado e o propósito de bem servir.

Não demorou muito e surgiram dois vigilantes trazendo alguém que não parecia saber o que estava se passando. Era eu.

A uma ordem de Annette colocaram-me sentado no chão, recostado numa pedra.

A um gesto da orientadora, que se postou a meu lado, impondo a mão sobre meus olhos, comecei a despertar.

A benfeitora voltou-se para Caroline que, perplexa, fitava o recém-chegado com olhos arregalados de espanto, ordenando:

– Mantém a calma e não digas nada.

Passando a mão pelos olhos como se estivesse acordando, olhei ao meu redor com estranheza.

– Onde estou? Que lugar é esse?

Logo em seguida, com surpresa, vi Caroline à minha frente.

Ela, com assombro, também fitava a mim, que há tanto tempo não via.

Vestia o burel de religioso, que ela não sabia por que eu voltara a usar, e apresentava ainda as terríveis marcas da enfermidade, além de ferimentos que sofrera por ocasião da minha morte.

Ao ver-me novamente como um sacerdote, algo se revoltou dentro dela e todo o ódio que acreditava ter terminado com a reeducação que recebera na espiritualidade, retornou em catadupas. O equilíbrio ainda incipiente foi por água abaixo e Caroline desejou atirar-se sobre mim, vomitando toda a revolta que lhe ia dentro da alma.

– Ah! ingrata! – vociferei com os olhos flamejantes. – Vieste afinal ver o estado em que estou? A que me reduziste? Eu que só sonhava com o amor, tive a desdita de amar-te, e minha vida foi um caudal de infortúnios.

– Tiveste o que merecias, Gaston. Não te apiedaste de ninguém e semeaste o ódio; por isso tiveste a solidão por companheira.

Estávamos assim, esquecidos de tudo, trocando acusações recíprocas e eu ia responder quando surgiu um ser celeste à nossa frente.

Como uma tênue fumaça que se condensa aos poucos, a benfeitora – que até aquele momento, pelas minhas condições vibratórias, eu não tivera oportunidade de ver, conquanto estivesse ali – foi tomando contornos precisos. Vestida de neve translúcida, surgiu a imagem querida da antiga ama e amiga de outrora.

Ao vê-la, ambos nos rojamos ao solo em lágrimas. Eu, pela emoção do momento. Caroline, por ter percebido, tardiamente, que se descontrolara e esquecera por completo de manter o equilíbrio que o momento exigia.

Com terno sorriso, Annette colocou as mãos diáfanas sobre nossas cabeças, dizendo com ternura:

– Basta de recriminações e de acusações recíprocas. Já não sofrestes o bastante? Ambos sois culpados de atitudes indébitas. Não é o momento de saber quem errou mais ou menos. É o momento de reconhecimento dos próprios erros e de perdão recíproco. Ambos fostes muito atingidos e também tendes muito a perdoar. Esqueçamos o que passou para recomeçarmos uma nova vida plena de compreensão e de tolerância, com vistas às realizações do porvir.

Com as frentes inclinadas, ouvíamos, atentos, sentindo ecoar em nossos espíritos as palavras de conciliação e entendimento.

No íntimo, porém, eu não me esquecia de que Caroline me abandonara, fugindo do lar e deixando-me entregue ao desespero.

Ela, por sua vez, não olvidava que tudo acontecera porque não respeitaram sua capacidade de decisão. Resolveram o seu futuro à revelia dela, e tudo o que sofrera foi consequência disso. O que mais a incomodava, contudo, era a morte de Rodrigo em tão tristes circunstâncias.

A nobre entidade suspirou profundamente, captando os nossos pensamentos. Depois, com acento inconfundível, falou-nos:

– Sim, concordo que ambos tendes motivos de queixas e reclamações. Todavia, também tendes lembranças muito boas e dulcificantes. Esqueçamo-nos no momento dos acontecimentos mais tristes e marcantes para

lembrarmo-nos das horas alegres e despreocupadas que vivemos no lar paterno, em Paris.

Com gestos delicados, Annette sentou-se no chão, aconchegando-nos ao regaço amoroso com profundo carinho.

– Quantas horas felizes passamos juntos! Éreis pequenos e passeávamos pelos campos colhendo morangos silvestres...

Reavivados pela sua memória, Caroline e eu voltamos no tempo, revendo-nos crianças despreocupadas, numa época em que nada nos faltava. Os folguedos, os jogos, os passeios, os diálogos repassados de ingenuidade e pureza. O parque aprazível, os jardins floridos, a grama úmida de orvalho, os passarinhos que cantavam nas árvores, o céu muito azul e sem nuvens...

Envoltos em vibrações cariciosas, retornamos à infância saudosa. Nossas feições suavizaram e leve sorriso surgiu em nossos lábios. Já não éramos duas criaturas cheias de diferenças, mas dois seres que se sentiam unidos por laços de afeto e ternura.

Percebendo que as disposições íntimas haviam mudado e que estaríamos mais predispostos ao entendimento e à paz, Annette considerou:

– Então, em nome da amizade e do carinho que sempre houve entre nós, sob as bênçãos de Deus e dos seus emissários, perdoemo-nos mutuamente as faltas cometidas, confiantes em que o futuro nos reserva o melhor.

Eu e Caroline nos fitamos com outros olhos e uma onda de ternura nos envolveu. Abraçamo-nos sentindo sincero desejo de renovação, sem ressentimento e sem mágoas.

Com sorriso significativo, a entidade generosa elevou o pensamento ao Criador, agradecendo as bênçãos conseguidas. Em seguida, falou-me com carinho:

– Agora descansa, Gaston. Estás precisando de repouso para reconstituíres as energias perdidas. Inicias no momento uma nova etapa e muito terás que aprender. Auxiliados pelos nossos generosos amigos espirituais, tu e Caroline sereis reeducados com vistas ao aprendizado das lições evangélicas, que tão importantes são para a renovação interior do espírito, em busca da perfeição.

E assim, embalado ternamente por Annette, adormeci tranquilamente, para acordar numa nova realidade.

Teríamos muitos problemas a enfrentar, muitos obstáculos a vencer. Mas, com o amparo de Jesus, jamais nos sentiríamos sozinhos ou abandonados.

## Capítulo XXXV. O renascer da esperança

Raiava uma nova era para a humanidade. Em 1492, no mesmo ano em que Granada foi conquistada pelos espanhóis, Cristóvão Colombo partiu em busca de novas terras. Iniciou-se novo ciclo de progresso para o ser humano, dando origem às grandes navegações, que vieram favorecer o intercâmbio entre os povos.

Em 1453, com a tomada de Constantinopla, que ficaria definitivamente em poder dos turcos, terminava a Idade Média, considerada a “noite mais longa da História”.

O Renascimento, que iria revolucionar as artes e as ciências nos séculos XV e XVI, através de um movimento que pretendia ser o retorno à Antiguidade Clássica, ensaiava seus primeiros passos, libertando o espírito e embelezando a vida, com as mais belas joias da genialidade e do sentimento.

Não obstante, sombras espessas se adensavam ainda sobre o gênero humano, impedindo o homem de pensar.

O terrível Tribunal da Inquisição prosseguia, torturando e matando, em nome do Divino Cordeiro.

A ambição cegava as criaturas que, na ânsia de mais conseguir, não titubeavam em denegrir e denunciar ao Santo Ofício, muitas vezes por motivos banais e visando apenas o interesse pessoal, ou por vingança, atingindo, não raro, pessoas inocentes.

A misericórdia do Altíssimo, no entanto, nunca deixou de estender seu amparo às criaturas. Espíritos dedicados e valorosos, enviados por Jesus, já se faziam ouvir, levando novas ideias e novas luzes aos povos do planeta.

Com John Wicliff na Inglaterra, John Huss na Boêmia, e numerosos precursores da Reforma<sup>12</sup>, que surgiam por toda parte, combatendo os abusos cometidos pelos religiosos, espalhava-se o pensamento de uma nova igreja cristã. Muitos grupos, em diversos países, se encarregavam de pregar a pureza da mensagem do Cristo, repudiando os excessos e arbitrariedades da Igreja Católica.

Infelizmente, os cristãos não honravam o Evangelho que Jesus deixara para nortear os rumos do porvir.

No mesmo ano da entrega da “Cidade dos Mil Olhos” aos soberanos espanhóis, 1492, os reis católicos assinaram um decreto que trouxe profundas e funestas consequências para o judaísmo. Assim, todos os judeus não batizados deveriam deixar a Espanha até 31 de julho, qualquer que fosse a sua idade ou condição, não mais podendo retornar sob pena de morte. Poderiam levar consigo bens móveis e notas de câmbio, mas não dinheiro ou metais, como prata e ouro.

Imenso êxodo se estabeleceu. Na pressa de venderem as propriedades, para partir, os judeus viam-se na contingência de entregar a felizes espanhóis, por importâncias insignificantes, o resultado de toda uma vida.

Aproveitando-se da situação, os católicos compravam uma fazenda próspera por algumas moedas; trocavam uma casa por um animal; e objetos

de valor por quinquilharias, o que criava ódio e revolta nos judeus.

Em busca da Terra Prometida, aventuraram-se pelos mares encontrando o naufrágio e a morte. Quando conseguiam aportar em alguma terra estrangeira, não eram aceitos porque os soberanos do país não desejavam criar problemas com a coroa espanhola.

Conquistando Granada, Fernando e Isabel se comprometeram a cumprir o acordo firmado na rendição. Os muçulmanos teriam o direito de usar seus trajes típicos, professar sua religião, além de muitas outras concessões.

Alguns anos depois, contudo, os espanhóis esqueceram-se da palavra empenhada e os muçulmanos foram perseguidos ferozmente.

Ao cardeal Ximenes, que era um fanático religioso da pior espécie, parecia uma afronta o fato de existir em pleno território espanhol uma cidade onde não se professasse o catolicismo, como era o caso de Granada, na qual os muçulmanos tinham a garantia da liberdade de crença. Apesar do êxodo dos judeus não convertidos, ainda restavam os mouros, o que impedia a unidade religiosa tanto almejada pelos soberanos. Por isso, o cardeal convenceu a rainha Isabel de que não precisaria manter a palavra empenhada com os infiéis. Bastaria decretar que os árabes deveriam adotar o cristianismo, ou deixar a Espanha.

Nessa época, como consequência desse decreto, as mesquitas foram fechadas e os textos religiosos muçulmanos, queimados em praça pública. A população foi obrigada a se batizar, o que, ao invés de aproximar os mouros do Cristo, mais os afastou Dele. As revoltas se sucederam e tiveram que ser

sufocadas, causando ambiente de insegurança e desassossego. Milhares de muçulmanos deixaram a Espanha buscando novas terras onde pudessem ter paz.

Assim, os que quisessem ficar, judeus ou muçulmanos, teriam que se batizar e seguir a religião cristã, que era imposta a ferro e fogo.

Com o êxodo de milhões de habitantes, dentre a população mais produtiva do país, teve a Espanha uma perda significativa. Os judeus eram os senhores do dinheiro, sabiam negociar e fazer render seus haveres; os árabes eram hábeis artesãos, fabricando todo tipo de artefato, desde joias, vasos, tapetes, tecidos etc. Além disso, era considerável o número de cientistas, médicos, sábios, pintores e escultores, judeus e muçulmanos, que, com o êxodo, deixaram uma lacuna imensa difícil de preencher.

A perda da Espanha foi sensível. Os reis católicos tinham conseguido, afinal, a unidade de crença religiosa, mas a que preço!

Em virtude desses acontecimentos, grandes hordas de espíritos que passaram para o plano espiritual cristalizaram em seu íntimo horror pela doutrina cristã, imposta pelo arbítrio dos homens, e que eles não compreendiam, acusando-a de todos os males que lhes advieram.

Pelos séculos futuros, através das reencarnações sucessivas, esses espíritos iriam demonstrar todo o seu ódio, renegando a religião e filiando-se às ideias materialistas que prosperaram pelo mundo todo, levando à descrença e ao negativismo.

E a mensagem do Cordeiro de Deus permaneceu sufocada entre as paredes dos claustros, atrofiada em seus princípios, adulterada em suas verdades eternas e esquecida da grande massa de espíritos sofredores e infelizes que não tinham acesso aos consoladores ensinamentos de Jesus.

A ignorância estendia-se em todas as classes sociais e, impedido de pensar, o homem amesquinhava-se.

Contudo, fiel à sua missão de diretor espiritual do planeta, Jesus velava, buscando novos rumos à humanidade torturada.

Sabemos que o sofrimento é produto do comportamento da criatura humana e que os fatos aqui narrados, não obstante dolorosos e terríveis, são o resultado das ações nefastas do homem contra seu próximo e contra si mesmo, esquecido do Criador.

Através do tempo, o ser inteligente tem progredido sempre, de etapa em etapa, de conquista em conquista, até atingir a idade da razão. Deus lhe concede o livre-arbítrio, como consequência da sua inteligência e da capacidade de raciocínio, para que possa, através do discernimento e por sua própria vontade, evoluir, buscando sempre novas conquistas rumo à perfeição.

No entanto, desviando-se da lei divina, o homem tem mergulhado fundo na devassidão dos costumes, na ambição de possuir, na ânsia de dominar, acumulando sobre si males de consequências terríveis.

Mercê da misericórdia do Altíssimo, contudo, através das experiências sucessivas, ele vai-se aprimorando, conquistando novas luzes,

compreendendo a necessidade de dominar seus impulsos inferiores, respeitando o direito do semelhante, como meio de ver o “seu” direito respeitado.

E assim, pouco a pouco, o espírito caminha da barbárie para a civilização moral. Burilando sentimentos, refazendo ligações afetivas, perdoando desafetos e compreendendo que só o amor o tornará melhor e mais feliz.

Compreendendo, assim, que a sua vida está intimamente relacionada com a vida das pessoas que o cercam e que ninguém progredirá sozinho.

Entendendo, por fim, que, responsável pelos seus atos, só será realmente livre quando se redimir perante a Lei, auxiliando aqueles que prejudicou no passado. Enquanto isso não acontecer, estará jungido psiquicamente a quantos desencaminhou, feriu, destruiu.

\*\*\*

Uma aragem soprava mansamente, refrescando as frentes torturadas.

No pátio da noite, as estrelas luziam a distâncias incomensuráveis, testemunhando a grandeza do Criador.

Ao longe, as primeiras claridades anunciavam que o dia não tardaria.

O grupo silencioso se locomovia célere pelo espaço, transpondo distâncias inconcebíveis.

Quanto tempo transcorrera desde os últimos acontecimentos? Não saberíamos dizer, entregues a tarefas construtivas.

Conduzidos para lugares diferentes, eu e Caroline nos entregamos ao labor da conquista de novos valores morais, reeducando-nos à luz do Evangelho do Cristo.

Com os corações balsamizados pelo ambiente propício, gozando de uma paz que havia muito não tínhamos, entregamo-nos a tarefas singelas com devotamento, buscando o crescimento interior.

Com o tempo, as feridas cicatrizaram-se, produzindo benéfico esquecimento dos fatos que tanto nos marcaram na última etapa encarnatória.

Por outro lado, a lembrança gradual do passado, em virtude das novas conquistas, mostrava-nos a necessidade de regeneração.

Estávamos afastados de quantos haviam convivido conosco, por necessidade educativa.

No entanto, o retorno ao passado trouxe-nos de volta os conflitos íntimos, os atos nefandos e o desejo de reconstrução.

Os mentores, por seu turno, orientavam que deveríamos aguardar uma oportunidade propícia.

Certo dia, tanto Caroline quanto eu, fomos convidados para uma atividade socorrista. Aceitamos com satisfação.

Na hora aprazada, nos reunimos no local combinado, de onde deveria partir a caravana. Há muito não nos víamos e o encontro foi carinhoso e fraterno.

Não fomos informados do que iríamos realizar, mas aceitamos confiantes as determinações.

Partimos permutando sereno júbilo após uma prece em conjunto, em que rogamos as bênçãos do Altíssimo para o empreendimento.

Após algumas horas, o responsável pelo grupo informou que estávamos próximos do destino.

Atingindo a crosta planetária, de longe víamos as cidades, as montanhas, os mares que se delineavam.

Logo, porém, uma névoa espessa passou a envolver-nos. Agora, com dificuldade, prosseguíamos andando, já que a atmosfera pesada tornava difícil a volitação.

O ar nos faltava e parecia asfixiar-nos. Em determinado momento, o responsável parou, dizendo que deveríamos aguardar alguns minutos, em silêncio.

Havíamos atingido uma região inóspita, onde, no entanto, era mais fácil respirar. O nevoeiro estava menos denso e, de tempos em tempos, víamos sombras estranhas que passavam à distância, esgueirando-se entre a vegetação raquítica.

Sentamo-nos para descansar um pouco. Não demorou muito e vimos alguém que se aproximava. Com surpresa, reconhecemos a nossa querida Annette.

Cumprimentou-nos serena e, em seguida, dirigiu-se ao responsável pelo grupo, Daniel.

– Vamos, que o tempo urge. Ele está praticamente sozinho agora e a ocasião é propícia.

Reiniciamos a caminhada. Logo avistamos um casario paupérrimo. Parecia uma pequena vila, com ruas sujas e assimétricas e aspecto asqueroso.

Annette nos conduziu até uma espécie de moradia. Era um barracão em ruína, aparentemente vazio.

Apontou para um canto, onde uma criatura de aspecto grotesco encontrava-se deitada no chão. Não saberia dizer se era um ser humano ou um animal. Parecia meditar.

Nossa benfeitora aproximou-se e soprou-lhe algo. Como se aceitando a sugestão, a criatura levantou-se, deixando o barracão, e afastou-se do vilarejo.

Acompanhamos em silêncio. Orientado pela amorosa entidade, ele dirigiu-se para um local menos repugnante.

O solo árido era coberto por uma grama rala e as pedras avultavam em diversos tamanhos.

Recostou-se num pequeno arbusto, acomodando-se no solo ressequido.

Não nos percebia a presença.

Desde que o avistamos, passei a experimentar um certo mal-estar. Percebi que o mesmo acontecia com Caroline.

Não sabíamos quem era o estranho, mas não nos sentíamos bem em sua presença. Estávamos inquietos e angustiados.

Daniel convidou a todos para que mantivessem o equilíbrio, conservando o pensamento em prece, certamente percebendo o que nos ia no íntimo.

Em seguida, Annette informou que estavam ali para auxiliar esse irmão desventurado que há muito tempo sofria horrivelmente.

– Somos todos filhos do Pai e nos devemos auxílio mútuo. É chegada a hora de algo tentarmos em benefício desse companheiro que faz parte dos nossos compromissos, uma vez que conviveu conosco.

Surpresos, eu e Caroline fitamo-nos interrogativamente.

– Não vos recordais. É natural. Voltemos no tempo. Estamos no século XII, na França, e reina Filipe Augusto...

Dirigindo-se diretamente a Caroline, nossa benfeitora falou-lhe com terna solicitude:

– Lembra-te, Marianne, do castelo de Montmorency...

Assim evocado, o passado começou a voltar e as imagens surgiram na tela mental de minha companheira.

– Sim, Marianne! Sou Marianne!... – repetiu, denotando surpresa. – Uma pobre camponesa e casei-me com Charles de Montmorency.

Sob intensa emoção, também mergulhei no pretérito, voltando a ser Pierre.

– É verdade, Marianne – concordei. – E abandonaste-me por ele, o conde de Montmorency.

Os olhos esbugalhados, mentalmente ela procurava lembrar-se.

– Ah! Pierre, muito sofri por essa traição. Perdoa-me. Casei-me com Charles, é verdade, mas quanto lamentei essa decisão!

Sem que notássemos, entregues às próprias recordações, a entidade que permanecia sentada agitou-se, possuída de terrível desespero, gritando:

– Quem me chama? O que desejais de mim?

Sob mudo assombro, Marianne e Pierre viram Charles, que não era outro senão aquele que vieram socorrer.

Antes que se agredissem mutuamente, surgiu um ser de beleza etérea, nimbado de luz, que nos emocionou a todos.

Era uma mulher de encantadora beleza, traços delicados e olhar meigo. Por sua vontade, a luminosidade que a cercava apagou-se e caminhou sorridente para o grupo.

Annette e Daniel receberam-na com carinho, agradecendo-lhe a presença.

Gaston-Pierre e Caroline-Marianne não continham a satisfação, dominados pela imensa alegria do reencontro. Éramos espíritos ligados por profundos laços de afeto e, através do tempo, esse amor se foi fortalecendo.

A entidade angélica dirigiu-se a cada um com palavras de carinho e, em seguida, fitou com amor o ser necessitado que estava sentado no solo.

Aproximou-se dele, acomodou-se no chão e gentilmente colocou a cabeça dele no seu regaço com ternura infinita.

Depois, com uma das mãos, aplicou-lhe passes na fronte e falou:

– Ah! Meu filho, como tenho aguardado ansiosamente este momento. Por séculos te afastaste deliberadamente da Lei Divina, entregando-te ao desvario e à loucura. Mergulhado na revolta e no ódio, recusaste todas as oportunidades que te foram concedidas de renovação e reajuste. Enquanto

aqueles a quem consideravas teus desafetos se candidatavam a novas oportunidades redentoras, não obstante fracos e imperfeitos, mas cheios de boa vontade, mergulhaste ainda mais fundo na abjeção e no crime.

Ouvindo a voz cariciosa, Charles não sopitou as lágrimas, que corriam abundantes.

– Chora, meu filho, chora que o pranto faz bem. Conservaste o coração em fel e endureceste a tal ponto a sensibilidade que até chorar não te era permitido fazer. Aproveita a hora que surge para renovar disposições. Perdoa aqueles que te agrediram, reconhecendo que também és culpado. Todos somos falíveis e em algum ponto do caminho nos desviamos do dever.

A dama gentil fez uma pausa. De seus olhos lágrimas cristalinas perolavam-lhe a face, enquanto com extrema delicadeza acariciava os cabelos revoltos da infeliz criatura que se agitava em seu colo, presa de soluços convulsivos.

– Recorda, meu filho. Recorda... volta no tempo. Estamos em pleno século VI, na Itália, mais precisamente em Ravena...

Sob a ação da vontade poderosa da entidade, o pobre infeliz foi modificando a expressão fisionômica.

– Sim... lembro-me agora. Aurélio... chamo-me Aurélio. O palácio... meu irmão Nika...

O semblante transformou-se e um ar infantil modificou a carantonha de antes.

– És filho de quem? – perguntou a senhora, suavemente.

– De Ciro, um valente oficial do exército do grande general Belisário, e de Lúcia, filha do conde de Ravena – respondeu docilmente.

Ao mesmo tempo, levantando os olhos, o espírito fixou o olhar perplexo na bela dama.

– Mãe! És tu?!...

– Sim, meu filho. Sou eu que, de longa data, venho tentando aproximar-me de ti, sem que o permitas.

O desditoso espírito abraçou a entidade benfeitora com amor.

– Ah! Mamãe, como tenho sofrido! E tudo por causa daquele maldito.

– Olha bem, meu filho. Não o reconheces? – e a nobre senhora indicou Gaston, que estava parado observando a cena.

– É Ciro, meu pai!

– Exatamente, meu filho. Lembras-te de quanto carinho ele te cercou a existência?

– É verdade. Sempre foi bom para mim. Mas, também foi o celerado que te destruiu a vida, e passei a odiá-lo.

– Todavia, meu filho, não deves querer-lhe mal por isso. Deus sabe que eu precisava passar por essa expiação, e ele foi somente o instrumento divino. Além disso, quem de nós não tem culpas a expiar? Quem de nós pode atirar a primeira pedra? Todos temos errado muito através do tempo e cometido atos nefandos. No entanto, o Criador sempre nos tem concedido novas oportunidades de regeneração. Em diferentes épocas, tu e ele, tendes vos encontrado e agredido mutuamente.

– Mas ele é um perverso, minha mãe. Tirou-me a vida e arrancou-me o coração palpitante com requintes de crueldade – retrucou o infeliz sob intensa agitação, já agora referindo-se à existência em que fora Charles de Montmorency.

– Tem piedade, meu filho. O nosso pobre Pierre tem sofrido muito em virtude desse crime perpetrado contra ti. Contudo, em sã consciência, podes culpá-lo por isso? Tu, que lhe roubaste o que de mais caro possuía, que era o carinho da mulher amada, e, não contente, destruístes sua existência, arruinando-lhe a próspera herdade, profanada por vândalos, e arrojando-o a uma vida de solidão e desespero num claustro? Tu, que abandonaste essa mesma mulher a quem tomaste ao noivo, relegando-a à própria sorte entre inimigos estrangeiros e arrancando-a do convívio com o filho do coração? Ah! Meu filho, é difícil dizer quem cometeu mais desatinos!

Despertando a consciência adormecida, Charles chorava convulsivamente, reconhecendo dentro de si quanto mal praticara.

Gaston-Pierre, com o rosto entre as mãos, chorava também, sentindo suas responsabilidades, assim como Caroline-Marianne, de pé a seu lado, tinha também o rosto lavado de pranto.

Aproveitando o momento de grande emotividade, Louise-Lúcia prosseguiu:

– Não desperdicemos a oportunidade que nos foi concedida pelo Pai. Deixemos de lado nossas desavenças, mágoas e rancores. Esqueçamos o pretérito e, mercê da bondade de Deus, partamos para uma nova vida. Se

muito temos sido ofendidos, muito temos ofendido também. E esse ódio se transforma num círculo vicioso que nunca terá fim, sempre realimentado por novas ofensas e novos rancores. O único meio de paralisar esse processo que, qual bola de neve, ameaça tragar-nos num turbilhão, é o antídoto do amor.

Fez uma pausa, fitando cada um dos circunstantes, que choravam entregues a profunda emoção, e prosseguiu:

– Jesus, o Mestre Incomparável, nos ensinou que devemos amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. E foi mais longe, estendendo o amor até aos inimigos e recomendando que nos reconciliemos com os adversários enquanto estão a caminho. Por isso, não desprezemos o instante abençoado que o Senhor nos concedeu de nos reunirmos aqui para estabelecermos diretrizes para o nosso futuro.

Após uma pausa, em que avaliava o efeito de suas palavras entre os presentes, a generosa dama concluiu.

– Quem de nós se sente com forças suficientes para perdoar?

A pergunta feita com simplicidade e sem afetação soou com inflexão cariciosa, num convite ao testemunho.

Gaston fitou Caroline e apertou-lhe a mão, silenciosamente. Em seguida, olhou para aquela que fora sua mãe, Louise, e depois, fixando o olhar no rival desditoso, estendeu a mão num gesto de conciliação, suplicando com voz embargada:

– Charles, poderás me perdoar os atos nefandos e os crimes cometidos contra ti? Sei que muito errei, mas desejo reformular minha vida e saldar meus débitos. Perdoa-me, meu irmão.

O outro ainda titubeou um pouco, mas estendeu a mão a Gaston, selando um pacto de paz.

Virando-se para Caroline, Gaston fitou-a como a dizer: “agora é a tua vez.”

Aproximando-se da infeliz criatura que aguardava, trêmula, Caroline murmurou:

– Eu sempre te estimei, Charles, nutrindo por ti um carinho imenso. Agora compreendo o porquê. Inconscientemente, lembrava-me de Aurélio, a quem dediquei sempre amor maternal. Todavia, transformaste esse afeto em rancor com tuas atitudes desarrazoadas. Mas não, não estou aqui para exprobrar teu comportamento. Desejo sinceramente perdoar-te e iniciar uma nova vida de amizade, conquanto tenha dificuldade nisso. Porém, se Gaston te perdoou, eu também te perdoou, esperando que possas igualmente perdoar-me.

Sob intensa emoção, Marianne e Charles abraçaram-se, sob o olhar satisfeito dos demais.

Em seguida, Charles levantou a fronte e, sensibilizado, falou, dirigindo-se a seus desafetos:

– Agradeço a generosidade de ambos. Também confesso que tenho dificuldade em perdoar e esquecer as mágoas e rancores. No entanto, sinto-

me exausto. Muito tenho sofrido por não conseguir perdoar. Através do tempo, endureci o coração, jamais me permitindo esmorecer no desejo de vingança. Enquanto tendes progredido, tenho-me afundado ainda mais. Perdoa, Pierre, o mal que te causei através do tempo. Confesso que, não fora a minha ação, jamais terias te tornado um inquisidor tão cruel. Perdoa, Marianne, pois também, se não fosse a minha influência deletéria, não terias abandonado o lar de Gaston e nem te rojado ao suicídio. Sim, sou responsável por tudo isso e minha consciência me acusa. Não sei o que será de mim agora. Estou muito cansado. Há muito tempo não durmo, pois não tenho paz...

Cheia de enlevo, Louise aconchegou-o ainda mais ao peito, dizendo:

– Não te preocupes. Repousa agora...

Elevando o olhar repassado por divina luz, Louise orou:

– “Senhor da Vida, não temos palavras para agradecer-Te as dádivas desta hora bendita. Recebe, Senhor, nosso preito de gratidão, com as flores do nosso amor. Muito temos errado pelos caminhos do mundo, mas Tua misericórdia jamais nos deixou desamparados. Recebe, Pai, este companheiro que se perdeu nos convites e percalços da vida, mas que desperta para a realidade maior, consciente agora das responsabilidades assumidas.

Ajuda-nos, Senhor, para que não desfaleçamos no cumprimento do dever e que possamos ver em cada alma que chora um irmão necessitado de amparo.

Concede-nos a bênção de servir sem recompensa, de amar sem imposição, de perdoar sem esperar retorno.

Recebe, Senhor, a nossa gratidão neste momento, e que a Tua Luz se projete em nosso interior, iluminando-nos.

Assim seja.”

---

12 Movimento religioso encabeçado por Martinho Lutero que, em 1520, rompeu com a Igreja Católica, dando origem a outras igrejas cristãs (protestantes). – Nota da médium.

## Capítulo XXXVI. Epílogo

Tempos depois, uma caravana de espíritos se dirige para determinada região.

Almas libertas, locomovem-se rapidamente através do espaço, enquanto um sublime sopro de esperança as exorta a seguirem em frente.

A aragem fresca toca seus rostos e olham com carinho a paisagem que se delinea sob suas vistas.

Ao longe surgiram, imponentes, as muralhas de uma cidade, cujas torres se recortavam contra o céu muito azul e sem nuvens.

Era a “Cidade dos Mil Olhos”, Granada, aquela que era considerada o orgulho da Andaluzia e que, pela sua posição geográfica, beleza e exuberância, atiçava a cobiça dos homens.

Uma onda de nostalgia invadiu Caroline ao recordar a esperança e a alegria com que entrara naquela cidade, ao lado do seu querido Rodrigo. Contemplou o mar que se estendia a perder de vista no horizonte e suspirou.

A seu lado, percebendo seu estado de espírito e a direção perigosa dos seus pensamentos, o amigo Renan sussurrou:

– Não vale a pena mergulhar em coisas tristes. Olha só para a frente. Temos infinitas possibilidades que o futuro nos enseja.

– É verdade, meu amigo. Todavia, lembrar da época em que estava unida a meu querido Agar é muito gratificante para mim. São lembranças que me fazem bem e estimulam a prosseguir lutando.

Deixando a região da bela cidade, modificada agora pela presença dos espanhóis, que lhe imprimiram suas características, dirigiram-se para um local no espaço, onde estavam sendo aguardados.

Era um Posto de Socorro, nas proximidades da crosta terrestre, localizado na região espiritual logo acima de Granada. Consistia em ambiência criada para recebimento de espíritos recém-libertos do corpo físico e necessitados de atendimento.

À distância, o edifício apresentava contornos encantadores. Todo iluminado, era um foco de luz que se espraiava em derredor.

Totalmente construído obedecendo à arquitetura mourisca, era um primor de beleza, graça e delicadeza.

Adentrando a grande porta rendilhada, não conteve Caroline a sua admiração. No amplo salão, uma claridade azulada envolvia tudo, ao som de melodia celeste, onde puderam sentir a harmonia do ambiente, saturado de paz e reconforto.

Outras entidades ali já se encontravam, imersas em meditação. Acomodaram-se silenciosamente pois a reunião estava prestes a começar.

Em ampla mesa, localizada em plano pouco mais elevado, algumas entidades tomaram assento.

A presença dessas entidades, que denotavam grande elevação na hierarquia espiritual, provocou emoção em todos os presentes.

Eu, particularmente, fitava aquele que iria dirigir a reunião, um ancião de barbas brancas que se postara no centro da mesa e cuja presença me tocava

as fibras mais íntimas.

Ao dar início à reunião com uma prece, o dirigente, sem qualquer afetação, fitou com serenidade a assistência ali reunida:

– “Meus Irmãos. Como sabeis, estamos hoje aqui reunidos para fazermos uma análise da situação em que nos colocamos e para programarmos as atividades futuras. Somos todos espíritos ligados por laços indissolúveis, já de épocas remotas, seja por afeto, seja por desafeto.

“A verdade é que, através do tempo, temos mergulhado em dramas e situações terríveis, utilizando a inteligência lúcida e o raciocínio claro para magoar e destruir.”

Fez uma pausa, espriando o olhar cheio de compaixão pela assistência, onde todos sentiam o pranto brotando nos olhos.

– “Não pensem que estou aqui para acusar alguém. O nosso Mestre Jesus foi muito claro quando nos ensinou a não julgar, orientando-nos para que somente atirasse a primeira pedra aquele que estivesse sem pecados. Não. Nenhum de nós aqui presentes está indene de pecados. Contudo, é preciso que enfrentemos as nossas realidades e assumamos as responsabilidades que nos competem pelos atos praticados e pelos erros clamorosos cometidos contra o próximo.

“Deus é Amor e saberá compreender nossos corações aflitos, dando-nos as oportunidades de que tanto necessitamos para nossa regeneração.

“Todos somos criaturas preparadas e muitos aguardavam ansiosamente este momento, pois a consciência jamais estará tranquila enquanto não saldar

seu débito para com a Lei.”

A entidade veneranda fez nova pausa e, olhando seus tutelados com ternura, prosseguiu:

– “Surge agora uma oportunidade. Preocupado com a humanidade sofredora e com o rumo dos acontecimentos no planeta, o Senhor deseja enviar novos pontos de apoio àqueles que mourejam na arena do mundo. Como companheiros abnegados das novas diretrizes da religião cristã, vos filiareis à Reforma, auxiliando com vosso trabalho os irmãos que lutam e sofrem para a implantação das novas ideias.

“Não será fácil. Tereis muito trabalho pela frente e dores acerbadas, uma vez que não desconheceis que a Igreja Romana não vos dará tréguas. Não obstante, em segmentos diferentes da população, tereis oportunidade de acender novas luzes no coração dos homens.

“Cada um de vós tendes responsabilidades diversas e de graduação diferente pelos comprometimentos do passado, e que não deverão ser esquecidos. Todavia, a par dos reajustes pessoais e intransferíveis, tereis condição de prestar ajuda social ao povo necessitado de esclarecimento, levando-lhe fé e consolação.

“Não vos faltará o amparo do Alto. O Senhor da Vida é sempre pródigo para com todo trabalhador de boa vontade, e em boa hora podereis aliar-vos à Seara do Bem.”

Todos ouvíamos impregnados de sublime esperança. Uma euforia íntima nos tomava de assalto. Com os olhos úmidos e clarificados por confiança

infinita, nos sentíamos capazes de tudo realizar em favor de nós mesmos e dos outros.

Fitávamo-nos radiantes de júbilo, esquecidos de mágoas e dissabores.

Finalizando, a entidade angélica disse:

– “Esta é, pois, a proposta de trabalho que vos trago de esferas superiores. Agora, depende de vós.”

Adiantando-se, Annette dirigiu-se ao venerável mentor, propondo, humildemente:

– Irmão Agostinho, de longa data tenho estado ligada por sacrossantos laços de afeto a alguns dos companheiros que aqui estão. Proponho-me a receber em meu regaço aqueles que o Criador quiser me conceder, agora como mãe, procurando ajudá-los à melhoria íntima. Para tanto, não espero vantagens amoedadas que têm sido causa frequente de queda. Procurarei educar os filhos da minh’alma na humildade, no amor e no respeito aos semelhantes.

Assim dizendo, Annette acercou-se do grupo que formávamos, envolvendo-nos com amplexo carinhoso e cheio de confiança.

Com acento afetuoso, o mentor ratificou:

– “Teu coração generoso, provado nas mais difíceis dores, não poderia ficar alheio ao problema dos entes queridos. Tens condição de sair vitoriosa nesse tentame e terás todo o amparo de Jesus. Poderás contar sempre com nossa assistência e jamais ficarás sozinha.”

Étienne e Adèle aproximaram-se, timidamente:

– Generoso Mensageiro. Sabemos que falhamos em muitas coisas nesta última jornada terrena, mas especialmente na orientação ao nosso filho, que não soubemos educar devidamente. Por excesso de ouro, orgulhosos de nossa estirpe, jamais nos dignamos de considerar os mais humildes como irmãos. Hoje reconhecemos nosso erro e o preconceito injustificável que nos determinou as ações; por isso, ousamos suplicar nova oportunidade, quando constituiremos um lar em bases realmente cristãs, recebendo novamente os filhos do coração e aqueles que o Senhor aprover nos conceder, colocando-nos à Sua disposição.

Ouvindo atentamente, a veneranda entidade concordou:

– “Sim, meu caro Étienne. Tens razão quando afirmas que houve excesso de condições amoedadas. Procurai, desta vez, vencer o orgulho e o egoísmo e nada deveis temer. Tendes agora, com o aprendizado que vos foi conferido na espiritualidade, condições de vencer. Que Deus vos ilumine!”

Afastaram-se, indo em busca de Gérard e Claire, que choravam copiosamente, reconhecendo seus erros.

Em seguida, adiantou-se o velho judeu Eleazar, que se colocou à disposição para, além de laborar em favor da Reforma, receber aqueles que tanto o prejudicaram, inclusive o fidalgo espanhol Ramón de Oviedo.

Miguel de Zamora também se dispôs a auxiliar aqueles que o destruíram, inclusive Carlos, amigo de Ramón.

E assim, cada qual ia-se apresentando e fazendo sua programação de vida.

Em prantos, aproximei-me e afirmei ao mentor:

– Querido amigo! Sei que de muitos séculos tens acompanhado nossa trajetória de degradação. Eu, particularmente, submergi fundo no lodo e na abjeção, chegando a torturar e a matar em nome de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus. Espero que esta nova oportunidade possa ser melhor aproveitada. Todavia, preciso contar com o amparo do Alto, porque sou muito imperfeito ainda. Não me desampares. Temo, mergulhando num novo corpo físico, esquecer os propósitos elevados que me norteiam agora e deixar-me levar novamente pelas tendências inferiores.

Colocando a destra sobre a cabeça do infeliz inquisidor, Agostinho afirmou:

– “Não temas. Estaremos sempre juntos. Procura ser fiel ao Cristo e vencerás”.

Agradei e me afastei, pensativo.

Caroline achegou-se à nobre entidade, suplicando:

– Generoso Benfeitor. Sou muito grata a Deus, que nos concede novas condições para o aprimoramento de que tanto precisamos. Não quero parecer ingrata; contudo, temo não conseguir vencer novamente.

– “Precisas confiar, minha filha, em tuas potencialidades.”

– Eu sei, meu pai, mas me parece muito difícil vencer sem a presença de Rodrigo Hernández. Não sei se conseguirei.

Agostinho suspirou profundamente e disse com firmeza:

– “Desta vez, querida Caroline, não terás o lenitivo da presença dele. O nosso Agar tem outros projetos, e, além disso, sei que foi alertado para não te conceder mais facilidades. Na última vez, se tivesses demonstrado mais amor ao dever, e, embora mantendo acesa a chama do amor, tivesses renunciado a interesses pessoais, hoje tua situação e a de muitas outras pessoas seria diferente. Portanto, ergue a fronte e aceita a bênção da oportunidade que te é oferecida. A bem da verdade, não a mereces, mas te é conferida em razão dos pedidos em teu benefício que têm sido levados até Jesus.”

Fez uma pausa e prosseguiu:

– “Não desanimes diante das dificuldades. Prossegue lutando e alia-te às fileiras do Bem; esquece de ti mesma em favor dos outros e vencerás. Que Deus te proteja e dê forças para enfrentares as novas condições.”

E assim, um por um, foram-se apresentando e mostrando suas necessidades e colocando-se à disposição para ajudar a outrem menos favorecido. Ou colocando seus temores e incertezas em face do futuro, como um grupo de ciganos, entre eles Rosário, Dolores e Serguei; alguns religiosos menos fanáticos e com sincero desejo de renovação; Jano e muitos outros.

Os grupos formavam-se aqui e ali, trocando ideias, oferecendo mútuo apoio e renovando votos de afeto, ou desfazendo antigas mágoas, com vistas à programação do porvir.

Em todos os semblantes percebiam-se a confiança e a fé que os animava.

Ao encerrar-se a reunião, todos deixaram o recinto trazendo no olhar uma divina esperança e o coração cheio de otimismo.

As últimas estrelas deixavam o firmamento e as primeiras claridades do sol nascente envolveram a todos, inundando-nos de serena alegria, enquanto um pensamento de gratidão se elevava ao Criador do Universo, pelas dádivas dessa hora radiosa para todos nós, espíritos necessitados e imperfeitos.

“Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens.”

Jésus Gonçalves

*Sociedade Espírita Maria de Nazaré – Rolândia (PR), 08 de junho de 1993.*